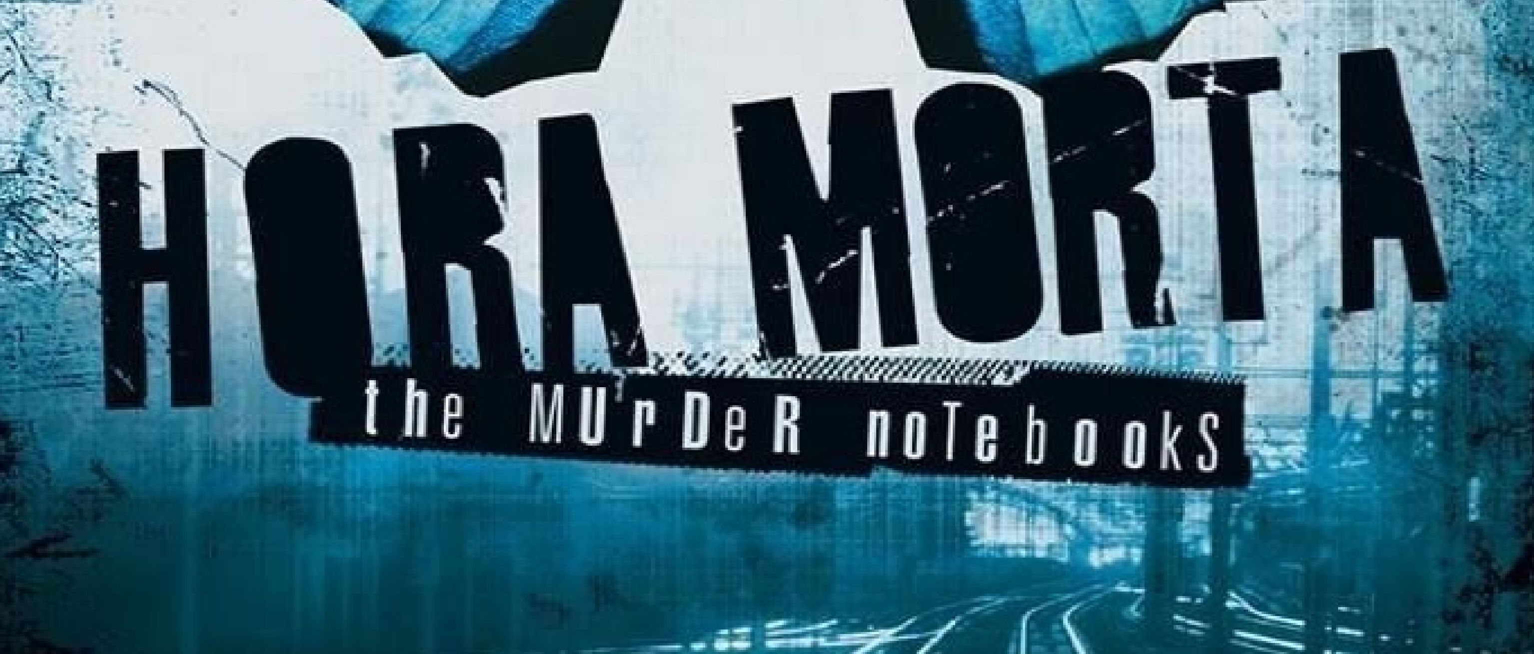


ANNE
CASSIDY

ROCCO DIGITAL

Depois de anos sem se ver, Rose e Josh conseguem se comunicar pela internet e resolvem investigar o desaparecimento que mudou o rumo de suas vidas. Porém, na noite em que planejam se encontrar, Rose testemunha o assassinato de um colega de escola. O crime desencadeia inúmeras descobertas, que talvez sejam pistas para desvendar o mistério que a separou do irmão de consideração tantos anos antes.

I

Rose olhou para o sangue em seu braço. Estendeu-o sob a luz da mesa de cabeceira e viu marcas vermelhas de agulha pela pele. Passou um lenço de papel sobre elas e observou uma forma surgir: pequenas bolhas vermelhas que pareciam joias e formavam o contorno em carne viva de asas diáfanas. Rose cuidadosamente desenrolou a manga de sua blusa e cobriu o ferimento, deixando o punho solto. Esperava que o sangue secasse logo. Naquela noite, em especial, ela não queria nenhum problema com a avó.

Mas seu braço ainda estava dolorido.

Pense em alguma outra coisa, disse a si mesma com firmeza, pense em encontrar Joshua, em sair de casa sem que sua avó saiba para onde está indo realmente. Pense em manter sua borboleta em segredo, coberta pela manga. O homem no estúdio de tatuagem dissera para deixar o curativo por cinco dias, mas ela não conseguira esperar. Preferiu tirá-lo a tempo de ver Joshua. E agora tinha provocado um sangramento.

Rose, *Rose*, dizia a si mesma, *não seja tão impaciente o tempo todo.*

Ela podia ouvir Anna, sua avó, no andar de baixo. Olhou para o relógio. Já eram quase sete horas e precisava sair logo. Pegou o estojo do violino, tirou o instrumento e o pôs sobre a cama. Então, colocou suas coisas dentro dele: a maquiagem, uma blusa, um bloco de anotações, o laptop e um livro. Fechou o estojo, conferindo para ver se estava bem fechado. Sacudiu o braço, incomodada com a manga que irritava sua pele sensível pelo ferimento e ficava grudando nela. Olhou para sua blusa branca. O vermelho estava passando por ela. Pararia em breve, ela sabia disso. E formaria uma casquinha. Então, em alguns dias, poderia ver a tatuagem ganhar vida em seu braço. Uma Morpho azul. Sua borboleta preferida.

Seu violino ainda estava sobre a cama.

Ela caminhou até a cômoda, puxou a última gaveta e abriu espaço.

Depois, colocou cuidadosamente o violino dentro dela, arrumando algumas roupas por cima para escondê-lo.

Agora ela estava pronta. Tinha meia hora para chegar ao Dark Brew, a cafeteria que costumava frequentar em Camden. Apenas trinta minutos e ela encontraria Joshua de novo, pela primeira vez em cinco anos.

Estava animada.

Já não ligava mais para o sangue no braço.

Um pequeno sangramento não faria mal a ninguém.

Agora, tudo o que precisava fazer era conseguir passar por Anna.

– Você está usando preto e branco de novo? – questionou a avó.

Ela estava parada junto à porta, como uma sentinela, os olhos percorrendo Rose de cima a baixo, observando-a atentamente.

– Está me dizendo que não posso usar preto e branco? – perguntou Rose de maneira resoluta.

– Um pouco de cor não faria mal, às vezes – disse sua avó, suspirando.

– Não gosto muito de cores.

– Você parece uma fotografia antiga.

– Isso é uma nova regra? Não posso mais escolher minhas próprias roupas?

– É claro que pode. Não seja dramática. Só estava sugerindo um pouco de cor.

Quando Rose não respondeu, sua avó deu de ombros, como se admitisse a derrota, depois abriu uma bolsa grande e tirou duas notas de vinte libras. Rose não pôde deixar de observar as unhas dela. Cada uma cuidadosamente feita e decorada com uma linha de glitter em forma de meia-lua.

– Como estão indo as aulas de violino?

– Bem, estão indo bem – disse Rose, olhando para as próprias botas.

– Não ouço você praticar muito.

– Você quer que eu desista? – perguntou Rose, dando de ombros.

– E então o que você faria?

– Existem várias coisas que eu posso fazer. Poderia sair com alguns amigos.

– Os tipos horrorosos daquela escola? Ah, não, querida. Não paguei para você frequentar o internato por cinco anos para começar a andar por aí com esse tipo de gente.

– Preciso ir – disse Rose, os dedos batendo impacientemente no estojo do violino. Não iria entrar em outra briga sobre as atitudes esnobes de Anna.

– Pelo menos você parou de usar aquela maquiagem preta nos olhos.

– Você me conhece – disse Rose, desviando de Anna e seguindo em direção à porta da frente. – Sempre faço o que você diz.

Rose olhou no espelho do banheiro público. Suas pálpebras estavam cinza-escuro e os cílios, bem pretos. Ela levou um minuto para passar um pouco de batom âmbar, usando um lápis para delinear o contorno dos lábios. Quando terminou, assentiu para si mesma. Já não se parecia mais com Rose Smith. Não a Rose Smith que Anna conhecia.

Ela saiu do banheiro e se dirigiu à estação Parkway East. Passou pela bilheteria fechada, atravessou a passarela e depois desceu a escada até a plataforma. Pressionou os lábios um contra o outro, sentindo o gosto doce do batom. Passou o dedo pelos cílios engrossados. Já não estava mais usando a blusa branca. Tinha trocado por uma blusa preta de seda que havia comprado pela internet. Era a primeira vez que a usava.

O que Joshua acharia da garota que não via há cinco anos? O que ela acharia dele? Por um instante Rose hesitou, parando nos degraus. Faria mesmo aquilo? Encontrar-se com Joshua contra as instruções expressas de Anna? Ela continuou descendo, rápida e animadamente. Mas vê-lo de novo, depois de tanto tempo! O que poderia ser melhor? O que isso tinha a ver com Anna, no fim das contas? Ela já estava cansada de ter a avó organizando sua vida, dizendo-lhe o que fazer. Dentro de dois anos estaria

na universidade e então arrumaria um apartamento só para ela. Não teria mais de viver com Anna. Aos vinte e um anos, receberia o dinheiro de sua mãe e então seria realmente independente.

A plataforma estava quase vazia. Mais adiante havia uma única figura, um rapaz. Deu uma espiada rápida e em seguida desviou o olhar. O painel eletrônico mostrava que ela havia acabado de perder um trem, e ainda faltavam onze minutos para o próximo chegar. Devia ter se apressado mais no banheiro.

Podia ter ido de ônibus, era apenas meia dúzia de pontos até lá, mas ela gostava do trem. Gostava de como ele cruzava a paisagem; a via limpa e bem-cuidada que abria caminho através das construções urbanas de um lugar para outro. O ônibus, ao contrário, parava e arrancava e costurava para dentro e para fora das estradas caoticamente desordenadas. Ela não gostava disso. Só a irritava. Linhas ordenadas e contínuas faziam com que se sentisse calma.

Notou que o rapaz que estava mais adiante se movia em sua direção. Franziu as sobrancelhas. Percebeu que o conhecia. Seus ombros se tensionaram e ela apertou os dedos contra o estojo do violino. Era Ricky Harris, um colega da escola. Ela não gostava dele. Ricky estava em sua turma e parecia importuná-la constantemente.

– Oi, patricinha – disse ele.

Ela deu um sorriso formal. Era sempre melhor evitar esse tipo de conversa idiota.

– O que você tá fazendo, patricinha?

Ela levantou o estojo do violino.

– O que tem aí? Uma metralhadora? – disse ele, gargalhando com sua própria piada. – Você parece diferente. Não está nada mal.

Ele estava muito perto dela, no seu espaço pessoal. Os olhos de Ricky baixaram até a blusa cintilante dela, e ele ficou olhando para seu peito. Ela se afastou, mas ele se moveu junto com ela como se atraído por um ímã. Rose olhou além dele para o painel eletrônico e viu que seu trem se

atrasaria três minutos.

– Você pode dar o fora? – disse ela. – Prefiro ficar sozinha.

– Isso não é muito educado.

– Preferia que você não falasse comigo.

– *Preferia que você não falasse comigo!* – repetiu ele, imitando sua voz de um jeito bobo.

– Vá embora – retrucou ela, dando um passo para o lado.

– Sua vaca arrogante – falou ele, seguindo-a e agarrando a manga de sua jaqueta bem em cima da tatuagem ainda dolorida. – Só porque frequentou uma escola particular acha que é melhor do que os outros.

– Não acho não! – disse ela, puxando o braço.

Ele já lhe dissera esse tipo de coisa no colégio. Lá, ela havia conseguido ignorá-lo, mergulhar de volta na multidão, vê-lo ser engolido por outras pessoas e outras conversas. Ali, na plataforma, não havia como evitá-lo. Ela olhava fixamente para os trilhos, deixando sua visão se turvar. Decidiu ignorá-lo, não respondendo a nada do que ele dissesse. Então, talvez ele se cansasse e fosse embora. Ouviu-se um bipe, e ele se distraiu. Pegou o celular no bolso e deu uma olhada. Ela caminhou para o lugar mais distante na plataforma, segurando com força o estojo do violino, como se estivesse com medo de que ele o pegasse. Ela parou quando chegou à cancela e se sentiu mais calma. Os trilhos se estendiam em direção à escuridão silenciosa. De um lado, havia casas, e do outro, o cemitério local.

Era desse jeito que ela gostava. Sozinha.

Longe de pessoas como Ricky Harris.

Ela não socializava muito no colégio. Havia duas garotas de quem gostava em sua turma de inglês, Sara e Maggie. Sara e Maggie eram melhores amigas desde o maternal, mas pareciam felizes quando Rose se juntava a elas para comer um sanduíche na hora do almoço. Na maioria das vezes, no entanto, Rose preferia ficar sozinha. Os alunos do seu colégio tinham estudado em escolas *normais*, e ela era a única procedente de um internato. Para eles, ela parecia diferente, agia diferente. Nas poucas

semanas em que estivera no colégio, aprendera a se manter na dela.

– Ei!

Ricky Harris a chamou.

– Ouvi uma história sobre você outro dia.

Ele caminhava em sua direção. Ela olhou para o painel eletrônico, que comunicava que ainda faltavam seis minutos para seu trem chegar. Mesmo assim, ela poderia não conseguir se livrar de Ricky. Ele poderia insistir em se sentar ao seu lado, conversar durante toda a viagem e estragar os momentos que ela teria para relaxar e pensar sobre aquela noite.

– Alguém me disse que sua mãe foi assassinada.

Ela ficou quieta.

– É verdade?

Ela não conseguia pensar no que responder. Uma sensação de vazio a mantinha presa no lugar. Ele olhava para ela de forma indagadora, a cabeça pendendo para o lado como se quisesse demonstrar compaixão. Rose percebeu que o odiava cem vezes mais do que cinco minutos antes. Desviou dele e andou em direção à passarela, mas ele a seguiu. Quando ela chegou à metade da plataforma, desistiu e parou.

– Bem? – disse ele.

– Minha mãe não foi *assassinada*. Ela desapareceu – explicou ela, virando-se para ele, a voz forte e direta. – Não há evidências de que esteja morta. Ninguém sabe exatamente o que houve com ela.

– Mas o mais provável é que esteja morta.

– Ela *desapareceu* há cinco anos.

Rose agarrou o estojo do violino pelas laterais. Como ele se atrevia a falar com ela daquele jeito? Ele não sabia nada sobre ela e ainda assim achava que tinha o direito de se meter em suas lembranças mais sombrias.

– Ouvi dizer que ela foi assassinada – falou Ricky Harris, a voz mais determinada.

– Ouviu errado – disse ela secamente.

A plataforma parecia mais escura. Ela queria ouvir o som do trem a distância. A onda de ruído que começava pequena e ficava maior à medida que ele se aproximava. Desejava ver as luzes da locomotiva abrindo caminho pelo escuro em sua direção.

Em vez disso, o telefone de Ricky começou a tocar, e ele olhou para ela, erguendo um dedo no ar para indicar que tinha recebido uma chamada, como se ela ainda não tivesse percebido. Estava irritada. Quantas pessoas sabiam sobre sua vida? Achava que estava segura em seu novo colégio.

Lá em cima, na passarela, as luzes estavam acesas. Uma delas, geralmente vacilante, piscava. Isso criava uma atmosfera singular, como algo saído de um filme sobre uma época passada. Durante o dia sempre havia pessoas indo e voltando pela passarela. Agora ela estava vazia. Eram quase quinze para as oito. Não estava frio, mas havia alguma coisa no ar que lembrava o outono. Uma lufada de algo sendo queimado, o leve aroma de enxofre de um fósforo, o cheiro úmido de folhas pisadas e esmagadas.

A voz de Ricky Harris interrompeu seus pensamentos.

– Mudança de planos. Preciso encontrar alguém! – gritou ele.

Rose tentou manter uma expressão indiferente. Era um alívio ele não ir junto com ela no trem. Ricky começou a ir embora. Depois de alguns instantes ele gritou:

– Seu trem chegou, patricinha.

Ela se inclinou para a frente e olhou para a linha. Viu as luzes de um trem. Caminhou de volta, então, pela plataforma e o observou desaparecer em direção ao alto da escada. Pôde finalmente relaxar. Ricky era detestável, e ela teria de se esforçar mais para evitá-lo. Toda aquela história sobre sua mãe. Como pôde lhe perguntar aquilo? Como pôde se intrometer em suas lembranças mais tristes e pessoais?

O trem estava se aproximando, então ela andou até a beirada da plataforma. Não demoraria muito para ver Joshua. Uma pontada de dor em seu braço fez com que ela o segurasse suavemente. O que ele acharia da sua tatuagem de borboleta? O que acharia *dela*, Rose Smith, dezessete

anos, sua irmã adotiva, que ele não via há cinco anos?

– Vejo você mais tarde, patricinha!

A voz de Ricky Harris veio do alto e ela olhou para cima e o viu andar pela passarela. Havia alguém vindo do outro lado. Um homem vestindo um agasalho com capuz que caminhava a passos largos, correndo, provavelmente, para não perder o trem. Ela olhou para os trilhos e viu a locomotiva desacelerando, depois voltou os olhos novamente para a passarela no alto.

Ricky Harris estava falando com o homem encapuzado.

Ela observou, intrigada.

Estavam brigando, falando alto, mas ela não conseguia entender por causa do barulho da aproximação do trem. Rose olhou para os trilhos e depois novamente para a passarela lá em cima; uma, duas, três vezes. Estava acontecendo algum tipo de confusão, com puxões e empurrões.

Mas, de repente, parou.

O homem encapuzado se virou e foi embora, alegremente, como se seus sapatos tivessem molas, e ela viu o capuz desaparecer. Fez força para tentar ver a cabeça de Ricky Harris sobre a lateral da passarela.

Será que tinha sido derrubado?

Ela bufou de raiva. Por que deveria se importar?

O trem parou à sua frente, emitindo um som parecido com o de um longo suspiro, e, do lado de dentro, um homem usando um sobretudo preto se levantou e caminhou até a porta. Rose olhou novamente para a passarela. Ainda não havia nenhum sinal de movimento.

E daí?

As portas do vagão estavam para se abrir. Rose podia ver o homem do lado de dentro esperar pacientemente, olhando para o celular. Havia somente mais duas pessoas no vagão, ambas lendo jornal.

Ela deu um passo para trás e olhou para cima. Será que, de alguma forma, havia *deixado de ver* Ricky Harris se levantar e sair tropeçando em

direção à bilheteria, seguindo o outro homem para fora da estação?

As portas do trem continuavam fechadas. O homem do lado de dentro parecia perplexo, o dedo pronto para apertar novamente o botão de *Abrir as Portas*.

Ela estava a apenas alguns metros da escada. Tomou uma decisão rápida e caminhou até lá. Depois subiu a escada, com o estojo do violino batendo em suas costas. Quando chegou no topo, parou para tomar fôlego. Ao olhar para a passarela, viu Ricky Harris caído com o rosto para baixo, a meio caminho de onde ela estava. Acima dele a luz tremeluzente piscava contra o céu noturno.

Ela ouviu o som das portas do trem se abrindo lá embaixo.

– Você está bem? – perguntou ela.

Virou-se e olhou para a parte de baixo da escada. Ela precisava pegar o trem.

– Está tudo bem? – repetiu, desta vez mais alto.

Ele não se mexeu. Ela podia ouvir passos nas escadas atrás de onde estava. Mais de uma pessoa. Hesitou. Precisava pegar o trem. Ela se virou para ir, mas algo chamou sua atenção.

Um brilho vermelho. Na altura da cintura de Ricky Harris, na passarela. Rose olhou para aquilo. Então ouviu as portas do trem se fechando lá embaixo.

Agora era tarde demais para pegá-lo.

Havia sangue na passarela, vindo de debaixo do corpo de Ricky Harris. Escorria da jaqueta dele, vermelho-escuro. Ela permaneceu completamente imóvel. O sangue cintilava sob a luz tremeluzente como joias líquidas. Ela não se mexeu. Não *conseguia* se mexer.



II

A estação estava fechada. Os trens passavam direto, sem parar. Rose podia sentir as tábuas do assoalho vibrando na bilheteria. Os passageiros que subiram atrás dela já tinham dado seus nomes e endereços e haviam sido liberados para ir para casa. Rose estava sentada em uma cadeira atrás das máquinas de emitir bilhetes. A porta estava aberta e ela podia ver do lado de fora. Havia vários policiais andando de um lado para outro, conversando, e o som de rádios. Ela batia levemente com os dedos no estojo do violino, que estava na mesa à sua frente. Dentro dele estava seu laptop. Sentiu um impulso de tirá-lo de lá e ligá-lo, para ter o que fazer com os dedos. O celular estava bem ao seu lado. Ela já havia enviado uma mensagem a Joshua para dizer que não poderia encontrá-lo. O texto era curto e não explicava nada. **Não posso ir. Ligo depois. Rose.** Ela não se importou em ligar para Anna. A avó ainda não devia estar dando por sua falta.

Ela se sentia estranha. Como se devesse estar chorando. Alguém tinha morrido a apenas alguns metros dela e, ainda assim, ela não sentia nada.

Um homem vestindo agasalho esportivo estava de costas para ela. Estava ocupado com canecas e uma chaleira. Um jovem policial estava em pé junto a ele. Usava prendedores de calça para ciclistas e seu cabelo tinha um topete. Encostada à parede do lado de fora havia uma bicicleta de policial, com um capacete de segurança pendurado em um dos guidões.

Rose estremeceu.

– Você está com frio? – perguntou o jovem policial.

– Não.

– Pode ser o choque. O chá vai ficar pronto num instante – disse ele e, virando-se para o homem com o agasalho esportivo, acrescentou: – Coloque dois pacotinhos de açúcar.

– Eu não tomo nada com açúcar – disse Rose.

– É bom para o choque.

– Quem é aquele?

Rose apontou para o homem de agasalho, que se virou naquele instante.

– Gestor de área. De serviço – disse o homem, e apontou para um bipe preso a seu cinto. – Eu estava passando por perto quando recebi o chamado. Há um procedimento oficial para um incidente como esse e faço parte disso.

Ele empurrou uma caneca fumegante para Rose e ela pegou.

– Beba o chá, Rose. Eu voltarei logo – disse o policial.

Ele saiu e o gestor de área virou-se para um computador e começou a digitar. Rose bebericou o chá doce e quente, fazendo uma careta ao sentir o gosto de melaço. O relógio na parede mostrava que eram 8h35; quarenta e cinco minutos depois de ter visto Ricky Harris na passarela, o sangue dele se espalhando pelo chão.

Quatro passageiros tinham subido a escada atrás dela. Um deles, um homem careca de macacão, tinha passado pelos outros e se agachado perto de Ricky Harris. Procurou sentir o pulso com dois de seus dedos, mas logo começou a balançar a cabeça. Então, Rose e os outros avançaram lentamente pela passarela, passando pelo corpo. Quando chegaram ao sangue, Rose olhara para cima como se estivesse em uma corda bamba. Dera um passo curto após outro e pôde ouvir a voz do homem de sobretudo escuro atrás dela ligando para a polícia. No momento em que chegaram ao outro lado, ela achou ter ouvido sirenes, mas provavelmente não tinham nada a ver com eles, porque ninguém apareceu pelo que pareceu um bom tempo. Então todos – a ambulância, a polícia e o homem da ferrovia – chegaram de uma vez.

Seguiram-se algumas perguntas frenéticas. Alguém tinha visto alguma coisa? Rose fora a única a dizer que sim. Os outros foram dispensados, mas o policial, aquele da bicicleta, assumiu o controle, conduziu-a para dentro da bilheteria e anotou tudo o que ela disse.

Ela abaixou a caneca de chá, que estava pela metade.

Qualquer contato com a polícia a deixava desconfortável. Houvera muitos policiais por perto durante aquelas primeiras semanas, quando sua mãe e Brendan, o companheiro dela, desapareceram. Homens e mulheres de uniforme, com ar de inteligentes, rostos preocupados e nenhuma resposta. Rose se distraíra com frequência durante as vezes em que os policiais davam informações a ela e Joshua. Ficara observando seus chapéus, fones de ouvido, coletes à prova de balas, cintos que pareciam ter de tudo: cassetete, luvas, lanterna, faca. Às vezes, havia até armas paralisantes. A polícia parecia estar preparada para qualquer eventualidade.

Menos quando sua mãe e Brendan desapareceram. Eles não estavam preparados para isso.

Seus ombros relaxaram e ela sentiu a velha tristeza varrer seu peito como o roçar de uma pena. Doía menos agora, uma lembrança distante daqueles dias muito sombrios, quando a perda parecia uma ferida em carne viva. Ela cruzou os braços, como se abraçasse a si mesma.

Sua mãe e Brendan. Ela não os via ou falava com eles há cinco anos. A polícia achava que estavam mortos. Ela também, em parte, acreditava nisso. Imaginara centenas de lugares diferentes nos quais eles poderiam estar, mas sempre, no fim, voltava a acreditar que haviam morrido. Agora, tinha visto o rosto desse garoto morto virado para baixo no chão. Fora isso que acontecera com sua mãe? Com Brendan? Essa ideia fez com que ela se balançasse para a frente e para trás. O homem com o agasalho esportivo olhou em volta. Ele parecia alarmado; então, ela procurou se tranquilizar, manter a calma. Contou as respirações. Tentou ficar parada e firme. Não queria que suas emoções saltassem em desordem como tecidos embolados saindo de uma caixa de roupas velhas. Precisava contê-las. Tinha *conseguido* contê-las por cinco anos.

– Você está bem, Rose?

A mão do jovem policial estava no ombro dela. O cabelo dele parecia desarrumado, mas firme, como se tivesse passado gel.

– Posso ir agora? – perguntou ela, levantando-se, ajeitando as roupas e pegando o estojo do violino.

– Consegui um carro para levá-la para casa.

– Posso ir andando daqui – disse ela.

Ele balançou a cabeça decididamente.

– Você sofreu um choque. Quero deixá-la em segurança em casa.

– Estou bem – disse ela. – De fato, não vi o... você sabe... *esfaqueamento*. Eu não o conhecia bem. Nem mesmo gostava dele. A verdade é que eu não o suportava, sabe, então não é como se estivesse transtornada.

Mas a voz dela estava se elevando e tinha um toque de histeria:

– Veja bem, alguém morreu. Qualquer um ficaria transtornado.

Ele parecia desapontado. Esperava que ela estivesse triste, mas ele não tinha culpa porque não sabia nada sobre a vida dela. Rose não tinha como sentir pesar por mais ninguém.

Mas ela percebeu que não havia sentido em tentar ser insolente com ele. Seguiu-o para fora da bilheteria, onde cruzaram com outros policiais. Passaram por baixo da fita que isolava a cena do crime e abriram caminho entre os jovens que observavam o drama.

– O carro está logo ali – disse ele, afastando-se dela na estrada vazia.

Ela o seguiu em silêncio. Enquanto saíam de carro da estação, ela falou, a voz arranhada:

– Pode me deixar na entrada da minha rua.

– Não, acho melhor deixá-la na porta – disse ele, dando-lhe um sorriso meio de lado.

Vozes estridentes saíam do rádio. As estradas estavam movimentadas e o carro precisou parar várias vezes em cruzamentos e sinais de trânsito. Ela notou que o policial ainda usava seus prendedores de calça para ciclistas. Ficou olhando para eles.

– Meu nome é Henry Thompson – disse ele.

Ela desviou o olhar e virou-se para a janela. À medida que se afastavam

mais da estação, as ruas ficavam mais escuras e vazias, as casas, maiores, e as estradas, mais cobertas de folhas.

– Sua mãe e seu pai devem ter dinheiro. Essas casas são da alta-roda.

Ela não respondeu. Odiava a expressão *alta-roda.* Pensou em Ricky Harris e em seus comentários desagradáveis. Agora ele estava morto. Ela se concentrou por um instante para ver se sentia alguma coisa *agora*, mas nada sentiu. Era tão fria assim?

– Eu moro com minha avó.

– Se você quiser, posso entrar e contar a ela o que aconteceu.

– Eu mesma faço isso. Não sou uma criança – disse ela.

– Desculpe! Você está certa. Mas você testemunhou algo terrível.

– Eu mesma digo à minha avó. Tenho dezessete anos. Não preciso que ninguém segure minha mão.

– Você é sempre tão contestadora?

– Sim.

– Chegamos – disse ele.

O carro parou em frente à casa dela. Rose abriu a porta e saiu em um segundo. A frente da casa estava acesa, como costumava ficar.

– Obrigada pela carona – disse ela, afastando-se do carro.

– Entro em contato amanhã, para você prestar seu depoimento na delegacia – disse ele.

– Uhum... – concordou ela, virando-se e empurrando o portão.

Rose andou rápido pela calçada. Ao olhar em volta, viu que o carro da polícia ainda estava lá, esperando que ela entrasse. Ela bufou, abriu a porta e sentiu a sensação de tristeza familiar que tomava conta dela sempre que entrava na casa de Anna. Podia ouvir música tocando do lado de dentro: orquestral, talvez Schubert. Soava melancólica e, ainda assim, enérgica ao mesmo tempo. Combinava com seu estado de espírito.

Fechou a porta atrás de si, ficou parada por um instante no corredor e olhou em volta. Pensou o que o policial teria achado daquela casa. Era o tipo de lugar que se via nas revistas. Ela, obviamente, nunca tinha estado

dentro de uma casa como aquela até ter ido morar ali. O corredor era tão amplo quanto uma sala, o piso de parquê brilhava de tão polido e tinha alguns tapetes orientais espalhados. Um tipo enorme de cômoda-cabideiro ficava em um dos lados com um grande vaso de flores em cima. As escadas para o andar superior eram em forma de L e acarpetadas em azul-royal.

Rose tirou a jaqueta e a pendurou no braço. Não havia cabide para que ela a pendurasse. *Leve suas roupas para o quarto, querida*. Anna não queria nenhum sinal de Rose nas áreas comuns da casa. Todas as coisas dela tinham de ficar no quarto. A bolsa de Rose nunca era pendurada no corrimão, o iPod nunca era deixado sobre a mesa de centro e o material do colégio nunca ficava sobre a bancada da cozinha.

A música vinha do lado direito da casa, a sala de estar de sua avó. Ela imaginou Anna sentada em sua poltrona. Às vezes, ela recebia amigos lá, mas, por vezes, ficava ali sozinha mesmo. Devia estar com os olhos fechados enquanto ouvia a música com um dos braços estendido como uma batuta conduzindo uma orquestra imaginária.

Ela não devia ter ouvido Rose entrar. Nunca ouvia. Era por isso que Rose não precisava tirar a maquiagem. À noite, Anna gostava de ficar sozinha. Ela deixava isso bem claro. Não que fosse um grande problema para Rose. O tempo passado com Anna era sempre difícil. Uma conversa dura atrás da outra, Anna invariavelmente perguntando sobre seus planos para a universidade. Rose quase podia vê-la fazendo contas de cabeça. Quando teria cumprido sua obrigação com relação a Rose? Quanto tempo faltava até Rose poder viver em algum lugar por conta própria para que Anna pudesse voltar a levar a vida que levava quando Rose estivera no internato, ou antes que a neta lhe fosse imposta?

Rose não tinha nenhum interesse em passar uma noite com Anna, mas, naquelas circunstâncias, teria sido bom voltar para casa e ficar junto de *alguém*. Sentar na cozinha com uma bebida quente ou um sanduíche e falar sobre o que acontecera na Parkway East.

Subiu para os seus aposentos. O primeiro era um pequeno escritório.

Havia uma cadeira com rodinhas e uma escrivaninha com um monitor e um teclado de computador, além de pastas e trabalhos do colégio. Do lado oposto do quarto ficava uma cadeira larga em frente a uma parede de prateleiras em que havia uma TV, um aparelho de som e vários livros, CDs e DVDs. Passando por uma porta, ficava seu quarto de dormir, uma suíte. Ela largou o casaco e colocou o estojo do violino em cima da cama, tirou o laptop e o pôs sobre o edredom.

Olhou em volta. Era o seu quarto, mas tinha a cara de Anna. Sempre se sentira uma intrusa ali. O ambiente havia sido decorado e mobiliado por Anna. Quem o limpava era a arrumadeira de Anna. E era inspecionado, de tempos em tempos, pela própria Anna, verificando sua propriedade. Era como uma suíte de hotel. De repente, ela não conseguia suportar passar a noite ali.

Entrou no banheiro, deixou um pouco de água quente escorrer na pia, lavou a maquiagem escura e então passou creme hidratante. Vestiu o pijama, meias com solado antiderrapante e enfiou os pés de volta em um par de botas com cadarço. Colocou o laptop e o celular em uma mochila, pegou um casaco do armário e o vestiu. Em seguida, fechou a porta do escritório e desceu a escada.

Na cozinha, pegou água e um pouco de queijo na geladeira e depois uma caixa de cream crackers do armário. Colocou tudo na mochila. Abriu a porta dos fundos, fechou-a silenciosamente e saiu para o jardim. Seguiu as luzes do jardim por dez, doze, catorze passos, até chegar à cerca viva de loureiros que protegia o anexo que tinha se tornado seu estúdio. Era uma estrutura antiga de tijolos usada no passado como garagem e grande o suficiente para dois carros. Agora, estava em mau estado de conservação, com plantas da Amazônia cobrindo todo o lugar. Quando ficou claro que Rose viria do internato para casa em definitivo, e que passaria a frequentar o colégio local, ela se interessara logo por esse lugar, para fazer dele um ambiente especial. Poderia ser seu estúdio de arte, dissera a Anna,

sem muitas esperanças de que a avó concordasse. Um lugar no qual poderia trabalhar e que não haveria problema se fizesse bagunça.

Anna aprovara e até lhe dera cem libras para arrumá-lo e permitira que ela tivesse internet banda larga. Quando Rose terminara e a chamara para dar uma olhada, ela dissera: *Muito bom, querida*.

Rose caminhou em volta da cerca viva de loureiros e ficou surpresa em ver uma luz vindo da janela do estúdio. Estivera lá mais cedo naquele dia. Será que tinha deixado a luz acesa? Ela duvidava. Ainda ouvia ao longe a música que vinha da casa. Parecia que estava atingindo algum tipo de *crescendo*. Será que alguém tinha invadido o lugar? Não havia muito o que roubar. Seus livros de arte e material de desenho. Um sofá velho da área de serviço que Anna tinha deixado que ela levasse, travesseiros e um edredom que havia comprado. Uma cadeira de vime brilhante que havia achado em uma caçamba de lixo e meia dúzia de almofadas gigantes que comprara junto com algumas figuras que encontrara em uma feirinha. Havia um pequeno fogareiro e uma chaleira, mas eram coisas velhas, ou de segunda mão, que pegara da cozinha com a permissão de Anna.

Ela deu mais um passo à frente e colocou os dedos na porta. Parou para ouvir. Depois dos acontecimentos daquele dia, sentia-se perturbada e tensa. Não precisava daquilo. Só queria ir ao estúdio para relaxar, ouvir música, verificar seus e-mails, comer e beber e talvez pegar no sono.

Empurrando a porta suavemente, Rose olhou para dentro. Era a pequena luminária que estava acesa, a que ela usava para ler e que emitia um fraco brilho amarelado, suave como névoa. Abriu um pouco mais a porta.

Lá dentro, deitado no sofá, havia um rapaz. Ele estava imóvel, o rosto visível, os olhos fechados, a boca ligeiramente aberta.

Rose havia visto um rapaz imóvel algumas horas antes na estação de trem.

No entanto, não era nada daquele tipo. Esse rapaz estava dormindo.

Ela sentiu o peito inflar quando o viu.

Aquele era um rapaz especial. Seu irmão adotivo, Joshua Jackson, que ela não via há cinco anos.



III

Rose fechou a porta rapidamente, para não deixar nenhuma fresta de luz entrar. Colocou a mochila no chão. Em segundos, ficou ansiosa. Se Anna soubesse que Joshua estava ali, em sua casa, ela teria problemas, muitos problemas. Era quase certo que perderia a liberdade que conquistara nos últimos meses, o acordo que tinham feito para que ela deixasse o internato e se preparasse para entrar na universidade estudando em um colégio local. Abriu a boca para falar com ele, acordá-lo, mandá-lo embora.

Mas, então, viu a si mesma olhando para ele, dormindo profundamente no sofá. O garoto que ela não via há cinco anos.

Por que não deixá-lo ali? Anna estava sossegada em seu quarto. Não havia motivos para ela vir ao jardim. Nenhum mesmo. Rose tirou as botas e se sentou na velha cadeira de vime com as pernas dobradas por baixo dela. Cruzou os braços, aconchegou-se em uma almofada e olhou para Joshua.

Ele havia lhe mandado um e-mail na primavera anterior. Desde então, vinham mantendo contato. Agora, no entanto, Joshua estava ali, em carne e osso.

Estava deitado de lado, de frente para ela, o peito subindo e descendo suavemente. Os olhos de Rose percorreram o corpo de Joshua. Ele ainda usava sua jaqueta sobre uma blusa de moletom, jeans e tênis. No chão ao lado dele havia um enorme molho de chaves e uma chave de fenda. Ela franziu as sobrancelhas. Ele tinha trazido aquilo para *consertar* alguma coisa?

Anos antes, quando moravam juntos, Joshua tinha o hábito de levar coisas velhas para casa e consertá-las. Ela se lembrava de achar relógios antigos na mesa da cozinha e alguns pares de patins na sala de estar. Isso e uma variedade de rodas, guidões e quadros de bicicletas velhas que as pessoas não queriam mais e que ficavam na garagem, no corredor ou no

quarto de Joshua e irritavam a mãe dela. *Aquele seu filho*, dizia minha mãe para Brendan, *ele é um ímã para lixo!*

No dia em que eles se mudaram, Rose tinha ficado com vergonha do garoto alto de onze anos que carregava seus pertences em caixas de papelão. Ela observara do patamar de cima enquanto abriam a porta da frente, e Brendan (que ela já havia conhecido) e Joshua (que não havia conhecido) andavam de um lado para outro até a van, buscando suas coisas, empilhando-as pelo corredor e deixando pouco espaço para se passar.

– Sabe o Brendan? – indagara sua mãe alguns dias antes.

Ela havia assentido. Brendan era legal. Sua mãe não o conhecia há muito tempo, mas Rose gostava mais dele do que do namorado anterior, que se afastava quando ela passava por ele e nunca deixava ninguém tocar em seu laptop ou telefone. Ninguém. Nunca. Brendan era fácil de lidar e sempre esquecia suas coisas; seu celular, seu BlackBerry, sua carteira, seu livro.

– Ele está tendo alguns problemas com o senhorio, então eu disse que ele e o filho podem ficar aqui por algumas semanas, até arrumarem um novo lugar. Está tudo bem para você?

Rose tinha dado de ombros. Por que não?

Sua mãe lhe dera um abraço de lado, espremendo seus ombros com força.

– Mãe, você está quebrando meus ossos! – dissera ela, mas estava sorrindo.

Quando Brendan e Joshua finalmente descarregaram suas coisas na casa da Brewster Road, os quatro foram à Pizza Hut para comemorar. Rose olhava timidamente para Joshua, que tinha seu próprio celular e vários equipamentos de computador amontoados no canto de um minúsculo quartinho que havia na casa. Ele parecia muito mais velho. Como os garotos do ensino médio. Sua voz era rouca e tinha as mãos tão grandes quanto as de Brendan. No caminho de volta para casa ele perguntou que

programas ela gostava de assistir na TV e se gostava de música.

– Sei tocar violino! – disse ela. – E você?

Ele riu.

– Sei jogar PlayStation – respondeu ele.

No começo, ela havia achado estranho tê-lo morando em sua casa. Parecia que ele sempre estava no banheiro quando ela queria ir ou assistindo esportes na TV quando ela queria ver outra coisa. Ou ele estava fazendo barulho em seu quarto enquanto ela praticava violino, como se coisas estivessem batendo ou ele as estivesse mudando de lugar. Uma vez ela colocou a cabeça para dentro do minúsculo quarto dele e encontrou-o com o rosto vermelho, tentando achar lugar para todas as suas coisas.

– Este quarto parece a TARDIS – disse ele. – É maior do que se pode imaginar.

– Só se for no Espaço-Tempo Contínuo – disse ela rapidamente.

Ele começou a rir. Ela ficou parada por muito tempo, observando-o, seu violino quase tocando o chão, depois começou a rir também.

– Por que você não arruma uma dessas camas suspensas? – perguntou ela. – Então você pode colocar todas as suas coisas embaixo.

Ele olhou para ela.

– Sabe de uma coisa, Rosie, isso é brilhante – disse ele lentamente. – É uma ótima ideia.

– Meu nome é *Rose* – retrucou ela, irritada.

Brendan e Joshua fizeram a estrutura da cama. Levou dias enquanto grandes pedaços de madeira eram carregados para cima e para baixo novamente para serem serrados no quintal. Quanto terminou, Rose olhou com assombro para a cama-plataforma que se acessava por uma escadinha lateral e para a escrivaninha e o equipamento de informática embaixo dela. Atrás da porta, escondida da maioria das pessoas, havia uma roda com alguns dos raios empenados.

Assim que terminaram a cama, ficou claro que Joshua estava ali para ficar.

Foram três anos felizes.

Rose olhou para ele dormindo em seu sofá. Tinha lhe contado sobre o estúdio no jardim em seus e-mails. Quando enviou a mensagem dizendo que não poderia encontrá-lo, ele decidiu ir até lá. Aquele pensamento a fez sorrir. Ela o olhou dos pés à cabeça. Era alto e as pernas e os tênis estavam pendurados na ponta do sofá. Seu cabelo era ondulado e havia uma sombra no maxilar, como se não tivesse se barbeado.

Joshua se mexeu e deu um gemido. A cabeça dele virou para trás, e parecia que estava olhando para o teto. Ela se lembrou novamente do outro garoto que tinha visto deitado naquela noite. Ele estava de bruços, o rosto virado para o concreto frio da passarela, o sangue escorrendo por baixo dele. Rose ficou pensando como seria estar no lugar de alguém da família de Ricky Harris. Receber um policial na porta de casa dizendo que seu filho, seu irmão (talvez até um irmão adotivo) estava morto. Ela olhou para Joshua e sentiu a perda intensamente. Ela, que já havia perdido a mãe e Brendan. Como seria horrível se tivesse sido Joshua caído naquela passarela. Como o mundo ficaria sombrio.

As lágrimas finalmente vieram. Lágrimas por aquele idiota do Ricky Harris, que a chamava de *patricinha* e que vivia pegando no pé dela no colégio. Por que ela estava chorando por ele? Um garoto que era tão desagradável com ela, que aproveitava toda oportunidade para debochar dela. O orientador tinha falado com ele várias vezes, e até um dos técnicos de TI tinha dito para ele *dar um tempo*. Ricky tinha uma namorada, ela lembrou. Uma garota magra e pálida, com aplique no cabelo. Ela parecia andar atrás dele em todos os lugares, como um cachorrinho.

Seu trem chegou, patricinha! foram algumas de suas últimas palavras antes de se envolver em uma discussão na passarela, uma luta e um ferimento fatal.

Ela puxou um lenço de papel do bolso do pijama, começando a notar que Joshua tinha se mexido e estava olhando o quarto ao redor.

– Rosie? – disse ele, se sentando.

Ela secou os olhos suavemente com o lenço de papel.

– O que houve? – perguntou ele, sorrindo. – Sou uma decepção tão grande assim?

Ela balançou a cabeça, ele se levantou e foi até ela. Joshua se agachou em frente a ela e pegou suas mãos.

– Ei, irmãzinha. O que houve?

– Não sou sua *irmã* – disse ela, o choro aumentando em vez de diminuir.

– Irmã adotiva, então. – Ele estava sorrindo.

– Nem mesmo irmã adotiva. Não de verdade.

– Bem, então, o que houve? Por que está chorando?

– Vi alguém ser assassinado hoje, é isso – disse ela, aos soluços.

– Ah! – disse ele, levantando-se, pegando a mão dela, levantando-a e abraçando-a. – E é só *isso*?

Ela se sentou no sofá perto dele e contou tudo o que acontecera.

– Não sei o que dizer – disse ele, quando ela terminou.

– Nem eu. É como ser testemunha de um acidente de carro. É estar lá *naquele exato momento*, puro azar. Azar que Ricky Harris tivesse atravessado a passarela e se envolvido em uma briga com aquele cara, e uma coisa levou a outra...

– Horrível.

– E isso me fez pensar na minha mãe de novo.

Ela queria dizer sua mãe *e Brendan*, mas não falou.

– Meu pai *nunca* sai da minha cabeça – disse ele.

– Não quis dizer isso! Minha mãe está sempre na minha cabeça! É claro que está!

Ela ficou imediatamente irritada e se afastou para longe dele no velho sofá, com os ombros enrijecidos.

– Sei disso. Eu...

– Penso nela o tempo todo. O que quis dizer foi que comecei a pensar

nas coisas que aconteceram naqueles dias. A polícia...

– Sinto muito.

Ela não conseguia falar. Seu maxilar parecia travado.

– Ei! – disse Joshua. – Essa é nossa primeira discussão? Estou aqui há apenas dez minutos!

– Só estou chateada – disse ela, olhando para a parede.

– É claro que está. Qualquer um estaria!

Joshua passou o braço em volta dos ombros dela e a apertou.

– Seus ossos estão pontudos – disse ele. – Acho que me machuquei.

Ela se virou para ele, o rosto se abrindo em um sorriso.

– É bom ver você, Josh, depois de tanto tempo.

– Eu mudei?

Ela balançou a cabeça.

– Você continua tão irritante quanto era há cinco anos.

– O que aconteceu com seu braço? – perguntou ele, estendendo a mão e erguendo o pulso dela. Ela olhou para baixo e viu a marca da cicatriz perto da beirada da manga do pijama.

– Foi só um arranhão – disse ela, sem querer mostrar a tatuagem até que estivesse cicatrizada. – Como você entrou aqui? O portão de trás está trancado.

– Passei por cima dele.

– Para que é aquilo? – perguntou ela, apontando para a chave de fenda.

– Estava no meu bolso. Devo ter deixado lá depois de ter consertado alguma coisa.

Rose balançou a cabeça. De repente, lembrou-se das ferramentas de Joshua espalhadas pela casa da Brewster Road. Um arco de serra perto da fruteira, um martelo ao lado da sapateira.

O som da música tocando alto invadiu seus pensamentos.

– O que é isso? – perguntou ele, intrigado. – Alguma orquestra tocando no seu jardim?

Rose podia ouvir. A música de Anna. Parecia que ela havia aumentado o

volume. Mas não era isso. Anna abrira as portas dos fundos de sua sala de estar. Tinha saído para o jardim. E seguia para o estúdio por algum motivo.

– Você precisa se esconder. Se ela vir você aqui, vamos ter muitos problemas.

Rose olhou em volta do minúsculo cômodo. Joshua encontrou os olhos dela e deu de ombros, sem esperança. O estúdio era um cômodo quadrado. Não havia cantos ou armários. Não tinha nenhuma cortina atrás da qual se esconder e o sofá, a única coisa grande, era muito pesado para ser movido facilmente.

Não havia onde Joshua se esconder.

– Ela vai chegar aqui em um minuto! – disse Rose, entrando em pânico.

– Vou enfrentá-la! Ela não pode lhe dizer quem você pode ver ou não!

– Não, você não entende. Ela vai dificultar as coisas. Rápido!

Rose pegou o braço de Joshua e o empurrou contra a parede ao lado da porta. Olhou em volta apressadamente e pegou as chaves, a jaqueta e a chave de fenda dele e as jogou para Joshua segundos antes de a porta se abrir e Anna entrar.

– Rose! Acabei de receber uma ligação da polícia. O que você está fazendo aqui? É quase meia-noite. Volte para dentro de casa – disse Anna, afastando-se da porta. – Está frio aqui fora e precisamos conversar.

– Vou só pegar minhas coisas.

Sem olhar para a porta aberta e para os tênis de Joshua que se projetavam para a frente, Rose pegou a água, o queijo e a mochila.

– Só vou calçar minhas botas!

– A polícia disse que você testemunhou um assassinato, Rose. Por que diabos você não me contou isso?

Rose se mexia atrás da porta para calçar as botas. Moveu os lábios para dizer *Sinto muito* para Joshua, sem emitir som algum. Ele sorriu enquanto Rose se afastava, carregando as coisas dela.

– Ande logo, Rose.

Ela puxou a porta e Joshua saiu de trás dela. Em seguida, Rose parou

perto do interruptor de luz. Com as costas viradas para Anna, sorriu de volta para Joshua. Então desligou a luz e fechou bem a porta.

Seguiu a avó pelo gramado. Durante todo o caminho para a casa ela sentiu o olhar de Joshua em suas costas.



IV

Ir ao colégio nos próximos dias foi desagradável.

– Você é a garota que viu Ricky ser assassinado?

– Você é Rose qualquer coisa? Que estava lá quando Harris foi esfaqueado?

– Você viu o esfaqueamento?

– Viu quem o matou?

– Você é a garota que estudava no internato? Você viu Harris ser atingido? Certo?

Rose não gostava daquilo. Das pessoas se intrometendo em seu espaço. Estava acostumada a ficar no anonimato, a ser deixada de lado. Gostava da sensação de vagar por esse mundo estranho sem ser notada. Havia saído de um pequeno internato para garotas no meio da região rural para aquele imenso colégio misto, onde alunos andavam em batalhões e não faziam nenhum prisioneiro. Gostava de se sentar no refeitório e ficar só observando as coisas acontecerem ao seu redor. Garotas e garotos se olhando; garotos em grupos conversando, gritando, dando empurrões e jogando futebol com uma bola invisível; garotas sentadas ao redor de mesas, sussurrando, ou dando gritinhos, olhando seus telefones. Havia também os tipos estudiosos, em grupos de dois ou três, um pouco afastados, lendo panfletos ou livros, os fios dos iPods misturados aos cabelos.

Havia barulho o dia inteiro. Rose estava acostumada aos tons abafados dos corredores do Colégio Mary Linton para Garotas. Somente sapatos de solado macio eram permitidos dentro do prédio, então o som de mais de trezentas meninas andando era desprezível. Quando havia aulas, o barulho era pequeno, apenas o som de uma tuba ou de um violino tocando, ou o tinir de um piano. Ali, no colégio de ensino médio, o barulho era como uma parede; ficava mais baixo em alguns pontos, mas estava sempre presente.

Mil e quinhentos alunos de dezessete e dezoito anos se movendo para lá e para cá. Havia também o alto-falante, as campainhas para as aulas e o tráfego da estrada movimentada localizada em um dos lados do prédio.

Rose tinha passado as últimas semanas sendo uma espectadora silenciosa de tudo isso. Algumas vezes, ela se sentava com Maggie e Sara no refeitório, mas no restante do tempo ficava sozinha, caminhando pelos cantos dos corredores, sentada na área de estudo da biblioteca ou em um dos bancos espalhados do lado de fora do colégio.

Quando estava sentada, gostava de ficar com o laptop aberto e entrar em sites de redes sociais. Era fácil entrar em contato com garotas da sua antiga escola e descobrir o que estava acontecendo. Ela achava fácil jogar conversa fora com pessoas que mal tinha visto. Gostava também de entrar em sites sobre livros ou arte, filmes ou música, nos quais costumava deixar comentários. Rose, que era tímida e reservada com pessoas reais, achava fácil a interação social no mundo virtual. E tinha também seu blog, Morpho. Era um lugar para escrever sobre as coisas que aconteciam em sua vida.

Mas agora as pessoas a procuravam. Tinha de erguer os olhos do laptop, se desconectar e fechá-lo. Quando conseguiam sua atenção, observavam-na com desconfiança.

– Por que você estava lá quando Ricky Harris foi esfaqueado?

– Quem é você?

– De que série você é? Você era *amiga* de Ricky Harris?

Ela era educada, mas firme e direta:

– Fui uma testemunha. Eu o vi entrar em uma discussão com alguém na passarela, só isso. Não vi o esfaqueamento em si. Não me pergunte mais nada porque eu não sei.

Três dias após o ocorrido ela já tinha decorado as palavras, e o número de pessoas que havia acabado de saber tinha diminuído muito. Logo depois do almoço, quando estava sentada pensando em ver Joshua depois do colégio, uma garota de aparência estranha foi em direção a ela. Era alta, com cabelo vermelho-alaranjado cortado de maneira assimétrica. Usava o

que parecia ser um casaco masculino sobre uma calça jeans bem justa e um batom brilhoso. Perto de Rose, que usava suas roupas pretas e brancas de costume, a garota parecia um palhaço.

– Alguém quer ver você – disse ela, sem fazer contato visual.

Rose estava cansada. Já tinha dito tudo o que sabia sobre o que acontecera com Ricky Harris.

– Estou ocupada – falou Rose, secamente.

– Você não está ocupada. Só está aí sentada à toa – disse a garota, olhando Rose nos olhos.

– Estou pensando – disse Rose.

– É verdade o que as pessoas dizem? Que você é uma vaca arrogante?

– Só estou cuidando da minha vida!

– Você estava cuidando da sua vida na terça à noite, quando Ricky foi morto?

Rose abriu a boca para falar, mas o que isso importava? Será que aquela garota espalhafatosa estava sugerindo que, de alguma forma, Rose tinha algo a ver com o que acontecera com Ricky? Não valia a pena nem o esforço de responder. Ela se levantou para sair, mas a garota chegou para o lado e bloqueou a passagem. Rose sentiu que ia perder a cabeça. Será que teria de partir para um confronto físico? O que faria? A garota era bem mais alta que Rose.

Foi então que uma garota pequena e franzina surgiu de uma entrada perto dali.

– Deixe pra lá, Sherry.

Sherry se virou e mostrou desagrado, falando umas coisas baixinho. A garota moveu-se para a frente e Rose a reconheceu imediatamente. Era a namorada de Ricky Harris. Estava sem maquiagem e seu rosto parecia pálido e os olhos fundos. Seu cabelo estava preso para trás e ela usava argolas douradas que pareciam puxar os lóbulos das orelhas para baixo.

– Só queria conversar um pouco – disse ela.

– Eu não cheguei a ver nada, não de verdade – disse Rose, a voz um

pouco mais gentil.

– Meu nome é Emma e esta é minha meia-irmã Sherry.

– Meia-irmã? – indagou Rose, sorrindo, ao pensar em Joshua.

– Isso é engraçado? – perguntou Sherry.

Rose balançou a cabeça.

– É que eu tenho um irmão adotivo. Bem, não *de fato*. Minha mãe não se casou com o pai dele, mas chegamos a morar juntos como uma família.

Sherry parecia surpresa. Emma sorriu.

– Você não é tão diferente de nós. Famílias misturadas – disse ela, passando seu braço fino pelo de Sherry. – Só quero conversar com você sobre o que houve com Ricky. É só isso.

– Está bem – disse Rose.

– Mas não aqui. Venha até a sala da minha orientação. É mais tranquilo por lá.

Emma e Rose se sentaram de frente uma para a outra como se estivessem fazendo a lição em dupla. A mesa entre elas estava vazia, exceto pelo celular rosa que Emma havia colocado ali. Não havia mais ninguém no restante da sala e Sherry estava de pé perto da porta fechada para impedir que alguém atrapalhasse.

Rose contou a história de novo da forma como havia contado na primeira noite, para Joshua e sua avó, e depois na delegacia de polícia no dia seguinte, quando prestou depoimento. Contou tudo lentamente e tentou ser menos desagradável com relação a Ricky Harris. Não contou a parte em que ele lhe perguntara se sua mãe havia sido assassinada. Na verdade, tinha omitido essa parte *todas as vezes* que contara a história.

– E ele disse “Mudança de planos” e subiu a escada bem quando o trem estava vindo. Ele havia acabado de receber uma ligação.

– Era de uma garota? – perguntou Emma, numa espécie de sussurro.

– Não sei dizer. Eu me afastei. Ele falou durante pouco tempo e depois disse “Mudança de planos”! Parecia bem feliz.

– Feliz?

– Bem-humorado. A princípio parecia um pouco estranho, mas, depois que recebeu a ligação, acho que isso levantou seu astral e ele subiu a escada bem animado. Até gritou “Seu trem chegou, patricinha” para mim. De um jeito divertido.

– Mas você o viu na passarela?

Rose assentiu.

– E esse cara esfaqueou Ricky?

Os olhos de Emma estavam embaçados. Parecia que ela se esforçava para mantê-los abertos. Seu rosto estava ficando vermelho. Depois de um instante, ela piscou e olhou para baixo, e Rose a viu usar a curva do dedo para limpar uma lágrima.

– Acho que sim. Não cheguei de fato a ver o... ataque. Só vi a briga, e então o cara deu meia-volta e foi embora. Quando ele saiu, sei lá, parecia estar saltitante.

– Saltitante? O que isso quer dizer? – perguntou Sherry.

– A forma como ele andava, bem, às vezes a gente sabe, não sabe? Quando alguém está de costas, você não percebe?

– Percebe o quê? – indagou Emma, usando um lenço de papel dobrado para secar as pálpebras.

– Acho que ele estava sorrindo. É isso o que parecia, de costas.

Sherry xingou.

– Você viu o rosto dele? – perguntou Emma.

Rose balançou a cabeça.

– Só a parte de trás.

– Mas se o visse de novo, o cara da passarela, você conseguiria reconhecer alguma coisa nele? Sabe pelo que você falou sobre o modo como ele andava...

– Acho que não.

– Cínica! – disse Sherry.

– Não estou sendo...

– Venha com a gente por cinco minutos – implorou Emma. – É tudo o que estou pedindo. Só uma curta caminhada. Para ver alguém.

Emma se levantou. Rose estava hesitante. Não queria se envolver naquilo. Queria deixar tudo para trás.

– Por favor – pediu Emma.

Relutante, Rose se levantou. Ela seguiu Sherry e Emma para fora da sala e pelo corredor, desviando de bandos de adolescentes. Alguns deles conheciam Emma e sabiam o que havia acontecido com ela, baixando as vozes como um tipo de reverência enquanto ela passava. As três foram em direção ao refeitório. A hora oficial do almoço já tinha acabado, mas o refeitório ainda servia bebidas e lanches e havia algumas centenas de alunos lá, alguns em seus horários livres e, outros, matando aula. Emma passou costurando por entre as mesas, seguida por Sherry e Rose. Quando chegou ao canto mais distante, fez um gesto para Rose e Sherry se sentarem. Rose colocou suas coisas em uma cadeira e se sentou em outra. A mesa em frente a ela estava suja, cheia de copos de poliestireno, pedaços de celofane e facas e garfos de plástico. Ela se sentou um pouco mais afastada da mesa e olhou em volta. Era um canto do refeitório que ela nunca usava. Um local no qual vários dos jovens barulhentos gostavam de ficar. Era conhecido como um lugar em que se podiam conseguir drogas e outras coisas.

– Você vai vê-lo num minuto – disse Emma.

Sherry tinha pegado um espelho e estava puxando um lado do cabelo como se fosse um gancho em volta do rosto.

– Quem você quer que eu veja? – perguntou Rose, sentindo-se desamparada naquela situação. Tudo o que tinha visto era a parte de trás da cabeça de alguém dentro de um capuz. Como poderia ajudar?

– Lewis Proctor.

Rose não falou nada. Não era um nome que reconhecesse. Por que deveria? Só estava no colégio há pouco tempo. Não tinha frequentado as

mesmas escolas que aqueles alunos nem morava nas ruas ou casas das proximidades.

– Ali está ele – disse Sherry, sem desviar o olhar do espelho.

Um garoto alto e branco andou em direção ao canto do refeitório onde elas estavam. Havia outros no grupo, mas Rose tinha a sensação de que aquele era o garoto que Emma queria que ela visse. Ele estava usando jeans preto, camiseta e, por cima, um moletom com o capuz abaixado. Seu cabelo muito curto ficava espetado no alto. Ele viu Emma imediatamente e caminhou até elas. Parou a alguns metros de distância, mas não falou até seus colegas estarem à sua volta.

– Alguma novidade sobre quem matou seu namorado? – perguntou ele.

Emma não respondeu. Só balançou a cabeça silenciosamente.

Uma garota de cabelo escuro saiu do meio do grupo e colocou a mão no ombro de Lewis Proctor. Ela era alta e magra, e um de seus pulsos estava cheio de pulseiras de prata. Rose a olhou da cabeça aos pés. A garota usava botas prateadas e seus pés estavam posicionados como se fosse uma bailarina.

– Dia ruim. Acho que dava para saber que isso ia acabar acontecendo com Ricky – disse Lewis.

Lewis Proctor se abaixou, pegou uma faca de plástico de uma das mesas e fingiu esfaquear o próprio peito. Sherry o xingou. Os amigos dele começaram a gargalhar e ele atravessou o refeitório rindo. A garota não riu, só se virou de costas e saiu. Outros jovens sentados a mesas próximas observavam, desconcertados. Rose sentiu-se afundando na cadeira, os ombros se curvando para a frente. Queria estar em outro lugar. Emma se virou de costas para ele, que deu de ombros de maneira teatral e fingiu secar algumas lágrimas. Depois ele também se virou foi embora.

Sherry e Emma olharam diretamente para Rose. Ela se concentrou em Lewis Proctor de costas, no jeito como ele caminhava, no formato da cabeça dele, como se pareceria se estivesse com o capuz levantado. Seria a mesma pessoa que estivera na passarela naquela noite?

Ela não sabia dizer. Ele se parecia com qualquer um de uma centena de outros garotos que andavam pelo colégio.

– Eu não sei.

Emma se levantou.

– Obrigada, de qualquer maneira.

– *Lewis Proctor*. Anote esse nome – disse Sherry para Rose, como se ela tivesse feito uma identificação positiva.

Quando elas saíram, Rose abriu o laptop e passou algum tempo vendo e-mails. Havia dois de Joshua. Ficou tentada a lê-los, mas queria fazer uma coisa primeiro. Entrou no Facebook e buscou o nome *Lewis Proctor*. Alguns segundos depois a página dele apareceu. Fotos. Mensagens. Amigos. O sorriso dele parecia com o de qualquer outro adolescente. Uma das fotos mostrava Lewis com o capuz levantado. Ela olhou com atenção por alguns instantes, mas não conseguiu ver nada de familiar.

Mais tarde, quando estava saindo do colégio em direção ao apartamento de Joshua, pensou novamente no garoto com o capuz, no modo como ele pegara a faca de plástico e fingira se esfaquear, debochando de Emma por causa do namorado morto.

Lewis Proctor. Era um nome que Rose não iria esquecer.



V

O apartamento onde Joshua estava morando ficava em cima de uma loja em Camden Town, um restaurante vegetariano e drive-through chamado Alface e Companhia. Rose sabia que o lugar pertencia a um amigo dele, Darren Skeggs, um garoto mais velho que ele conhecera quando se mudou para Newcastle, há cinco anos.

Darren Skeggs estava no terceiro ano da faculdade de artes. Joshua estava no primeiro ano de engenharia. Darren tinha deixado que ele dividisse o apartamento por praticamente nada. Era essa a razão pela qual Joshua podia bancar os estudos na faculdade Queen Mary. Joshua tinha lhe contado isso e várias outras coisas nos e-mails que enviara quando voltaram a entrar em contato há cerca de seis meses.

Rose saiu do metrô na Camden Town e olhou o mapa. O Alface e Companhia ficava a algumas ruas de distância. Ela seguiu para lá, sentindo o peso da bolsa. Depois de um dia de aula, teria sido bom passar em casa, tomar banho e deixar as coisas do colégio por lá. Mas ir para casa significava ter de contar para Anna onde estava indo, o que estava fazendo, quem estava vendo. Desde terça, quando Ricky Harris tinha sido esfaqueado, Anna estava pegando no pé dela. Isso lhe dava uma sensação desconfortável. Muitas vezes, no passado, Rose quisera que Anna prestasse mais atenção nela, que oferecesse algum apoio ou fosse afetuosa, mas isso nunca acontecera. Desde terça à noite Anna parecia estar prestes a fazer algo. Vinha conversando muito mais com ela, ficando mais perto, estendendo uma das mãos como se estivesse para tocar em Rose.

Isso deixava Rose bastante apreensiva.

Ela viu o restaurante do outro lado da rua. Uma estranha sensação tomou conta dela. Sentia-se inexplicavelmente acanhada como se *aquele* fosse o primeiro encontro deles. Sua lembrança ao vê-lo tarde da noite na terça tinha sido inundada pelos eventos na estação de trem horas antes.

Ela havia tentado separar as duas coisas, pôr à parte o que havia acontecido na estação e só pensar em quando estivera com Joshua, mas não tinha conseguido.

Enquanto esperava o semáforo abrir no cruzamento, perguntava-se como seria o apartamento e se Darren Skeggs estaria lá. Esperava que não. Estava ansiosa para passar algum tempo sozinha com o irmão adotivo. Queria que Joshua preenchesse as lacunas, contando tudo o que lhe acontecera nos últimos cinco anos. Os e-mails que enviara a ela tinham delineado a vida dele em Newcastle depois do desaparecimento de seus pais. Ele havia lhes dado os títulos de Capítulo Um, Capítulo Dois e assim por diante. Ela os imprimira e lera repetidas vezes, juntando as peças dos acontecimentos importantes. Rose também os salvara em uma pasta, mesmo sabendo tudo de cor.

O sinal abriu, Rose atravessou a rua e chegou em frente ao Alface e Companhia. A porta que dava para o apartamento ficava ao lado da entrada do restaurante, bem como Joshua havia descrito. Ela olhou para o celular. Eram 4h32. Estava um pouco adiantada. Inclinou-se para tocar a campainha, mas de repente hesitou, sem graça. Envergonhada.

Não estava pronta para entrar e vê-lo.

A porta para o Alface e Companhia se abriu e um casal saiu de braços dados, carregando copos de café para viagem, o homem beijando a mulher na testa.

Rose entrou no restaurante e foi até o balcão. Esperou ser servida, então pediu chá de hortelã e se sentou a uma mesa. O chá tinha sido servido em um copo alto de vidro com uma alça de prata. Ela o mexeu com uma colher comprida, do tipo usado para sundae. Olhou em volta. Na mesa ao lado, havia uma garota com um bebê em um carrinho. O bebê dormia profundamente; a garota usava fones de ouvido e balançava a cabeça segundo a batida silenciosa. Duas jovens mulheres estavam sentadas a outra mesa, conversando em voz baixa, uma delas rindo do que a outra tinha falado. A porta do restaurante se abriu e um homem careca entrou

segurando um jornal dobrado embaixo de um dos braços e com uma bolsa de viagem vermelha no outro.

Rose olhou para o teto. Joshua estava no andar de cima. Depois que relaxasse por alguns minutos e recuperasse o equilíbrio, sairia e tocaria a campainha, e, quando ele abrisse a porta, ela diria *Oi* ou *Olá!* de maneira descontraída, como se estivesse acostumada a visitá-lo, como se eles nunca tivessem ficado afastados, como se não tivessem sido duramente separados havia cinco anos.

Ela olhou para a Camden High Street lá fora. O número de carros se avolumava e os ciclistas costuravam entre eles. Alguns alunos com casacos roxos caminhavam juntos, obrigando os pedestres a desviarem deles.

Rose lembrava-se vividamente daquela separação. Sua avó levara Rose para morar com ela, e Joshua tinha ido ficar com seu tio Stuart em Newcastle. Depois disso, eles haviam deixado, aos poucos, de fazer parte da vida um do outro.

Logo no início, eles tinham ficado em um lar adotivo provisório, com Paul e Alice Townsend. Foram para lá dias depois do desaparecimento de seus pais. Por duas semanas tinham procurado ficar juntos pelos vários cômodos da casa, mantendo-se reservados. Não falavam muito com os outros que estavam lá: um adolescente rude que andava pela casa de casaco e pisando duro a maior parte do tempo e uma garotinha de uns sete anos, que ficava sentada chupando o dedo, os olhos grudados na TV. Seus quartos eram vizinhos e eles passavam a maior parte do tempo em um ou no outro. Tarde da noite, quando Paul ou Alice diziam que era hora de apagar as luzes, eles se separavam.

Os dois falavam sem parar sobre o que havia acontecido.

De vez em quando olhavam pelas janelas da frente da casa na esperança de ver um carro de polícia parando do lado de fora. Ficavam ansiosos para ver um policial, qualquer policial que tivesse alguma informação para eles.

Paul e Alice lhes diziam tudo que sabiam. Não, não havia nenhuma

novidade. Sim, a polícia tinha interrogado as pessoas no restaurante onde sua mãe e Brendan haviam comido. Sim, as pessoas das outras lojas e dos bares tinham sido interrogadas, mas ninguém tinha visto o casal depois que saiu do restaurante. E sim, o carro de Brendan, um Audi azul, fora encontrado estacionado numa rua lateral.

Então, um dia, uma assistente social foi até a casa. Queria falar sozinha com Rose. Ela lhe contara sobre a avó que nunca soubera que tinha. E a levara para uma casa em Belsize Park. Rose entrara, hesitante, pela grande porta da frente e se vira diante de uma mulher alta e rígida, com cabelo até os ombros e uma mecha grisalha na parte da frente. A mulher estendera a mão formalmente para cumprimentar Rose. Notara então as unhas em um tom de rosa claro, arredondadas como conchas do mar. Seu nome era Anna Christie e se vestia com elegância, como alguém que iria a um casamento. Rose notara também seus sapatos de salto alto estalando no piso de madeira. Ela a seguira, avançando cada vez mais para dentro daquela casa grande, olhando para trás até não mais ver a porta de entrada. Elas tomaram chá em uma sala com paredes de vidro e sua avó lhe perguntara algumas coisas sobre sua vida. Não mencionara a mãe de Rose. Nem uma vez. Nem fizera perguntas sobre a noite em que sua mãe e Brendan saíram para jantar e nunca mais voltaram.

Quando Rose voltou ao lar adotivo provisório, passou cada minuto com Joshua. Sentiu que não ficaria ali por muito tempo. Joshua recebera uma ligação do tio em Newcastle. Iria morar com ele.

Paul e Alice Townsend os abraçaram e lhes desejaram sorte. A garotinha acenou de seu lugar no sofá, os olhos deixando a TV por apenas alguns segundos, depois voltando para a tela. O garoto estava lá em cima, em algum lugar, e não respondeu quando gritaram *Adeus*.

Vamos manter contato, dissera Rose.

Verei você em breve, tinha dito Joshua, *vou visitá-la*. *Você também pode aparecer em Newcastle.*

Mas isso não aconteceu.

Rose não entendia por que Joshua não podia ir morar com ela e a avó. Ele era seu irmão adotivo. Ela perdera a mãe e Brendan. Por que devia perder Joshua também? Sua avó tinha sido enérgica quando o assunto fora levantado. Revirara os olhos e fizera *tsc, tsc*. Não era assim que as coisas funcionavam. Joshua tinha de ir morar com seus parentes de sangue. Essa era a lei. Ela não se envolveria com isso. Rose e Joshua chegaram a trocar correspondência e fizeram algumas ligações meio sem jeito um para o outro, mas a conversa acabava morrendo. Quando Rose foi para o internato, passaram a se falar com menos frequência, até que, com o tempo, acabaram perdendo contato.

Então, seis meses atrás, Rose recebeu um e-mail quando estava usando seu laptop. Joshua havia entrado em contato para dizer que estava indo estudar em Londres. Depois disso, ela recebeu longos e-mails dele e enviou longas respostas.

Agora, estava sentada em um restaurante, olhando para um copo vazio de chá de hortelã, sabendo que Joshua estava em um apartamento logo acima dela. Olhou em volta. Só restara ali o homem com a bolsa de viagem vermelha. Os outros tinham ido embora. Já eram quase cinco horas. Por que não sair e tocar a campainha? Então, ela poderia subir para o apartamento e ver como ele estava vivendo. Poderia descobrir todas as coisas que queria descobrir na terça à noite antes do ocorrido na estação. Por que não? Por que estava se sentindo tão estranha com relação a isso?

Ela suspirou e foi de novo até o balcão. Comprou um muffin de mirtilo e uma garrafa de água. Quando se sentou, o homem olhou para ela. Ele sorriu educadamente e ela se sentiu obrigada a responder. Por um segundo ele lhe pareceu familiar, então, ela desviou o olhar. A última coisa que queria era conversar com alguém que conhecia vagamente. Pegou o laptop e o colocou na mesa, ligou e depois esperou que ele carregasse. Mordeu um pedacinho do muffin e o sentiu se desmanchar em sua língua.

Olhou para seu e-mail e sorriu, vendo outra mensagem de Joshua:

Rosie, estou ansioso para vê-la mais tarde!

Ela arrastou a mensagem para dentro da pasta *Josh*, juntando-a a uma longa lista de e-mails salvos, depois rolou a tela para vê-los. Ela marcou um, depois outro, verificando o conteúdo, lembrando-se das informações de quando lera as mensagens pela primeira vez. Deu uma mordida grande no muffin, mastigando-o suavemente, examinando os textos que Joshua tinha enviado. Então abriu um com o título *Apartamento em Camden*. Era a história de como Joshua tinha conhecido Darren Skeggs. Ela deu uma olhada e depois fechou a mensagem. Em seguida, entrou no Facebook e procurou o perfil de Joshua. Deu uma olhada na lista de amigos dele para ver se havia uma foto de Darren Skeggs. Não havia.

Quando Joshua entrara para o décimo ano em uma escola local para garotos em Newcastle, tivera de provar o seu valor. Ele vivera em Londres ou em suas redondezas durante toda a vida e, quando voltara para o lugar onde seu pai fora criado, destacava-se dos demais como um dedão inflamado. *Houve derramamento de sangue*, ele lhe contara no e-mail. Ela se lembrara dessas palavras com um calafrio.

Um dia ele encontrara Darren Skeggs, que já se preparava para as provas para a universidade, no banheiro. O garoto estava em um estado deplorável, espancado e ferido. Joshua ajudou-o a se levantar e pegou lenços de papel para que ele pudesse se limpar. *Se tivesse acontecido só isso, eu teria deixado pra lá. Violência em uma escola para garotos é praticamente uma condição* sine qua non, dissera ele. Mas a bombinha de asma de Darren tinha sido jogada em um vaso imundo. *Isso me deixou doido*, tinha dito ele. *Fiquei furioso*. Ele achara os garotos responsáveis, arrastara um deles de volta e o fizera colocar a mão lá dentro e pegar a bombinha na água fétida. Alguns dos colegas do garoto apareceram para ajudá-lo, mas Joshua não se intimidou. *Peguei o celular do menino, caro do jeito que era, e o joguei no mesmo vaso sujo*.

Darren Skeggs fora deixado em paz depois disso.

– Desculpe-me, você estuda no colégio Camden, não estuda? – disse uma voz.

Ela olhou para cima, acordando de seus devaneios. O homem careca estava de pé perto da mesa dele como se já fosse embora. Usava uma jaqueta de couro, como a de um motociclista. Não carregava nenhum capacete, embora a bolsa dele parecesse grande o bastante para guardar um. A bolsa era de um vermelho vivo e tinha uma bandeira quadriculada, do tipo que é agitada em frente a um carro de corrida.

– Sim – respondeu ela, abaixando um pouco a tela do laptop.

– Achei que tinha reconhecido você. Trabalho lá. Sou um técnico.

– Ah, oi – disse ela, com um sorriso formal.

– Você é a garota que estava presente quando aquele rapaz foi morto?

Ela assentiu. Será que todo mundo sabia disso?

– Eu me lembro de você – disse ele. – Aquele garoto agia de forma desagradável com você. Tive de falar com ele sobre isso.

– É – disse ela, batendo com os dedos no laptop.

– De qualquer forma, que coisa terrível. Vou deixar você voltar para o seu trabalho.

O homem virou de costas e saiu do restaurante. A porta ficou aberta por um momento, deixando o ar frio entrar. Rose relaxou. Então, sentiu-se imediatamente culpada. Por que ela ficava tão pouco à vontade com as pessoas? Aquele homem tinha lhe feito um favor, por que não pôde ser mais agradável com ele?

Ela se lembrou do dia no colégio, algumas semanas antes, quando estivera na sala de informática trabalhando em algum elemento gráfico para um projeto de artes. Estava muito concentrada quando sentiu alguém lhe dar um peteleco na parte de trás da cabeça. Ela olhou em volta e viu Ricky Harris parado logo atrás, com alguns colegas. Virou-se de volta para o trabalho, ignorando-o, e ficou vermelha quando o ouviu falar bem alto sobre ela.

– Você sabe como são as garotas de escola particular. Dão para

qualquer um. Fazem qualquer coisa que você pedir. Vagabundas.

Rose sentiu o sangue ferver, mas ficou bem quieta.

– Você! – gritou uma voz grossa masculina. – Deixe a garota em paz! O que está fazendo aqui? Você tem permissão? Qual é o seu nome?

Rose olhou em volta e viu um dos técnicos atravessando a sala, seu crachá esvoaçando. Ele era um homem alto e careca. O botão de cima de sua camisa estava aberto, e a gravata, frouxa. Ele usava jeans preto e suas pernas pareciam finas e compridas.

– Tudo bem, bichinha. Fique calmo – disse Ricky Harris.

– Saia daqui – disse o técnico.

– Vou sair. Não quero que fique com a ideia errada. Não quero ser tocado. Espere, tem certeza de que checaram seus antecedentes criminais? Tem certeza de que você não está na lista de criminosos sexuais?

– Vou falar com seu orientador.

– Falar com ele? Aposto que você ia gostar de fazer bem mais do que isso!

Eles saíram, rindo. O técnico parecia irritado. Rose conseguiu ver seu nome no crachá: *Frank Palmer, Técnico em TI*. Alguns alunos olhavam de seus computadores e dois outros técnicos o observavam, conversando entre si.

– Obrigada, você não precisava dizer nada... – falou ela.

– Você devia falar com seu orientador. Ninguém devia tratá-la assim.

O restaurante estava vazio e Rose começou a guardar seu laptop. Por que não tinha sido mais legal com aquele homem quando ele falou com ela? Ele só queria passar o tempo. Em todo caso, por que ela ainda estava lá, sentada no restaurante? Tinha acabado de comer o muffin, a forminha de papel estava frouxa, as pregas, deformadas. Joshua esperava por ela.

Mas não conseguia tirar Ricky Harris da cabeça. Ele conseguira intimidá-la. Depois, na passarela sobre a linha de trem, alguém o intimidara. Será que devia se sentir um pouquinho *satisfeita* com isso? Ele

tinha se dirigido à passarela e dado os últimos passos de sua vida. Ricky ficara frente a frente com a pessoa que o mataria alguns segundos depois. Alguém que ia além de atirar coisas em vasos sanitários e atormentar colegas tímidos. Alguém que falava sério, que carregava um pedaço de aço que entrava e saía da pele como se fosse manteiga.

Pensar naquilo a fez se sentir fraca por um segundo.

Ricky Harris, sem dúvida, rira bastante por ter conseguido perturbar a patricinha do colégio. Talvez estivesse com um sorriso no rosto. Era provável que aquele sorriso tivesse ofendido outro rapaz que quisesse se provar? Um jovem como Lewis Proctor? *Do que você está rindo, Harris?*, ele podia ter dito antes de colocar a mão no bolso e tirar uma faca.

Ela caminhou até a porta do restaurante.

Violência e garotos. Por que essas duas palavras combinavam tão bem? Joshua dissera que ela estava presente em cada esquina de sua escola só para garotos. Ela imaginou matilhas de cães ariscos se encarando, os rabos firmes de apreensão. Como isso era diferente do seu internato. Não havia violência no Colégio Mary Linton para Garotas. Nada físico, nenhum sangue, nenhum ferimento, nenhum puxão de cabelo. Nada tão vulgar para meninas tão bem-educadas. Mas havia outras coisas: mágoa e constrangimento, vergonha e inveja. Ela pensou em Rachel Bliss pela primeira vez em meses. Sua amiga mais antiga. Sua melhor amiga. Rachel, que tinha um sorriso doce e um coração duro.

Pensar nisso a fez estremecer.

Ela já havia perdido tempo demais pensando no passado.

Joshua estava no andar de cima e ela precisava ir vê-lo.

Rose abriu a porta do restaurante e saiu para a rua. Instantes depois estava parada em frente à porta de Joshua, tocando a campainha.



VI

Rose ouviu o som de passos pesados descendo as escadas e esperava que Joshua abrisse a porta. Preparou um sorriso para cumprimentá-lo. Escutou ferrolhos sendo puxados. A porta se abriu abruptamente e um jovem com óculos de armação preta grossa e cabelo preto liso olhou para ela.

– O que é? – disse ele.

– Vim ver o Josh – respondeu ela, da forma mais agradável que pôde.

O rapaz, que ela imaginou ser Darren Skeggs, deu um suspiro e se virou. Ele se arrastou escada acima chamando por Joshua. Ela entrou, assumindo que deveria segui-lo. Viu Joshua no alto e o ouviu dizer alguma coisa. Então, ele lhe lançou um sorriso luminoso.

– Oi, Rosie. Coloque os ferrolhos no lugar, está bem? – pediu ele.

A porta tinha um ferrolho de metal no alto e um menor na parte de baixo. No meio, havia uma corrente. Espantada, ela fechou tudo e subiu a escada. Joshua lhe deu um abraço.

– Você já conheceu Skeggsie, meu senhorio? – perguntou Joshua.

Rose olhou de novo para o rapaz, fixando-se na armação grossa preta. As roupas dele eram justas e a camisa parecia estar abotoada até o queixo. Ele contrastava muito com Joshua, que tinha cabelo claro na altura das orelhas e usava uma camiseta desbotada e amarrotada e um colar de contas no pescoço.

Skeggsie a cumprimentou com um aceno rígido de cabeça. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas ele se virou e saiu. Rose franziu as sobrancelhas.

– Venha, quero lhe mostrar o apartamento – disse Joshua, alheio ao mal-estar dela. – Deixe sua bolsa aí. Tire o casaco!

Ela colocou a bolsa no chão do hall, tirou o casaco, tomando cuidado com o braço que ainda estava sensível por causa da tatuagem, e o segurou de lado.

– Vamos! – chamou Joshua.

Ele lhe mostrou uma imensa sala de estar, na qual havia, em um dos cantos, uma das maiores TVs que ela já tinha visto. Em frente ficava um sofá baixo e comprido, do tipo que se pode achar no saguão de um hotel. Diante dele havia uma mesinha de centro completamente coberta por pilhas de livros e DVDs. Não havia mais nada na sala. O piso estava polido e as paredes eram de quatro cores diferentes. Era estranho, como o cenário de uma peça, mas, ainda assim, Rose gostou.

– Meu quarto é aqui – disse Joshua.

O quarto era pequeno, mas organizado. Rose se lembrou imediatamente do quartinho que ele ocupara quando viviam na Brewster Road. Naquela época, sua cama era alta para que ele pudesse aproveitar o espaço embaixo dela. Agora, uma cama de casal tomava conta da maior parte do quarto. Havia uma arara ao longo da parede oposta, lotada de roupas, algumas das quais estavam em cabides, outras apenas jogadas por cima. No chão havia tênis e botas empilhados uns sobre os outros. Ao lado da cama havia um espelho preso à parede que dava para ver o corpo inteiro. Na mesa de cabeceira ela viu uma chave de fenda. Era pequena e de um tom de amarelo vivo, diferente da que Rose tinha visto com ele na terça à noite. Havia um tapete estreito no chão, com espaço suficiente apenas para caminhar até a cama e voltar.

– É compacto – disse ela.

– Tenho outro quarto, um escritório.

O quarto ao lado tinha o dobro do tamanho do primeiro e abrigava uma escrivaninha, uma mesa e duas cadeiras. As paredes estavam cobertas de pôsteres de bandas e filmes, e havia algumas almofadas grandes tipo pufes em um canto sob uma lâmpada padrão sem lustre. Ela olhou de novo para a mesa e a escrivaninha. Havia um monitor de computador e um laptop, uma impressora e uma caixa preta com uma luz piscando. Havia também um fio sinuoso, pendendo precariamente da mesa, caindo em direção a um adaptador múltiplo.

– Uau! – disse ela. Você tem vários hardwares.

– Isso não é nada. Você devia ver o quarto de Skeggsie.

Ela torceu o nariz pensando no rapaz rude. Joshua pareceu ler sua expressão.

– Skeggsie é legal. Ele não tem muito jeito com as pessoas, mas é um cara brilhante. Deixe seu casaco aí – disse ele, pegando-o da mão dela e colocando sobre os pufes. – Venha ver meus websites. Sente-se aqui.

Ele puxou uma das cadeiras para trás e ela, relutante, se sentou. Joshua havia mencionado esses websites algumas semanas antes. Ela não estava ansiosa para vê-los.

– Skeggsie me ajudou a criá-los. Sem ele eu não teria conseguido. Este é o primeiro.

Ele digitou no teclado e então, na tela, surgiu um website: pessoasdesaparecidas.com. O fundo era vermelho vivo e, abaixo do nome do website, havia uma breve descrição dele. Rose deixou seus olhos percorrerem as palavras. No entanto, distraiu-se com as fotografias que se materializaram de cada lado da página. Sua mãe e Brendan. Ela olhou fixamente para eles até as imagens se desvanecerem e serem imediatamente substituídas por outras. O rosto de sua mãe sorrindo, os óculos dela ligeiramente deformados, o cabelo preso para trás; Brendan rindo para algo além da câmera; Brendan usando um chapéu com aba; sua mãe usando óculos escuros, parecendo melancólica.

Ela olhou de novo para as palavras, tentando ignorar as imagens.

A cada ano 275 mil pessoas desaparecem.

A maioria dessas pessoas volta para suas famílias em um ou dois dias.

O número de pessoas desaparecidas de suas famílias por mais de um ano é de 16 a 20 mil.

Kathy Smith e Brendan Johnson são duas dessas pessoas.

Nós os queremos de volta. Precisamos deles. Este site é sobre eles e

sobre as circunstâncias nas quais desapareceram.

Rose sentiu um nó na garganta. Desviou o olhar da tela e se concentrou no perfil de Joshua. Os olhos dele estavam fixos nas imagens, o maxilar e o pescoço tensos. As contas do cordão, que tinham um ar tão casual momentos antes, agora pareciam apertadas como um enforcador. Ele se virou para Rose, antes que ela pudesse olhar em outra direção. Os olhos deles se encontraram.

– Sei que você não aprova isso completamente – disse ele, estendendo as mãos para mostrar o equipamento tecnológico brilhando à sua frente. – Você disse isso em seus e-mails. Mas preciso continuar procurando por Kathy e meu pai.

– Eu entendo – disse ela gentilmente. – Mas a polícia explicou...

– Mas nada foi *provado*. Nada é certo. E é por isso que preciso continuar procurando. E, em todo caso, se a polícia estiver certa, se eles tiverem...

Ele passou a língua pelos lábios antes de prosseguir:

– Se Kathy e meu pai tiverem sido *assassinados*, então criei esse outro site. Dê só uma olhada.

Ele puxou o laptop para perto e digitou alguma coisa. A tela era menor, mas em um segundo um site preencheu o espaço. Desta vez, o fundo era preto: assassinatosantigos.com. A fonte era sombria. Rose franziu as sobrancelhas. Esse tinha uma aparência dura, fúnebre. Não havia fotografias, somente um texto separado por marcadores.

- Muitos assassinatos permanecem sem solução.
- Eles ficam parados nos arquivos da polícia por falta de recursos.
- Os assassinos ficam livres para seguirem com suas vidas.
- Este site é sobre um possível assassinato.
- Kathy Smith e Brendan Johnson desapareceram.
- A polícia acha que foram assassinados.
- Ajude-nos a descobrir o que aconteceu.

Embaixo havia um menu: Biografias; Últimos Locais que Sabemos onde Estiveram; Testemunhas; Mapas; Carro; Entre em Contato.

– Veja, estes sites podem atingir algumas comunidades em potencial. Pessoas pesquisando crimes ou assassinatos, outras forças policiais, detetives particulares. Olha só, defini todas as palavras importantes de busca. Então, vamos supor que alguém esteja procurando pelo Lua Toscana, por qualquer motivo, então esse site e o pessoasdesaparecidas.com vão aparecer.

Joshua parecia sem fôlego. Rose deu um sorriso, mas não um encorajador. Ele continuou, sem dar a ela uma chance de falar:

– Sei que você acha que eu não devia fazer tudo isso...

– Você decide o que deve fazer – disse ela.

– Você tem sua maneira de lidar com o que houve. Essa é a minha.

– Eu não lido exatamente com isso. Só aceito.

– Eu não consigo...

– Você não consegue deixar pra lá – disse ela lentamente, quase que para si mesma.

Ele deu de ombros.

O som de passos descendo a escada fez Joshua olhar em volta. Então os ferrolhos da porta que dava para a rua correram. A porta se abriu e depois se fechou com uma batida.

– Skeggsie saiu – disse Joshua com um meio-sorriso.

– Sem dizer nada? Ele não é meio estranho? – indagou ela, arrastando a cadeira para trás, aliviada por deixar de olhar o conteúdo das telas à sua frente.

– Ele é estranho. Mas confie em mim – disse Josh, levantando-se e mexendo com as contas em volta de seu pescoço –, ele é o melhor.

– Por que os ferrolhos na porta? – perguntou ela.

– Ah, os ferrolhos – disse ele. – Venha, vou fazer um café enquanto explico. Ah, não, espere! Não é café. É *chá*. Mergulhar um saquinho de chá

por exatos sessenta segundos, acrescentar um pouco de leite e nada de açúcar – disse ele.

Ela sorriu. Joshua tinha se lembrado do que ela gostava. Ele, por outro lado, gostava de canecas grandes de café com leite morno. Quando moravam em Bethnal Green com a mãe dela e Brendan, ela às vezes as encontrava no quarto dele dias depois de terem sido usadas, ainda com um terço do líquido, a parte de cima coberta por uma camada cor de chocolate. Aquilo costumava revirar seu estômago, mas, ainda assim, ela levava as canecas para baixo e as lavava antes que sua mãe ou Brendan notassem.

Quando saíram da sala, ela se virou por um instante para ver as telas lado a lado, o monitor grande e bruto, as palavras pessoasdesaparecidas.com dominantes. O laptop era menor e estava meio inclinado com a palavra *assassinatos* apenas visível.

Enquanto Joshua estava preparando as bebidas, Rose pensou no Lua Toscana. Era o restaurante preferido de sua mãe e Brendan e eles o frequentavam regularmente. Rose e Joshua já tinham ido lá algumas vezes com eles. Os garçons falavam muita coisa em italiano e havia fotos de jogadores italianos de futebol pelas paredes. Rose costumava pedir pizza Margherita e pão de alho, mas Joshua gostava da lasanha e insistia em comer com batata frita, para constrangimento de todos.

O Lua Toscana era o restaurante ao qual sua mãe e Brendan tinham ido na noite de seu desaparecimento.

– Aqui está! – Joshua lhe entregou uma caneca de chá.

Eles estavam sentados a uma mesa pequena em uma cozinha longa e estreita.

– O que há com Skeggsie e os ferrolhos?

Joshua soltou um suspiro.

– Ele já viveu momentos difíceis. Você lembra que lhe contei como ficamos amigos? Eu e ele? Bem, ele é o tipo de garoto que parece atrair, sei lá, tipos desagradáveis. O pai dele comprou este apartamento, e durante o primeiro ano na universidade ele o dividiu com alguns outros alunos, que

se aproveitaram. Skeggsie teve problemas em se livrar deles. No segundo ano, morou aqui sozinho. Mas o apartamento foi roubado, e ele tem certeza, *absoluta*, de que foram alguns dos garotos que moravam com ele. Algumas semanas atrás ele estava no apartamento e teve certeza de ter ouvido alguém abrir a porta da frente. Ele gritou, achando que era eu, mas não era. Quando desceu, a porta estava escancarada. Isso o deixou apavorado. Daí os ferrolhos.

– Ah, nada bom.

– Mas é mais do que uma questão de azar ou segurança. Ele é um pouco obsessivo. Sabe que às vezes eu o ouço tomar banho três, quatro vezes num dia? E essa coisa dos ferrolhos? Ele gosta que sejam trancados todas as vezes que entramos. Quando saio, tenho que trancar duas fechaduras diferentes. Ele é um pouco *inseguro*.

– Eu não simpatizei com ele – disse Rose.

– Mas iria, se o conhecesse. Na verdade, tenho algo para lhe mostrar. Skeggsie desenvolveu um software. Bem, é difícil de explicar. Venha ver. Traga seu chá.

Ela seguiu Joshua até um dos quartos mais arrumados que já tinha visto. Era tão grande quanto a sala de estar e parecia dividido ao meio. De um lado ficava uma cama, um armário e uma cômoda. A cama estava feita, as portas e gavetas, fechadas, e fora algumas fotos em molduras antigas, não havia nada sobre eles. Nenhum livro ou revista, nenhum item pessoal, nada. O outro lado do quarto estava cheio de computadores. Ela ficou até sem ar com a quantidade de equipamentos que havia ali. Uma mesa comprida, como uma antiga mesa de jantar, ficava colada à parede. Havia quatro monitores, um deles imenso, como uma TV widescreen. Sob a mesa, havia quatro CPUs. O restante do lugar estava coberto de equipamentos eletrônicos, coisa que ela nunca havia visto antes. Em meio àquilo tudo, ficavam os fios espaguete que corriam por entre as máquinas.

– Dê uma olhada – disse Joshua, mostrando uma fotografia tamanho A4.

Rose a pegou.

– Skeggsie leva o maior jeito para invadir programas. Ele chama isso de Incursão Cavalo de Troia. Esse é o sistema de circuito interno da rede ferroviária. Veja isso, é uma foto sua de terça à noite.

Rose olhou com muita concentração para a foto escura e granulada. Mostrava uma plataforma de estação ferroviária. Nela havia uma garota e um garoto juntos. Na base havia uma data e um horário. A data era da terça anterior e a hora, 19h46. Com um choque, Rose percebeu que a foto mostrava mesmo ela e Ricky Harris. Eles estavam a mais ou menos um metro de distância um do outro, e ao examinar a foto ela viu que, de fato, Ricky Harris estava falando em um telefone celular.

Era da noite em que ele havia sido esfaqueado.

– Não entendo – disse ela. – Como Skeggsie conseguiu isto?

– Ele passou os últimos três anos trabalhando com softwares. Skeggsie é um gênio quando se trata dessas coisas.

– E ele acessou câmeras do sistema de circuito interno? Quando?

– Na última terça à noite. Quando voltei da casa da sua avó depois de ver você, pedi a ele para ver se conseguia uma imagem.

– Isso não é ilegal?

– É, mas Skeggsie faz de um jeito que não pode ser rastreado. Ele deixa vários rastros falsos. Ele é o legítimo primeiro Homem Ciberinvisível.

– Mas por quê?

– O que você quer dizer?

– Por que você pediu isso a ele?

Joshua olhou espantado.

– Achei que seria interessante.

– Esse garoto foi assassinado...

Ele ficou sem graça.

– É de mau gosto, não é? Não pensei antes. Só estava lhe mostrando como Skeggsie é inteligente. Sinto muito, Rosie. Você me conhece. Às vezes sou impulsivo e ajo sem pensar.

– Aquela noite foi terrível para mim. Por que você acha que eu iria querer me lembrar dela?

Ela estava irritada. Deu uma última olhada na foto e então a jogou de lado.

– Desculpe – disse Josh.

Aquela era apenas sua segunda noite com Joshua. A primeira tinha sido estragada, e agora, ela estava aborrecida.

– Só achei que você pudesse querer dar uma olhada. Foi idiotice.

Ela deu uma olhada na direção dos computadores e imaginou Skeggsie sentado em frente a eles, as telas refletidas nas lentes de seus óculos grandes.

– Ele não tinha o direito de roubar minha imagem! – disse ela.

– Foi culpa minha. Eu que pedi a ele. Errei feio, não foi?

Joshua parecia arrasado.

– Não... – disse ela, sentindo-se boba. – Não, é claro que não...

– Errei sim – disse ele.

Ele estendeu a mão e pegou o braço dela. Rose se esquivou, com uma expressão de dor no rosto.

– O quê? – perguntou ele. – O que eu fiz agora?

– Nada. Sério.

Ele se afastou dela. Estava aborrecido. A noite não estava indo bem. Ela falou rapidamente, mostrando o braço.

– Olhe, fiz esta tatuagem.

Ela puxou a manga para cima. A tatuagem ainda estava vermelha e saliente, mas o contorno azul da borboleta tinha clareado.

– Quando você fez isso? – perguntou ele, um sorriso curioso no rosto.

– Há mais ou menos uma semana. Ainda está dolorido.

– Uma borboleta.

– Uma Morpho azul.

– Mas por que uma borboleta?

– Gosto de como elas são. Gosto do azulado delas.

– *Azulado?*

– Não deboche de mim – disse ela, deixando a manga voltar ao lugar.

– Nunca faria isso – disse ele. – Na verdade, é incrível. Venha, vamos sair do quarto do Skeggsie. Tenho uma coisa para lhe mostrar.

Rose o seguiu de volta ao pequeno quarto dele. Quando chegaram, ele caminhou até o espelho de parede. Ela ficou parada na porta, ligeiramente sem graça.

– Aqui – disse ele. – Chegue mais perto.

Ela foi para perto dele. Não havia espaço para se mover. Ele cruzou os braços, puxou a camiseta para cima, tirando-a pela cabeça, e atirou-a na cama atrás dele. Ela ficou surpresa, mas tentou manter uma expressão indiferente no rosto. Então, ele se virou de costas e ela viu.

– Ah! – disse ela.

Na lateral das costelas dele havia uma tatuagem de borboleta, duas vezes maior que a dela, o azulado vivo e vibrante, as asas envolvendo-o.

– Nós somos um time, você e eu – disse ele.

Ele estava olhando para ela pelo espelho. Ela retribuiu o olhar, seus olhos seguindo para a tatuagem. Após um instante, ela estendeu a mão e tocou a pele dele com a ponta dos dedos.

A manga dela correu revelando a ponta de uma asa azul.

– Um time – sussurrou ele, sorrindo.



VII

No sábado de manhã, Anna pareceu rodear Rose boa parte do tempo. Parou à porta do escritório e observou Rose se sentar à escrivaninha e trabalhar em seu laptop. Fez algumas perguntas sobre o que tinha acontecido na estação. As perguntas eram intercaladas por longas pausas, como se Anna estivesse avaliando cada palavra de sua resposta. Rose digitava e sentia o olhar de Anna em suas costas.

Por fim, parou de trabalhar e se virou na direção da avó. Anna, aparentemente desconcertada pelo olhar avaliador de Rose, pegou uma almofada que havia caído da poltrona grande e arrumou-a.

– Fiquei pensando se não seria melhor você faltar à aula de violino esta semana – disse ela.

Rose se lembrou das aulas de violino que já não fazia mais. Depois de voltar do internato, tinha ido estudar com Isabel Popper, uma mulher em Hampstead, para manter a prática. Uma vez por semana ela passava uma hora tocando suas composições, praticando seu acordes, preparando-se para uma prova que nunca pretendera fazer. Depois do verão, quando as aulas começaram, foi fácil dizer que estava se transferindo para outro professor, mais perto de casa. Ela havia continuado a sair toda terça. Uma pequena vitória contra Anna. Ela guardava o dinheiro que recebia para as aulas em uma caixa em seu quarto.

– Não quero perder minha aula – disse Rose.

Sua avó assentiu e parou por um instante antes de sair do quarto, deixando um perfume forte de flores no ar.

Quando teve certeza de que ela havia saído, Rose abriu seu blog, Morpho. Rolou a página para baixo, passando por algumas fotos, links recentes e clipes que tinha feito upload e leu as coisas mais recentes que escrevera. Eram de mais ou menos uma semana antes, quando devia ter reencontrado Joshua. Ela sorriu quando percebeu o otimismo no que havia

escrito, o sentimento de que a noite à frente seria um novo começo para ela e Joshua. Seu otimismo tinha fundamento. Ela e Joshua haviam se reencontrado e eram uma espécie de família de novo.

Mas entre uma coisa e outra ela havia testemunhado um assassinato.

Criou um novo título:

Cuidado com o que deseja.

O que acontece quando alguém do seu colégio faz todo o possível para atormentar você e te fazer se sentir péssimo?

Ela parou e pensou inevitavelmente em Rachel Bliss, sua antiga melhor amiga do internato. Como podia alguém tão próxima tê-la feito tão infeliz? Com Ricky Harris tinha sido completamente diferente. Ela nunca havia sido chegada a ele. Não gostara de Ricky desde o momento em que o vira pela primeira vez, até quando ele dissera *Seu trem chegou, patricinha!.* Continuou a escrever em seu blog:

Aconteceu comigo. Odiava um garoto, Ricky Harris. Eu o detestava. Tentava evitá-lo, mas dei de cara com ele semana passada enquanto esperava um trem. Não tive escolha a não ser ouvir suas provocações. Houve um momento em que eu pude, inconscientemente, ter desejado que ele morresse? Que eu pude tê-lo imaginado caindo nos trilhos enquanto um trem passava em disparada? Talvez. Pude também ter desejado isso, mas nunca imaginei o que aconteceria depois.

Esse garoto foi esfaqueado. Ele está morto. Fim da história.

Foi um post difícil, mas sincero. Seu blog não era um diário, apenas uma mistura de pensamentos e sentimentos com imagens e links para outros sites e blogs interessantes. Ainda era a única que o lia, mas um dia, talvez,

convidasse Joshua para dar uma olhada. Fechou o laptop e esticou os braços para cima, flexionando os dedos.

Mais tarde sua avó se juntou a ela para o almoço. Elas conversaram sobre o Colégio Comunitário Camden.

– É muito violento lá? – perguntou ela. – No dia a dia, quero dizer.

– Não, claro que não. Nesse tempo em que estive lá só vi algumas pessoas provocando, pregando peças – disse ela, pensando ironicamente em Lewis Proctor fingindo se acertar com uma faca de plástico.

– Mas a gente lê todo tipo de coisa no jornal sobre essas instituições – disse a avó, mordendo delicadamente um sanduíche.

– Não – disse Rose. – E não aconteceu no colégio. Aconteceu fora, na plataforma da estação. Não teve nada a ver com o *colégio*. Podia ter acontecido em qualquer lugar.

Mas isso não era verdade. Rose pensou em Little Radleigh, a estação em Norfolk que ficava perto do colégio Mary Linton. Ela e algumas garotas costumavam ir a Norwich nos fins de semana. Era minúscula, com vasos de plantas pendurados que balançavam com a brisa e o som das vacas mugindo que vinha dos pastos próximos. O céu era imenso e elas podiam ver o trem a quilômetros de distância. Parecia levar um século para chegar lá e, quando chegava, tinha apenas um vagão e dava a impressão de ter sido abandonado por uma locomotiva apressada. As garotas da escola eram de metrópoles. Estavam acostumadas com cidades grandes, carrões e viagens aéreas. Entrar no trem local de Norwich era algo curioso. Nada de ruim poderia ter acontecido naquela plataforma, Rose tinha certeza.

– O colégio não é um lugar tão ruim assim – disse Rose.

Sua avó não respondeu.

Rose a observou. Ela usava um casaquinho verde-limão com calça creme. O cabelo, na altura dos ombros, estava preso na nuca com um laço também verde-limão. Usava elegantes brincos dourados e uma corrente também dourada que sempre trazia ao pescoço. Rose olhou para baixo e viu sapatos marrons de salto. Não ficaria surpresa se visse uma bolsa de

mão combinando, no chão, ao lado dela. Anna parecia arrumada para uma entrevista de emprego, mesmo sendo sábado e estando apenas *em casa*.

Rose, por outro lado, usava jeans preto e uma camiseta preta e branca. Nos pés, meias rosa com solado de borracha para não escorregar pelo piso de madeira de Anna. Dentro de casa, permitia-se usar cores.

Passou a tarde preparando um trabalho.

Ouviu um bipe. Tinha uma nova mensagem. Esperava que fosse de Joshua. Vinham trocando e-mails desde a hora do almoço. Ele lhe falava sobre uma dissertação que tinha de apresentar sobre Brunel e pontes, e ela lhe contava sobre o trabalho que estava pensando em fazer sobre o romance *Grandes esperanças*, de Dickens.

Ela olhou para sua caixa de entrada e ficou surpresa ao ver o nome de Emma Burke. *Emma Burke?* Abriu a mensagem.

Oi, Rose. Consegui seu endereço de e-mail no colégio. Queria falar com você. Podemos nos encontrar em algum lugar? Emma.

Era a namorada de Ricky Harris.

Seu primeiro pensamento foi o de enviar uma resposta rápida dizendo que não conseguiria ir a um encontro porque andava ocupada. Seus dedos pairavam sobre o teclado, esperando que ela pensasse exatamente como dizer isso. Recostou-se. Não tinha a menor vontade de se encontrar com Emma e sua meia-irmã problemática, Sherry.

Decidiu não responder o e-mail. Apagou-o de sua caixa de entrada e mandou uma mensagem para Joshua: *Como vai Skeggsie, o gênio da informática? Ele tem vida fora do ciberespaço?*

Ela recebeu uma resposta quase imediata. *Skeggsie é o computador. A máquina não vive sem ele. Ele não vive sem ela.*

Rose respondeu: *Meio garoto, meio chip. Onde será que ele coloca seu cartão de memória?*

A resposta veio segundos depois: *Ele é o cartão de memória humano.*

Enquanto tentava pensar em uma resposta, recebeu uma nova mensagem. O nome de Emma Burke apareceu de novo em sua caixa de

entrada. Ela abriu a mensagem:

Rose, preciso de uma resposta rápida. É importante. É sobre Lewis Proctor.

Ela hesitou antes de deletar a mensagem.

Joshua mandou outra: *Encontro especial amanhã à tarde? Poderíamos caminhar pela Millennium Bridge. Parte da minha pesquisa. Às três da tarde. Metrô St. Paul.*

Ela respondeu imediatamente: *Sim, vejo você em frente à bilheteria. Estarei com um estojo de violino.*

Ele devolveu com: *E eu levarei o fagote*.

Ela olhou a hora. Eram 16h03. Sentia-se feliz. O trabalho estava quase terminado. Depois, pretendia entrar um pouco no Facebook e, talvez, dar uma olhada em alguns blogs sobre filmes.

Puxou a manga para cima e olhou a tatuagem. Parecia melhor hoje. Será que estava finalmente cicatrizando? Ou era porque havia visto que Joshua tinha uma borboleta tatuada no lado do corpo? A dele era maior, causava uma impressão maior, as asas estavam em um ângulo como se estivesse voando. A dela parecia parada, plana e bonita, como se estivesse em exposição dentro de um mostruário de vidro. Como isso podia ter acontecido? Os dois terem feito a tatuagem sem falar um com o outro? Enquanto estavam no quarto dele, olhando no espelho, os dedos dela na lateral do peito dele, Joshua rira e dissera *Grandes mentes pensam igual, Rosie* e ela olhara para o reflexo dele, sentindo uma onda de emoção.

Ouviu uma batida e a porta dela se abriu ligeiramente.

– Alguém veio ver você – disse a avó com um sorriso forçado.

Rose saiu do quarto e olhou sobre o patamar da escada. Lá embaixo, no corredor, estava Emma Burke, parada perto da porta da frente. Ela olhou para cima, viu Rose e acenou.

– Quem é ela? – perguntou a avó.

– É do colégio – disse Rose, perturbada.

Como ela sabia onde encontrá-la?

– Quer que eu a traga até aqui?

– Não, vou descer.

Sua avó foi para o próprio quarto e Rose desceu a escada.

– Como conseguiu meu endereço? – perguntou.

Emma estava usando uma blusa com um tom de roxo bem vivo. Era justa e colada ao corpo, revelando suas formas. A garota era magra, sem nenhum sinal de gordura.

– Ah, obrigada. Nada de "Oi, Emma, como você está se sentindo? Como estão os preparativos para o funeral do seu namorado?" – disse Emma, o rosto inchado, batendo os dedos na superfície de madeira da mesa do hall.

– Como você descobriu onde moro?

– Uma colega de Sherry trabalha na secretaria do colégio. Ela nos deu seus contatos ontem, quando estávamos procurando você.

– O que você quer?

– Preciso da sua ajuda. É por isso que eu vim.

– Não quero nada ligado ao seu namorado. Não é da minha conta que ele tenha sido assassinado. Só fui azarada o bastante por estar lá na hora – disse Rose, olhando diretamente para ela. – Gostaria de não tê-lo conhecido porque ele era desagradável comigo. Sinceramente, não estou derramando nenhuma lágrima.

Emma olhou de volta para Rose, a expressão impassível, somente um tremor em seu lábio inferior demonstrava alguma emoção. As maçãs do rosto pareciam mais proeminentes ou talvez tivesse apenas prendido o cabelo muito puxado para trás.

Rose deu de ombros.

Emma piscou e uma lágrima ficou presa no canto do olho.

– Não vejo como *posso* ajudá-la – disse Rose, sem esperança. – Não *conheço* você. Não sou sua amiga.

– É por isso mesmo. Todos os outros estão muito envolvidos. Preciso de alguém que não ligue.

As palavras feriram. Rose era indiferente. Será que era mesmo?

– Quer beber alguma coisa? – perguntou ela.

– Não.

Ela caminhou em direção à cozinha. Emma a seguiu. Rose puxou uma cadeira, sentou-se e, com um gesto, disse a Emma que fizesse o mesmo. Sentada, Emma pareceu encolher em meio ao grande cômodo. Acima delas, panelas e frigideiras presas em um suporte, lustradas e brilhantes, feixes de ervas secas pendendo por entre elas. Na mesa havia uma pirâmide de limões em uma tigela. Eles nunca eram usados, Rose sabia, apenas substituídos um a um quando as cascas começavam a endurecer e a cor perdia o brilho de frescor. Era uma cozinha de exposição. Não havia migalhas de pão pelos cantos, facas sujas espalhadas, nenhuma lata de feijão pela metade na geladeira.

Emma estremeceu como se estivesse com frio.

– É melhor eu começar do início – disse ela. – Eu e Ricky ficamos juntos por três anos. Crescemos na mesma rua em Chalk Farm Estate.

Rose conhecia Chalk Farm Estate. Era o lugar de onde vinha a maioria dos alunos do colégio.

– Sabia que ele não era um anjo e que saía com uns tipos estranhos. Talvez fosse isso que eu gostava nele. Ele era um bad boy. Tinha uma reputação. Talvez eu sinta atração por esse tipo de pessoa. Sei que ele parecia horrível às vezes, mas era apenas uma fachada. A mãe dele é um pesadelo e o irmão mais velho tornou a vida dele um inferno. Você tem de ser durão onde vivemos. Aquilo que ele lhe disse não foi nada pessoal...

Rose bufou. Tinha parecido *pessoal* para ela.

– De qualquer modo, terminamos um pouco antes do verão. Eu tinha certeza de que ele estava saindo com outra pessoa, mas negou. Não acreditava nele, então terminei.

Ela não sabia disso.

– Comecei a sair com um garoto. Durou umas seis semanas. Foi legal no

começo. Estávamos perdidamente apaixonados, mas com o tempo fiquei de saco cheio dele. Era muito imaturo.

Rose franziu as sobrancelhas. Perguntou-se por que Emma estava lhe dizendo isso.

– Era Lewis Proctor.

Agora ela entendia.

– Não sei por que o escolhi. Para me vingar de Ricky? Talvez. Ele e Lewis eram rivais, acho que se pode dizer assim. Dois bad boys no mesmo lugar? Eles tinham grupos diferentes de amigos, frequentavam partes diferentes de Camden, mesmo morando a apenas algumas ruas de distância um do outro. Durante certo tempo foi muito bom. Passamos bastante tempo juntos. Não tenho certeza de quando começou a ficar ruim. Estava chegando o começo das aulas e vi Ricky por aí. Ele foi doce e gentil comigo e fiquei pensando nos velhos tempos. Enfim, terminei com Lewis no fim de semana antes do início das aulas e voltei com Ricky.

– Você acha que *Lewis* esfaqueou Ricky? – indagou Rose. – É por isso que me pediu que o visse?

Emma deu de ombros.

– Lewis é capaz disso. Quando ele tinha catorze anos, esteve envolvido em um esfaqueamento. Ele disse que foi apenas um espectador, mas...

– A polícia falou com ele?

– Sim. Dizem que Bee Bee lhe deu um álibi.

– Bee Bee?

– Sua nova namorada. Ela estava lá no outro dia. Aquela com as botas prateadas. Ela diria qualquer coisa para ajudá-lo. É louca por ele há meses. Há anos.

Rose estava quieta. Era muita informação.

– Por que está me contando isso tudo?

– Recebi isso, hoje, pela minha porta da frente.

Ela colocou um envelope na mesa. Havia um nome nele: EMMA.

– Abra.

Rose tirou um pedaço de papel de dentro. Havia apenas algumas palavras escritas no meio:

Venha me ver no cemitério às seis. Isso se quiser saber quem matou Ricky. Lew.

Um coração tinha sido desenhado depois do nome.

– É a letra de Lewis. Ele sempre me mandava bilhetes. Depois que terminei com ele, mandou um bilhete todos os dias durante umas duas semanas. Tinha de escondê-los de Ricky.

– Por que ele quer encontrar você no cemitério?

– Íamos muito lá.

– Ao *cemitério*?

– É perto da estação. Conhece?

Rose assentiu.

– É um lugar reservado. Lewis me mostrou. É enorme e tem todas aquelas áreas escondidas para se sentar onde ninguém incomoda. Não são muitos garotos que vão lá porque ficam assustados com os túmulos e coisas assim. Era perfeito para mim e para Lewis. Não queria ir a lugar nenhum em que pudesse dar de cara com Ricky e os colegas dele. Achávamos um banco, uma lápide ou um trecho gramado perto de uma árvore e nos sentávamos para conversar, beber e fumar. Lá dentro tem um jardim de rosas, uma área cercada, em que não há nenhum túmulo, e é silencioso...

– Por que ele quer encontrá-la?

– Acho que quer que eu volte para ele. Tem me olhado com aquela cara de cachorro sem dono há semanas. Acho que esse lance de falar sobre Ricky é só para me fazer ir até lá. O problema é que não tenho certeza absoluta. Ele conhece muita gente. Alguns caras que não prestam não gostavam de Ricky, e Lewis pode ter ouvido alguma coisa.

– Você vai?

– Vou se você for comigo.

– Por que eu?

– Por que não?

– Porque isso não tem nada a ver comigo! Peça a Sherry para ir com você.

– Sherry está na casa do pai dela em Brentwood. De qualquer forma, ela odeia o Lewis. Sherry perderia a cabeça e, então, ele não diria nada. Ela está muito envolvida. Preciso de alguém que não vá fazer Lewis recuar.

Rose balançou a cabeça. Por que não vai sozinha?

– Estou um pouco nervosa. Se não for *mesmo* sobre Ricky, e se ele não quiser voltar comigo, então pode estar querendo me fazer passar vergonha de alguma forma. Na frente de Bee Bee, talvez. Você viu como ele é no outro dia, lá no refeitório. Ele gosta de aparecer. Só não quero ser o alvo dele. Não agora. É por isso que preciso de alguém comigo. Não sei mais quem chamar. Você é uma pessoa durona. Não leva desaforo de ninguém. Ele não a conhece e acho que seria cauteloso na sua frente.

– Não sou *durona*.

– É sim. Vejo a forma como você anda pelo colégio. A maioria das pessoas diz que você é uma vaca arrogante, mas acho que você desenvolveu esse escudo de proteção.

– Não posso ir. Não *quero* ir.

Emma se levantou. Parecia que ia dizer alguma coisa, mas, em vez disso, pegou o celular do bolso e olhou atentamente para a tela.

– Só não quero me envolver – disse Rose gentilmente. – Quero deixar para trás o que aconteceu na última terça.

– Está bem, entendo. Só achei que devia tentar. Eu vou sozinha.

Rose fechou os olhos. Isso não era problema seu. Emma caminhou para a porta e ela a seguiu pelo corredor. A casa estava em silêncio. Não havia nenhum barulho.

– Bonita casa – disse Emma.

– É da minha avó.

– Será sua um dia.

Ela balançou a cabeça.

– Não quero nada da minha avó. Tenho de morar aqui até entrar na faculdade, então vou embora.

Emma abriu a porta da frente.

– Você não é uma pessoa muito feliz, é?

– Isso é outra coisa que você notou ao me ver andar pelo colégio?

– É sim. Você devia relaxar um pouco. As pessoas podem vir a gostar de você.

– Não ligo se as pessoas não gostam de mim.

– Não acredito nisso. Todo mundo liga – disse Emma com um sorriso triste.

Emoldurada pelo portal, ela parecia uma criança. Seus apliques de cabelo caíam sobre os ombros. O rosa do celular dela fazia Rose se lembrar do celular de uma das bonecas que tivera. Emma acenou e se virou para sair. Era a segunda vez que procurava Rose em busca de ajuda. Rose se sentiu amolecer. Chamou por ela.

– A que horas Lewis quer encontrá-la?

– Às seis – disse Emma, andando de volta, cheia de esperança, em sua direção.

Rose levantou o olhar até o relógio do hall. Eram vinte para as cinco.

– Eu vou. Encontro você na entrada do cemitério às dez para as seis.

– Sério?

– Sério.

– Por quê?

– Por que não?

– Você não vai aparecer.

– Eu vou. Quando digo que vou fazer alguma coisa, eu faço.

– No cemitério?

Rose assentiu.

– Às dez para as seis?

– Posso ser uma vaca arrogante, mas não volto atrás quando dou minha

palavra – disse Rose.

Emma deu um sorriso inseguro. Depois foi embora.



VIII

Rose deixou um bilhete para a avó na mesa da cozinha:

Estou saindo para tomar café com uma amiga. Volto em umas duas horas. Rose.

Eram 5h35. Tinha quinze minutos para chegar ao cemitério e encontrar Emma. Estava claro, mas o ar parecia meio acinzentado, um indício de noite. Sentindo frio, ela fechou a jaqueta e andou rápido e sozinha. Todas as casas eram recuadas da rua e cercadas por portões de jardins ornamentais e paredes de tijolos que as separavam da calçada. Algumas casas tinham fileiras de pequenas coníferas ou cercas vivas perfeitamente aparadas. Era tudo muito silencioso, como se houvesse algum tipo de proteção à prova de som que mantinha os barulhos da cidade afastados. A rua parecia uma foto de cartão-postal e ela devia se sentir feliz por morar lá. Anna lhe dissera isso várias vezes.

Ela virou na High Street. Lá encontrou luz, barulho e pessoas. Uma música abafada vindo de um carro parado com as janelas abertas. Passou pelo carro e pensou em Emma e Lewis Proctor. Estava intrigada com a situação. Ela, que nunca tivera um namorado, achava estranho que Emma pudesse simplesmente terminar com um namorado e começar com outro. Lembrou-se de Lewis Proctor do dia anterior no refeitório. Não gostara do seu jeito. Ele era um representante típico de tantos garotos que se exibiam pelo colégio com tênis e roupas esporte impecáveis. Ela os via nas salas olhando para si mesmos, para a forma de seus jeans, o comprimento das camisetas ou o caimento de uma jaqueta. Eles cheiravam a perfume, creme e menta. Eram intercambiáveis, e Rose sentia nojo da atenção que davam a si mesmos. De repente, ela pensou em Joshua, seu cabelo bagunçado e nas contas em volta do pescoço dele. Havia alguma coisa suave em Joshua que

fazia com que ela quisesse tocá-lo. Lewis Proctor, por outro lado, parecia duro e anguloso.

Ela gostava de Emma. Essa garota pegajosa, que em princípio parecia um cachorrinho triste andando pelo colégio atrás de Ricky Harris, tinha também um lado secretamente profundo. Ela era franca e persuasiva. Tinha um tipo de honestidade de que Rose gostava. Isso a fez pensar, estranhamente, em Rachel Bliss, sua amiga na Mary Linton. Honestidade não era algo que preocupava Rachel.

– Oi! – chamou uma voz.

Ela olhou em volta e viu um jovem com um rosto familiar.

– Oi, sou eu, Henry. O policial da semana passada.

Ela o reconheceu. O policial com a bicicleta que tinha conseguido uma viatura e levado Rose da estação para casa na terça anterior. Ela sorriu e se virou para continuar a andar.

– Espere! – gritou ele.

Ela parou e esperou até ele alcançá-la.

– O que você está fazendo? – perguntou ele.

O policial usava jeans e moletom. Ele parecia diferente, casual.

– Não posso parar agora. Estou indo para um lugar. Encontrar uma amiga.

– Onde? – indagou ele.

Ela hesitou. Não queria dizer *no cemitério.*

– Parkway East.

– Estou indo nessa direção. Acompanho você.

Ela hesitou. Seria claramente rude recusar, então continuou caminhando com Henry, o policial, ao seu lado.

– Como está se sentindo? Desde a semana passada? – perguntou ele.

– Estou bem – disse ela.

– Presenciar uma cena de crime pode ser um choque terrível. Algumas vezes, a ficha pode cair mais tarde, dias ou semanas depois.

– Tenho andado bem – disse ela sinceramente. – Alguma novidade

sobre o caso?

Ele riu. Um grupo de garotos estava andando em sua direção. Eles abriram espaço para que Rose e Henry pudessem passar.

– O que foi? – perguntou ela.

– Você falou como alguém em um seriado policial.

Ele estava debochando dela. Rose ficou irritada na mesma hora. Teve vontade de acelerar o passo e deixá-lo para trás.

– Na verdade, os detetives descobriram mesmo um fato interessante – disse ele, olhando de lado para ela. Vai sair amanhã em um comunicado à imprensa, então não estou entregando nada.

Ela desacelerou um pouco, esticando o pescoço para ouvi-lo.

– Ricky Harris foi morto com sua própria faca.

– O quê?

– A faca que atingiu Ricky Harris pertencia a ele mesmo – disse Henry.

– Não entendo.

– Existem duas possibilidades – disse Henry. – Ou a pessoa conhecia Ricky, sabia que ele carregava uma faca e onde ela estava...

Rose não pôde deixar de pensar em Lewis Proctor.

– Ou – prosseguiu Henry – o assassino era um estranho que entrou em uma discussão com Ricky e foi ele quem puxou a faca. Em outras palavras, Ricky foi o agressor e a outra pessoa tomou a faca dele...

– Então pode ter sido legítima defesa?

– É uma possibilidade. Temos outras linhas de investigação.

– Agora quem é que está falando como alguém de um seriado policial? – indagou Rose.

– Rose – disse ele –, permita-me falar como um polical. É o que sou.

Rose fez *tsc, tsc* e olhou para o relógio. Eram 17h48.

– Sabe, preciso correr. Prometi encontrar alguém e vou chegar atrasada – disse ela.

– Posso andar mais rápido.

– Não, sério. Obrigada por sua ajuda naquela noite, mas preciso ir.

– Rose!

Ela se virou e o viu correndo em sua direção. Rose expirou, irritada.

– O quê? – disse ela, de mau humor.

– Você gostaria de ir ao Sundown Club?

– O quê?

– É um clube para adolescentes que administro. Fica em um centro comunitário na rua em frente ao colégio. É um lugar para se conhecer outras pessoas de sua idade, tocar música, jogar pingue-pongue, xadrez.

– Por que eu iria querer aparecer lá? – perguntou Rose, surpresa. – Conheço várias pessoas da minha idade. No colégio.

– É um lugar para se ir à noite...

– Não preciso de nenhum lugar para ir à noite.

– Achei que, como você mora longe do colégio, sozinha, com sua avó, poderia fazer amigos...

– Você acha que não tenho amigos? É claro que tenho amigos.

– É só que...

– Posso fazer meus próprios amigos, muito obrigada! Sinto muito. Preciso mesmo correr agora!

Sem dizer mais uma palavra, ela saiu correndo pela High Street.

Mais à frente ficava a estação Parkway East e, depois dela, o cemitério. Ela agora sabia que se chamava Cemitério St. Michael. Assim que Emma foi embora, ela havia procurado na internet. Ele se estendia por cerca de dez hectares e estava aberto desde 1868.

Ela olhou para o telefone e viu que tinha acabado de dar seis horas. Resmungou pelo seu atraso. Foi até a Parkway East e teve de desviar de um táxi que tinha parado para deixar alguém. Ela podia ver mais adiante os portões do cemitério, mas não havia ninguém lá na frente. O mais provável é que Emma, achando que ela não apareceria, tivesse entrado. Estava chateada. Não queria que Emma achasse que ela a desapontara. Acelerou o passo. Quando chegou aos portões, recuou para que um carro

funerário passasse. O grande carro preto passou lentamente pelos portões de ferro trabalhados já sem passageiro.

Ela entrou no cemitério.

Era imenso. Seus olhos passaram por uma panóplia de lápides, cruzes e mausoléus. Do trem ela só vira uma parte dele. Ali, ela estava de frente para fileiras e fileiras de lápides de mármore e túmulos de tijolos e ferro trabalhado. Havia anjos de pedra e estátuas de monges e santos, suas cabeças curvadas em oração. Por entre os tons de cinza e preto, havia salpicos brilhantes de cor onde flores e coroas quebravam as linhas e ângulos das sepulturas.

Mesmo já sendo seis horas, aquela noite de outono parecia estival.

No entanto, o céu estava escurecendo e grupos de pessoas voltavam para o portão. Ela olhou para a portaria e viu uma placa que dizia *Portões Fechados às 18h30*. Embaixo, na parede de tijolos, alguém tinha escrito em grafite: *HORA MORTA*.

Ela se perguntou onde Emma estava. Lembrou que ela havia falado sobre um jardim de rosas cercado e viu uma parede alta de tijolos à direita, no final de um caminho sinuoso. Começou a andar naquela direção. Um carro funerário vinha de trás de lá, avançando lentamente. Ela passou por algumas pessoas de luto ao lado de um túmulo. Seus rostos pálidos e roupas pretas a fizeram desviar o olhar. Queria saber por que diabos Emma e Lewis se encontravam lá. Podia ser um espaço aberto, mas a ideia de pessoas se divertindo sobre sepulturas não a atraía.

Então, viu Lewis Proctor.

Ele estava saindo de um arco na parede de tijolos.

Será que ela estava atrasada demais? Eram só seis e cinco. Será que Lewis tinha dito o que queria em tão pouco tempo? Ela caminhou até lá. O rosto dele estava pálido. Ela não esperava que ele a reconhecesse, mas não parecia que ele pudesse reconhecer qualquer um. Na verdade, ele parecia atordoado, os passos, vacilantes.

– Você está bem? – perguntou ela, aproximando-se.

Ele não respondeu. Abaixou a cabeça e passou por ela, saindo dali apressado. Rose o observou por um instante e, então, passou sob o arco e entrou num jardim oblongo. À sua frente havia rosas, centenas, milhares delas: amarelas, cor-de-rosa e laranja. Ela olhou por cima e através delas: para ver se encontrava Emma. Havia um caminho em volta do lado de fora do jardim com alguns bancos espalhados. Ela andou até a primeira curva e olhou ao longo da parede lateral. Os bancos estavam vazios e seus olhos correram a área de um lado para outro até avistarem algo roxo de relance. Estava no canto mais distante do jardim de rosas e ela deu a volta para chegar no local.

– Emma! – chamou.

O roxo berrante da blusa de Emma se destacava entre os florais suaves. Um borrão de cor forte, contrastando com as pétalas que se balançavam e os tons delicados das rosas.

– Desculpe, estou atrasada – disse ela. – Fiquei presa.

Ao dobrar a esquina, ela parou. Emma não estava em um banco, mas no chão, perto de um arco, uma saída dos fundos do jardim de rosas. Estava deitada sobre seu peito, o rosto virado para o lado, o braço esticado. Um sentimento de medo tomou conta de Rose. Por um segundo ela se viu de volta à passarela na Parkway East olhando para o corpo de Ricky Harris. Naquela ocasião ela congelara ao vê-lo. Agora, correu em direção à forma caída. Quando chegou, agachou-se.

– Emma – sussurrou.

A garota estava completamente imóvel, a blusa roxa esticada de maneira justa sobre as costas. Rose pôde ver a alça do sutiã dela, sua escápula e a corrente no pescoço. O brinco de argola estava caído sobre o rosto imóvel. Rose esticou os dedos para tocá-lo. Então, olhou em volta, sem esperança. Parecia ser mais tarde e mais escuro no jardim de rosas, como se fosse uma hora diferente de momentos antes.

Ela ouviu alguma coisa.

O silêncio era pesado e, ainda assim, ela achou que havia alguém ali. Um

farfalhar de folhas, uma respiração, um passo. Ela olhou em volta lentamente, mas tudo o que viu foram as sombras da parede de tijolos e as rosas, com cores um pouco mais escuras agora, sombrias em seu florescer. A distância, ela ouviu o barulho de um trem passando em seu caminho para algum lugar.

Ela colocou a mão no chão ao lado de Emma. Parecia úmido.

O sangue estava quente e corria pelo caminho de pedras.

Rose se levantou, a mão manchada. Sua boca se abriu e sentiu uma pontada de náusea. Andou para trás, afastando-se da garota; um passo, depois outro, depois mais um. Ela se virou e correu pelo caminho, dobrando a esquina, passando pelos bancos, até chegar sob o arco e sair de volta no cemitério. Parou por um instante, ofuscada pela luz. Viu o carro funerário ainda em seu caminho em direção ao portão e correu atrás dele. O motorista olhou rapidamente para ela e depois para longe. Ele não tinha nada para buscar ali. Não tinha nenhum interesse nela.

Mas ele pisou no freio quando ela começou a bater em seu para-brisa, deixando manchas escuras de sangue no vidro.



IX

A polícia tinha sido fria e distante. O inspetor Schillings a interrogara, fazendo as mesmas perguntas repetidamente. A princípio, ela estava chocada demais para notar a mudança na atitude deles e a maneira sistemática como lidavam com ela. Na terça anterior, houvera compaixão, chá com açúcar e preocupação com o seu bem-estar. Henry a levara para casa de carro como um parente gentil. Desta vez, tinha sido deixada sozinha em uma sala pelo que pareceram horas. Sua avó foi chamada à delegacia e se sentou ao lado dela enquanto era interrogada:

Por que a falecida a visitou em casa?

Que razão Emma Burke lhe deu para a visita?

Você é amiga de Emma Burke?

Qual é a sua relação com Emma Burke?

Ela havia chorado até seus olhos ficarem doloridos. Não de pesar, mas pelo choque e pela tristeza. Não conhecera Emma, não de verdade, mas houvera uma fagulha, uma pequena ligação entre as duas. Emma tinha procurado por ela em busca de ajuda e Rose, relutantemente, concordara.

Quando o inspetor Schillings continuou a repetir as perguntas, ela começou a se sentir irritada:

Por que você tinha o sangue de Emma Burke em sua mão?

Há alguma razão para o sangue da falecida estar em seus dedos?

Por que havia sangue de Emma Burke no para-brisa de um carro funerário no cemitério St. Michael?

Rose lhe contara que Lewis Proctor tinha passado por ela, que ele estivera no jardim de rosas com Emma, mas o inspetor não reagiu da maneira como ela esperava. Não dera ordens para prender Lewis Proctor. Ficara apenas olhando para ela, sem se impressionar com suas respostas. E, de repente, ela entendera. O inspetor Schillings achava que *Rose* tinha alguma coisa a ver com o assassinato. Quando percebeu, ela se sentiu

zonza.

Sua avó deu um basta nas perguntas. Ficou de pé e vestiu o casaco, levando algum tempo para enrolar uma echarpe de seda no pescoço.

– Já chega disso – disse ela. – Minha neta passou por um choque terrível. Ela precisa se recuperar. Se quiser interrogá-la de novo, deve combinar comigo e eu a trarei. Você também vai precisar me avisar com antecedência para que meu advogado possa estar presente. Vamos, Rose.

O caminho para casa foi feito em silêncio. Rose estava aliviada por estar fora da delegacia, afastando-se do policial e de suas perguntas. Olhou para o rosto de Anna. A avó olhava diretamente para a frente, o queixo firme, a raiva ainda aparente. Rose estava feliz por ela ter aparecido. Estava mais do que feliz.

As ruas estavam movimentadas, com pessoas saindo para passear. Passava um pouco das dez. Paradas no sinal vermelho, Rose observou um grupo de jovens atravessarem a rua, falando, rindo e brincando a caminho de um pub, clube ou festa.

Rose estava cansada. Queria ir para a cama. Queria fechar os olhos e tirar aquilo tudo da cabeça. Assim que entraram em casa, seguiu em direção à escada, mas a avó quebrou o silêncio com suas palavras. O rosto dela parecia impassível.

– Passar um tempo na delegacia não é algo que eu desejasse fazer.

– Também não queria... – começou Rose.

– Semana passada, recebi uma ligação da polícia dizendo que você estava envolvida em um assassinato, e agora isso! Pelo amor de Deus. Podia ter acontecido alguma coisa com você!

– Eu não estava *envolvida*. Fui testemunha.

– Nas duas vezes teve a ver com esse colégio onde você estuda.

– Duas pessoas morreram. Não é culpa minha.

Sua avó desabotoou o casaco e o deixou cair dos ombros. Ela o dobrou sobre o pilar da escada e se virou. Rose olhou para o casaco pendurado precariamente em um lugar onde os casacos nunca ficavam. Os saltos de

seus sapatos se arrastavam no piso de parquê. Ela estava irritada. Já a vira daquele jeito antes. Calma e educada na delegacia de polícia, mas fervendo por dentro. Não que Anna alguma vez perdesse a cabeça ou explodisse de raiva. Sua irritação era mais como uma panela borbulhando no fogão, com a tampa firmemente fechada.

Rose, cansada, mas com raiva, seguiu-a até a cozinha.

– Eu estava tentando ajudar Emma Burke, a garota que veio aqui. É só o que eu estava tentando fazer.

Sua avó deixou a echarpe de seda sobre a bancada da cozinha e se reclinou contra um armário. Ainda estava impecavelmente vestida, como sempre. Sem dúvida, tinha se arrumado para sair à noite. Usava um casaco bege, calça e botas. Em volta da cintura havia um cinto trançado de couro. A avó tinha vários cintos de couro pendurados em um cabide em seu closet.

Rose ficou parada sem jeito no meio do cômodo.

– Mandei você para um internato muito caro. Não me importei. Você é filha de Katherine e minha neta, e tenho obrigação de cuidar de você. Ano passado, quando você estava chateada e disse que queria sair do colégio, me ofereci para mandá-la para outro. Consegui folhetos e agendei algumas visitas. Você não quis isso. Queria voltar para cá, para esta casa.

Rose ouvia. As palavras de Anna saíam em um tom como se ela estivesse recitando alguma coisa que já soubesse de cor. A mensagem era clara. *Voltar para esta casa.* Anna nunca diria *vir para seu lar, para casa*, porque aquele lugar nunca fora oferecido a Rose como um *lar.*

– Então sugeri um colégio particular superselecionado do qual eu ouvira falar em Hampstead Heath, a uma curta distância de carro. Você não quis. Eu tinha sérios receios quanto a permitir que frequentasse o colégio público, mas você insistiu e tive de deixar que seguisse seu próprio caminho. Agora vejo que todos os meus medos foram confirmados e que você se envolveu com um grupo de amigos criminosos.

– Não é verdade! – disse Rose, a voz falhando. – Não há nenhum *grupo*

criminoso. Essas pessoas são apenas alunos de colégio. Tive azar de estar na estação quando um garoto foi morto. Agora, a namorada dele foi esfaqueada depois de vir me ver. É claro que estou envolvida de alguma maneira. Mas não tenho culpa.

– Estou irritada com essa situação. Se tivesse seguido meu conselho, você não estaria nesse colégio!

– Eu queria ir para lá porque era o tipo de lugar que eu frequentava quando... quando eu morava com minha mãe.

A avó olhou para ela, a testa retesada.

– Eu frequentava uma escola pública. Eu me misturava com crianças normais. Tinha vários amigos e era feliz. Queria estar em um lugar que fosse daquele jeito de novo.

– Mas você não tinha amigas na Mary Linton?

Rose assentiu.

– Não entendo.

– Eu tinha amigas, mas nunca me senti como se pertencesse àquele lugar. Queria voltar... ao que era antes, à maneira como eu era na escola quando... quando eu morava com minha mãe, Brendan e Josh.

– Não quero falar sobre Brendan Johnson e seu filho.

– Eles eram minha *família*. Quando perdi minha mãe, eu os perdi também! Perdi tudo!

Sua avó apertava firmemente os lábios como se quisesse se impedir de falar. Suas mãos estavam fechadas em punhos delicados e ela parecia estar presa a um pensamento que não podia ou não queria dizer. Ela olhou para a porta e passou a impressão de estar prestes a sair do cômodo. Rose estava preparada para isso. Toda briga que tinha com Anna sempre terminava quando a avó achava que já tinha sido dito o suficiente.

Mas, estranhamente, ela não saiu. As mãos dela relaxaram e sua voz suavizou. Rose foi pega de surpresa.

– Entendo que você tenha saudade desses dias. Ir para uma escola

particular ou um colégio não fará isso. O que você quer é sua mãe, e não pode tê-la. Não importa para que colégio vá. Ela se foi.

Rose deu um passo em direção à mesa e se apoiou nela. Sentiu sua raiva se esvair e ser substituída por uma grande tristeza. Sua avó continuou falando:

– Estou tentando fazer o que é melhor para você, Rose. Você vir para cá provocou enorme mudança na minha vida.

– Eu sei. E sou grata.

– Você acha que quero vê-la numa delegacia de polícia? Minha neta? Em apuros?

A avó olhava para ela. A mão dela estava no pescoço, mexendo na corrente. Rose se viu olhando nos olhos dela, profundos e escuros. Por um segundo pensou em estender a mão e tocá-la, colocar os dedos na manga de seu casaco. Quase fez isso, mas sua avó continuou falando, a voz um pouco mais aguda:

– Aquele colégio não é um bom lugar e receio que desperdice a educação que lhe dei. Foi exatamente isso que aconteceu com Katherine. Exatamente. Jogou fora tudo o que dei a ela e insistiu em seguir à sua própria maneira. Só queria impedi-la de cometer os mesmos erros.

Rose voltou a ficar irritada. Como uma conversa sobre Emma Burke ter sido esfaqueada havia se transformado em uma oportunidade para Anna criticar sua mãe?

– Não vou sair do colégio. Esses crimes não têm nada a ver comigo. Só estava tentando ajudar alguém. Preferiria que você não criticasse minha mãe. Você não tem o direito de fazer isso.

A expressão de Anna se endureceu.

– Tenho todo o direito. Ela era minha filha. Tentei fazer o melhor por sua mãe, e ela me desapontou. Ela deixou bem claro que não aprovava meu estilo de vida e seguiu seu próprio caminho. E o que aconteceu com ela? Uma filha e uma série de companheiros inadequados. Tornou-se uma policial. Um trabalho que qualquer tolo pode fazer. Tudo o que fiz por ela

foi desperdiçado.

Rose cruzou os braços com raiva. Achava melhor não falar nada.

A avó diminuiu o tom de voz:

– Saiu furiosa daqui um dia e nunca mais nos falamos. Você não a vê há cinco anos. Não a vejo há muito mais tempo.

Rose hesitou. Andou em direção à avó.

– Anna... – começou.

– Não desperdice sua educação – disse a avó, interrompendo as palavras de Rose. – Você poderia ir para Oxford em dois anos com as notas que vem tirando. Não jogue isso fora como fez sua mãe. É só o que peço.

– Não vou mais falar sobre minha mãe – disse Rose, com firmeza, virando-se, mantendo a voz baixa e tentando ficar calma.

– Espere – disse a avó.

Mas Rose já estava andando pelo corredor. Ela subiu rapidamente a escada.

– E não pense que não vi a tatuagem pavorosa em seu braço. Não pense que não notei!

Rose não parou. Subiu para o quarto e bateu a porta. Não havia fechadura, então apoiou-se firmemente contra ela. Não sabia se Anna subiria, mas ficou lá de qualquer jeito, de costas para a porta, para a casa, para a avó. Seus olhos estavam quentes e secos. Não iria chorar. Não iria.

Bem mais tarde, na cama, deixou a lâmpada ligada e permaneceu deitada no silêncio do quarto. Eram quinze para meia-noite e achava que não conseguiria dormir. Tirou o braço de debaixo do edredom e deu uma olhada na tatuagem. A vermelhidão e o inchaço estavam diminuindo, o azul da Morpho se acentuando.

O que Anna teria dito se tivesse visto a tatuagem da filha?

Rose pensou na primeira vez que a vira. Era uma pequena borboleta no alto do braço dela, apenas um contorno na verdade, quase sem cor. Rose apontara para ela, espantada. Foi quando Brendan e Joshua viviam com elas. Eles tinham ido a um jogo de futebol e Rose e sua mãe estavam se

preparando para sair e encontrar com eles depois. Tinha entrado no banheiro enquanto sua mãe se secava. Olhou para a tatuagem, surpresa. *Ah, isso! Um momento de loucura*, dissera sua mãe brincando, abraçando-a delicadamente.

Rose se lembrava dos abraços da mãe, como tinham cheiro de perfume e xampu e aipo e manjericão e lustra-móveis e uma centena de outros cheiros que se prendiam a ela e viviam na lembrança de Rose.

Agora, Rose estava completamente sozinha no mundo. Tinha amigos distantes e tinha Josh, mas, quando realmente importava, estava sozinha. Sua mãe, Katherine Smith, se fora.

Ela pensou em *Smith*, o sobrenome que sua mãe escolhera. Quando Rose passou a morar com a avó, ela havia sugerido que Rose mudasse seu sobrenome de volta para Christie, mas Rose não quis. *Smith!*, debochara Anna. *Que nome mais sem propósito. Ela poderia muito bem ter escolhido se chamar Katherine X!* Mas Rose gostava de Smith. Era importante para ela manter o sobrenome.

Aqueles tinham sido os dias nos quais ela havia tentado se distanciar de Anna. Não se permitia pensar nela como "vovó". Era uma mulher com quem Rose tinha de morar. "Avó" implicava uma relação familiar, mas ela não tinha nenhuma relação com aquela mulher dura e distante. Chamava-a de Anna e pensava nela como Anna.

Essa *Anna* tinha pouco a ver com Rose e sua verdadeira *mãe*.

Ela afundou o rosto no travesseiro e tentou imaginar a mãe, mas era apenas uma imagem fugaz. Tinha uma pilha de fotografias que podia olhar, e com frequência olhava, mas quando *pensava* na mãe, lembrava-se dela *fazendo* coisas: lendo, falando, cozinhando, dirigindo. As coisas do dia a dia que aconteciam regularmente, como limpar os óculos dela, usando um spray especial e um pano para que ficassem bem limpos. E não havia apenas um par de óculos. Tinha óculos para sair, para dirigir; tinha óculos que costumava usar enquanto trabalhava no computador. Tinha até um

par de óculos meia-lua especiais para quando estava fazendo anotações em seus arquivos de trabalho. Rose a observava ler e escrever páginas de anotações e, então, assinar seu nome na parte de baixo, *Katherine Smith*. O K era enorme e tinha um floreio na base. Rose tentara copiá-lo, mas não conseguira. Tinha páginas de um caderninho cheias de Ks e Rs desenhados, mas nenhum chegava perto da letra cursiva de sua mãe.

Quando a mãe desapareceu, Rose gastou algum tempo juntando todos esses óculos. Ela os arrumou na escrivaninha da mãe. Alguns dos estojos estavam amassados e gastos. Quando Rose e Joshua foram encaminhados para um lar provisório, ela os deixara lá para quando a mãe voltasse. Mas ela nunca voltara, e Rose não tinha certeza do que acontecera com eles. Anos depois, Anna lhe contara que havia contratado uma empresa para esvaziar a casa para ela. A maioria das coisas tinha sido vendida, mas Anna reunira tudo o que era de Rose e levara para casa, junto com fotografias de família e alguns bens de sua mãe. As coisas de Joshua e Brendan tinham sido enviadas para Newcastle.

Não havia nenhum par de óculos.

Rose deixou os olhos fecharem. Não havia lágrimas, apenas uma sensação de vazio em seu peito. A polícia tinha tentado explicar. Sua mãe e Brendan Johnson, ambos policiais, tinham sido transferidos para uma unidade que trabalhava com casos antigos. Fora lá que eles haviam se conhecido. O inspetor de polícia que conversara com ela disse que o mais provável é que sua mãe e Brendan Johnson tivessem sido mortos por causa da participação em uma dessas investigações. Meses depois do desaparecimento, ele a visitara. Suas palavras tinham sido gentis, porém firmes: *Gostaria de poder lhe contar algo diferente, mas estou convencido de que Katherine Smith e Brendan Johnson foram alvos de criminosos profissionais. Foi um trabalho bem-feito e duvido muito que algum sinal deles possa ser descoberto um dia.*

Ela pensou em Emma Burke. Morta, Emma deixaria rastros. A investigação examinaria com atenção o corpo de Emma, suas roupas, o

caminho, o jardim de rosas. Procurariam pistas; fibras, pele, cabelo, sangue, saliva. O corpo do assassino o trairia, diria à polícia o que queriam saber e eles solucionariam o crime.

Mas, no caso de sua mãe, nunca resolveriam o...

Ela balançou a cabeça. Ela nunca diria ou até mesmo pensaria na palavra.

Mas a palavra ficava em seu coração, uma farpa que não seria removida, que se enterrava mais fundo e lhe causava uma dor aguda e profunda. *Assassinato*.



X

Alguém bateu na porta. Rose abriu os olhos. Seu quarto estava escuro porque as cortinas estavam fechadas. Uma luz meio cinza aparecia nas beiradas. Ela se virou para o relógio da mesa de cabeceira e viu que eram 8h07. Havia dormido por quase oito horas.

Bateram de novo. Então a porta se abriu um pouco.

– Rose? – chamou a avó.

Rose se virou de costas para a porta e olhou para o canto do quarto.

– Você está acordada, Rose?

Rose fez um som na garganta. Não se virou para olhar Anna. Sentiu que a porta se abriu mais e imaginou que ela havia entrado no quarto. Apenas passado da porta. Anna nunca entrava mais do que isso em seu quarto quando estava lá.

– Rose, algumas coisas desagradáveis foram ditas ontem à noite e eu queria me desculpar. Entendo que nada do que aconteceu foi sua culpa e...

Anna continuou a falar, mas Rose não estava realmente escutando. Anna sempre queria *se desculpar* depois de uma briga. Era algo que ela fazia, apenas uma maneira de falar. Era educado e colocava Anna de volta do lado certo da discussão, mas ela nunca havia usado uma vez sequer as palavras *Sinto muito*.

– ... então, lembre-se da minha oferta para transferi-la para o colégio em Hampstead Heath, mas entenderei se quiser ficar onde está por enquanto.

A porta se fechou e Rose esperou até que a porta de fora do seu escritório também se fechasse, e então se sentou. Era isso. Quando descesse, mais tarde, Anna agiria como se nada tivesse acontecido.

Mas coisas tinham sido ditas que não podiam ser apagadas.

Ela continuou deitada pelo que pareceu um longo tempo. Então, por fim, levantou-se e tomou banho. Em seguida, foi até o armário e pegou um jeans preto limpo e uma blusa branca. Tirou de lá seus DMs e procurou um par

de meias. Quando estava vestida, olhou-se no espelho. Viu uma garota pálida com cabelo na altura do queixo. Seus olhos eram grandes e escuros e a faziam parecer mais nova do que era. Puxou o cabelo para trás e o prendeu atrás das orelhas. Ainda parecia nova, do nono ano ou décimo, talvez, não uma garota de dezessete anos.

Sua blusa era folgada, a calça jeans era do tipo *skinny* e as botas faziam seus pés parecerem enormes. Ela deu uma olhada no armário. Tinha uma fileira de cabides com jeans ou outros tipos de calça pretos e várias blusas brancas ou pretas. Anna não gostava da maneira como ela se vestia, mas Rose não ligava. No colégio Mary Linton os papos eram sempre sobre o que você vestia, com quem você se parecia, quem tinha a melhor aparência, quem usava as roupas mais caras. Rose se sentia completamente perdida entre as garotas de lá, sem nunca saber como devia se vestir. Assim que chegou em casa, ela se livrou de todas as cores: saias estúpidas, túnicas, leggings, camisetas, vestidos. Levou tudo para a instituição de caridade local e comprou para ela algumas peças monocromáticas. Ela, cujo próprio nome sugeria uma variedade de tons suaves de rosa, preferia usar preto e branco.

À noite, Joshua veio. Ela recebeu uma mensagem dizendo que ele estava na travessa no fundo dos jardins. Anna estava fora, visitando um amigo, então Rose desceu e abriu o portão. Ele lhe deu um abraço.

– Pobre Rosie! – disse ele.

Ela o levou para o estúdio. Anna não devia chegar antes das onze horas, então estava tranquila. Josh se sentou no sofá e ela puxou a grande almofada e se sentou no chão. O aquecedor elétrico estava ligado há umas duas horas, o estúdio estava quente. Ela já havia contado a Josh sobre os acontecimentos da noite anterior em um e-mail.

– Se eu tivesse chegado lá mais cedo... – disse ela. – Se estivesse *com* Emma.

– Poderia não ter feito nenhuma diferença – disse ele. – *Você* podia ter se ferido.

– A polícia acha que eu tive alguma coisa a ver com isso! – disse ela.

– Você está brincando!

Ela contou sobre o interrogatório pelo qual passara e como o inspetor a pressionara para responder de uma certa maneira.

– Eles querem vê-la novamente?

Ela deu de ombros.

– A única coisa que não contei a eles foi sobre a sensação que tive quando estava no jardim de rosas. Era como se houvesse alguém lá. Olhei em volta e não vi ninguém, mas tinha essa certeza de que havia alguém.

– Uma *sensação*? Que tipo de sensação foi essa? – perguntou Joshua, olhando para ela com interesse.

– Eu não sei. Não sei explicar. – Rose estava irritada consigo mesma por não conseguir ser mais específica.

– Alguém podia estar se escondendo?

– Não conheço bem o lugar. Fiquei lá por dois, três minutos, cinco no máximo. Estava concentrada em Emma.

Ela parou de falar porque a lembrança estava fazendo com que sentisse vontade de chorar. Joshua devia ter notado porque estendeu a mão e pegou a dela.

– Sinto muito pelo nosso passeio pela Millennium Bridge – disse ela, recompondo-se e tentando mudar de assunto.

– Sem problema. Podemos ir outro dia. Você vai ao colégio amanhã?

– Não por alguns dias. Não tenho como encarar as pessoas. Primeiro, Ricky Harris, agora, isso. É como se eu tivesse algum tipo de maldição...

Joshua parecia pensativo. Depois de algum tempo, falou:

– Você acredita em alguma dessas coisas? Fenômenos sobrenaturais?

– Não – disse ela, balançando a cabeça. – Você acredita?

– Não tenho certeza.

Ela se sentiu estranha por um momento, como se Joshua quisesse dizer mais alguma coisa. Em vez disso, ele ficou mexendo com as contas em volta de seu pescoço. Ela mudou de assunto:

– Vamos ver a ponte na quarta.

– OK. Venha ao meu apartamento, a gente almoça e vai. Vou lhe contar tudo sobre os diferentes tipos de ponte suspensa. Vai ser incrivelmente interessante.

– Contanto que eu possa lhe falar sobre a poesia de T. S. Eliot. Em um trecho de uma delas ele atravessa a Ponte de Londres.

Joshua levantou as mãos.

– É uma troca injusta.

– OK. Vou lhe falar sobre um romance que estou estudando e você me fala sobre as pontes.

– Está bem. Um *romance* eu aguento. Quarta. No meu apartamento, ao meio-dia.

Joshua foi embora logo depois, apertando a mão dela enquanto saía pelo portão. Ela ficou olhando enquanto ele andava pela travessa e acenava para trás. Rose ficou lá até ele dobrar a esquina e então voltou para o jardim, sentindo-se mais radiante, mais feliz.

Na segunda-feira esperou que a polícia ligasse e a chamasse para depor novamente, mas ninguém ligou. Logo após o almoço ela abriu a porta da frente e encontrou Henry Thompson parado, de uniforme, o capacete de ciclismo na mão, a bicicleta apoiada na varanda. Rose olhou para baixo e viu os prendedores de calça para ciclistas.

Sua avó apareceu no hall. Henry falou formalmente:

– Policial Henry Thompson, sra. Christie. Vim trazer algumas informações para a senhora e sua neta sobre os acontecimentos de sábado à noite.

A avó o conduziu para dentro de casa e insistiu para que ele entrasse na sala de visitas. Rose o seguiu. Ele falava em voz baixa enquanto caminhava:

– Rose, gostaria de ter estado a serviço no sábado à noite, mas, como sabe, eu estava de folga. Quando recebi uma ligação dos detetives ontem à

noite, não pude acreditar. É claro que disse a eles que a vi um pouco antes...

– Sente-se, por favor – disse a avó.

Ele se sentou em uma das cadeiras de espaldar alto parecendo um pouco sem jeito. Colocou o capacete no carpete, depois pegou-o novamente. Bebia de uma garrafa de água que trazia na mão.

– Quer que eu pegue um copo para você beber isso? – perguntou a avó, franzindo as sobrancelhas. – Ou um pouco de chá? Chá-verde? Earl Grey?

– Não, obrigado. Vou direto ao assunto.

A avó se sentou e Rose se empoleirou na beirada do sofá. Ela pegou uma almofada de cetim com apliques de flores. Seus dedos brincavam com as pétalas enquanto Henry falava:

– Estou aqui para me desculpar com a senhora e com Rose pela maneira enérgica como ela foi interrogada no sábado à noite. Sentimos muito por qualquer transtorno que isso possa ter causado. Uma investigação de assassinato é prioridade máxima e, às vezes, as pessoas são tratadas de maneira insensível. Rose devia estar em choque e angustiada, principalmente depois do que havia passado alguns dias antes. Não foi nossa intenção sugerir que Rose tenha sido responsável. Estamos apenas tentando descobrir o maior número de coisas que pudermos, o mais rapidamente possível.

– Pois para mim pareceu que vocês tinham concluído que Rose era culpada – disse a avó.

Henry balançou a cabeça, mas ela prosseguiu:

– Todo esse assunto desagradável está nas mãos do meu advogado.

– Sra. Christie, a senhora tem todo o direito de apresentar uma queixa, mas gostaria de lhe pedir que pensasse uma coisa. Sua neta estava transtornada e provavelmente traumatizada, mas agora ela está aqui com a senhora. Há uma família em Chalk Farm Estate que nunca terá a filha deles de volta.

Ele se levantou.

A avó assentiu formalmente e Rose olhou para ele com admiração. Não havia muitas pessoas que conseguiam silenciar Anna. Ela se levantou e o seguiu saindo da sala.

Quando Henry foi embora, Rose saiu atrás dele e de repente se sentiu estranha. Lembrou-se de quando ele lhe chamara para ir a um clube para adolescentes que administrava. Ela não conseguia se lembrar do nome do lugar, mas esperava que ele não a convidasse novamente.

– O que aconteceu com Emma? – perguntou ela, indo direto ao ponto. – Você precisa me dizer. O que a polícia descobriu? O que está acontecendo?

– É confidencial – disse ele, desviando o olhar e prendendo o capacete bem devagar.

– Por favor, eu estava lá. Estou tentando entender alguma coisa.

Ele olhou para ela por alguns instantes e então pegou a bicicleta que estava apoiada na parede.

– Venha comigo – disse ele. – Independente do que eu disser, que fique só entre nós, OK?

– Claro – disse ela, e começou a andar ao lado dele pela calçada, enquanto o policial empurrava a bicicleta pelo guidão.

– Os detetives estão examinando o sistema de circuito interno.

Rose se sentiu desconfortável ao ouvir falar nas câmeras do circuito interno e se lembrar de Skeggsie acessando-as ilegalmente na semana anterior.

– Há três câmeras no cemitério; uma no portão, uma no centro e uma na pequena entrada de serviço na ala leste. A câmera da entrada mostrou que Emma Burke passou pelo portão logo depois das 5h40.

Rose tensionou o maxilar. Vinte para as seis. Mas eram dez minutos antes do que tinham combinado de se encontrar. Por que Emma tinha entrado no cemitério mais cedo?

– Às seis, Lewis Proctor entrou. Seis minutos depois, você entrou. Às 6h15, Lewis Proctor saiu apressado. Há câmeras ao longo da Cuttings Lane, mas não mostram nenhum movimento de 5h40, quando Emma

Burke entrou no cemitério, até depois de a polícia chegar.

– Cuttings Lane?

– É um caminho que passa entre o cemitério e a linha férrea. Leva até a passarela em Chalk Farm Estate.

Rose não conhecia.

– Estavam acontecendo alguns roubos na Cuttings Lane, então instalaram um sistema de circuito interno. Há também uma câmera na passarela que, estranhamente, mostrou uma pessoa correndo por ela às 6h20.

– Por que estranhamente?

– Porque não havia nenhum sinal dessa pessoa na Cuttings Lane. Meu palpite é que essa pessoa saiu do cemitério. O perímetro é imenso e sua maior parte é composta de cercas vivas com poucas partes feitas de tijolos em alguns lugares. É completamente possível que alguém possa entrar e sair de alguma outra forma que não seja pelos portões. Sabemos que alguns jovens entram sem motivo no cemitério. Isso não significa que a pessoa na passarela tenha alguma coisa a ver com o assassinato, mas, ainda assim, temos de investigar – disse ele.

Eles estavam na esquina da estrada principal.

– Você acha que a pessoa que matou Emma também matou Ricky?

– Não sabemos.

– E quanto a Lewis Proctor? O que ele diz?

– Ele não foi para casa desde o que aconteceu.

– Você acha que foi ele? – perguntou Rose, em voz baixa.

– Não sabemos. Ainda estamos procurando a arma. Pode ter sido jogada fora em qualquer lugar do cemitério ou guardada pelo assassino.

Estavam parados na esquina. Nenhum dos dois falou durante um tempo. Por fim, Henry quebrou o silêncio:

– E sobre a outra noite? Quando mencionei o Sundown Club?

Rose congelou.

– Eu provavelmente não o descrevi bem. Nós nos encontramos uma vez por semana, nas quartas à noite. Há música e pingue-pongue. E, algumas vezes, temos palestrantes.

Rose olhou para Henry, consternada. Ela parecia realmente o tipo de garota que iria querer se juntar a um bando de adolescentes desajustados jogando pingue-pongue?

– Sei que essa não é uma boa hora. Com todas essas coisas acontecendo. Só queria que você pensasse nisso. Alguns dos jovens que aparecem por lá dizem que é um lugar bem legal para se estar...

– Henry – disse ela, interrompendo-o.

– Seria bom ter alguém para me dar uma força, sabe. Alguém para me ajudar a cuidar do lugar, escolher atividades, essas coisas. Acho que você seria ótima.

– Henry, pare...

– Sim?

Quando os adultos iriam perceber que assim que eles dizem que alguma coisa é *legal* ela deixa de ser?

– Eu nunca vou querer ir ao seu clube. *Nunca* vai ser uma boa hora.

Ele ficou em silêncio por um minuto, os olhos fixos na estrada.

– Entendido – disse ele. – Obrigado por ser franca sobre isso.

Ela havia magoado os sentimentos dele. Henry já era um adulto, pelo menos tinha um trabalho de adulto, mas, por baixo do uniforme e dos prendedores de calça para ciclistas, parecia jovem. Ele subiu na bicicleta e deu um impulso com o pé para sair da calçada. Ela queria ser capaz de dizer alguma coisa gentil, mas ele saiu sem mais nenhuma palavra. Sentiu-se culpada. Observou-o se juntar ao tráfego na High Street, depois voltou andando em direção à casa da avó.

A polícia ainda estava procurando pela faca.

Ela imaginou vários policiais andando pelo cemitério, caminhando com cuidado entre os túmulos, desviando delicadamente de lápides, contornando mausoléus. Imaginou vários rostos, preocupados,

concentrados. Somente os rostos dos anjos de pedra permaneceriam tranquilos, serenos, seus olhos fitando cegamente em volta. Testemunhas silenciosas do que havia acontecido.



XI

Rose bateu na porta do apartamento em Camden. Ela deu uma olhada no Alface e Companhia e viu o grande movimento, a fila quase na porta da rua. Estava com fome e pensou no que Joshua teria para eles almoçarem. Ouviu passos do lado de dentro do apartamento e esperou, impaciente, que Josh abrisse a porta. Almoço e um passeio pela Millennium Bridge. Ela estava ansiosa. Aquilo sugeria um tipo de normalidade. Uma tarde fora com seu irmão adotivo. E ficava a quilômetros de distância da estação Parkway East e do cemitério St. Michael.

O som dos ferrolhos sendo puxados interrompeu seus pensamentos. Começou a sorrir quando a porta se abriu, mas acabou franzindo as sobrancelhas. Era Skeggsie.

– Sim? – disse ele.

– Josh me disse para vir – falou ela, dando um rápido sorriso forçado.

– Ele não está. Precisou sair.

– Para onde?

– Não sei.

– Ele não disse nada?

Skeggsie balançou a cabeça. Rose notou então que ele estava segurando a porta em frente ao corpo como se quisesse se proteger. Ela suspirou e olhou em volta.

– Posso entrar e esperar?

Skeggsie pareceu pensar por um momento.

– Imagino que sim.

Ele abriu a porta, ela entrou e subiu a escada. Rose ouviu quando ele trancou a porta e revirou os olhos. Estava parada no alto da escada quando seu celular deu um bipe. Era uma mensagem de Joshua. **Uma aula de última hora. De volta em mais ou menos 15 min. Desculpe.**

Skeggsie chegou ao topo da escada. Estava um pouco ofegante.

– Ele me mandou uma mensagem. Vai chegar logo – disse ela.

Skeggsie expirou por entre os dentes.

– Quer uma bebida? – perguntou ele. – Um chá ou um café?

– OK.

– Está tudo na cozinha. Fique à vontade – disse ele, indicando a cozinha com o polegar e voltando para o quarto.

Rose ficou parada no corredor por um instante. Batia o pé de leve no chão. Skeggsie teria morrido se lhe preparasse uma bebida? Ela foi até a sala de estar. Sentou-se no sofá e pegou o controle remoto do alto de uma pilha de livros na mesa de centro. Ligou a TV e passou um tempo assistindo a um programa. Depois, desligou o aparelho. Havia uma música tocando, de uma banda que ela gostava. Estava vindo do quarto de Skeggsie. Ela se levantou e andou sem rumo pelo corredor. Deu uma espiada no quarto de Joshua e viu o edredom meio em cima, meio para fora da cama. Havia roupas espalhadas e um prato na mesa de cabeceira com uma torrada. Ele, obviamente, tinha se levantado e saído correndo. Olhou de relance para o escritório de Joshua e viu a cadeira dele virada de costas para o computador. Aproximou-se e deu uma olhada na escrivaninha. Havia canetas e post-its, clipes de papel e marcadores de texto. Sentou-se na cadeira e logo viu uma tira de negativos presas à mesa.

Eram fotos de Josh e Brendan tiradas em uma cabine. Nas fotos, Josh estava mais novo do que quando o conhecera, talvez tivesse nove ou dez anos, e Brendan tinha mais cabelo do que ela se lembrava. O rosto dele estava mais magro também.

– O que você está fazendo aqui?

Ela se virou.

– Esperando Josh.

– Não acho que ele gostaria que você ficasse aqui.

– Não seja bobo. Ele não vai ligar.

– São coisas pessoais dele.

– Sou sua irmã adotiva. Ele não vai ligar.

Skeggsie bufou quando ela disse *irmã adotiva*. Ela ficou irritada na hora.

– O que foi? – perguntou ela.

Mas Skeggsie tinha se virado e saído do quarto. Ela colocou a cadeira de volta no lugar e o seguiu.

– O que foi? – perguntou de novo.

Ele entrou no quarto e fechou a porta. Agora ela estava furiosa. Qual era o problema dele? Abriu a porta e entrou. Estava tocando uma música alta, mas Skeggsie desligou e olhou para ela.

– Você tem algum problema comigo? – perguntou ela.

– Não – disse ele, evitando contato visual.

– Ah, tem sim. Alguma coisa a meu respeito o incomoda. O que é? Eu o aborreci?

Ele se virou de volta para o computador, e ela, de repente, pensou em alguma coisa.

– É sobre aquela foto do sistema de circuito interno que você conseguiu? Josh lhe contou como fiquei irritada? Você não tinha nenhum direito de pegar uma foto minha. Nunca lhe pedi isso. Em todo caso, é ilegal. Eu poderia denunciá-lo à polícia. Fora tudo isso, é completamente invasivo meter o nariz na vida de alguém só porque você não consegue se afastar do seu computador...

– Não é a foto – disse Skeggsie.

– Você não pode sair por aí pegando fotos das pessoas na rua ou em estações de trem, não importa...

– Não é isso. Não é a foto.

Ela parou.

– Mas alguma coisa em mim irrita você?

– Estou preocupado com Josh.

– Em que sentido?

– Não preciso lhe dar nenhuma explicação. Você perdeu contato com ele por anos e agora, de repente, está aí por perto. Você diz que é irmã adotiva dele, mas não é verdade. O que você quer com ele?

– O que isso tem a ver com você?

– Ele é meu amigo. Eu me preocupo com ele.

– Sou irmã adotiva dele.

– Acho que não. Sua mãe e o pai dele nunca se casaram.

Ela não respondeu. Era verdade, mas isso não fazia a menor diferença.

– E você nunca entrou em contato com ele durante anos e agora está por perto todo dia...

– Não estou aqui todo dia...

– Você manda e-mails, mensagens de texto. Você quer se impor na vida de Josh de repente. Onde você estava durante todos esses anos em que ele esteve em Newcastle?

Ela ficou perplexa. Aquele completo estranho falava com ela como se tivesse algum direito de julgá-la, como se tivesse o *direito* de criticá-la.

– E quanto a você? – indagou ela, levantando a voz. – Quem é você? Um garoto que Josh salvou de sofrer bullying. Não podia cuidar de si mesmo, então precisou de alguém para fazer isso por você!

A expressão no rosto de Skeggsie se endureceu.

Ela havia falado demais. Ido longe demais. *Rose, Rose*, pensou ela, *pense antes de falar*. Joshua tinha lhe contado aquelas coisas confidencialmente e agora ela havia despejado tudo. De qualquer forma, ela sabia bem o que era ser infeliz na escola. Aqueles dias no colégio Mary Linton, quando Rachel Bliss havia sido sua melhor amiga, foram alguns dos dias mais infelizes que já vivera desde o desaparecimento de sua mãe e Brendan. Como ela podia ter usado a experiência ruim de escola de Skeggsie como uma arma em uma discussão?

– Saia do meu quarto – disse Skeggsie, virando-se de costas para ela.

– Olhe, sinto muito. Não devia ter dito isso, mas você me tratou de forma estranha desde a primeira vez que me viu.

– Quer sair do meu quarto, por favor?

Rose desmoronou. Deu meia-volta como se fosse embora, mas então

voltou, puxou a cadeira livre e se sentou ao lado de Skeggsie.

– Sinto muito mesmo. Josh nunca me falou essas coisas. Foram palavras minhas e não penso isso de você. Acho só que você é muito irritante e rude e, obviamente, não gosta de mim, e a escolha é sua e eu não dou a mínima, mas...

– Isso é para ser um pedido de desculpas? – indagou Skeggsie.

Havia um brilho no olhar dele. Um ar de sorriso no canto dos lábios. Se era prazer genuíno ou algum truque sarcástico Rose não tinha certeza. Ela olhou fixamente para ele por um segundo.

– Imagino que tenha sido bem inteligente invadir o site da rede ferroviária e roubar uma imagem.

– Mais de uma imagem.

– *Duas* imagens.

– E o cemitério – disse Skeggsie.

Ela franziu as sobrancelhas. *O cemitério! Ele não sabia quando parar?*

– Existe mais alguma coisa que você não goste a meu respeito? – perguntou Rose, voltando para o assunto principal. – Podíamos resolver o assunto agora.

– Não é que eu não goste de você. Não a conheço – disse ele. – É só que não quero ver Josh ser magoado. Quando o conheci na escola, ele estava sofrendo muito. Tinha perdido o pai. Você. Ele falava muito sobre isso. Joshua me ajudou, claro, é verdade. Acabei com muito menos ferimentos por causa dele, mas também o ajudei.

Ouviram o som alto de batidas na porta vindo do andar de baixo.

– Josh – disse Rose.

– Eu atendo.

Skeggsie se levantou e saiu do quarto. Rose estava insegura sobre como tinham ficado. Imaginava se ele contaria a Joshua as coisas indelicadas que ela dissera. Ela se levantou para sair e então notou uma coisa estranha no canto do quarto de Skeggsie. Era uma garrafa gigante de vidro e estava cheia de bombinhas de asma. Bombinhas azuis, roxas e vermelhas, em

forma de L, que tinham sido empurradas pelo gargalo da garrafa, caindo de maneira desordenada no fundo.

– Oi, Rose.

Ela ouviu a voz de Josh vindo do alto da escada.

– Oi! – gritou ela.

Ele entrou no quarto de Skeggsie e a encontrou olhando para a garrafa de vidro.

– A instalação de Skeggsie. É uma obra artística. Temos um apartamento cheio dessas bombinhas. Desculpe estar atrasado.

Skeggsie estava na porta.

– O que vocês estavam fazendo? Aproveitaram para se conhecer melhor?

– Sim – disse Rose. – Acho que nos conhecemos um pouco melhor agora.

– Uhum... – disse Skeggsie.

– Trouxe salada, pão e frango. Vamos comer? E você, Skeggsie?

– Eu podia comer um pouco – disse ele.

– Rose?

– Estou faminta.

– Então vamos comer. Nós três – disse Josh.

* * *

Depois do almoço, Rose disse:

– Queria ver as fotos do sistema de circuito interno.

Joshua franziu as sobrancelhas.

– Pensei que...

– Do cemitério – disse Rose, olhando para Skeggsie. – Pode trazê-las aqui?

– Elas ficam melhor na tela.

– Como?

– É possível ampliá-las. Dá para ver melhor.

Rose deixou Skeggsie ir na frente e o seguiu até o quarto dele de novo, dando uma olhada de lado para a garrafa de bombinhas de asma no canto. Skeggsie se sentou e Joshua puxou a outra cadeira para Rose. Skeggsie mexeu no teclado e no mouse enquanto um programa abria sobre o outro na tela. Os olhos dele estavam grudados nela e, um segundo depois, apareceu uma foto do cemitério St. Michael. Dava para ver a construção de tijolos e a grade de ferro trabalhada. Ela se viu passando pelo portão. O rosto estava indistinto, mas sabia que era ela. Skeggsie clicou e duas outras pessoas entraram depois dela.

– Você pegou o garoto entrando mais cedo? – perguntou ela, pensando em Lewis Proctor.

Skeggsie balançou a cabeça.

– Este sistema foi mais difícil de entrar e vasculhar. Tinha de ser tipo quebrar uma vitrine e roubar uma loja. Entrar no Mosaico, pegar o que eu conseguisse e depois fugir.

– Mosaico?

– É como esses sistemas de circuito interno funcionam. Centenas de câmeras em todos os lugares. O sistema inteiro monta um mosaico de imagens. Você entra, encontra as câmeras que quer, rouba o que precisa e sai. Tem de ser cuidadoso para o caso de pegarem você. A segurança do cemitério é controlada por uma empresa particular e os *firewalls* deles são mais sofisticados.

– Do que os da ferrovia? – perguntou Rose, surpresa.

– Sim, foi muito mais difícil. Entrei e saí muito rápido, antes que eles me barrassem. Não pude ficar por muito tempo. Então, fiquei entrando de novo a cada duas horas e consegui várias imagens da câmera central. São todas de depois da hora do crime. Só copiei o que consegui, e saí depressa de lá.

Rose imaginou uma cena em que Skeggsie realmente invadia algum lugar, roubava fotos e fugia o mais rápido possível. Em vez disso, ele tinha ficado sentado em frente ao computador, roubando coisas com as pontas

dos dedos.

As fotos apareceram no computador. Eram imagens feitas de baixo para cima, como se a câmera central estivesse presa a um dos mausoléus. Havia várias delas.

– Elas cobrem um período de quinze, vinte minutos depois do ataque.

Ainda estava claro e as formas das pessoas podiam ser claramente vistas. Rose passou os olhos por elas, mas só viu rostos borrados. Os poucos rostos que estavam nítidos pareciam pálidos e tristes. As pessoas estavam vestidas com cores discretas e, nas primeiras, pareciam preocupadas, mas nas últimas pareciam perplexas e olhavam a distância. Deviam estar vendo Rose correr em direção ao carro funerário, gritando, aflita. Era normal que o cemitério fosse um lugar de emoção, mas a cena dramática que Rose protagonizara há cinco dias fora incomum.

– E quanto à Cuttings Lane? Ela passa entre o cemitério e a estrada de ferro.

Skeggsie balançou a cabeça.

– Eu tentei essa. Faz parte de uma iniciativa da polícia e da autoridade local de segurança pública e é controlada por autoridade policial. Não posso entrar. Sem chance.

– E a câmera na passarela?

– Que passarela?

– A passarela que leva a Chalk Farm Estate.

– Não conhecia essa.

– Entre no Google Maps e veja.

Skeggsie digitou furiosamente. Um mapa apareceu e Rose apontou para a passarela.

– Essa deve ser controlada pela rede ferroviária.

– Um policial que eu conheço disse que alguém passou correndo por ela às 6h20.

Skeggsie parecia concentrado, pensando.

– Cinco dias atrás. Eu *devo* conseguir acessar os arquivos da rede ferroviária, mas deve levar algum tempo. Vocês vão sair, não vão? Devo conseguir até a hora de voltarem.

– Estaremos de volta às cinco – disse Joshua.

– Devo conseguir alguma coisa até lá.

Rose pegou a bolsa e o casaco. Ficou parada, hesitando como se tivesse algo a dizer. O que acabara de acontecer? Tinha pedido a Skeggsie para acessar os vídeos de um sistema de circuito interno para ela quando tinha ficado tão irritada com aquilo alguns dias antes? Ela queria mesmo isso?

Skeggsie olhou para ela. Usou o dedo indicador para ajeitar os óculos no nariz. Ela notou, então, que os punhos da camisa dele estavam abotoados da mesma forma que o colarinho.

– Tudo bem? – perguntou ele.

Ela assentiu.

– Vamos agir – disse Joshua.

Ela desceu atrás dele e esperou enquanto ele abria a porta. Assim que saiu, em meio às pessoas na Camden High Street, ela parou para colocar o casaco.

– Ouça – disse Joshua, inclinando-se em direção à porta da frente.

Ela franziu as sobrancelhas, então ouviu o som dos ferrolhos sendo colocados. Skeggsie tinha trancado a porta.

Joshua meio que deu de ombros e eles caminharam até a estação.



XII

Rose e Josh estavam de pé no meio da Millennium Bridge. Josh falava sobre a ponte:

– Construída para as comemorações do milênio. Projetada por Sir Norman Foster, famoso arquiteto. O problema é que teve de ser fechada logo depois de ser inaugurada. Ela balançava. Causou um escândalo no mundo da engenharia.

Ao norte do rio Tâmisa ficava a cúpula da catedral de St. Paul. Seu contorno se estendia suave contra as nuvens agitadas.

– Essa foi projetada por Sir Christopher Wren. Foi construída entre 1675 e 1710, depois de sua antecessora ter sido destruída no Grande Incêndio de Londres – disse Joshua. – E a Galeria Tate de Arte Moderna.

Rose olhou para o lado sul do Tâmisa. Havia uma gigantesca estrutura de tijolos oblonga com uma chaminé que se erguia, furando o céu. Parecia feia, mas, ainda assim, sólida, poderosa.

– Originalmente construída como uma estação de força entre 1947 e 1963. Foi projetada por Sir Giles Gilbert Scott. Em 1997, já sob o controle dos Tate, foi replanejada por arquitetos suíços. Houve um tipo de competição... Hã... Fim da aula – disse ele, parecendo envergonhado.

Os dois olharam para o rio em direção ao Parlamento e à Roda do Milênio. A água embaixo era da cor de lama e o olhar de Rose acompanhou o barco de um turista enquanto ele passava embaixo da ponte e desaparecia de vista. Ela se abraçou, sentindo os braços estranhos sem uma bolsa. Joshua lhe dissera para deixar a bolsa no apartamento para que ela não tivesse de carregá-la para todo lugar.

– Queria saber se Skeggsie conseguiu alguma imagem – disse Rose, voltando a falar sobre o que eles estiveram fazendo horas antes no apartamento em Camden.

– Achei que não estivesse interessada! Você quase arrancou minha

cabeça no outro dia quando lhe falei sobre isso.

– Eu sei, mas isso é diferente. Eu gostava de Emma. Bem, um pouco. Quero dizer, acho que poderia ter vindo a gostar mais dela.

– Isso é importante vindo de você!

– O que quer dizer?

– Você não faz amizades facilmente, faz?

Ele lhe lançou um olhar meio de lado e ela sentiu que ia ficar vermelha. Ela se lembrou de algo que Emma Burke lhe dissera: *Você devia relaxar um pouco. As pessoas podem vir a gostar de você.* Ela estremeceu ao pensar em Emma, que se fora. Não apenas por um tempo, mas para sempre. Não tinha sido próxima a ela, nem a conhecia direito, mas, agora, não mais teria chance.

Rose ligava se as pessoas gostavam dela? Pensou na falta de jeito com Skeggsie. Aquilo fora culpa dele. Skeggsie é que tinha sido rude, distante. Mas será que era isso que as pessoas no colégio pensavam dela? No colégio Mary Linton? Que ela era distante e rude? Ela nunca tinha, na verdade, tido diversos amigos. Havia Rachel, é claro, mas não queria pensar nela. *Joshua* tinha sido seu melhor amigo por três anos. Agora esperava que voltasse a ser. Lembrou-se então de algo que Skeggsie falara.

– Ei! – disse ela. – Skeggsie falou que você e eu não somos irmãos adotivos de verdade!

– Legalmente falando, não somos – disse Joshua.

– Mas sempre penso assim com relação a nós. Não *irmão e irmã.* Não conheci você antes dos nove anos. Mas realmente penso em você como meu irmão adotivo.

– Talvez o certo seja *irmão adotivo segundo a lei consuetudinária*.

– É um nome muito grande.

– Mas, muito provavelmente, é a melhor descrição.

Ela franziu as sobrancelhas. Não era a resposta que queria. Ela queria que ele dissesse: *Penso em você como minha irmã adotiva*.

– Mas somos parentes.

– Não, não somos. Não por sangue, nem pela lei.

– Então, o que nós somos?

– Talvez sejamos apenas um tipo *diferente* de família.

– Mas uma família. Somos uma *espécie* de família.

– Acho que sim.

A resposta dele quase deixou Rose satisfeita. Ser parte da família de Joshua era importante para ela. Queria que ele tivesse soado mais convincente.

– OK, se somos uma *família*, tem algo que preciso falar para você – disse ele, franzindo os lábios.

Ela sabia o que estava por vir e se sentiu imediatamente tensa. Ele começou a andar pela ponte em direção à Galeria Tate, e ela o seguia, um pouco mais atrás. Quando ele chegou ao outro lado, parou e esperou por ela.

– Sabe meu site assassinatosantigos.com?

Ela assentiu. Sabia que era disso que ele iria falar.

– Recebi um e-mail de uma mulher que trabalhou no Lua Toscana. Ela estava lá na noite em que meu pai e Kathy fizeram aquela última refeição. Era a garçonete. Recebi essa mensagem há alguns dias e não sabia se devia lhe dizer.

– Ela viu minha mãe e Brendan?

– Sim.

– Por que ela entrou em contato com você? Por que não se apresentou na época? Ela viu alguma coisa? O que ela...?

Joshua levantou a mão para Rose parar de falar.

– Ela é russa. Mora perto de Moscou. Trabalhou em Londres por algum tempo quando tinha vinte e poucos anos e depois voltou para casa. Ela disse que estava pesquisando as coisas que viveu em Londres, você sabe, procurando velhos amigos, lugares onde tinha ido e pessoas que havia conhecido, colocou *Lua Toscana* no Google e topou com meu site. Leu o que escrevi e se lembrou daquela noite há cinco anos.

Rose não disse nada. Sua expressão parecia confusa, tentando pensar em como reagir a isso. Sabia sobre o grande desejo de Joshua em descobrir o que acontecera. Ele explicara isso nos e-mails e ela vira os sites. Também vira como ele estava empenhado nisso. Não era só um projeto que ele estava seguindo, algum enigma a ser resolvido. Tratava-se do pai dele, e Joshua queria encontrá-lo.

Por que ela não sentia o mesmo? Por que não estava procurando sua mãe da mesma maneira?

– Diga alguma coisa – falou Joshua.

– Só acho que você vai acabar se ferindo de novo. Já não nos magoamos o suficiente?

Ela sentiu um bolo na garganta. Por que não estava alvoroçada, tentando chegar ao fundo da questão? Por que tinha aceitado a explicação da polícia de que seus pais tinham sido *quase certamente* alvos de alguma gangue do submundo, alguma trama de assassinato? Quando o policial lhe explicara isso, sentado no sofá na sala de estar de Anna, ela assentira e aceitara cada detalhe como fatos sólidos e verdadeiros. Ela, que tinha apenas doze anos, havia bebido suas palavras e matado uma sede que sentia desde a noite em que sua mãe e Brendan tinham saído para jantar no Lua Toscana e nunca mais voltado. Joshua, com catorze anos, sentado na sala da frente da casa do seu tio em Newcastle, tinha ouvido a mesma história e não chegou nem perto de aceitá-la.

– Essa mulher estava *lá*, Rose. Ela os viu depois da gente.

– Não acho que isso tenha nada a ver comigo – disse Rose. – Sei que você precisa continuar procurando, mas acho que a polícia estava certa quando disse que...

– Eles não tinham evidência alguma...

– Minha mãe e Brendan estavam trabalhando em casos de crimes antigos. Eles podem ter descoberto algo perigoso. Essa teoria faz sentido.

– Mas é isso. Foi só uma teoria! Por que a polícia não a investigou mais?

Por que abandonaram o caso? Eles sabiam em que casos meu pai e Kathy estavam trabalhando. Conheciam todos os detalhes. Por que não conferiram cada pista? Eles sabiam de tudo. Ainda assim, não foram capazes de nos mostrar a menor evidência sólida.

Rose encarou Joshua. Ele olhava para o rio. Tinha ficado irritado. O pescoço dele estava tenso, as veias, saltadas, os ombros, retesados. Sua cabeça estava cheia de sites, fatos e hipóteses. Era como se ela não estivesse ali. Ela estendeu uma das mãos para tocar no alto do braço dele.

– Isso só vai nos transtornar – disse ela, a voz desafinando, os olhos ficando enevoados.

Joshua olhou de volta para ela.

– Ah, Rosie – disse ele.

Ele colocou os braços em volta dela e a puxou para perto. Afagou as costas dela com a mão e ela o abraçou, hesitante. *Ele* era sua família agora. Ela não queria que Joshua ficasse escavando o passado, mas sabia que ele não ficaria feliz até ter feito todos os esforços possíveis naquela busca.

Ela o soltou e limpou os olhos com a base da palma da mão.

– Encaminhe o e-mail para mim – disse ela – e darei uma lida. Depois lhe digo o que achei. Mas vou ser sincera.

– Não esperaria nada diferente de você – disse ele, sorrindo.

Eles voltaram ao apartamento. Os dois ficaram parados na rua enquanto Skeggsie descia e destrancava a porta. Subiram atrás dele e ela foi até a sala de estar para pegar a bolsa que tinha deixado lá mais cedo. Depois, foi para o quarto de Skeggsie para ver se ele havia conseguido alguma imagem do sistema de circuito interno da passarela no final da Cuttings Lane. Joshua estava em frente à tela maior. Skeggsie olhou para Rose quando ela chegou e acenou com a cabeça.

– Teve sorte? – perguntou ela.

– Skeggsie conseguiu algumas imagens.

Skeggsie parecia orgulhoso de si mesmo. Ele provavelmente tinha ficado

ali sentado a tarde toda usando o computador para conseguir acessar a filmagem da rede ferroviária. Por que ele estava fazendo aquilo? O que ele ganhava? Estava só tentando ajudá-la ou apenas se divertindo ao usar seus próprios programas para resolver um mistério? Por que os garotos eram assim? Por que precisavam desmontar coisas para tentar entendê-las? Ela se lembrou, então, das partes de bicicleta que Joshua guardava em seu quarto. Ele as desmontava até restarem apenas peças cheias de óleo.

– Veja – disse Skeggsie.

Havia uma foto no monitor.

– A câmera do circuito interno fica no alto da passarela. Então aqui vemos uma pessoa no lado oposto da passarela, vindo da parte de trás do cemitério.

Era como se Rose estivesse no primeiro andar de um prédio olhando para baixo. A pessoa na foto parecia muito pequena e muito afastada. Era hora do crepúsculo. Só havia luz suficiente para identificar a passarela e os trilhos além dela. Era mais larga do que a passarela da estação e as laterais eram mais altas, uma grade bem-fechada com pontas afiadas como lanças.

– Dá para dar zoom.

A imagem ficou maior, cortando o que havia em volta e mostrando apenas a pessoa.

– Aqui está a outra – disse Skeggsie.

A pessoa estava se movendo em direção à câmera, os pés dando passadas largas, talvez correndo. Agora ela podia ver um pouco mais claramente. A figura estava de preto e de capuz. Ele ou ela tinha pernas longas, finas e pretas.

– E aqui...

A terceira imagem apareceu. Era o mais perto que a figura chegaria da câmera. As roupas estavam nítidas e poderia ter sido possível fazer uma ideia do rosto da pessoa, ainda que um pouco desfocado. A imagem poderia ter mostrado se era homem ou mulher, velho ou novo. Mas quem quer que fosse, tinha virado o rosto para o lado contrário da câmera.

– Inteligente. Essa pessoa sabia que a câmera capturaria a imagem – disse Skeggsie.

A próxima imagem apareceu e mostrava a passarela vazia.

– A pessoa se foi.

– Volte uma imagem – pediu Rose.

A imagem anterior surgiu na tela: a figura encapuzada aparentemente olhando para a direita, uma das mãos segurando a beirada do capuz para cobrir o rosto.

– Essa pessoa sabia o momento em que a câmera a pegaria de perto e em como manter o rosto escondido.

– O que é isso? – perguntou Joshua, apontando para a tela.

– O quê?

Joshua pegou uma caneta e apontou o braço que estava para baixo. Rose se aproximou, mas era difícil ver do que Joshua estava falando.

– Espere – disse Skeggsie.

Ele digitou alguma coisa, mexeu no mouse e a figura foi ampliada de forma a mostrar apenas um pedaço dela na tela. Agora, pareciam apenas blocos de cores borradas.

– Quando a gente dá muito zoom, acaba perdendo resolução – disse Skeggsie, desculpando-se.

– Ali – disse Joshua. – O que é aquilo? No pulso?

A área para a qual Joshua estava apontando era o pulso da mão direita. Dava para ver a manga, mas havia alguma coisa no pulso, logo acima da mão.

– A pessoa está de luvas – disse Skeggsie.

– Mas o que é isso? – continuou Joshua.

Ele apontava para um bloco de cor acima da mão, que brilhava um pouco. O restante da imagem estava fosca, mas essa parte parecia refletir a luz.

– É metal. A luz da passarela está brilhando nele.

– É uma faca? – perguntou Rose, intrigada pela figura oblonga e grossa.

– É uma forma estranha. Podemos ver mais claramente?

Skeggsie virou em direção à tela e continuou a mover a imagem para baixo e para cima, como se estivesse procurando pistas entre os pixels, mas não pudesse clarear mais a imagem.

– Como é que a polícia consegue encontrar criminosos a partir dessas imagens? – indagou ela, dando de ombros. – Bom, de qualquer maneira, tenho de ir.

Joshua a acompanhou até o andar de baixo.

– Ainda está tudo bem se eu lhe mandar o e-mail da mulher russa? – perguntou ele, destrancando a porta.

Ela assentiu sem olhar e saiu para a rua.

No ônibus, pensou na imagem do sistema de circuito interno. Agora que já não estava olhando para a imagem, floreou a figura. Imaginou a pessoa vestida de preto e com capuz virando a cabeça de maneira teatral para longe da câmera, uma das mãos levantada perto do rosto, a outra abaixada, um passo após outro. Talvez a mão que estava para baixo balançasse para a frente e para trás, os raios das luzes da passarela atingindo alguma coisa metálica.

Mas não era uma faca. Não tinha essa forma. E estava acima da mão, não *nela*.

De repente, ela percebeu o que era.

Pulseiras. Pulseiras prateadas.

A pessoa na passarela *não era* um homem.

Ela pegou o telefone e mandou uma mensagem para Josh:

Peça a Skeggsie para ampliar os pés da pessoa na passarela. O que a imagem mostra?

Ela abraçou a mochila e observou as pessoas pela janela do ônibus: andando pela calçada, parecendo cansadas, indo do trabalho para casa. Entre elas, havia um garoto de patins. Ele costurava entre as pessoas, virando para lá e para cá. O rosto dele estava alegre, luminoso, e ele mexia

os lábios como se cantasse a letra de uma música.

Uma mulher, usando pulseiras; vinte ou trinta aros prateados que se moviam para cima e para baixo no braço, que pareciam uma única peça quando estavam juntos, mas podiam se separar como fios de cabelo.

Soou um bipe e ela olhou para o telefone.

Parece estar usando botas de cor clara. Por quê?

Ela sorriu para si mesma.

Bee Bee tinha pulseiras e botas prateadas. Rose as tinha visto naquele dia no refeitório quando Lewis Proctor estava se exibindo, fingindo se esfaquear na frente de Emma. Bee Bee era a namorada de Lewis. Era *louca* por Lewis há meses, dissera Emma.

Louca o suficiente para matar a ex-namorada dele?



XIII

O e-mail de Joshua já estava lá quando Rose chegou em casa, mas ela não o abriu até mais tarde naquela noite. Esperou até ouvir a porta do quarto de Anna se fechar. A casa estava em silêncio e ela desceu para tomar uma bebida quente. Levou a bebida para o quarto e foi para a cama com o laptop. Passou algum tempo no Facebook e visitando alguns blogs de que gostava. Escreveu algumas coisas no próprio blog, Morpho, sobre seu dia fora e sobre a ponte que oscilava, mas que agora já não oscila mais. Viu alguns e-mails do colégio: lembretes de trabalhos que tinha de entregar, eventos sociais no colégio, a cerimônia em memória de Ricky Harris.

Ricky Harris. Tinha quase se esquecido dele. A tristeza que sentira pela morte de Emma tinha ofuscado o que havia acontecido com Ricky e agora era como se a morte dele fosse uma história que ela tivesse lido em algum lugar num jornal. O e-mail do colégio era curto:

O colégio realizará uma cerimônia não denominacional em memória de Ricky Harris, sexta-feira, de manhã. Todos que quiserem prestar suas homenagens serão bem-vindos. Às dez horas. Salão George Bernard Shaw.

Haveria outra na semana seguinte para Emma Burke?

Sua mente voltou para as imagens do sistema de circuito interno que Skeggsie tinha encontrado. A figura na passarela, as pulseiras prateadas no braço, as botas prateadas. Será que Rose estava vendo demais em uma imagem nebulosa que era quase impossível de identificar? Em todo caso, a polícia tinha as mesmas imagens e cabia a eles descobrir o que havia acontecido com Emma Burke.

Rose estava se sentindo inquieta quando, finalmente, abriu o e-mail de Joshua. Havia uma curta mensagem dele: *Rosie, obrigado pelo ótimo dia. Aqui está o e-mail de que falei.* Abaixo havia um longo e-mail de uma mulher chamada Valeriya Malashenko. Rose o leu. Era claramente o segundo e-mail que tinha sido mandado.

Caro Joshua Johnson, obrigada por sua rápida resposta. Eu me lembro sim daquela noite, há cinco anos, quando estava trabalhando no Lua Toscana. Primeiro devo explicar por que não fui à polícia britânica nos dias após o ocorrido. Para começar, eu estava ilegal no país. Sou de uma cidade perto de Moscou. Não havia empregos lá, então eu e uma outra garota entramos na Grã-Bretanha com a ajuda de um primo que tinha visto para estudar em Canterbury. Nós o visitamos no feriado e não voltamos para casa. Passei dois anos em Londres. Tive vários empregos. Trabalhava por dinheiro. Não era muito para o povo de Londres, mas muito para mim. Essa foi minha primeira razão para não ir à polícia britânica. A segunda razão vou dizer depois. Eu me lembro da noite em que sua família foi ao Lua Toscana. Quatro de novembro. Soltavam muitos fogos de artifício, e eu tinha acabado de gritar com alguns garotos no beco atrás do restaurante por soltarem rojões e traques, acho que chamam assim. Seus parentes vieram e se sentaram na mesa de costume. Eu me lembro deles, sabe, eles iam muito ao restaurante. Sempre me davam gorjeta. Nota de cinco libras. Eles faziam isso discretamente para o chefe não ver (ele pega as gorjetas). Naquela noite, pareciam tristes. Não conversaram muito e levei de volta o prato deles com muita comida sobrando. Você vai se perguntar por que me lembro disso. Foi por causa do que aconteceu depois, a polícia e o estojo de óculos. Sobre isso falo depois. Eles terminaram a refeição e saíram. Eu estava na frente do restaurante, fumando (o beco atrás é perigoso, muito escuro, muitos fogos de artifício). Eles não se despediram de mim, o que não era comum. Eles se afastaram do restaurante e, então, uma coisa estranha aconteceu. A moça, ela parou. Ela ficou parada na calçada, e o homem, ele continuou. Então ele voltou até ela e tiveram um tipo de discussão. Não quis ficar olhando, então joguei o cigarro fora e voltei para o restaurante. Um minuto depois, olhei lá fora de novo e vi o homem com a mão levantada e um táxi preto parou. Eles entraram e foi a última vez que vi os dois. No dia seguinte, a polícia foi ao restaurante e me escondi no andar de cima. Estava ilegal e com medo de ser mandada de volta para Moscou.

Rose parou um pouco. O e-mail era longo. Um bloco de texto que parecia não ter fim. Ela olhou de novo a parte que se referia diretamente à mãe dela e a Brendan. Eles pareciam tristes durante a refeição. Eles estavam tristes quando saíram de casa? Ela achava que não. Na época, não achara, mas ela e Joshua estavam envolvidos em uma discussão sobre um programa que Rose gostava quando Sandy, uma garota que morava mais adiante na rua, chegara para ficar com eles. Sandy tinha dezessete anos, estava no colégio e trabalhava como babá regularmente. Rose a adorava. Adorava seu visual, suas roupas, sua voz aguda, suas unhas compridas, suas joias coloridas. Joshua sempre ficava um pouco estranho quando ela chegava. Normalmente ele fugia para o quarto e jogava alguma coisa no computador, e Rose tinha então Sandy só para ela para conversar sobre toda e qualquer coisa. Aquela noite não tinha sido diferente. Rose estava doida para sua mãe e Brendan saírem para que ela e Sandy pudessem se sentar sozinhas na sala de estar e falar sobre livros, bandas e roupas. Alguém gritara do corredor: *Tchau!* Ela havia chegado a responder? Será que dissera um *Está bem, tchau* indiferente e continuara fascinada por Sandy, o jeans brilhante dela e a franja que caía em mechas?

Será que tinha ao menos notado sua mãe e Brendan saírem?

Olhou de volta para o e-mail.

Eu trabalhar no restaurante por um tempo, mas sempre que a polícia aparecia, eu me escondia. Meu chefe não ligava. Saí logo depois, mas vi a história no jornal. Eu me sentia muito culpada por não falar por causa do estojo de óculos. Vou falar sobre o estojo de óculos. Quando vi seus parentes entrarem no táxi preto, fui limpar a mesa deles para o próximo cliente. Achei um estojo de óculos em uma das cadeiras. Peguei e levei para o balcão e deixei lá para o caso de eles voltarem. Acabei me esquecendo disso por alguns dias, lembro que estava preocupada com a polícia britânica. Quando a polícia deixou de aparecer, achei o estojo de óculos e lembrei que estava na mesa deles. Era um estojo de couro azul. Abri e dentro tinham óculos de mulher.

Rose prendeu a respiração. Os óculos de sua mãe deixados para trás no

restaurante. O estojo de couro azul. Ela se lembrava dele. Costumava ficar perto da porta da frente com óculos de leitura dentro dele, para que sua mãe não se esquecesse de sair com algum par de óculos. Seus olhos seguiram as palavras no e-mail, as mãos agarrando as laterais do laptop.

Havia outras coisas no estojo. Um cartão de visita de um hotel e dez notas de cinquenta libras. Guardei o estojo por muitas semanas. Esperava que eles voltassem. Não queria dar para o chefe porque ele pegaria o dinheiro. O cartão tinha o nome de um hotel em Twickenham. Lembro do lugar porque tenho uma amiga que morava em Twickenham (a antiga namorada do meu primo). O nome do hotel era algo com Estrela. Lembro disso. Tenho de confessar uma coisa. Tenho vergonha de dizer que, depois de três semanas, peguei o dinheiro e me livrei do estojo de óculos. Sabia que o homem e a moça estavam desaparecidos. Peguei o dinheiro e nunca me senti bem com isso. É por isso que te mandei o e-mail. Para limpar minha consciência. Sou garota honesta, mas morar em Londres nem sempre foi muito bom. Por favor, me pergunte o que quiser e vou dizer tudo que conseguir me lembrar. Devo isso à sua gente. Valeriya

Rose se deitou no travesseiro. O laptop correu para o lado. Por que eles tinham dez notas de cinquenta libras no estojo de óculos? Por que estavam tão tristes durante a refeição? Que briga foi essa que tiveram do lado de fora, na rua? Por que entraram em um táxi quando o carro deles estava estacionado dobrando a esquina?

Ela fechou os olhos. Sabia que esse e-mail abriria velhas feridas. E qual era o sentido? Nunca os encontrariam. Cinco anos sem uma notícia. Cinco anos sem poder ver, tocar ou falar com sua mãe. Cinco anos sem sentir o perfume da mãe ou rir de suas piadas sem graça.

Rose ficou deitada daquele jeito por um bom tempo. Depois, sentou-se e deu uma olhada no e-mail, que ainda aparecia na tela do laptop. Ela o desligou e o colocou no chão, ao lado da cama. A bebida quente que tinha feito ainda estava lá, intocada. Ela desligou a luz e ficou deitada no escuro.

Cinco anos de vazio.

A não ser pelas visões.

Três vezes no primeiro ano depois do desaparecimento, ela pensou ter visto a mãe. Na época, tivera *certeza*. Poderia ter jurado, e quase foi à diretora da casa para lhe contar, mas, então, parou no último minuto, com medo de que ela dissesse que a visão era produto de sua imaginação hiperativa. Com o passar do tempo, até ela mesma passou a pensar isso. Mas, naquele momento, a alegria que sentira ao ver sua mãe foi tangível: o cabelo dela, o formato dos ombros, o jeito engraçado como ficava de pé; aquela alegria foi *real*.

Ela havia apenas imaginado?

Todas as três visões foram durante seu primeiro ano no Mary Linton. Na primeira vez, ela estava em pé no anexo lateral quando o sinal tocou. Ela viu os pais saindo do prédio da escola depois de deixarem seus filhos para o início do semestre. Em meio aos casacos, cachecóis e botas, ela viu sua mãe de relance. A cabeça dela estava abaixada, e ela, bem no meio da multidão, que não parava de falar, algumas pessoas se virando para acenar, outras balançando chaves de carro, outras abraçando o próprio corpo para se proteger do frio. Rose deu alguns passos trêmulos para a frente, mas a perdeu de vista, e mesmo andando para um lado e para outro não conseguiu mais vê-la. Quando a multidão se desfez, não ficou ninguém. Sua mãe se fora.

A segunda vez foi apenas algumas semanas depois, quando acordou no meio da noite. As outras garotas em seu dormitório dormiam profundamente, e ela estava inquieta, sem conseguir se acalmar. Levantou-se e andou na ponta dos pés até a janela, prendendo a respiração com medo de acordar alguém.

Estava muito frio, e caía um pouco de neve sobre o estacionamento da escola, logo abaixo do dormitório. Seu olhar varreu o vazio e encontrou uma figura parada na esquina, sob as árvores. Com um choque, ela viu o rosto da mãe. Rose ficou completamente imóvel por um bom tempo, as

lágrimas turvando sua visão. Procurou em volta por um lenço de papel e assoou o nariz o mais silenciosamente possível, mas quando olhou de volta não havia ninguém lá fora. O estacionamento estava vazio, flocos de neve correndo pelo chão.

Então, teve a noite do seu aniversário de treze anos em dezoito de setembro. Tinha voltado para a escola há três semanas e não havia se adaptado bem em seu segundo ano no Mary Linton. Nos dias anteriores, estivera doente, com febre. A diretora da casa dissera que ela devia dormir na enfermaria. Ela acordou de manhã bem cedo. Estava escuro, mas ela podia ver os números luminosos no relógio: 5h12. Ficou deitada olhando-os por um tempo e sentiu as pálpebras pesarem. Foi então que ouviu o que parecia ser alguém respirando. Rose não fez nenhum movimento porque achou que fosse a inspetora indo dar uma olhada nela, mas depois de alguns segundos ela sentiu que aquele som, aquela respiração, era diferente, mais leve, mal podia ser ouvida. Ela se virou para olhar e viu, do outro lado do quarto, sua mãe, parada na porta. Estava abotoando o casaco. Rose se lembrava dos dedos da mãe tentando fechar o botão de cima e, quando Rose ia dizer alguma coisa, sua mãe saiu do quarto e fechou a porta suavemente. Parecia que Rose tinha se levantado e ido atrás da mãe, mas a próxima coisa de que se lembrava era a inspetora acordando-a. A luz entrou no quarto, ela olhou para o relógio e viu o fraco contorno dos números: 8h03.

Três visões e nada mais.

A não ser o fato de que, às vezes, ela sentia como se estivesse sendo observada. Nunca contara a ninguém sobre isso, mas de vez em quando sentia como se alguém a estivesse seguindo ou observando. Ultimamente, depois de mudar de escola e passar a morar com Anna, notava isso mais intensamente. Estava andando pela rua, ou vendo coisas em uma loja, ou tomando café no Dark Brew, e sentia um tipo de formigamento nos ombros e olhava em volta, certa de que alguém a observava. Enquanto esperava na

fila para se inscrever no Colégio Comunitário de Camden, sentira isso, e olhara em volta para ver se identificava alguém na multidão que demonstrasse algum interesse nela (ela sabia, em seu coração, que, quando usava a palavra *alguém*, queria dizer sua mãe), mas o salão estava lotado com novos alunos e pais, professores e equipe. Nos dias que se seguiram, ela caminhara indo e voltando da estação e sentira como se alguém a observasse, mas, quando se virava, as ruas bocejavam para ela, vazias, desertas, as fileiras de cercas vivas e muros escondendo não mais que flores e arbustos. Tinha tentado se reprimir para parar com aquilo, mas a sensação, a ansiedade ficara.

Um psicólogo diria que essas manifestações eram uma projeção dos desejos de Rose. Ela queria acreditar que vira a mãe e queria acreditar que a mãe tomava conta dela, ficando de olho nela como um anjo da guarda. Rose não era idiota. Mas essas lembranças e sensações eram tudo o que tinha. Joshua tinha seus sites e planos. Rose tinha visões não confiáveis e uma vaga sensação de que sua mãe tomava conta dela. Era uma linha tênue, e Rose queria se agarrar a ela mesmo que o lado lógico de seu cérebro lhe dissesse que aquilo era apenas o pesar e a perda pregando peças nela.

Então, ela se sentou na cama e ligou a luz.

Não conseguiria pegar logo no sono.

Pegou o laptop e colocou os travesseiros atrás dela. Depois, abriu-o e começou a ler o e-mail de Valeriya Malashenko novamente.



XIV

O Salão George Bernard Shaw ficava em um bloco novo do colégio. Um pouco antes das dez, na sexta-feira, Rose estava do lado de fora da porta principal com alguns outros alunos e funcionários. Poucos minutos depois as portas se abriram para o auditório. As pessoas entraram e ela as seguiu. Era a primeira vez que ela entrava no salão desde o começo do semestre, quando a diretora havia feito uma reunião de boas-vindas para todos os alunos novos.

Rose se sentou sozinha em uma das fileiras nas quais as cadeiras estavam arrumadas, na parte de cima. Havia cerca de trinta alunos, alguns que ela conhecia, ocupando parcialmente as três primeiras fileiras. Espalhados entre eles estavam alguns membros do corpo de funcionários, seu orientador e outros que ela reconhecia.

Tocava uma música clássica, e uma mesa tinha sido colocada em primeiro plano com vasos de flores e, no meio, uma grande moldura com uma foto de Ricky Harris.

Rose relaxou o máximo possível em seu assento. Ela não sabia por que tinha ido. Com certeza, não sentia nada por Ricky Harris, nem mesmo da maneira geral em que se pensa *é uma pena quando alguém morre*. Mas a morte de Ricky estava inexoravelmente ligada à de Emma Burke. Como podia não estar? Eles eram namorados e ela estivera perto de cada um deles quando morreram. Quando Rose pensava na morte de Ricky, Emma vinha à sua cabeça e vice-versa.

As pessoas se remexiam em seus assentos e sussurravam umas para as outras. Maggie e Sara apareceram na porta do salão e seguiram em direção a ela. Essas garotas de seu grupo de inglês vinham cuidando dela de um jeito ou de outro nos últimos dias. Procuravam sempre estar por perto durante os intervalos, na hora do almoço e antes e depois da aula. E, assim, outros garotos não tinham chance de importuná-la ou dizer coisas.

Sentar-se entre Sara e Maggie significava que podia relaxar e apenas ignorar os alunos curiosos apontando e olhando.

Rose contara a elas o que havia acontecido no sábado, que Emma tinha aparecido para vê-la e que havia ficado de encontrá-la no cemitério. As duas garotas tinham ficado atipicamente caladas, apenas assentindo suavemente. Elas, que nunca foram de falar pouco, não conseguiram pensar no que dizer sobre uma garota morta.

– Oi – balbuciaram as duas, indo para a fileira dela.

– Olha – disse Sara em um sussurro alto. – Peguei isso para você.

Ela estendeu um bálsamo labial de morango.

– Notei que seus lábios estão ressecados. Provavelmente, por causa do estresse.

Rose pegou o pequeno pote e, de repente, sentiu-se emocionada. Era um gesto gentil. Com sua amizade já sólida há muitos anos, elas tinham ternura e generosidade suficientes sobrando para cuidar de uma solitária como Rose. Ela desatarraxou a tampa e colocou o dedo dentro do gorduroso unguento rosa. Então, espalhou-o pelos lábios e sentiu que eles amaciaram.

– Bonitas flores – disse Sara.

– Mas não como as de Emma Burke. Fomos vê-las ontem depois da aula. Nós, sabe, a procuramos, mas você já devia ter ido para casa. Em todo caso, não sabíamos se você ia querer voltar ao St. Michael. Não depois...

– Flores? – perguntou Rose.

– Ah, meu Deus! Você devia vê-las. Por todo o caminho, no jardim de rosas. Você sabe onde fica...

Rose sabia muito bem.

– A polícia ia retirá-las, mas a família de Emma ficou furiosa. Agora elas estão por lá. E são, tipo, muito bonitas.

– Eles vão retirá-las no sábado à noite, às seis horas. Uma semana depois que ela...

Houve uma pausa na conversa. Maggie a preencheu rapidamente:

– Sabe quando você disse que Emma Burke tinha um bilhete de Lewis

Proctor pedindo que o encontrasse?

Rose assentiu.

– Acontece que Lewis tinha um bilhete de Emma lhe dizendo para ir encontrá-la! Essa garota do meu grupo de habilidades específicas é amiga de Bee Bee Marshall. Bee Bee disse a ela! Bee Bee achou o bilhete no casaco dele.

– E – continuou Maggie – Lewis Proctor foi preso. A polícia o encontrou na casa do tio dele em Southend.

– E essa garota diz que Bee Bee vai retirar o álibi que deu para ele quando, sabe, Ricky Harris foi morto – prosseguiu Sara, sem fôlego. – Ela diz que não sabe por que deveria mentir por Lewis se ele estava, tipo, indo se encontrar com Emma escondido!

Elas continuaram por alguns minutos repassando os detalhes. Rose ouvia, mas não reagia. Foi pega totalmente de surpresa. *Lewis também tinha um bilhete.* Maggie e Sara pareceram perceber que ela deixara de ouvir. Começaram a conversar baixinho entre elas. O ruído de suas vozes parecia se afastar à medida que ela absorvia a informação nova.

Lewis Proctor não tinha mais álibi. Ele não tinha estado com Bee Bee na noite em que Ricky fora esfaqueado. Talvez ele *tivesse* estado na estação.

Rose tinha pensado e repensado naquilo tudo nos últimos dias. Isso impedia sua mente de voltar para o e-mail da garota russa e a tentativa de Joshua de descobrir o que havia acontecido com os pais deles. Lewis Proctor fora o namorado de Emma durante o verão e, então, ela terminara com ele e voltara para Ricky Harris. Ricky e Lewis eram rivais; dois bad boys da mesma região. Talvez, quando Emma começara a sair com Lewis, depois de terminar seu relacionamento de longa data com Ricky, Lewis tivesse ficado eufórico. Ele devia ter adorado conseguir ficar com uma garota de quem gostava e marcar pontos contra seu rival. Talvez ele tivesse se exibido por aí, empolgado por ter conseguido a ex-namorada de Ricky. Eles tinham ficado perdidamente apaixonados, dissera Emma. Era uma expressão estranha. *Perdidamente apaixonados.* As próprias palavras

provocaram um calafrio em Rose. Ela, que nunca havia sido beijada por um garoto, só tinha uma ideia de como poderia ser. Tinha lido livros e ouvido garotas da Mary Linton falar sobre suas experiências com rapazes e sorrira sem graça. Ela havia experimentado fortes sentimentos por alguém, é claro, mas aquilo era diferente. Completamente diferente, e muito tempo atrás.

Provavelmente, Lewis Proctor tinha agido de forma arrogante com Ricky, passado o verão contando para os amigos, exibindo Emma. Enquanto isso, Bee Bee, que era louca por Lewis há meses, há anos, tinha assistido a tudo dos bastidores, esperando para ver o que acontecia.

Então, os sentimentos de Emma esfriaram e ela largou Lewis. Será que Lewis teria ficado tão furioso a ponto de matar Ricky? Ou tinha sido algo feito no calor do momento? Ricky Harris estivera com Rose na plataforma da Parkway East. Ele havia recebido uma ligação de alguém. Tinha ficado feliz. *Mudança de planos, patricinha!*, dissera ele, e fora embora. Será que Lewis estava indo para a passarela ao mesmo tempo? Será que esse dois rapazes não tinham conseguido passar um pelo outro sem trocar algumas palavras? Talvez Lewis tivesse desrespeitado Ricky de alguma forma, falado algo sobre a namorada dele. Talvez Ricky tivesse puxado a faca, querendo fazer Lewis recuar, mas Lewis já havia aguentado o bastante, sua namorada voltando para Ricky depois de ele ter tanta certeza de que ela era dele? Provavelmente, Lewis simplesmente tenha tirado a faca de Ricky e, em um momento de fúria, o esfaqueou no peito e o deixou para morrer.

E Lewis, definitivamente, estava no cemitério na noite em que Emma foi esfaqueada. Ele tinha recebido um bilhete pedindo que fosse até lá. Bee Bee tinha achado o papel no bolso dele. Será que *ela* o havia seguido para tentar pegá-lo se encontrando com Emma? Era por isso que ela estava correndo pela passarela minutos depois de Emma ter sido assassinada?

Poderia Bee Bee ter *esfaqueado* Emma?

Algumas outras pessoas tinham chegado ao salão. Rose reconheceu Sherry, a meia-irmã de Emma. Seu cabelo alaranjado estava preso para trás com uma borrachinha preta. Ela estava pálida e usava uma blusa preta com calça legging e botas. Outra garota estava de braços dados com ela. As duas subiram as escadas do auditório e se sentaram do outro lado do corredor em que estava Rose. Algumas professoras de Rose e uma das funcionárias da secretaria entraram. Nesse momento, a diretora irrompeu pela porta com algumas folhas de papel na mão. Atrás dela entrou um funcionário com o crachá enfiado no bolso da camisa. Rose o reconheceu. Era o técnico que a havia defendido no dia em que Ricky fora desagradável com ela. Ela lembrou que Ricky o havia chamado de gay, tentado constrangê-lo e insultá-lo.

Estranho ele ter aparecido. Estranho ele sentir qualquer vontade de prestar a última homenagem a um garoto que havia sido desprezível com ele.

Será que ele era gay? Rose deu uma olhada nele de cima a baixo. Usava calça preta, camisa branca e gravata. Ele se parecia com muitos dos professores homens. Eles usavam roupas elegantes, mas pareciam desconfortáveis, como se estivessem usando um uniforme de que não gostavam. Quando ela o vira no café na semana anterior, ele estava usando uma jaqueta de motociclista. Ele parecia diferente sem suas roupas de trabalho, menos formal, mais amigável. Mas parecia *gay*? Não parecia diferente de nenhum outro homem. Havia um visual gay? Alguns gays pareciam se esforçar para se vestir e agir de uma certa maneira, mas a maioria dos gays, provavelmente, era como todos os outros. Tentando parecer o melhor que podiam com o que haviam nascido.

Por que ele iria à cerimônia em memória de Ricky Harris?

Talvez fosse um homem religioso, um cristão. Provavelmente, estava ali para perdoar.

Ela olhou novamente para a diretora, que tinha começado a falar. A voz dela era baixa e respeitosa: *Um jovem que enfrentara alguns desafios na*

vida. Um jovem que tinha se desgarrado. Um jovem que tinha começado o colégio de maneira confiante. Um jovem cuja vida tinha sido cruelmente abreviada.

Rose sentiu seu celular vibrar e olhou a tela. Tinha recebido uma mensagem de Joshua.

Você pode me encontrar no Dark Brew depois da aula? Às cinco? É importante.

Normalmente, uma mensagem de Joshua levantaria seu astral, mas, desta vez, ela ficou apreensiva. Não era apenas um simples encontro. Isso tinha alguma coisa a ver com o e-mail da garota russa. Ela suspirou enquanto mandava uma resposta:

Vejo você lá.

Havia música tocando. Não era de alguma banda que ela identificasse. Sem dúvida, era alguma de que Ricky Harris gostava. O clima melhorara um pouco, a diretora tinha se sentado em uma cadeira e olhava como se sua mente já estivesse em outro lugar. Alguns jovens nas fileiras da frente estavam se mexendo em seus assentos. Deveria acabar logo.

– Você está bem? – perguntou Maggie.

Rose assentiu. Maggie e Sara olhavam para ela, preocupadas. As duas tinham cabelos escuros curtos, rostos pálidos e pareciam irmãs. Elas não eram parentes, Rose sabia disso, mas talvez sua proximidade ao longo dos anos fizesse com que elas se vestissem igual e tivessem corte de cabelo e estilo parecidos. Gostavam das mesmas bandas e filmes e liam livros e mais livros sobre vampiros. Pareciam saber o que a outra estava pensando e, às vezes, terminavam as frases uma da outra. Estavam estudando as mesmas matérias, era provável que tivessem os mesmos planos para a universidade.

Rose era grata a elas de uma maneira que não conseguia expressar.

A amizade era uma coisa difícil. Na Mary Linton parecera fácil, mas, no fim, ela tinha se ferido. Para falar a verdade, se ela fosse sincera, a única

pessoa de quem queria ser amiga era Joshua. Era por isso que iria ao Dark Brew para falar sobre o e-mail da garota russa.

Ela deu uma olhada em volta do salão enquanto as pessoas começavam a se levantar, pegando suas bolsas e andando em direção à porta. Será que havia alguém da família de Ricky ali? Quantas das pessoas que ali estavam tinham sido mesmo amigas de Ricky? Quantas se importavam com ele de uma forma ou de outra? Ela olhou em volta, para Sherry, do outro lado do corredor. A garota que a acompanhava estava de pé, mas Sherry ainda estava sentada, olhando para a frente. Rose focou o olhar nela. Os ombros de Sherry tremiam e havia lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Isso deixou Rose surpresa, mas então lembrou que Sherry havia ido ao serviço memorial não por causa de Ricky, mas por Emma. Talvez Sherry também não conseguisse pensar na morte de Ricky Harris sem pensar em sua meia-irmã, Emma, e em como ela havia partido.

Sherry olhou em volta, inesperadamente, e Rose acabou encontrando seu olhar distante. O rosto da garota se iluminou ao reconhecê-la. Rose lhe lançou o que esperava ser um sorriso solidário, mas Sherry se levantou e começou a andar pela sua fileira em direção a Rose. A garota que a acompanhava a seguiu.

– Você! – disse ela, alto o suficiente para as pessoas que estavam na frente ouvirem. – Você devia ter estado lá para impedir que minha irmã se ferisse. Onde você estava? Como pôde se atrasar?

– Eu fiquei presa e acabei me atrasando – disse Rose, olhando em volta, constrangida.

– Alguma coisa a prendeu – disse ela com zombaria. – Minha irmã a procurou e pediu sua ajuda e você não conseguiu chegar a tempo! Por quê? Minha irmã era muito simples para ser vista com você?

– Não! – disse Rose. – Eu fui. Mas me atrasei.

O rosto de Sherry estava bem na frente dela. Rose começou a ficar irritada. Endireitou os ombros e a encarou. Então falou firme e claramente:

– Eu tentei chegar lá. Não fazia ideia de que alguma coisa ruim fosse

acontecer!

Em todo caso, quis dizer, *sua irmã entrou no cemitério dez minutos antes do que planejou me encontrar!*

– Sua vaca – disse Sherry. – Eu disse a ela que você era apenas uma vaca arrogante, mas Emma tinha um coração mole. Ela sentia *pena* de você. E olha o que aconteceu com ela.

– Deixe-a em paz – disse Maggie.

Rose sentiu que estava tremendo. Achou melhor não falar nada. Sentiu a mão de Maggie em seu braço e, ao olhar em volta, viu Sara bem atrás dela. Ela se afastou e desceu a escada em direção à saída. Alguns dos jovens que estavam ali apenas matando tempo olharam para ela e sussurraram entre si. Todos a conheciam. Ela era a garota que tinha estado presente não a um, mas a dois assassinatos.

Rose os ignorou, mas sentiu o peso dos olhares de recriminação enquanto deixava o salão e seguia em direção à sua próxima aula.



XV

O Dark Brew era um café em Kentish Town que Rose frequentava muito. Ficava em um grupo de seis lojas em meio a algumas casas imponentes. Um sino tocou quando ela entrou e viu Joshua, sentado a uma mesa com o laptop aberto. Embora fosse pouco depois das cinco e ainda estivesse claro do lado de fora, o lado de dentro do café era meio escuro. Havia seis mesas, cada uma com uma luminária baixa pendurada em cima. As janelas da frente eram pequenas e vazadas, fazendo o lugar parecer como uma sala de estar.

– Oi – disse Rose, sentindo como se devesse falar sussurrando.

O café tinha um aspecto de igreja. Não havia nenhum rádio tocando e as pessoas geralmente pareciam estar lendo um livro, olhando para um laptop ou falando aos sussurros. A atmosfera sombria combinava com o humor de Rose.

– Você quer alguma coisa? – perguntou ela, apontando para o balcão.

Joshua balançou a cabeça. Ela comprou um chocolate quente e se sentou em frente a ele, a luz formando uma pequena tenda em volta deles. Joshua estava digitando algo e, quando olhou para ela, um brilho de empolgação surgiu em seus olhos.

– Recebi outro e-mail da Valeriya Malashenko.

Rose achou mesmo que seria sobre a garçonete russa.

– Ela se lembrou do nome da pousada em Twickenham. É a Estrela do Norte. Aqui está o site.

Ele virou o laptop para que Rose pudesse ver a tela. Havia a fotografia do lado de fora de um prédio, algo parecido com uma casa grande, e, então, informações sobre o endereço e fotos menores dos quartos. Ela tentou parecer interessada, mas não sabia mesmo o que dizer a respeito.

– Vou lá amanhã. Skeggsie vai comigo. Adoraria que você fosse também.

– Por que Skeggsie vai? – perguntou ela.

– Ele está interessado *e* tem um carro.

– Um carro?

– Um Mini Cooper. Ele diz que vai me levar até lá. Venha conosco. Vamos ver o que conseguimos descobrir.

Ela tentou manter uma expressão positiva no rosto, mas era difícil.

– Acho que não vou ter tempo...

Joshua fechou o laptop. Parecia desapontado.

– Rosie, isso é um progresso. A primeira coisa que descobrimos em cinco anos. Deveríamos ir atrás.

Ela começou a falar, mas parou. Estava cansada. O dia na escola não tinha ficado nada melhor depois da cerimônia em memória a Ricky Harris, e as palavras de Sherry Baxter ficaram soando em seus ouvidos a tarde toda.

– Isso não é hora de ser indiferente – disse Joshua, e puxou o laptop de volta para perto dele, resmungando alguma coisa enquanto digitava.

Ela bebeu o chocolate, mesmo estando muito quente. Fazia seis dias que Emma Burke tinha sido esfaqueada. Ela não havia pensado em outra coisa a tarde toda. Tinha tentado recriar aquela noite em sua cabeça, a parte em que achou o corpo da pobre Emma, mas não conseguira. Percebeu que não lembrava como era o jardim de rosas. Isso a havia aborrecido mais do que tudo. Era como se ela o tivesse varrido cuidadosamente da cabeça, como se tivesse apagado toda aquela triste confusão dos seus pensamentos e não ligasse para o que havia acontecido lá. Ela queria agora ter visitado de novo o jardim de rosas depois daquele dia.

Ela se lembrou do que Sherry Baxter dissera sobre a meia-irmã: *Emma tinha um coração mole. Ela sentia* pena *de você.* As palavras a tinham acertado em cheio porque Rose sabia que era verdade. Emma sentira pena dela. E tinha lhe pedido ajuda.

Agora, ela não conseguia nem se lembrar do jardim de rosas. A estação e a passarela onde Ricky havia morrido estavam claramente em sua cabeça, ela passara por ali umas seis vezes desde o ocorrido. Mas o

cemitério estava desvanecendo, o jardim de rosas era uma vaga imagem em sua mente, nunca duas vezes igual, apenas as flores que balançavam e, no fundo, a cor berrante da blusa roxa de Emma.

– Você está a quilômetros daqui – disse Joshua.

– Desculpe-me.

– Sei que está cética quanto ao e-mail, mas será que não pensa nem em dar uma chance para acreditar?

– Você vai – disse Rose. – Pode me dizer depois o que descobriu.

– Obrigado! Muito obrigado pelo apoio – disse ele, irritado.

Rose se magoou com as palavras dele. Estava tão empolgado com a história da garçonete russa que tinha se esquecido dos sentimentos dela.

– Apoio? Você se lembra do que passei nos últimos dez dias?

Algumas pessoas olharam para eles. Ela baixou a voz:

– Estou esgotada. Não me acuse de estar sendo indiferente.

– É nossa *família*.

– Nossa família se foi!

– Pode ser que não. E mesmo se for, quero descobrir o que houve.

– Josh, se eles estivessem vivos, nós saberíamos.

– Se estivessem mortos, haveria alguma evidência. Um rastro deixado por alguém.

– Você está se agarrando a qualquer coisa. Essa mulher, essa russa, pode estar confundindo o que lembra. Ela estava num país diferente, fazendo um trabalho pesado. Não falava inglês muito bem. Pode estar se lembrando de outro casal. Podem nem ser mamãe e Brendan. Senhor e senhora Frank Bloggs, brancos, de trinta e cinco a quarenta anos, cabelos castanhos; duas pessoas de aparência comum que também frequentavam o Lua Toscana.

Ela acreditava mesmo naquilo? E quanto ao que pensara sobre o estojo de óculos? Ela quase não se convencera de que eram os óculos de sua mãe?

– Em todo caso, o que podemos descobrir na pousada? Você acha

mesmo que eles teriam alguma informação? Que as mesmas pessoas ainda estão trabalhando lá? Isso foi há cinco anos. O que você espera encontrar?

Ele não respondeu. Virou para o lado, piscando, e por um segundo ela pensou ter visto o brilho de uma lágrima.

– Eu só quero ir até lá. Se papai e Kathy estiveram lá, então quero entrar pela porta da frente. Quero ir até a recepção. Quero *estar* onde eles estiveram.

Ele estava chateado. Ela se lembrou das palavras de Skeggsie alguns dias antes: *Quando o conheci na escola, ele estava sofrendo muito. Tinha perdido o pai. Você...* Ela sentiu uma grande onda de emoção lhe invadir o peito.

– Só não crie muitas expectativas – disse ela, estendendo a mão pela mesa para tocar a mão dele.

– Você vem? É importante.

– Tudo bem, tudo bem, eu vou.

– Obrigado, Rosie. – Josh sorriu para ela.

– Desde que você me acompanhe para fazer uma coisa. Hoje, esta noite.

– O quê?

– Quero ir prestar minhas homenagens a alguém.

Joshua parecia confuso. Rose se levantou e pegou suas coisas.

– Primeiro preciso comprar algumas flores.



XVI

Rose ficou parada em frente ao cemitério St. Michael segurando um buquê de cravos de um forte tom cor-de-rosa. Os portões estavam fechados. Uma placa informava: *Horário de fechamento 18h.*

– Na semana passada era 18h30 – disse Rose. – Tenho certeza. Eu li. E só cheguei aqui depois das seis!

– É o outono – disse Joshua. – Vários lugares mudam seus horários de fechamento. Está escurecendo mais cedo. Os parques fazem isso. Ei, podemos voltar no fim de semana.

Mas Rose não queria fazer isso. Estava com as flores. Queria deixá-las no local exato onde tinha encontrado Emma. No dia seguinte, ela podia mudar de ideia.

– Quero fazer isso agora.

– Nada de pular o portão... – disse Joshua, as mãos estendidas num gesto de desamparo.

– Há outras formas de entrar. Meu amigo policial me disse. Vamos por trás. Pela travessa que passa entre a estrada de ferro e o cemitério. Vamos.

– Você não pode...

Rose se afastou, seguindo em direção à estação. Ela apressou o passo até ver a placa da *Cuttings Lane*. Acima, havia outra placa, menor, menos evidente: *Passeio Público para Chalk Farm Estate.*

Joshua a alcançou.

– Há uma passagem para o cemitério nessa travessa...

– Você não pode simplesmente invadir!

Ela não deu ouvidos e continuou andando. A travessa era estreita no começo, mas se alargava em algumas partes, e a iluminação estava acesa, logo, estava claro. De um lado, havia uma cerca viva alta e partes de muro de tijolos que contornavam o cemitério. Do outro, havia uma cerca alta de arame que seguia ao longo da estrada de ferro. Ela ouviu o som de alguém

correndo vindo de trás e, olhando em volta, viu dois garotos em bicicletas se dirigindo até eles. Ambos recuaram e deixaram as bicicletas passarem.

Alguns metros depois a cerca viva estava marrom e esparsa. Ao se aproximar, ela pôde ver alguma coisa através da folhagem. Algo branco atrás da alfena.

– Olhe – disse ela.

Havia um pequeno buraco. Era estreito onde a cerca tinha ficado menos espessa. Com um pouco de esforço ela conseguiu ver algo além. Uma lápide de mármore branco. Rose tirou a mochila, colocou as flores dentro da jaqueta e passou pelo buraco na cerca.

– O que você está fazendo? – perguntou Joshua.

– Vou colocar minhas flores.

Era bem apertado, mas ela conseguiu passar sem estragar as flores, e em seguida puxou a mochila. Do outro lado, ela se viu em uma área gramada de sepulturas. O cemitério estendia-se a partir dali, fileiras e mais fileiras de lápides. Lá pelo meio havia uma alameda sinuosa por onde os carros funerários passavam. Mais à esquerda ficava o jardim cercado.

– Rosie! – O sussurro alto de Joshua chegou através da cerca viva.

– Venha. Podemos dar a volta pelo canto e chegar ao jardim de rosas sem passar pela câmera do circuito interno.

Não houve resposta. Apenas um resmungo de insatisfação.

Ela olhou os túmulos mais próximos em volta. Eram antigos, em sua maioria, mas um deles era recente. Não havia lápide, apenas uma cruz simples e pequena com o nome *Gerald Rossiter 1970-2012.* A terra em frente tinha sido revirada há pouco tempo e havia coroas e buquês de flores em vários estágios de decomposição. Ele devia ter sido enterrado ali nas últimas semanas.

– Josh – chamou ela.

Houve um barulho farfalhante e, instantes depois, Joshua surgiu, passando pela cerca viva, limpando as roupas e parecendo irritado.

– Venha – disse ela. – Vamos ficar só uns dez minutos, não mais do que

isso. Prometo.

O cemitério estava mais escuro do que a Cuttings Lane. Havia lâmpadas arredondadas no caminho principal e elas brilhavam como minúsculas luas. O restante do cemitério estava acinzentado ou azul-escuro, com apenas o branco das lápides ou estátuas se destacando.

Rose desviou-se do túmulo à sua frente e então seguiu para o caminho que dava a volta no perímetro do cemitério. Quando se virou, viu que Joshua ainda estava parado no mesmo lugar.

– Você vem?

– Não me sinto confortável aqui... Estar no meio de um bando de gente morta não é minha ideia de um momento agradável.

– Você é religioso? – perguntou ela.

Joshua acreditava em *Deus*?

– Não. Só acho que existem coisas inexplicáveis e me sinto pouco à vontade passando por lugares onde estão os espíritos das pessoas.

– Você quer dizer fantasmas? – indagou ela, incrédula.

– Não, também não são fantasmas. Mas acho que deve haver alguma força que nós não entendemos...

– Vamos lá. Chega de conversa – disse Rose, impaciente.

Joshua assentiu, mas seu rosto revelava que ele não estava nada feliz.

Ela chegou ao caminho e, olhando para trás, viu que ele andava cautelosamente. Esperou por ele e, juntos, passaram pelo canto em direção ao jardim de rosas. Eles avançaram em silêncio, Rose segurando as flores à sua frente como uma noiva desamparada, Joshua um passo atrás, os ombros curvados. O caminho os levou para longe da entrada principal do jardim de rosas e em direção ao arco do canto onde Rose havia achado Emma. Eles passaram por partes mais antigas do cemitério, onde as lápides estavam meio tombadas e suas inscrições já tinham sido apagadas há muito tempo. Parecia um canto esquecido. Logo à frente eles chegaram ao arco lateral do jardim de rosas. Não parecia ter sido muito usado recentemente. Um grande arbusto bloqueava a entrada.

Ela afastou os galhos e entrou no jardim de rosas. Parecia estar na mais completa escuridão. Ela conseguia identificar as formas dos arbustos, do caminho e das outras paredes, mas era tudo. Alguns metros à frente ficava o lugar onde havia encontrado Emma. Ela suspirou quando viu as flores. Elas cobriam o caminho e se estendiam até cerca da metade da lateral do jardim cercado. Parecia um tapete. As cores tinham sido filtradas pela escuridão, então era como se o tributo floral fosse preto e branco. Suas próprias flores pareciam de um roxo forte. Ela as deixou na ponta.

O jardim estava silencioso, como se as paredes o deixassem à prova de som. Na semana anterior, ela achara que ouvira vozes; alguém respirando, se movendo furtivamente por ali. Estivera em choque e não conseguira olhar em volta direito como devia. Teria sido Bee Bee? Escondida em algum lugar, esperando pela oportunidade de sair correndo pelo arco e escapar pelo cemitério e através da passarela?

Joshua surgiu, parecendo claramente desconfortável.

– Este é o lugar em que ela foi assassinada – disse Rose, a voz soando estranhamente alta.

– Podemos ir agora? – perguntou ele.

– Acabamos de chegar.

– Rosie, você fez o que queria. Agora vamos.

Rose não gostou do tom de voz dele.

– Você não acha que isso é importante?

Ele não respondeu.

– Você está tão ocupado com essa história do site e da garçonete russa que não consegue nem sentir nada a respeito disso!

– Só acho que essas coisas são mais importantes para *nós*. Achei que você veria isso.

– Eu estive *envolvida.*

– Como testemunha.

– Não, mais do que isso. Acabei me envolvendo com isso e agora não se

trata apenas de Emma ou Ricky Harris, é sobre mim também. Sou parte disso.

– Foi só uma infeliz coincidência.

– Você quer dizer como Valeriya Malashenko?

Ele franziu as sobrancelhas.

– E se ela tivesse se esforçado mais há cinco anos?

– O que você quer dizer?

– Se ela tivesse procurado a polícia. Se tivesse contado a eles as coisas que lhe contou. E se ela tivesse se envolvido mais? Então talvez pudéssemos saber mais a respeito do que aconteceu com mamãe e Brendan. Mas ela não quis. Tinha sua própria vida para cuidar, então guardou os óculos da minha mãe e gastou o dinheiro, e deixou isso guardado num canto da mente.

– Está bem...

– Eu estive aqui – disse Rose. – Eu a vi morta ali no chão.

Ela pegou o braço de Joshua e o puxou para o ponto exato.

– Estou envolvida. Eu a conhecia. A morte dela me tocou.

– OK.

– Se ao menos Valeriya...

– Pare! Você está certa e eu, errado – disse Joshua, parecendo envergonhado.

Ela estava para dizer alguma coisa, mas parou abruptamente porque uma névoa de luz vinha do arco.

– O que é aquilo?

A luz era pálida, fraca.

– É uma lanterna – disse Joshua.

Estava indistinta e distante, mas significava que havia alguém a caminho.

– Depressa.

Ela agarrou o braço de Joshua e dobrou à esquerda, seguindo adiante, para longe das flores. Ao olhar para trás viu que a luz estava ficando mais

forte. Ela procurou com dificuldade na escuridão por algum lugar para se esconder. Percebeu que a parede de tijolos não era reta, e havia um recuo atrás de um banco. Puxou Joshua para lá e os dois se encolheram contra a parede enquanto um forte feixe de luz perfurava a escuridão. Rose deu uma espiada.

Sherry Baxter segurava a lanterna, olhando as flores que cobriam o caminho. O círculo de luz iluminava a parede distante. Ela estava completamente imóvel, como uma estátua.

– Quem é? – sussurrou Joshua.

– A meia-irmã de Emma – disse ela no ouvido de Joshua.

Ouviram um barulho. Rose prendeu a respiração tentando identificar o que era. Deu uma olhada e viu que Sherry estava chorando e seus soluços, que começaram baixinho, aos poucos foram ficando mais altos.

Rose estava tensa, imprensada contra Joshua. Olhou para ele, seu rosto a apenas poucos centímetros de distância. Ela levou o dedo aos lábios. Não queria de forma alguma que Sherry a visse. Não depois do serviço memorial naquela manhã. Principalmente porque estava tão chateada e sofrendo pela morte da irmã dela. Não ali, quando ela claramente queria privacidade, queria estar longe de olhares curiosos.

Depois de alguns instantes o barulho parou e Sherry se abaixou para pegar uma bolsa que trouxera. Ela tirou alguma coisa lá de dentro. Rose não pôde ver o que era, mas Sherry desapareceu por um instante atrás das roseiras, seguindo mais adiante em direção ao aglomerado de flores.

– Deveríamos ir embora agora! – disse Joshua. – Sairmos escondidos enquanto ela está lá.

– Ela vai nos ver. Não quero encará-la. Vamos esperar.

A lanterna apagou. O jardim de rosas estava escuro outra vez. Rose deu uma espiada. Será que Sherry estava indo embora? Não havia movimento e ela ficou surpresa ao ver pequenas luzes tremeluzentes pelas roseiras. Seus olhos correram de um lado para outro e viram várias delas, dez, talvez; pequenas luzes cintilando na escuridão.

Sherry tinha acendido velas.

Rose fechou os olhos. Será que Sherry era religiosa? Estava rezando?

Ela ouviu Sherry passar de volta pelo caminho em direção ao arco do canto. Será que estava saindo? Depois escutaram o som de uma sacola plástica sendo amassada e então ela passou sob o arco de tijolos.

Rose relaxou, a tensão saindo de seu corpo.

Ouviu-se um bipe alto e insistente.

Era do telefone de Joshua.

– Quem é? Quem está aí? Tem alguém aí? – gritou a voz de Sherry.

O telefone tocou de novo.

Rose resmungou em silêncio. Ela escutou os passos de Sherry passando de volta pelo arco.

– Quem está aí? – indagou ela, exigindo saber.

Em um instante Sherry passaria pelo caminho e os descobriria. Depois do espetáculo daquela manhã ela ficaria uma fera ao achar Rose, e duplamente irritada por saber que Rose estivera escondida, observando-a sofrer pela perda da meia-irmã e acendendo velas.

– Vamos ter de fingir que somos namorados – sussurrou ela no ouvido de Joshua.

– O quê?

Ela passou os braços em volta do pescoço dele.

– Depressa, me abrace.

– O quê?

Sherry vinha lentamente pelo caminho.

– Por favor! – disse ela, puxando o capuz para cima para cobrir a cabeça.

Joshua passou os braços em volta de Rose de forma tímida.

– Mais forte!

Ele apertou as costelas dela, e ela sentiu a boca de Joshua em seu cabelo.

– Quem está aí? – disse Sherry, a voz menos estridente, mais insegura.

A lanterna seguiu em frente. Rose notou o círculo de luz no caminho à frente de Sherry. Entrou em pânico. Se Sherry a visse, poderia falar com a polícia, e como isso iria parecer para o inspetor Schillings, que a entrevistara de uma maneira dura e cheia de suspeitas?

Os passos se aproximaram e o círculo de luz parecia se erguer e vasculhar a parede. Era só uma questão de segundos até Sherry estar ao lado deles.

Ela empurrou o rosto contra o peito de Joshua na mesma hora em que o feixe de luz os encontrou. Rose pôde vê-lo na parede atrás. Fechou os olhos firmemente, sentindo o calor de Joshua. Não olharia. Fingiria constrangimento e manteria o rosto virado para o outro lado. Sherry veria Joshua, não ela. Tensa, podia sentir a pulsação dos batimentos de Joshua.

– O que você está fazendo?

Rose ouviu a voz de Sherry atrás dela.

Sentiu Joshua virar a cabeça. Ele estava olhando para Sherry.

– Só estamos querendo um pouco de privacidade, colega, só isso – disse Joshua.

– As flores da minha irmã estão aqui. Vocês não deviam estar fazendo isso! – exclamou Sherry.

– Desculpe. Não percebi. Só estamos passando um pouco de tempo sozinhos. Não estamos desrespeitando ninguém.

– Vocês não vão tocá-las? Não vão estragá-las?

– Não. Vamos ficar aqui um pouco. Ficaremos de olho nelas.

– Sim, bem...

Sherry se virou. Rose pôde sentir que ela se afastava.

– Cuidado para não tocar em nada! – gritou Sherry.

Rose olhou em volta. Ela estava saindo em direção ao arco. Em alguns segundos, tinha ido embora. Os dois abaixaram os braços. Rose se afastou de Joshua. Sentiu-se imediatamente com frio, um pouco desorientada. Ela se ajeitou e despertou a atenção de Joshua. Rose desviou o olhar, invadida

por uma sensação de constrangimento. Eles ficaram assim até a luz da lanterna desaparecer.

– O que foi tudo *isso*? – perguntou Joshua, depois de um minuto.

– Sinto muito. Não queria encarar aquela garota. Foi só uma pequena encenação.

– Venha – disse Joshua, um toque de constrangimento na voz. – Vamos. Este lugar está me dando arrepios.



XVII

Rose se sentou na parte de trás do Mini Cooper enquanto Skeggsie dirigia para Twickenham. O espaço era minúsculo, principalmente porque Joshua tinha chegado seu banco para trás o máximo possível para que as pernas dele coubessem na frente. Rose estava atrás de Skeggsie e tinha tirado as botas e colocado os pés para cima no banco. As meias dela eram de um tom de amarelo vivo. Havia música tocando, uma banda que ela gostava. De vez em quando o GPS dava uma instrução. Nem Skeggsie nem Joshua falavam muito, então ela apoiou a cabeça no assento e se deixou levar pelos seus pensamentos:

Agora, mantenha-se à esquerda. Depois, cento e oitenta metros à frente, vire à direita.

Ela tinha muito no que pensar.

Agora, vire à direita.

Alguém tinha escrito bilhetes para Emma e Lewis pedindo que estivessem no cemitério às seis. Poderia ter sido Bee Bee? Ela se lembrou de Bee Bee no refeitório naquele dia, quando Lewis Proctor tinha fingido se esfaquear com uma faca de plástico. Ela havia ficado parada como alguém em uma produção, como se estivesse fazendo parte de uma peça, as botas prateadas e as joias lhe conferindo um fulgurante ar teatral. Emma dissera que Bee Bee era louca por Lewis, que havia sido por anos.

Poderia ela ter sido responsável pela morte de Emma?

Na rotatória, mantenha-se à esquerda. Depois, faça uma curva acentuada à direita.

Talvez não tivesse nada a ver com ela ou Lewis. Poderia ser algo completamente diferente, sem conexão. Provavelmente, Ricky Harris tinha se envolvido em alguma coisa ilegal e Emma sabia. Talvez, depois da morte de Ricky, Emma fosse a próxima da lista. O assassino – quem quer que fosse – tinha seguido Emma até o cemitério e aproveitado um momento em

que estava sozinha, sem saber que ela estava ali para se encontrar com alguém. Talvez essa pessoa tivesse entrado e saído do jardim de rosas sem que ninguém a visse.

Ela se lembrou da noite anterior no jardim de rosas e teve uma sensação esquisita. Joshua e ela fingindo serem namorados. Abraçando-se de forma desajeitada. Ela o forçara a isso, tentando evitar ficar de cara com Sherry Baxter. Tinha sido estranho depois, Joshua andando três ou quatro passos à frente, claramente irritado. Mas, até saírem do cemitério e começarem a caminhar pela Cuttings Lane, ele já parecia ter esquecido.

Tinha sido só uma pequena encenação. Era o tipo de coisa que as crianças faziam.

Então, por que ela estava com essa sensação estranha com relação àquilo?

Daqui a quatrocentos metros, mantenha-se à direita em direção à A402.

Ela forçou sua mente de volta ao que era importante. Os assassinatos. Tudo o que sabia sobre eles era informação de segunda mão, fofoca, partes da filmagem de um circuito interno. A polícia devia ter um quadro mais completo com evidência da cena do crime, filmagem de circuito interno, declarações de testemunhas e informações sobre o que Ricky Harris e seus colegas estavam tramando. Eles podiam também saber exatamente o que estava acontecendo e ter um suspeito em mente. Ela, que estivera nas duas cenas do crime, que estivera mais perto dessas mortes do que quase qualquer outra pessoa, tinha apenas uma ideia fragmentária do que acontecera.

Continue em frente na A316.

Ela pegou o pote de bálsamo labial que Sara lhe dera e passou um pouco nos lábios.

Na rotatória, siga em frente.

Será que algum dia ela saberia o que aconteceu naquela plataforma ou no cemitério, ou teria de esperar para ler nos jornais?

Ela suspirou, focando no perfil de Joshua. Ele estava conversando com

Skeggsie, o rosto animado por um instante, depois concentrado enquanto escutava a resposta do amigo. A música não deixou que ela ouvisse direito o que eles falavam, mas não importava. Ela estava mais feliz em seu mundinho no banco traseiro do carro, olhando fixamente para os padrões de sua meia amarela.

Daqui a quatrocentos metros, mantenha-se à direita na A316.

– Já estamos chegando? – perguntou ela.

Joshua olhou em volta.

– Não comece... – disse ele. – Já tive bastante disso quando...

Ele não terminou a frase, mas ela sabia o que Joshua queria dizer.

De repente, ela se lembrou de uma imagem deles quatro sentados no carro em uma longa viagem. Brendan dirigindo, sua mãe no banco do carona, ela e Joshua atrás. Joshua com a cara enfiada em um livro enquanto a estrada passava depressa por eles. *Quanto falta ainda?*, o corpo dela parecia dizer, as pernas e os braços dobrados, o traseiro dormente. Quando a porta do carro se abriu, ela se imaginou saltando dali como um boneco de mola saindo de uma caixa. *Não falta muito agora, Pétala*, diria Brendan.

Pétala. Era como Brendan a chamava. Não *Rose*, mas Pétala. *Você é muito pequena para ser uma rosa. Você é só uma pétala para mim*, dizia ele. *Mãe, fala com ele!*, dizia ela, mas sua mãe só dava de ombros, rindo. Mas, na verdade, ela gostava da palavra *Pétala*. Sua timidez com relação a Brendan durou séculos, mas, quando ele lhe dera esse nome, ela se sentira melhor. *Ei, Pétala querida*, dizia ele, com um forte sotaque do norte, *Pegue uma xícara de chá, garota esperta, e alguns biscoitos de aveia para nós.*

Os olhos dela vidraram e ela olhou para fora pela janela, caso Joshua se virasse ou Skeggsie notasse como ela estava pelo espelho retrovisor. Isso era o que acontecia quando ela se permitia pensar sobre o passado. Uma lembrança surgia do nada. Chegava de surpresa como uma corrente profunda agitando seus pensamentos. Às vezes, ela desejava que pudesse esquecer aquilo tudo, cada pequeno detalhe, e começar de novo, como se

não tivesse um passado, nenhuma ligação emocional, mas não era possível.

– Não fique triste assim, Rosie, chegaremos logo – disse Joshua. – Você devia calçar as botas. Essas meias estão me perturbando.

– O que há de errado com elas? – perguntou Rose, sorrindo, apesar de como se sentia.

Ela colocou as botas no banco enquanto Joshua revirava os olhos.

Você chegou ao seu destino. Encontra-se do lado esquerdo.

O carro desacelerou.

– Estacione aqui, olhe, tem um parquímetro.

Ela amarrou as botas enquanto Skeggsie tentava estacionar, indo para a frente e para trás três ou quatro vezes até o carro finalmente parar. As portas se abriram e Skeggsie e Joshua saíram. Em seguida, Skeggsie puxou o banco do motorista, dobrando-o para a frente, e Rose se espremeu para sair. Skeggsie estendeu a mão para ajudá-la, mas ela não o segurou.

Na calçada, ela flexionou as pernas e os braços e viu que Joshua estava parado como estátua, olhando fixamente um prédio do outro lado da rua. Ela parou de se alongar e foi até ele.

Lá estava. Em meio a uma fileira de grandes casas do período do rei Eduardo havia uma com um cartaz em neon: *Estrela do Norte.* Tinha quatro andares e cestos de plantas pendurados do lado de fora.

– Lá está – disse Joshua. – Era dessa pousada que papai e Kathy tinham um cartão.

– Você acha que eles se hospedaram aí? – perguntou Skeggsie.

Joshua não disse nada, mas atravessou a rua em direção ao Estrela do Norte.

Rose respirou fundo e o seguiu.



XVIII

A porta da pousada estava fechada, mas não trancada, e Joshua entrou primeiro, seguido por Skeggsie e, depois, Rose. Assim que chegou a um amplo saguão, Joshua parou. As paredes eram cobertas de fotografias de times de rúgbi. Algumas eram em preto e branco, mas a maioria era colorida. Na escada havia um grande gato amarelo com uma cara achatada, que olhou para eles sem se mexer. Rose ouviu passos em um piso vindo de cima, como se fossem de uma criança.

Joshua parecia desamparado ali no meio do saguão. Skeggsie estava olhando para os times de rúgbi, lendo as legendas embaixo de cada fotografia. Rose viu uma placa de *Recepção* mais à frente, virou para Joshua e foram até uma prateleira que se projetava da parede e onde havia um livro de registro e uma sineta. A parede atrás dela estava coberta de cartazes sobre a área. Ela colocou o dedo na sineta. O gato amarelo se retesou e depois se virou e desapareceu escada acima. Instantes depois uma jovem mulher saiu de uma porta. Ela sorria, com as mãos para a frente, movendo os dedos como se abanasse o ar.

– Desculpem-me, passei uma camada fresca de esmalte agorinha mesmo. Acabei escolhendo esse minuto para fazer isso. Sou Amanda. Posso ajudá-los? Não temos nenhum quarto, infelizmente. Estamos completamente lotados até amanhã à noite.

– Na verdade, não queremos um quarto.

A mulher tinha um longo cabelo louro, que ficava jogando para trás o tempo todo. Seus lábios estavam pintados de rosa-claro em um perfeito formato de arco de cupido. Ela soprava suavemente as unhas enquanto olhava Rose de maneira indagadora.

– Então, o que posso fazer por vocês?

Joshua se aproximou e Rose observou os olhos de Amanda percorrerem o corpo dele da cabeça aos pés.

– Estamos aqui para saber sobre umas pessoas que podem ter se hospedado aqui. Há cinco anos. Sei que é difícil que alguém se lembre, mas...

Amanda adotou um olhar confuso.

– Vocês são da polícia?

– Não.

– Nossos arquivos são particulares e confidenciais.

– Eu sei. Entendo. Só gostaria de saber se um casal ficou aqui no domingo, dia quatro de novembro, cinco anos atrás.

Domingo, quatro de novembro. O dia anterior à noite de Guy Fawkes. O dia em que sua mãe e Brendan desapareceram. Era uma data que Rose ignorava solenemente. Todo ano, no início de novembro, ela evitava jornais ou registrar compromissos em seu laptop. Os dias passariam, o barulho dos fogos de artifício e o cheiro de enxofre no ar a distrairiam. Ela, em geral, envolvia-se em várias atividades para que a data passasse despercebida. Este ano isso deveria ser um pouco mais difícil.

– Sabe de uma coisa?

Rose ouviu o tom de Joshua mudar.

– Você me lembra alguém.

Amanda ergueu as sobrancelhas. Skeggsie se aproximou e Rose olhou com curiosidade para Joshua.

– Aquela garota da TV? A do show de talentos? Com o cabelo louro comprido. Uma garota muito bonita. Boa cantora.

– Não! – disse Amanda, sorrindo.

– Não, você está certa – disse Joshua. – O cabelo não é exatamente igual. O seu tem um tom mais natural.

Rose olhou para a garota com pesar. Obviamente, ela não acreditava nessa tolice. Mas Amanda estava radiante, mexendo nas pontas do cabelo com os dedos e suas unhas recém-pintadas.

– Não seja bobo – disse ela.

– Não, sério – disse Joshua, balançando a cabeça imperceptivelmente.

– Devíamos ir embora – disse Skeggsie, irritado. – Ela não está autorizada a dar nenhuma informação sobre seus pais.

– Espere um minuto. *Seus pais?*

– Sim. Eu não cheguei a falar? Eu e Rosie, nós perdemos contato com nossos pais há cinco anos, mas achamos que eles vieram aqui e estamos só tentando descobrir se alguém se lembra deles.

– Essa é sua irmã? – perguntou Amanda, os olhos em Rose.

– Sim – respondeu Joshua sem hesitar nem por um segundo.

Rose ficou surpresa com a facilidade com que Joshua disse a mentira. Parecia uma pessoa diferente. E ele tinha ficado irritado quando ela estava fazendo teatrinho? Ela cruzou os braços firmemente, determinada a não dizer uma palavra.

– O que aconteceu com seus pais?

– Não temos certeza. Só queremos saber se eles vieram aqui.

– Bem, nós temos os livros. Nossos livros remontam há anos. A sra. Harrison, a proprietária, mantém registros de tudo.

– Mas eles podem ter se registrado com um nome falso – disse Skeggsie.

– Em geral, pedimos para ver os passaportes. Recebemos vários turistas estrangeiros e a sra. Harrison tem uma regra. Veja o passaporte, pegue o número. Tem algo a ver com a polícia, eu acho.

– Então você pode mesmo ter esses registros – disse Joshua, a voz demonstrando um pouco de espanto, sem mais fingir.

– Provavelmente, mas a sra. Harrison os mantém trancados. Ela os guarda em um arquivo em algum lugar. Ela pode não... bem, ela é bem rigorosa quanto às regras e os regulamentos.

– Ela está aqui? Posso falar com ela?

– Ela está de férias. Na Flórida. Deve voltar semana que vem. Não tenho muita certeza do dia.

– Ouça, Amanda. E se eu lhe der o número do meu celular? Talvez você possa me ligar quando ela voltar.

Amanda parecia um pouco afobada. O pescoço dela estava ficando

vermelho sob o olhar atento de Joshua.

– Eu ficaria muito grato.

– Ah, me dê seu número, então. Espere, vou pegar meu telefone.

Amanda saiu andando pelo saguão. Abriu uma porta e Rose pôde ouvir música e riso enlatado que vinham de um programa de TV.

– O que você está fazendo? – perguntou ela a Joshua num sussurro alto.

– Só estou sendo legal com essa garota, Rosie. Ela pode nos ajudar.

– Registros de hotel são confidenciais. A proprietária pode ficar irritada – disse Skeggsie.

– Você está dando em cima dela!

– Ela é legal.

– Não é não, ela é...

Rose não sabia o que queria dizer. Não havia nada de errado com Amanda, mas ela não achara que aquela garota fresquinha que ruborizava e tinha unhas brilhantes era o tipo dele.

A porta se abriu e Amanda reapareceu. Ela trouxe um forte cheiro floral consigo, como se tivesse acabado de se perfumar da cabeça aos pés.

– Pode deixar comigo – disse Joshua, estendendo a mão para pegar o celular dela.

Ele o pegou e gravou seu número. Durante todo o tempo, Amanda estava radiante.

– Você é a gerente aqui? – perguntou Skeggsie.

– Não, só uma empregada – disse Amanda.

Os olhos dela pareceram pousar no rosto de Rose enquanto Joshua teclava seu número no telefone.

– Você parece chateada – disse ela. – Não se preocupe, seu irmão mais velho vai cuidar de você, aposto.

Rose achava melhor não falar nada. Deu um sorriso forçado e, então, se virou e andou em direção à porta da frente, afastando-se um pouco momentaneamente para deixar algumas pessoas entrando passarem por

ela.

Na rua, do lado de fora da pousada, ela ficou parada contra a parede, sentindo-se aborrecida. Nunca acreditara que aquela viagem valeria a pena; então, por que deveria ficar irritada com o que havia acontecido? Eles não tinham descoberto nada, mas, agora, Joshua estava agradando aquela garota, e ela, derretendo-se com o olhar dele. Até o tonto do Skeggsie estava participando.

Havia um ponto de ônibus em frente à pousada. Depois dele ficava a fila de carros onde o Mini estava estacionado. Um guarda de trânsito vagava por ali. Rose desviou o olhar. Eles tinham pagado o parquímetro, logo não receberiam uma multa. Um ônibus parou em frente a ela e sua porta se abriu para deixar várias pessoas saírem. Rose olhou para a pousada. Pelas portas de vidro ela podia ver Joshua e Skeggsie ainda conversando com Amanda. Suspirou. Era demais. Irem até ali de carro em um tipo de missão tola só para ver Joshua louco por uma garota do tipo Barbie.

Não se preocupe, seu irmão mais velho vai cuidar de você.

Rose sentiu o corpo se retesar.

Estaria ela com *ciúmes*?

Ouviu uma gritaria e olhou para onde o guarda de trânsito estava na rua, escrevendo uma multa. Um homem gordo protestava, falando alto, apontando para o trânsito. Rose olhou e viu uma farmácia do outro lado da rua. O homem estava, obviamente, argumentando que tinha ido buscar um remédio. O guarda, um homem moreno, mais velho, e com os ombros curvados, escrevia a multa, sem dar nenhum sinal de que sequer estivesse ouvindo. Ela olhou de novo para o homem gordo, depois para a farmácia, e algo chamou sua atenção. Um lampejo de vermelho e uma bandeira quadriculada passaram. Outro ônibus parou na frente dela, bloqueando sua visão, mas ela esperou por um instante e viu um homem saindo de trás dele, na calçada do outro lado da rua, carregando uma bolsa de viagem em um tom de vermelho vivo com uma bandeira quadriculada nela. Só demorou um segundo para que ela o reconhecesse. Ele era careca e usava

uma jaqueta de couro de motociclista. Era o técnico do seu colégio, o que tinha brigado com Ricky Harris. Que estranho vê-lo ali naquela parte de Londres. Que estranho vê-lo de qualquer forma.

O técnico parou e os olhos dela se fixaram nele, apesar de ter ouvido Joshua e Skeggsie saírem da pousada atrás dela. Ele subiu dois degraus para a porta da frente de uma casa do outro lado da rua. Colocou a bolsa no chão enquanto procurava algo nos bolsos. Rose se lembrou, então, do nome dele – Frank Palmer. Ela vira o nome em seu crachá algumas vezes. Ele pegou uma chave no bolso da calça, abriu a porta e entrou.

– O que você está olhando? – perguntou Joshua, indo até ela.

– Um técnico do meu colégio. Deve morar aqui.

– É um caminho longo até o trabalho – disse Skeggsie.

Ela deu de ombros.

– Conseguiu tudo o que queria lá dentro?

– Sim. Ela vai me ligar quando a chefe voltar. Então poderemos ver os registros.

– Na verdade, parece que você conseguiu mais do que queria – disse Rose, saindo em direção ao carro.

– O que você quer dizer? – perguntou Joshua, alcançando-a.

– Ela está falando da loura.

Joshua fez um gesto desdenhoso com a mão e seguiu em frente. Ela captou um olhar de Skeggsie, e ele se aproximou e disse em voz baixa:

– Mas isso não devia incomodar você. É irmã adotiva dele, certo?

Skeggsie saiu andando e os olhos dela fuzilaram as costas dele.

No carro, ela não tirou as botas, só colocou os pés sobre o assento. Quando ninguém disse nada, ela se reclinou, fechou os olhos e ficou ouvindo a música. O GPS continuou a ditar a direção, a voz soando como a de um locutor de rádio. Ela ouvia Skeggsie e Joshua murmurarem alguma coisa de vez em quando, mas na maior parte do tempo apenas desligou os pensamentos e ouviu música.

Ela não estava com *ciúmes* de Joshua.

Só não conseguia imaginá-lo com uma garota como Amanda.

Quando estavam quase em casa, lembrou-se do técnico. Era um longo caminho de Twickenham para o colégio; metrô e ônibus, pensou. Lembrou-se dele na cerimônia em memória de Ricky e se perguntou se ele iria na de Emma. Será que ele conhecia Emma? Ela expirou através dos dentes. A história de Ricky e Emma nunca estava longe de seus pensamentos nos últimos dias.

Eles estavam de volta a Camden, as ruas conhecidas cheias de pessoas seguindo para o mercado, para o canal ou para as lojas. Passaram pelas barracas, avançando lentamente pelo tráfego que atravessava Chalk Farm e seguindo em direção a Belsize Park. A música tinha acabado e pairava um silêncio pesado no carro. Até mesmo o GPS tinha parado de falar, desligado por Skeggsie assim que chegaram ao norte do rio.

– Você pode me deixar no fim da minha rua – disse Rose, tirando as botas do banco e pegando a bolsa no chão.

– Tem certeza? – perguntou Joshua. – Skeggsie não se importa de levá-la até lá.

– Não, sério. No fim da rua está ótimo.

Quando o carro parou, Joshua saiu e parou na calçada. Ele estendeu a mão para ajudá-la a sair do assento traseiro mais facilmente. Quando ela ficou de pé, esticou a blusa amassada.

– Obrigada por ter ido, Rose – disse Joshua.

Ela de repente se sentiu estranha com ele.

– Está tudo bem.

– Não conseguimos muita coisa, mas talvez semana que vem...

Ela sentiu vontade de tocá-lo ou lhe dar um abraço, mas se conteve.

– Ligo para você amanhã – disse ela, afastando-se dele.

– Vou lhe mandar um e-mail – falou ele, voltando para o banco do carona.

– Tchau, Skeggsie – despediu-se ela, cantarolando.

Ouviu um resmungo como resposta e ficou ali parada até eles saírem com o carro. Deixou a High Street e subiu sua rua. Estava meio sem jeito. A viagem tinha sido desconfortável e agora ela não se sentia à vontade com Joshua. Será que era porque estava irritada pela forma como ele agira na pousada? Ou era porque só estavam juntos há poucas semanas e levaria mais tempo do que isso para restabelecerem sua proximidade? Ou era por causa do teatrinho que ela o forçara a fazer outro dia?

Ela não sabia, e isso a deixava para baixo. Toda a alegria que havia sentido nas semanas anteriores, de vê-lo novamente e estar com ele, parecia de repente tão frágil, como se Joshua não fosse seu irmão adotivo, mas algum garoto do colégio com quem poderia facilmente brigar e que nunca mais voltaria a ver.

Isso não podia acontecer. Ela não deixaria.



XIX

O refeitório estava vazio, mesmo para uma segunda-feira de manhã. Rose escolheu uma mesa em um canto que não era usado por muitos dos jovens que conhecia. Comprou um chocolate quente, um croissant e um iogurte. Ela não tinha comido nada no café da manhã por causa da briga que acabara de ter com Anna. Era cedo, ainda faltavam vinte minutos para as aulas começarem. A primeira aula *dela* era só às dez, mas, ainda assim, preferia estar ali, no colégio, do que sentada em casa, em Belsize Park. Ela partiu o croissant em pedacinhos e colocou um na boca. Mastigou metodicamente, mesmo estando sem fome. Sua garganta estava seca e, de repente, ela não sabia se seria capaz de engolir o pedaço de croissant. Tomou um gole do chocolate quente e olhou para a mesa, sentindo os olhos embaçarem com a lembrança das palavras de Anna.

A avó estava apoiada contra a bancada quando Rose foi tomar café. Rose foi até a chaleira e ficou surpresa com a presença dela, pois geralmente não tinha companhia na cozinha. Anna não se levantava cedo e depois passava o dia fazendo trabalho voluntário de artes, visitando amigos, indo a peças e concertos ou, ainda, às vezes, praticando atividades esportivas. Uma vez por semana ela trabalhava por três horas na instituição de caridade da Oxfam em Highgate.

Rose ficou surpresa ao vê-la.

– Você tem algum compromisso cedo? – perguntou ela.

– Encontrei uma amiga ontem à noite que disse ter visto você saindo de um carro em que havia dois rapazes. Na noite de sábado.

Rose despejou água fervente no seu saquinho de chá. Não respondeu.

– Você me disse que passaria a tarde de sábado fazendo uma pesquisa na biblioteca. E, depois, que encontraria duas amigas do colégio para tomar café. Isso foi o que você disse, e agora descubro que estava mentindo.

– Sinto muito. Não lhe contei o que estava fazendo porque sabia que ficaria chateada.

– Você mentiu para mim?

– Sim.

– Como a amiga com quem você ia tomar um café na noite em que foi ao cemitério St. Michael?

– Sim, me desculpe.

– Além disso, descubro que você não frequenta mais as aulas de violino. Você disse à srta. Popper que arrumaria outro professor. E tenho lhe dado quarenta libras por semana para essas aulas, dinheiro esse que você vem roubando de mim!

– Eu...

– Você é uma ladra e uma mentirosa. Estou muito decepcionada com você. Não sei ao certo o que fiz para merecer isso. – A avó parecia transtornada, torcendo as mãos.

– Não roubei seu dinheiro. Quero dizer, ainda estou com ele. Está lá em cima. Nunca foi pelo dinheiro. Só queria poder sair um pouco sem que você se metesse no que eu estava fazendo. Só queria um pouco de liberdade!

– E eu só queria ter certeza de que você estava segura. Podemos morar em uma área privilegiada aqui, nesta casa, nesta rua, mas não estamos muito longe das áreas mais pobres e violentas. Tenho a obrigação de cuidar de você!

– Sim, mas não de me vigiar o tempo todo – disse Rose, sentindo que levantava o tom de voz. – Tenho dezessete anos. Preciso de um pouco de liberdade. Não quero precisar lhe dizer toda vez que for a uma loja comprar um pacote de balas.

O rosto de Anna estava sereno. Ela, obviamente, tinha pensado sobre aquilo tudo na noite anterior. Era típico dela não ir direto falar com Rose assim que ela chegava. Discutir ali na hora, no patamar da escada, teria envolvido muita paixão, muita energia. Anna gostava de tudo exatamente do jeito como estava acontecendo. Principalmente suas discussões.

– Quem eram esses garotos? – perguntou ela energicamente, virando-se por um instante para arrumar alguns potes que já estavam arrumados na bancada. – Eles são do seu colégio? Os mesmos tipos que estiveram envolvidos em toda essa violência?

Rose desmoronou. Não tinha como vencer. Se contasse a verdade, Anna ficaria aborrecida. Se dissesse uma mentira, seria contundente com seu sarcasmo.

– Desculpe por ter ficado com o dinheiro. Está tudo lá em cima, cada centavo. Menti para manter a paz porque sabia que você não iria querer que eu me misturasse com as pessoas do colégio.

– Mentir nunca é bom...

– E também menti porque tenho visto Joshua Johnson, meu irmão adotivo, e sabia que você não ficaria feliz com isso.

O rosto da avó ficou tenso.

– Eu estava com Joshua e seu colega de apartamento no sábado. Saímos para descobrir...

– Você tem visto o filho de Brendan Johnson?

– Sim, ele entrou em contato comigo há alguns meses por e-mail...

– Você tem visto Joshua mesmo eu tendo proibido expressamente?

– Bem, mas isso já faz vários meses... Quando perguntei se ele podia vir a Londres para passar o fim de semana...

– Eu disse que você não deveria vê-lo. Eu lembro, aqui, nesta sala, você disse que tinha ficado sabendo que ele ia fazer faculdade em Londres e eu lhe falei que não queria que entrasse em contato com ele.

– Não, você disse que não o queria nesta casa. Foi isso que você disse. Eu lembro.

– Você sabe o que eu quis dizer. Como pôde ver esse garoto contra a minha vontade?

– Porque tenho o direito de ver as pessoas. Você não pode me dizer quem eu posso ou não posso ver! Ele é meu irmão adotivo. Nós

formávamos uma família.

– Como você ousa... – disse a avó, o rosto ficando vermelho.

Rose observou, com espanto, Anna começar a chorar.

– Eu...

Sua avó estava rígida, em pé, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela abriu uma gaveta do armário e pegou uma caixa de lenços de papel. Tirou logo três e enterrou o nariz neles. Rose não conseguia dizer uma palavra. Em cinco anos, Anna nunca a tinha surpreendido da maneira como estava fazendo agora. Rose gaguejou ao falar:

– Eu... eu preciso escolher minhas próprias amizades. Entendo se não quiser ter nenhum contato com Josh... Joshua. Bem, realmente não consigo entender isso, mas a decisão é sua. Só que eu preciso poder fazer minhas próprias escolhas. Não preciso?

– Então você escolhe ser amiga do filho da pessoa que muito provavelmente matou sua mãe? É isso que você escolhe?

Rose engasgou. Ela se agarrou à ponta da mesa.

– Do que você está falando?

– Brendan Johnson! Aquele homem! Sua mãe vive com ele, e então os dois desaparecem. Você não acha isso estranho? Que dois adultos desapareçam? É muito mais provável que ele a tenha matado e depois fugido.

– Não – disse Rose em voz alta. – NÃO! A polícia disse...

– A polícia não tinha provas. Nada para seguir em frente. Eles não tinham a menor ideia do que havia acontecido com Katherine. Só porque esse Brendan Johnson era policial, eles preferiram acreditar que alguma coisa havia acontecido com os dois. E se ele fosse um pedreiro ou trabalhasse com seguros? Você não acha que a polícia teria desconfiado mais? Teriam aceitado a teoria do desaparecimento? Acho que não.

– Eles disseram que mamãe e Brendan estavam trabalhando com investigações delicadas. Você sabe disso! Que, muito provavelmente, alguém que eles estavam investigando queria ver os dois mortos. Você

estava aqui quando o inspetor disse isso!

Anna a encarava e Rose percebeu que ela não estivera presente durante a conversa com o inspetor. Ele conversara sozinho com Rose na sala de estar de Anna. A avó já havia falado com ele?

– Ele matou Katherine. Essa é minha opinião. Agora está vivendo em algum lugar com uma nova identidade. Eu não ficaria surpresa se aquele garoto, o filho dele, soubesse onde ele está.

– Não, NÃO. É aí que você se engana. Josh está inconsolável com o desaparecimento do pai. Está fazendo tudo o que pode para encontrá-lo. Criou websites e...

– Websites! – disse a avó desdenhosamente. – O homem sumiu há anos. Eu ainda falo com a polícia, sabia? Há alguma novidade sobre o desaparecimento da minha filha?, pergunto. Nenhuma novidade até o momento, eles respondem. A investigação ainda está em andamento e entraremos em contato com a senhora assim que aparecer alguma nova evidência. É como um roteiro. Um deles, um policial, mata a namorada, foge e eles abafam o caso.

– Não, não, não! – gritou Rose.

Ela se virou e saiu da cozinha, os punhos cerrados. Foi direto para o quarto e arrumou as coisas para o colégio.

Era uma mentira, mentira, *mentira*.

Jogou tudo na bolsa e, enquanto fazia isso, lembrou-se do dinheiro. Foi até a gaveta de baixo e tirou o estojo do violino. Colocou-o em sua cama e o abriu. Embaixo do violino havia uma caixa de papelão preta e achatada, do tipo que já havia guardado um colar. O dinheiro estava lá dentro, as notas esticadas. Cento e sessenta libras. Ela o tirou de lá, pegou o casaco e a bolsa, saiu do quarto e desceu as escadas rapidamente.

Quando entrou na cozinha, a avó estava sentada à mesa, com lenços de papel limpos na mão. Estendeu o dinheiro para ela, um punhado de notas de vinte libras. Depois o jogou na direção da mesa. O dinheiro flutuou até o chão.

– Brendan não matou minha mãe – disse ela, com a voz falhando, e saiu da casa.

Em seu coração, queria nunca mais ter de voltar.

Agora, bebia seu chocolate quente. O prato com o croissant tinha sido empurrado para o lado. Ainda faltava tomar o iogurte. Pelo menos, seria mais fácil de engolir. Tirou o laptop da bolsa e o colocou na mesa à sua frente. Entrou no Facebook e depois em alguns outros sites de que gostava. Abriu seu blog, Morpho. Não escrevia nele há dias.

Tivera tantas outras coisas em mente!

Anna ainda estava em sua cabeça. Anna, que nunca demonstrava seus sentimentos, que nunca havia falado da própria filha de nenhuma maneira positiva. Katherine só era mencionada em uma briga ou como exemplo de como as coisas podiam dar errado. Katherine desperdiçara suas oportunidades. Rose era prova disso. Katherine brigara com a mãe e saíra de casa. Mudara seu sobrenome (para *Smith*, entre tantos outros). Tinha frequentado a universidade errada, engravidado e morado em diversos lugares. Havia entrado para a polícia (entre todas as profissões, *a polícia*) e, depois, se envolvido com um policial pobre que fora morar com ela e levara o filho a tiracolo.

Rose pensou na avó, rígida, na cozinha, dizendo todas aquelas coisas horríveis sobre Brendan, e queria odiá-la. Mas, então, lembrou-se das lágrimas. Será que Anna tinha chorado de raiva ou de tristeza?

Ela pensou um pouco, depois escreveu um título em seu blog:

O que Anna não sabe

Nós éramos uma família. Minha mãe, Brendan, Joshua e eu. Brendan se importava conosco. Ele decorou o escritório de minha mãe e refez tudo quando ela disse que não havia gostado de como a cor tinha ficado. Ele passava as blusas dela quando estava atrasada para o trabalho e fazia massa de panqueca quando tínhamos vontade.

Eramos felizes e ele fazia planos de nos mudarmos todos para uma casa pequena em Norfolk, e ele sairia para longas caminhadas com um cachorro que pegaríamos de um abrigo.

Eu queria falar com Anna sobre essas coisas, mas nunca houve um momento certo. Ela não sabe nada sobre essa vida que levávamos, essa vida que era planejada, e sobre o cachorro que nunca foi morar conosco.

Rose pegou o iogurte e começou a tomá-lo enquanto via seus e-mails. Ouvia os barulhos no refeitório e levantava os olhos de vez em quando para ver o número de pessoas aumentando. Então, o sinal tocou e houve uma debandada geral para o primeiro tempo. Ela digitou um e-mail para Joshua:

Posso visitá-lo depois da aula? Tive uma briga com Anna.

A resposta veio quase imediatamente:

Venha sempre que quiser. Skeggsie está cozinhando.

As palavras a fizeram sorrir.

– Oi!

Alguém tinha se sentado à sua frente. Ela olhou para cima e viu o rosto de Lewis Proctor a centímetros de distância. Rose franziu as sobrancelhas. Nenhum dos amigos dele estava por perto, mas a três ou quatro mesas dali ela podia ver Bee Bee Marshall sentada com outras garotas, de costas para Rose.

– Tudo bem se eu me sentar por um minuto? – perguntou ele.

Ela só havia ficado frente a frente com Lewis duas vezes. Na primeira vez, ele fingia que se esfaqueava com uma faca de plástico, e a segunda vez tinha sido quando ele estava correndo do jardim de rosas, depois de Emma ter sido assassinada.

– Queria falar com você – disse ele.

Rose fechou o laptop e olhou para ele.

– Não conheço você. Você não está em nenhuma das minhas aulas e não

costumo vê-la em nenhum lugar por aí, mas, ainda assim, as pessoas dizem que você é a garota com quem eu devia falar.

– Você já me viu – disse Rose. – Você me viu entrar no jardim de rosas quando saía correndo de lá.

– É exatamente sobre isso que eu quero falar.

– Talvez fosse melhor você falar com a polícia.

– Tenho falado com a polícia sem parar! Venho dizendo a verdade e eles insistem e insistem. Olhe, recebo um bilhete da Emma. Com a letra dela, certo? Que diz que ela quer me encontrar no jardim de rosas às seis. Então eu vou. Chego lá e ela está deitada no chão. A princípio, acho que está desmaiada ou algo assim. Eu me ajoelho e coloco as mãos embaixo dela para ajudá-la a se levantar e há todo aquele sangue. Então eu corri.

– Ela me procurou e disse que tinha recebido um bilhete seu. Disse que sabia que era seu porque estava com sua letra e tinha um coração desenhado nele.

– Nunca mandei um bilhete para ela.

– O bilhete que você recebeu era mesmo de Emma?

– A letra era dela. Tinha umas carinhas sorridentes que ela costumava colocar quando me mandava bilhetes antes. Quando estávamos juntos. Pensei: Ricky está morto, talvez ela esteja querendo voltar. É claro que não vou mais conseguir o bilhete. Bee Bee o encontrou e ficou furiosa.

– Emma achava que você podia ter matado Ricky.

– Ela pode ter pensado isso. Isso não é problema meu. Não estou aqui para falar de Ricky. Só quero que você acredite que nunca toquei em Emma. Eu não faria isso. Alguma outra pessoa a matou e essa é a questão...

– O quê?

– Alguém roubou minha faca há mais ou menos uma semana. Costumava carregá-la em minha bolsa esportiva. Eu estava treinando e, quando me troquei, ela havia sumido. Não ficaria surpreso se minha faca aparecesse naquele cemitério com o sangue de Emma. Alguém está tentando armar para cima de mim.

– E quanto à noite em que Ricky foi morto?

Lewis respirou fundo.

– Ouça, não ligo para o que as pessoas pensam sobre aquela noite. Por acaso, Bee Bee me deu um álibi e depois mudou de ideia, mas eu não ligo. Eu e Bee Bee? Não temos nada sério. Quando recebi o bilhete de Emma, bem, tive de ir lá.

Ela olhou para Bee Bee, que tinha parado de conversar com as pessoas em volta e estava sentada, olhando para Rose e Lewis.

– Eu disse à polícia que estava com Bee Bee naquela noite. Menti, mas e daí? Não matei Emma. Você esteve no cemitério. Viu como eu estava. De qualquer forma, eles ainda não me prenderam.

– E quanto a Bee Bee? Eles falaram com ela?

– Por que deveriam?

– Porque ela pegou o bilhete? Porque tinha uma razão para ir ao cemitério?

– Não, Bee Bee não foi ao cemitério. Ela estava cuidando do irmão mais novo. Ele só tem seis meses.

Rose pensou nas fotos do sistema de circuito interno em que Bee Bee aparecia correndo pela passarela. Olhou em volta do refeitório. Percebeu, mal-humorada, que três ou quatro outras garotas estavam com botas prateadas. Talvez, se olhasse mais de perto, veria que elas estavam usando pulseiras também.

– Por que está me contando tudo isso?

– Emma me disse que você era uma pessoa legal. Você se lembra daquele dia aqui em que eu estava debochando de Emma sobre Ricky ter sido esfaqueado?

Rose assentiu.

– Eu vi Emma depois. Fiz as pazes com ela. Ela me disse que você era uma das testemunhas na estação. Emma era uma boa pessoa. Uma das melhores que conheci. Ricky Harris não era nada, um desperdício de espaço.

– Você tinha motivo para matá-lo.

Ele balançou a cabeça.

– Várias pessoas tinham um motivo para matar Ricky. Em todo caso, ouvi dizer que foi legítima defesa. Falaram que foi Ricky quem puxou a faca.

– Como você pode saber isso?

– As notícias correm. Tenho de ir. Só queria que você soubesse sobre mim e Emma. Eu nunca a machucaria. Nunca.

Ele afastou a cadeira da mesa e se levantou.

– Você vai à cerimônia em memória dela? Vai ser na quarta.

Rose assentiu e Lewis foi embora. Bee Bee se levantou do lugar em que estava e andou em direção a ele.

– Tudo bem, amor? – perguntou ela.

Ela colocou a mão no peito dele e os olhos de Rose focaram nas pulseiras cintilando sob as luzes fortes. Tinha pensado que eram todas prateadas, mas agora via algumas douradas no meio delas. Algumas também tinham pequenas pedras: vermelhas, verdes e amarelas. As pulseiras se moviam para cima e para baixo, suavemente, no braço dela, separando-se e voltando a se juntar como um único bracelete.

Rose ficou olhando os dois irem embora. Vários jovens viraram a cabeça para olhar. Depois, olharam de volta para ela. Rose Smith, a garota que queria ser anônima, mas tinha, de algum jeito, conseguido se tornar o centro da atenção de todos.



XX

Skeggsie tinha feito um prato de massa vegetariana que estava quente e saboroso e ela comeu mais do que achou que iria. Joshua não falou muito, o que combinava com seu estado de espírito. Ela ficava olhando para ele de vez em quando e se lembrando dos comentários horríveis de Anna sobre Brendan. O que ele diria se soubesse? Talvez ele *a* odiasse só por ser parente de Anna e estar de alguma forma contaminada pela teoria dela.

– Isto aqui está parecendo um necrotério – disse Skeggsie.

– Sinto muito. É que tive um dia ruim no colégio.

– Idem – disse Joshua.

Ele comeu um pouco e depois saiu da sala enquanto Rose e Skeggsie terminavam a refeição.

– Suponho que queira que eu lave a louça – disse ela.

– Eu lavo. Você pode ajudar – disse Skeggsie. – Sei onde fica cada coisa.

A cozinha era cuidadosamente organizada e, à medida que Rose secava cada louça, Skeggsie lhe dava instruções sobre onde guardar.

– O que há, de verdade, com Josh? – perguntou ela, guardando as facas e os garfos na gaveta.

– Ele está ansioso. Esperando que a tal garota entre em contato. A da pousada em Twickenham.

– Humm.

– Você não está entusiasmada com essa investigação dele, está?

– Tenho outras coisas na cabeça – disse ela.

– O lance do cemitério?

Ela assentiu. Era verdade, de algum jeito. O assassinato estava sempre em algum lugar de seus pensamentos, não importava o quanto procurasse afastá-lo.

– Ainda estou tentando descobrir o que houve. Quero dizer, sei que não tem nada a ver realmente comigo. Cabe à polícia fazer isso, mas...

– A polícia não é a resposta para tudo. Nem sempre cuidam de cada caso com o mesmo afinco.

– Afinco – disse ela, sorrindo. – De onde você tirou essa palavra?

– Estou no terceiro ano da faculdade de artes. Leio muito. Tenho um bom vocabulário.

– Desculpe... – Ela sorriu de novo.

– É como Joshua disse sobre o caso de sua mãe e do pai dele; a polícia tinha todo tipo de pistas para seguir, mas não fez. É incrível que duas pessoas possam simplesmente ter desaparecido.

Rose franziu as sobrancelhas. Anna tinha dito a mesma coisa de manhã.

– Esse garoto que foi esfaqueado... – disse ela, querendo mudar de assunto. – Aconteceu há quase duas semanas e ninguém foi acusado. Eu não ligava muito para ele, mas a garota, Emma, ela foi esfaqueada há mais de uma semana e não há nenhuma novidade sobre isso também!

– Isso não me surpreende. Adolescentes da classe operária esfaqueados. Não é uma manchete incomum. A polícia faz só o usual, mas, se não há testemunhas, ou pistas, o mais provável é que eles nunca descubram quem fez isso.

– A polícia *tem* de descobrir...

Skeggsie balançou a cabeça.

– Se tivesse sido o filho de um membro do Parlamento ou a filha de um membro da família real, você pode ter certeza de que a polícia teria colocado uma enorme força-tarefa empenhada nisso e o laboratório forense teria parado todo o trabalho para processar o material do caso. O chefe da polícia teria visitado a cena do crime, teria pedido a seus oficiais para fazerem relatórios diários para ele. Teriam descoberto o assassino. Acredite em mim.

– Como você pode saber tanto sobre a polícia?

– Meu pai era um policial. Está aposentado agora.

Isso ela não sabia. A informação a surpreendeu:

– Como você pode ter sido intimidado na escola, se seu pai era um

policial?

– Talvez seja *por isso* que fui intimidado.

– Você *contou* a ele?

– Não, não podia. Sei que ele ficaria irritado. Comigo. Por não ter resolvido sozinho.

A voz de Skeggsie tinha ficado dura.

– É estranho. Nós três. Você, eu e Josh. Somos todos filhos de policiais.

– Sim, mas não vejo muito o meu pai. Por escolha própria. Diferente de você e Josh.

Fez-se um silêncio estranho, que ela preencheu contando a ele a conversa que tivera com Lewis Proctor naquela manhã. Ela também falou sobre Bee Bee e as botas prateadas.

– Basicamente, pergunto-me se estava certa sobre a pessoa na passarela. Achei que era Bee Bee, mas...

– Quer olhar aquelas imagens do cemitério de novo? Talvez, se olharmos mais de perto, possamos ver alguma coisa que perdemos da última vez.

– OK.

Eles passaram pelo quarto de Joshua e ela ouviu uma música tocando baixinho. Rose não entrou, nem bateu. Parecia que ele queria ficar sozinho. Enquanto Skeggsie organizava seus arquivos e abria os programas, ela lhe contou o que Lewis Proctor falara sobre o roubo da faca. Skeggsie pareceu interessado:

– Se isso for verdade, significa que alguém tinha planejado tudo com antecedência. Ou Lewis contou a história para os amigos para que pudesse alegar que foi roubado ou alguém realmente a roubou para poder jogar a culpa em Lewis. Mas você disse que a faca ainda não foi encontrada?

– Não pelo que eu sei. Já faz um tempo desde que falei com o policial que é meu amigo, mas o que quer que aconteça na delegacia de polícia, em geral, parece encontrar seu caminho até o colégio.

Rose estava pensando no álibi que Lewis tinha quando Ricky foi

assassinado e que Bee Bee agora retirara. Todo mundo no colégio sabia disso. Se a faca que matou Emma tivesse sido encontrada – independente de quem fosse o dono da faca –, as notícias teriam chegado ao colégio, disso ela tinha certeza.

As imagens estavam na tela. Skeggsie as salvara em uma pasta. Eram pequenas, doze ao todo, algumas da passarela, mas a maioria do cemitério mesmo, tiradas pela câmera da parte central. Ele abriu sua gaveta lateral e pegou algumas impressões.

– Imprimi estas aqui na semana passada. Dê uma olhada melhor nelas. Se vir alguma coisa, então podemos ampliar na tela.

Ela olhou as impressões em A4. Já tinha visto as folhas na semana anterior, imagens de pessoas de luto em volta de um carro funerário. A maioria das pessoas estava vestida com cores escuras, o que fazia com que o tom de sua pele parecesse pálido.

– Dê uma olhada nelas na ordem em que as coisas aconteceram. Veja, a hora aparece na parte de baixo de cada folha.

As impressões, seis delas, tinham diferenças de minutos de uma para a outra: 17h59, 18h04, 18h08, 18h10, 18h13, 18h17. Rose olhou para cada uma delas na ordem. Concentrou-se nas pessoas e em seus rostos. Todas pareciam de luto, e somente nas duas últimas imagens ela viu expressões faciais que não eram de tristeza. Eram das pessoas que a tinham visto sair correndo do jardim de rosas e ir direto até o carro funerário, gritando, chorando e tentando conseguir a atenção delas.

– Não vejo nada de novo – disse ela.

– Imprimi esta aqui também.

Ele lhe entregou a imagem da câmera da passarela. O horário marcado era 18h21.

Ela olhou para a figura, as botas prateadas, as pulseiras. Na imagem, Bee Bee estava puxando o capuz para a frente do rosto para evitar ser reconhecida. Se fosse Bee Bee. Agora ela nem tinha mais certeza.

– Dê uma olhada na tela. Vamos dar zoom em algumas partes da imagem. Talvez, antes de eu fazer isso, você pudesse me dizer o que está procurando.

– Bem, alguém correndo do jardim de rosas. Talvez essa pessoa – disse ela, apontando para a imagem da pessoa na passarela – se deslocando para os fundos do cemitério. Seguindo para o atalho na Cuttings Lane, fugindo.

– OK. Então, talvez não devêssemos olhar as figuras do meio das fotografias, mas do fundo. Se ela estava passando pela passarela às 18h20, então poderia estar no fundo de qualquer uma dessas imagens.

Rose assentiu.

– Consegui um programa que amplia imagens até quase pixels. É útil para analisar pinceladas de pintores.

– Vamos ver – disse Rose.

O fundo das três primeiras imagens era claro, apenas fileiras de lápides, estátuas e mausoléus. Era como se ela tivesse um telescópio nas mãos e estivesse olhando atrás das pessoas de luto: os anjos emergiam do fundo borrado, as construções ornamentais dos mausoléus, até pequenos detalhes das folhas e árvores se tornavam mais nítidos.

– Como você faz isso?

– É complicado.

– O quê? Complicado porque sou uma *garota*? – indagou Rose de forma desafiadora.

– Não. Porque você não sabe muito sobre computadores. Eu gasto um tempão fazendo essas coisas.

– Você devia sair mais.

– Vamos olhar a próxima?

A quarta imagem surgiu na tela: 18h10. Skeggsie deu zoom na parte de cima da foto e Rose viu alguma coisa imediatamente.

– Veja isso.

– Onde?

– Atrás da lápide.

Skeggsie deu mais zoom e conseguiram ver um ombro aparecendo por trás de uma grande lápide de mármore branco.

– Ela está se escondendo ali.

A próxima foto era a de 18h13. Três minutos depois. Quando Skeggsie deu zoom, não havia sinal dela.

– Dê zoom mais para o fundo em direção à parte de trás do cemitério.

Segundos depois Skeggsie tinha uma imagem. Desta vez mostrava uma figura encapuzada ajoelhada perto de um túmulo. Rose ficou decepcionada na mesma hora. Era apenas outra pessoa de luto.

– Onde nós erramos?

– Vamos olhar a última. Aqui está. 18h17. Quatro minutos depois.

Desta vez Skeggsie deu zoom bem na área da cerca viva. A figura não estava tão clara, por se encontrar muito longe do foco principal da imagem. Mas estava claro suficientemente para se ver a figura parada em frente à área da cerca viva. O lugar em que Rose achava que ficava o atalho.

– Aqui está sua garota. Escapando pelos fundos do cemitério na mesma hora em que você sai correndo do jardim de rosas pedindo ajuda.

Rose olhou a imagem com satisfação. Momentos depois, essa pessoa, provavelmente Bee Bee, estava correndo pela passarela da linha férrea em direção a Chalk Farm Estate.

– Espere. Por que ela estava de joelhos em frente a um túmulo?

Skeggsie parecia estar se concentrando. Ele clicou de volta na foto anterior e os dois olharam para a figura desfocada de joelhos.

– Parece que ela está rezando – disse Rose.

– Ou talvez esteja se livrando da faca – disse Skeggsie.

– Mas a polícia procurou a faca pelo cemitério. Se ela tivesse jogado ali, eles a teriam encontrado. Não teriam?

– Sim, se ela tivesse jogado ali. Mas talvez ela tenha enterrado. Ela deve ter ficado lá alguns minutos.

– Enterrado? – indagou Rose, surpresa.

– É um cemitério, no fim das contas. Um lugar para se enterrar.

– Você está certo. Você está certo!

Rose se levantou, afastando-se do computador. Estava empolgada. Em sua cabeça, lembrou-se do túmulo recém-cavado que ficava próximo ao atalho na cerca viva. Ela ficara ali em pé olhando, a terra ainda em um montinho, fofa e fácil de penetrar.

– Ela enterrou a faca. É por isso que a polícia não a encontrou.

– Eles não podem sair cavando todos os túmulos. Mesmo se quisessem. E vamos encarar os fatos: dois adolescentes pobres de Londres que acabaram sendo esfaqueados e mortos; por que eles deveriam se incomodar? Não é uma coisa tão incomum. Meu pai costumava dizer que esses crimes são frequentemente resolvidos quando pessoas se gabam para outras sobre o que fizeram. Então, talvez a polícia esteja esperando algumas semanas até o assassino se achar muito confiante. Por que deveriam cavar um cemitério inteiro quando podem descobrir as mesmas coisas se esperarem um pouco?

– Você está certíssimo!

Rose estava agitada. Tinha de andar de um lado para outro. Ouviram um barulho vindo do outro quarto e, um instante depois, Joshua apareceu na porta.

– Skeggsie achou a faca – disse ela.

– É só uma teoria.

– Não, é isso mesmo. Sinto que está lá.

– Que faca?

Joshua parecia com sono e o cabelo dele estava bagunçado.

– Vou ao St. Michael. Agora.

– Que faca?

– A faca que matou Emma.

– Não crie muitas expectativas, pode não ser nada... – disse Skeggsie.

Mas Rose já havia saído para o corredor e pegado seu casaco no gancho.

Joshua a seguiu, parecendo perplexo.

– Venha comigo – disse ela.

– Você vai ao cemitério *agora*? Não. Não vou voltar àquele lugar.

– Vou sozinha então.

– Ligue para o policial, se você acha que descobriu alguma coisa.

– Eu mesma quero encontrar.

– Rosie, você não pode simplesmente ir até lá... A polícia cuida dessas coisas!

– O quê? Como o desaparecimento da minha mãe e de Brendan? Como eles cuidaram disso? Você não quer deixar o que houve com eles pra lá. Então, também não quero deixar isso.

– Há uma diferença! – disse Joshua, levantando a voz. – Cinco anos se passaram...

– Nenhuma diferença. Eu vou agora.

Ela pegou a mochila e continuou andando pelo corredor.

– Espere! Ei, espere aí!

Ela se virou e viu Skeggsie parado. Ele estava segurando umas luvas de borracha e um saco plástico.

– Vou com você.

Ela olhou para Joshua, que deu de ombros e se virou para seu quarto. Skeggsie pegou o casaco e andou até ela.



XXI

Estava chovendo quando Skeggsie estacionou o carro perto da estação Parkway East. Havia uma faixa amarela, mas já passava das 7h30, então não havia mais problema em parar ali. Rose deixou a mochila no carro e só pegou o saco e as luvas que Skeggsie tinha levado. Skeggsie pegou uma lanterna no porta-malas do carro e a colocou no bolso de dentro do casaco. Passando pela estação, ela deu uma olhada no quadro com os horários de chegada do trem e viu que eram 19h48. Ela levantou o capuz e Skeggsie fez o mesmo. Eles viraram na Cuttings Lane e andaram até o lugar onde a cerca viva era marrom e pouco espessa.

Skeggsie mal tinha dito uma palavra a viagem inteira e ela estivera ocupada com seus pensamentos. Achar a faca *ela mesma* era importante por razões que não podia muito bem explicar. Se Skeggsie estivesse certo e a polícia não vinha tratando esse caso como uma prioridade, então ela não queria perder seu tempo contando para eles. Em todo caso, qualquer dica que lhes desse seria vista como suspeita por causa da forma como ela e Skeggsie tinham conseguido as informações. Skeggsie tinha acessado ilegalmente a filmagem do sistema de circuito interno. Era um ato criminoso, e embora eles estivessem fazendo isso por uma boa causa, a polícia não veria assim. Os policiais tinham sua própria filmagem do sistema de circuito interno da passarela e do cemitério. Cabia a eles investigar a fundo.

Ela também estivera pensando em Joshua. Eles pareciam brigar quase toda vez que se viam, e isso a chateava. Nas primeiras vezes, Joshua fizera uma brincadeira a respeito, não ligara para as explosões de Rose. Esta noite ele tinha só entrado no quarto. Seria possível ela e Joshua se indisporem completamente? Era impensável.

Agora, de pé junto à parte da cerca viva arruinada em Cuttings Lane, ela parou. A chuva tinha acabado e uma brisa estava soprando. Ela se agarrou

à beira de seu capuz.

– Fiquei muito feliz por você ter vindo – disse ela.

– OK.

– Quero dizer, sei que você não sai muito.

– Eu saio de casa! – disse ele, parecendo ofendido.

– Eu sei, mas Joshua me disse que você não se sente muito à vontade entre pessoas... Que prefere ficar em casa.

– Você está tentando dizer que sou esquisito?

– Não. Bem, para falar a verdade, você é diferente de todo mundo que eu conheço.

– Você é diferente de todo mundo que eu conheço. Assim que começa a falar, consegue insultar alguém.

– Não insultei você. Só estava sendo sincera. É para isso que servem os amigos, certo?

– Sim. E se *fosse* minha amiga, você *poderia* ser sincera comigo – disse Skeggsie.

Ela olhou para ele. Como *essa* conversa tinha acabado em briga? Será que era ela? Era *ela* a pessoa difícil?

– Venha, vamos fazer logo isso – disse ele, pegando a lanterna no bolso.

Rose ia falar, mas desistiu. Olhou para cima e para baixo na travessa para ter certeza de que não havia ninguém em volta. Seu olhar pousou em uma das câmeras do sistema de circuito interno. Parecia estar direcionada para a parte central da travessa. Ela olhou para o outro lado e viu mais uma, que poderia muito bem capturar a imagem deles entrando no cemitério. No entanto, os dois tinham levantado os capuzes, e como eles não estavam para cometer nenhum crime, logo não deveria haver necessidade de ninguém checar a filmagem.

– Vamos!

Ela entrou pelo buraco na cerca viva e passou para o outro lado. Ficou parada e esperou que Skeggsie fizesse o mesmo. Olhou em volta. O cemitério estava mais silencioso do que se lembrava, as luzes no caminho

brilhando, o restante escuro como breu. Era hora do crepúsculo quando ela e Joshua tinham ido ali na sexta-feira anterior, mas agora já era noite mesmo. Segundos depois, Skeggsie estava atrás dela.

– Este lugar é grande – disse Skeggsie.

– Cerca de dez hectares – falou Rose.

– Onde é o túmulo?

– Por aqui.

Ela andou alguns passos. O túmulo novo que notara ficava perto da ponta da travessa. Ela ficou atenta e procurou se lembrar da foto do sistema de circuito interno que tinham visto mais cedo. Era esse o túmulo em que tinham visto a pessoa ajoelhada? Ela olhou para a cruz com o nome inscrito. *Gerald Rossiter 1970-2012.* O homem tinha quarenta e dois anos quando morreu. A mesma idade de sua mãe quando desapareceu.

– Nenhuma lápide neste túmulo – disse ela.

– Eles só colocam lápides mais tarde. O terreno precisa assentar. Só seis meses, um ano depois, se coloca uma lápide.

– Como você pode saber tanto a respeito de absolutamente tudo? – perguntou ela.

– Foi o que aconteceu quando minha mãe morreu.

Rose ficou desconcertada.

– Sua mãe morreu?

Skeggsie assentiu.

– Há dez anos.

Ela não falou nada. Tinha topado com essa nova informação depois de dizer que ele era uma pessoa *esquisita*. *Sinto muito* era profundamente inadequado. Seu rosto deve ter mostrado seu sofrimento, porque Skeggsie esboçou um sorriso tranquilizador.

– Não sei o que dizer – disse Rose.

– Esqueça isso. Foi há muito tempo. Estou bem.

– Você deve ter passado por maus momentos.

– Não mais do que você e Josh.

– Você sabe que realmente sinto muito por aquela vez em que disse... quando fui indelicada sobre você ter sofrido bullying...

– Esqueça isso.

– A questão é que eu tive problemas na escola. Nada como você. Nunca fui fisicamente ferida, mas tive uma amiga que passou por cima de mim. O nome dela era Rachel Bliss, e achei que éramos melhores amigas, mas ela não era o que parecia e me tratou mal.

– Agora *eu* não sei o que dizer – falou Skeggsie, puxando o colarinho.

– A escola é o melhor período da sua vida, eles dizem! – falou ela.

– Venha, vamos começar essa busca.

Skeggsie ligou a lanterna e apontou para o chão. O túmulo estava cercado por coroas e outras flores que tinham murchado e secado, algumas com fitas que voavam com a brisa.

– Isso está aqui há umas duas semanas, pelo menos – disse ele.

– O que vamos fazer? – indagou ela, olhando o cemitério silencioso e vazio em volta.

– Vou segurar a lanterna e você coloca as luvas. Depois, sinta o chão suavemente em volta. Se estiver aqui, não acho que tenha sido enterrada fundo. Não haveria necessidade. Só terra suficiente para cobrir a faca.

Rose colocou as luvas. A lanterna criava um círculo de luz no monte de terra. Ela se ajoelhou. O terreno estava úmido. Os joelhos do jeans dela acabariam molhados. Ela se pegou olhando para a cruz e para o nome, Gerald Rossiter. *Sinto muito*, mexeu os lábios para dizer silenciosamente, e colocando as palmas para baixo, começou a mexer no monte de terra, a partir do canto direito da parte de cima, o lugar onde Bee Bee teria se ajoelhado, se eles estivessem certos sobre a foto.

A terra estava macia e tinha um cheiro de folhas mortas. O vento soprou seu capuz para trás e ela usou os nós dos dedos para colocá-lo de volta no lugar. Olhava para Skeggsie de vez em quando e viu que ele estava concentrado, movendo a lanterna bem lentamente para que ela pudesse

cobrir cada seção.

Um barulho quebrou o silêncio e a fez se virar rapidamente. Skeggsie desligou a lanterna. Vinha do lado de fora, da Cuttings Lane. Era o som alto e metálico de um aparelho de mp3. Alguém que usava fones de ouvido, mas ainda assim escutava a música o mais alto possível. Ela esperou que passasse, mas não passou. Era como se a pessoa estivesse parada naquela parte da travessa. Então, a cerca viva começou a fazer barulho e ela percebeu que, quem quer que fosse, estava entrando no cemitério.

– Depressa – disse ela, passando rapidamente do monte de terra para o próximo túmulo, que tinha uma enorme lápide de mármore preto.

Ela se ajoelhou na terra úmida perto de Skeggsie. Olhando de trás da lápide, viu duas pessoas, um garoto e uma garota. Eles pareciam jovens, ainda estudantes, talvez do décimo ano. O garoto estava com o braço em volta do pescoço da menina e falava baixinho com ela, que estava rindo.

– Quem é? – sussurrou Skeggsie.

Ela levou o dedo aos lábios e esperou um segundo antes de olhar de novo. Desta vez eles estavam bem parados, grudados em um forte beijo. O garoto e a garota continuaram pelo que pareceram minutos e ela prendeu a respiração, observando a mão do menino deslizar para dentro do casaco da garota.

– Não! – disse a menina. – Aqui não. Alguém pode ver.

– O quê? Aqui? Quem? Os mortos-vivos?

– Não diga isso. Você vai me deixar assustada e aí eu não vou fazer *nada*. Em todo caso, está chovendo. Vamos até o arco.

– Você sabe que alguém foi morto aqui?

Rose ouviu um som de exclamação enquanto eles se moviam pelo perímetro do cemitério. Eles estavam seguindo para o canto mais distante do jardim de rosas, avançando na mesma direção que ela e Joshua tinham ido dias antes.

– Estou molhado – sussurrou Skeggsie.

Rose olhou para as lâmpadas do cemitério. Havia uma auréola de luz em

volta de cada uma e Rose pôde ver a chuva caindo rapidamente nelas.

– Venha, vamos fazer isso logo.

Rose voltou para onde estava antes e Skeggsie se ajoelhou ao lado dela. Ele acendeu a lanterna e segurou-a perto do chão. Ela afastou algumas das coroas de flores em decomposição e começou a tatear o lugar onde estavam antes. Em algum lugar, ali embaixo, ela esperava sentir o cabo ou a lâmina da faca. Talvez a faca que tinha sido roubada de Lewis Proctor ou talvez uma faca completamente diferente. Ela parou. Devia haver sangue na faca, o sangue de Emma. Pensar nisso a fez ficar um pouco enjoada.

– Anda! – disse Skeggsie.

Ela continuou, a terra como argila em seus dedos. Alguns instantes depois sentiu alguma coisa dura sob a terra.

– Aqui! – sussurrou ela.

Usando as mãos juntas, ela escavou o solo. Embaixo da camada superior a terra parecia seca e quase poeirenta. Poderia ser a faca? Eles poderiam ter tanta sorte? Tão rápido?

– Segure a lanterna aqui – disse ela.

Alguma coisa estava envolta em um lenço de papel ou papel-toalha. Ela pegou e, na mesma hora, ficou decepcionada. Não era do formato de uma faca. Era pequeno e retangular.

– O que é?

Ela tirou o papel. Dentro havia um telefone celular.

Um celular de um tom de rosa berrante.

Ela soube imediatamente que pertencera a Emma.

De volta ao carro, eles ficaram sentados com o aquecedor ligado. A chuva estava mais pesada, acertando o para-brisa e escorrendo em gotas cintilantes. O jeans de Rose estava molhado nos joelhos e o casaco, pegajoso. Skeggsie tinha colocado as luvas de borracha e estava mexendo no celular. Ele o conectara no carregador de celular do carro. Abrira o telefone e Rose podia ver o símbolo de recarregamento aceso na pequena

tela.

– Ainda funciona – disse ela, impressionada.

– Ter sido enterrado foi a melhor coisa. Se tivesse se molhado...

– Com certeza é o celular de Emma. Por que alguém o esconderia? Qual é a razão disso?

– Talvez haja alguma coisa neste celular que o assassino não quer que ninguém veja. Mensagem de texto, histórico de chamadas ou fotos.

– É só um telefone simples. Provavelmente, nem tira fotos – disse ela desdenhosamente.

– Podemos olhar o histórico de chamadas, agora que está carregando. Aqui, coloque as luvas e faça isso. Meus dedos são muito grandes.

Rose colocou as luvas e pegou o celular. Ela usou o cursor para olhar as chamadas recentes. A última chamada tinha sido feita no dia 29 de setembro, às dezessete horas, para *Sherry*. Às cinco da tarde do dia em que morreu, Emma tinha ligado para a meia-irmã. Sherry estivera em Brentwood com o pai, lembrou Rose. Ela deve ter dito a Sherry, durante a ligação, que iria procurar Rose para pedir que fosse com ela ao encontro de Lewis. Ela se lembrava das palavras mordazes de Sherry para ela, na semana anterior, no serviço memorial de Ricky: *Você devia ter estado lá para impedir que minha irmã se ferisse. Como pôde se atrasar?* Mas não teria feito diferença se tivesse chegado na hora porque Emma entrou no cemitério às 17h40, dez minutos antes do que disse que iria.

Rose foi para a caixa de entrada e deu uma olhada nas mensagens de texto. A última que havia recebido tinha chegado no dia 29 de setembro, às 17h35. Rose a abriu:

Telefone novo. Perdi outro. Sei quem é o assassino. Me encontre às 5h45, se quiser saber. Não vou esperar. Lew

Rose leu a mensagem várias vezes. Tinha sido por isso que Emma não esperara por ela. Havia recebido uma mensagem de Lewis pedindo que fosse mais cedo.

– Achou alguma coisa?

– Sim. Uma mensagem mudando a hora do encontro no cemitério. Veio de um celular que o telefone dela não reconhece. E diz que é do *Lewis*.

– Mas pode ser de qualquer um.

Emma lera a mensagem e acreditara que era de Lewis. Tinha entrado mais cedo no jardim de rosas e alguém estava esperando por ela. Essa pessoa a matou e depois pegou o telefone e o enterrou para esconder o fato de que tinha mandado uma mensagem de texto para ela.

– Nada da faca, no entanto – disse Skeggsie.

Ela balançou a cabeça. Estava feliz de certa forma. Uma faca que tinha matado alguém não era algo que ela queria segurar.

– A polícia pode descobrir quem mandou a mensagem?

– Se o número estiver registrado no nome de alguém, mas, se for um pré-pago, a única coisa que podem descobrir é que loja o vendeu.

– Então, não há motivo para entregar o celular a eles.

– Eles podem conseguir achar impressões digitais, mas qualquer dos amigos dela poderia ter tocado no telefone, então isso não provaria nada. Eles precisam é de uma faca com algumas impressões digitais. Isso provaria alguma coisa.

– Ah!

– O que você vai fazer com o celular?

– Tentar descobrir quem mandou a mensagem.

– Como?

– Não tenho certeza. Preciso pensar melhor.

– Vamos embora?

Ela assentiu.

Skeggsie ligou o carro e ela colocou o celular dentro do saco plástico que ele havia levado e guardou dentro do bolso da frente da mochila.



XXII

Joshua estava esperando no portão do colégio. Eram 8h50 e Rose tinha aula às nove. Ele acenou de leve quando a viu e ela se perguntou o que Joshua estava fazendo ali.

Depois de ter sido deixada em casa por Skeggsie na noite anterior, ela havia ido para o quarto e feito alguns trabalhos do colégio no laptop. Anna estivera no andar de baixo, mas não a vira ou falara com ela. Rose tinha dado uma olhada em seus e-mails e deixado o celular ao seu lado, mas Joshua não havia mandado nenhuma mensagem. Tinha pensado em ligar, mas ficara um pouco magoada com o comportamento dele.

Passara algum tempo pensando no celular de Emma Burke no bolso da frente de sua mochila. Mas não o tirara de lá, só se lembrara de ver Emma segurando-o quando estivera em sua casa no dia em que morrera. Perguntou-se quem teria mandado a mensagem de texto que fizera Emma entrar no cemitério mais cedo. Não podia ter sido Lewis Proctor, porque Henry disse que ele havia passado pela câmera do sistema de circuito interno que ficava no portão do cemitério às seis. Era muito provável que Emma já tivesse sido esfaqueada nessa hora. Poderia ter sido Bee Bee? Ela podia *mesmo* ter testado o namorado mandando um bilhete como se fosse Emma dizendo para encontrá-la no cemitério? Depois mandado um para Emma? Ela podia bem ter visto alguns dos bilhetes que Emma enviara para Lewis no verão e os usado como modelo para copiar a letra. Da mesma forma, teria sido fácil copiar a letra de Lewis.

Seria possível que Bee Bee tivesse esfaqueado Emma e fugido, parando apenas por um instante para enterrar o celular de Emma em um túmulo recém-cavado?

Ela pensou muito sobre isso até ficar esgotada. Dormiu mal e acordou muito cedo, esperando não ver Anna. Deu uma olhada nos e-mails antes de sair de casa. Não havia nenhum de Joshua.

Por isso, ficou surpresa ao vê-lo ali em pé, meio sem graça, no portão do colégio.

– Oi, Rosie, desencavou algum morto recentemente? – perguntou ele.

– Muito engraçado.

– Desculpe sobre ontem à noite. Eu estava meio para baixo. Não conseguia reunir forças para nada.

Ela deu de ombros.

– Esta manhã me sinto melhor. Recebi uma mensagem da Amanda, lá da pousada.

– Sério? – indagou Rose, sem muito entusiasmo.

– Ela disse que a proprietária voltou no meio da noite. Então vou lá agora para ver se consigo acesso aos registros.

– Que bom – disse ela, afastando-se para o lado para deixar outros alunos passarem.

– Venha comigo – pediu ele.

– Não posso, tenho aula.

– Por favor. As coisas têm andado um pouco estranhas entre nós. Seria bom apenas relaxar e conversar.

Mas não sobre Brendan e mamãe, ela queria dizer.

– Eu iria, mas tenho um trabalho para entregar – disse ela. – Por que não vai com Skeggsie?

– Ele está na faculdade.

– Ah, está certo, então eu era a segunda opção de qualquer forma. Se ele não estivesse na faculdade, então você não estaria aqui.

As palavras saíram antes que ela pudesse pensar direito nelas. Joshua foi visivelmente pego de surpresa pelo que ela disse. Ele começou a balançar a cabeça.

– Quer saber, Rosie? Vou sozinho.

Ele saiu e ela ficou olhando com um pânico crescente. Era exatamente como ela pensara na noite anterior. Eles iam brigar e, então, parar de se ver, e isso seria insuportável.

Rose, Rose, disse a si mesma, *por que você está afastando Joshua?*

Ela foi atrás dele, acelerando o passo para alcançá-lo enquanto ele dobrava a esquina.

– Josh! – gritou ela.

Ele olhou para trás.

– É claro que posso ir. Posso entregar meu trabalho depois.

Ele olhou por um instante como se não fosse aceitar as palavras dela, como se tivesse ficado muito chateado e fosse embora de qualquer jeito. Então, o rosto dele se abriu num sorriso, ele passou um braço pelo pescoço de Rose e puxou a cabeça dela em sua direção e lhe deu um beijo alto e estalado no cabelo.

– Está bem! – disse ela, sem graça ao ver passar alguns jovens que conhecia de sua turma. – Vamos antes que algum dos meus professores me veja.

Eles pegaram um metrô e um trem.

Durante a viagem, eles conversaram. Joshua explicou por que sua investigação era tão importante. *Eu entendo*, disse ela. *É claro que entendo.* Mesmo se sentindo desconfortável com aquilo, não deixaria que se tornasse um obstáculo entre os dois. Então, ela lhe contou por que estava tão envolvida com os assassinatos do colégio. Ele assentiu e disse: *Claro, claro, entendo*, quando ela explicou. Depois de algum tempo eles falaram sobre outras coisas. Livros, filmes, pontes e prédios de Nova York. A viagem levou uma hora e vinte minutos. Quando desceram na estação Twickenham estava claro e ensolarado. Rose abriu a jaqueta. Joshua apontou para a direção em que estavam indo. A pousada ficava a apenas alguns minutos dali.

– Espere – disse ela, enquanto se aproximavam da entrada. – Você entra e fala sozinho com Amanda. Vou ficar aqui fora. Se descobrir alguma coisa, você vem me chamar.

– Por quê?

– Ela é o tipo de garota que me irrita. Eu só ia ficar bufando o tempo

todo.

– Você a está prejulgando, Rosie. Só porque ela se enfeita toda não quer dizer que seja uma cabeça de vento.

– Vou esperar ali no banco. E dar tempo aos dois para se conhecerem melhor – disse ela, com um sorriso astucioso.

Joshua sorriu e foi para a pousada. Rose seguiu para o banco. Ela se sentou e olhou em volta. As vagas do parquímetro estavam todas lotadas e alguns carros procuravam um lugar para estacionar próximo às faixas amarelas de cada lado. Ela sentiu o calor do sol no rosto. Depois do vento e da chuva da noite anterior, aquilo era bom. As ruas estavam cheias de compradores. Ela olhou para o outro lado da rua e se lembrou de ver Frank Palmer, o técnico do colégio, entrando em uma casa no sábado anterior. Levantou-se e andou pela calçada até ficar de frente para ela. Olhou para a casa através do tráfego. A porta da frente era verde-escura sem janelinha ou número, apenas uma fina caixa de correio de metal. A bolsa dele lhe veio à cabeça. Uma mala de viagem em um tom de vermelho vivo com uma bandeira quadriculada. Ela se perguntou indolentemente se ele era fã de automobilismo. Tinha acabado de se sentar de novo quando ouviu a voz de Joshua:

– Rosie.

Virou-se e o viu caminhando para ela. Ele tinha sido mais rápido do que ela achou que seria. Os ombros dele estavam caídos e ela se perguntou se Joshua não tinha conseguido ver os arquivos.

– Nada – disse ele quando a alcançou.

– O que você quer dizer?

Ele desabou no banco ao lado dela.

– Amanda conseguiu as chaves com a proprietária e achou os arquivos de cinco anos antes. Estavam em disquetes, mas ela fez uma lista dos nomes. Há também um livro de registro. Um para cada ano. Catorze pessoas passaram aquela noite na pousada, três casais, uma família de

cinco pessoas e três solteiros. Os nomes de papai e Kathy não estão na lista. Beco sem saída. Perda de tempo. Talvez a memória de Valeriya Malashenko não seja tão boa no fim das contas. Ou era uma outra pousada.

Rose ficou em silêncio. Estava certa, e ainda assim aquilo não a fazia se sentir bem.

– Só achava que se eles tivessem ficado aqui isso nos levaria a outro lugar. Sabe, como um ponto de partida?

Joshua estava inclinado para a frente com as mãos entre as coxas. Rose procurou encontrar alguma coisa para dizer.

– Parece que você estava certa – disse ele, olhando para o chão.

Ela olhou para ele com tristeza. Estendeu a mão e pegou o braço de Joshua. Usando as duas mãos, envolveu a dele. Para qualquer outra pessoa, eles pareceriam um casal de jovens apaixonados fazendo as pazes depois de uma briga.

– Espere um minuto – disse ela.

Alguma coisa a incomodava. Algum fato em seu cérebro estava tentando sair. Sua mãe, Kathy, tinha mudado o sobrenome de Christie para Smith. Para começar uma vida nova longe da própria mãe. Tinha se livrado de sua identidade apenas trocando uma palavra.

– Por quê?

– E se eles se registraram com outros nomes?

– Não é possível. Lembre que Amanda disse que eles conferem os passaportes.

– Mas e se eles conseguiram passaportes novos? Eles eram policiais. Estavam trabalhando em casos difíceis e não resolvidos. Talvez estivessem se passando por outras pessoas! Talvez seja o que ainda estão fazendo.

O rosto de Joshua se iluminou por um momento. Depois ele resmungou:

– Passando-se por outras pessoas por cinco anos?

– Não sei. Talvez...

– A polícia não teria dito algo?

– A não ser que fosse outra coisa. Que não estivessem *se passando por*

outras pessoas, mas tivesse algo a ver com o país?

– O quê?

– O governo? Os casos não resolvidos em que eles estavam trabalhando podiam ter algo a ver com terrorismo?

– Tipo espiões? – indagou ele, levantando-se.

Rose não respondeu. Tinha sido apenas uma sugestão para animar Joshua, mas a coisa havia tomado forma e se transformado numa teoria, e ela não sabia aonde iria chegar com isso. Joshua andava de um lado para outro. Estava agitado, com a expressão de quem se achava mergulhado em pensamentos.

– Mas espere – disse ela. – Provavelmente, eles não deveriam ter de se passar por outras pessoas por cinco anos. Talvez algo ruim tenha acontecido.

– Eles foram descobertos?

Ela deu de ombros.

– Isso explicaria muito. Talvez tenham mantido o disfarce por algum tempo. Dias, talvez, e algo deu errado... – disse Joshua.

– Vamos só dar uma olhada nos arquivos. Olhar os nomes. Eles devem ter escolhido algo que lhes fosse familiar.

Joshua andou até a pousada. Rose sentiu um receio momentâneo. Andou depressa atrás dele.

– Espere... – disse ela, detendo-o, fazendo-o parar.

– O quê?

– E se tudo isso levar à mesma coisa? Eles se passaram por outras pessoas, eram espiões, o que seja. E se estiverem mortos, de qualquer forma? Qual é o sentido se no final de tudo isso estivermos na mesma situação? Ainda sozinhos...

– Mas saberíamos a verdade. Mesmo se essa verdade for muito difícil, devemos saber qual é. Essa é a questão. Venha, vamos dar uma olhada nos nomes de novo.

Ela o deixou ir à frente e andou atrás dele, sentindo-se irritada consigo

mesma. Por que simplesmente não ficou com a boca fechada? Eles estariam no metrô agora, no caminho de volta a Camden.

Amanda estava perto da mesa do saguão como se estivesse esperando Joshua voltar. Usava cílios falsos que faziam peso em suas pálpebras. Parecia que ela estava para cair no sono. E vestia uma blusa rosa berrante que revelava o formato de seu sutiã. Na semana anterior, Amanda estava vestida para trabalhar, hoje estava vestida para matar.

– Oi, Rose. Como você está? – perguntou ela, dando uma cadência às palavras como se Rose fosse uma irmã de *sete* anos de Joshua.

Rose fez um som de *hum*.

– Podemos ver os arquivos de verdade? – perguntou Joshua. – Só para confirmar uma coisa. Pode ser?

– A sra. Harrison deve voltar logo.

– Vamos levar cinco minutos, não mais.

Amanda olhou para o relógio de maneira exagerada.

– Por favor. Eu não pediria, mas você tem sido tão legal...

– Vamos. Por aqui. Vocês podem vê-los no escritório.

Eles a seguiram até uma sala pequena nos fundos da casa. Havia uma escrivaninha e um laptop novo no meio, aberto. Ao lado ficava um computador velho, o monitor ocupando a maior parte do espaço. Junto a ele havia uma impressora antiga. Amanda abriu uma gaveta e pegou uma caixa de disquetes. Rose se perguntou o que Skeggsie faria com tal equipamento. Levaram alguns minutos para carregar um deles no computador antigo. Então Amanda abriu um arquivo e lá estava. *Novembro de 2007.* Era uma planilha com datas na lateral e números de quarto no alto. Josh apontou para 4 de novembro.

– Aqui estão os nomes, olhe.

Os olhos de Rose se moveram ao longo da página. Três casais, uma família de cinco pessoas e três solteiros. Os olhos dela se concentraram nos três casais; Robinson, Brewster, Spicer. Amanda ficava andando até a

janela e voltando. Parecia pouco à vontade.

– Veja este – disse Rose, apontando para os primeiros nomes.

Ela os leu em voz alta: *Kate Brewster, Dan Brewster*.

– E aí? – disse Joshua.

– Brewster. Nós morávamos na *Brewster* Road. O nome da minha mãe era Kathy. E Brendan. *Dan.*

– O que você quer dizer com *sua* mãe? – perguntou Amanda de repente. – Achei que fossem irmãos.

– Irmãos adotivos – disse Joshua.

O rosto de Amanda se abriu em um sorriso.

– Certo.

– Você tem o livro? O que os hóspedes assinam? – indagou Joshua.

Amanda assentiu e foi até outra gaveta. Ela pegou um Livro de Registro de Hóspedes de capa de couro preta e o abriu sobre a escrivaninha.

– Vocês vão ter de ser rápidos – disse ela. – A sra. Harrison disse que voltaria na hora do almoço e são dez para o meio-dia.

– Só mais alguns minutos – disse Joshua, virando as páginas até chegar ao dia 4 de novembro. – Aqui está. Veja.

Rose olhou para as assinaturas na página. Dan Brewster tinha assinado com uma letra inclinada para a esquerda que ela não conhecia. A de Kate Brewster era muito familiar. O K era elaborado com uma volta na base e cada letra era cuidadosamente desenhada até o último “r” de Brewster. Ela olhou para o livro por um longo tempo, os olhos devorando a assinatura.

– É da minha mãe – disse ela. – São os Ks e Rs da minha mãe. É ela. Ela assinou isto!

Joshua tinha um olhar maravilhado. Amanda olhou para ele e depois para Rose. Estava com as mãos juntas e parecia que podia fazer uma dancinha. Rose, apesar de suas sombrias previsões, tinha sido afetada pela visão da letra da mãe.

– O que é isso? – perguntou Joshua, apontando alguns símbolos depois dos nomes. – O que *TH* quer dizer?

– Deixe-me ver – disse Amanda, estufando o peito e apontando uma longa unha cor de tangerina para a página. – Esses símbolos são antigos. A gente não usa mais eles, mas eu sei... Deixe-me pensar...

A sineta tocou no saguão.

– São clientes, preciso ir. Vocês podem tirar o disquete e guardar essas coisas?

Rose pegou o Livro de Registro de Hóspedes. Segurou-o contra o peito, embalando-o.

– Mas o símbolo, Amanda. O que ele significa?

A sineta tocou de novo, mais insistente desta vez.

– Vou pensar. Não! Espere. Eu sei. T é de táxi. É isso. Eles pediram um táxi de manhã.

– E quanto ao H?

– Heathrow – disse Amanda. – Desculpe, não falei isso? Eles estavam indo para o aeroporto de Heathrow. Eles pediram um táxi na noite anterior. É isso o que o símbolo significa.

A sineta tocou de novo, alta e estridente. Amanda fez *tsc, tsc* e saiu da sala.

Joshua olhou para Rose. Nenhum dos dois falou. Ele se virou de costas para ela e apertou o botão de imprimir, fazendo com que a velha impressora zunisse e produzisse uma cópia da planilha. Tirou o disquete do computador e o colocou de volta na gaveta. Virou-se e olhou para ela com uma expressão estranha. Ela percebia que estava segurando o livro num abraço apertado.

– Olhe, no alto do arquivo.

Havia uma máquina de xerox. Era achatada, pequena e parecia bem básica.

– Eu faço isso – disse Joshua, pegando o livro dela.

Ele colocou o livro na fotocopiadora virado para baixo e fechou a tampa.

– Cruze os dedos – disse ele.

Apertou um botão e a máquina se iluminou. Instantes depois uma folha

A4 saiu. Uma cópia da página com as assinaturas. Rose olhou para ela com um sorriso.

– Guarde isso.

Josh entregou as cópias para ela, que as dobrou e colocou no bolso da frente da mochila. Ver o celular rosa de Emma Burke a assustou, mas ela guardou as cópias junto dele. Joshua segurou a porta aberta e os dois saíram para o saguão, onde Amanda estava em pé no meio de uma família e suas malas.

– Obrigado, Amanda. Ligo para você depois.

– Está bem – disse ela, com um largo sorriso.

– Obrigada – disse Rose baixinho.

Eles saíram para a rua e Josh olhou para ela com a mais pura alegria. Ela pegou a mão dele e apertou e ele bagunçou o cabelo dela.

Após cinco anos, eles tinham encontrado alguma coisa.



XXIII

A euforia durou toda a viagem de metrô. Eles se sentaram lado a lado, a mochila de Rose no banco perto dela. Josh estava inclinado para a frente com as mãos se movendo enquanto falava. O vagão estava quase vazio, só uma mulher com um carrinho de bebê na outra ponta.

– Aonde será que papai e Kathy estavam indo? Para que país?

– Eu não sei. *Por que* estavam indo? A trabalho? Fingindo serem outras pessoas?

– E mudaram os nomes deles? Por quê?

– Precisavam de uma nova identidade. Para sabe-se lá qual o trabalho que estavam fazendo.

– Ou eles estavam fugindo? – indagou Josh, franzindo a testa.

– O principal é que sabemos que eles não desapareceram simplesmente – disse Rose.

– Eles não foram abduzidos. Isso é uma notícia boa mesmo.

– É sim.

– É uma ótima notícia. É a primeira pista que tivemos – disse Joshua.

– E foi seu site que conseguiu isso.

– Skeggsie ajudou.

– Mas você teve a ideia.

– Certo! Vou mandar um e-mail para Valeriya. Contar como a informação que ela deu foi importante.

– Boa ideia.

– Descobrimos aonde eles foram. Temos provas. Sabemos que foram para Heathrow.

– E de lá para algum outro lugar.

– Sabe o que é realmente empolgante? Temos os nomes que estavam nos passaportes, então, se os dermos para a polícia, eles poderão ir até as autoridades em Heathrow e saber exatamente para onde eles viajaram.

– A polícia? – Rose não estava certa.

– Não estou dizendo que *vamos* entregar tudo à polícia, não estou dizendo isso. Ainda não. Deve haver outro jeito de descobrirmos por qual companhia eles voaram e para onde foram.

– Talvez a polícia já saiba. Se isso for um trabalho sob disfarce. Se formos até eles, podem apenas abafar a coisa toda de novo – disse Rose.

Eles estavam em uma estação. As portas se abriram e um jovem casal entrou. Sentaram-se nos assentos em frente, meio próximos. O garoto tinha alargadores nos lóbulos das orelhas. Era desconcertante, e Rose tentou não olhar. Olhou para o chão. A garota usava botas de pele de leopardo, pontudas e de salto alto; e eles, definitivamente, rosnaram para ela. Lembrou-se, então, das botas prateadas de salto baixo de Bee Bee. Ela olhou para os próprios pés, DMs pretos, sem salto, resistentes, precisando de um polimento, os cadarços apenas parcialmente passados. Anna detestava essas botas. Talvez fosse por isso que Rose as usava.

– Pode ter sido algo ligado à segurança nacional – disse Joshua. – Como você disse, terrorismo ou, talvez, anarquistas.

– É – disse Rose, um pouco distraída.

– Desde o 11 de setembro há vários desses trabalhos.

– Eu sei.

Mas onde eles estavam agora? As palavras passaram pela cabeça de Rose como se alguém tivesse acabado de sussurrá-las em seu ouvido.

– Ou eles estavam fugindo de alguma coisa. Algum caso de crime organizado no qual estavam envolvidos.

– E usando o nome da rua. *Brewster Road* – disse Rose, forçando-se a se concentrar no que haviam descoberto.

– E a assinatura da sua mãe! Ela não a mudou. Quer saber? É quase como se estivessem deixando pistas para nós. O estojo dos óculos. O cartão da pousada. O sobrenome novo, os primeiros nomes e, então, a assinatura. É como uma caça ao tesouro. Eles estavam deixando pistas pelo caminho para seguirmos.

Rose sorriu. Era isso mesmo.

Depois de algum tempo, eles pararam de falar. Rose estava perdida em seus pensamentos, e Joshua, olhando para o colo. Quando chegaram à estação deles, se levantaram e Rose deu a Joshua um sorriso encorajador. Ela passou pelas botas de leopardo e evitou olhar para os lóbulos perfurados.

– Acho que vou atualizar o site – disse Joshua. – Não vou dar todos os detalhes, mas posso mencionar Heathrow, a data e os novos nomes. Alguma coisa pode surgir.

– Pode.

– Talvez haja outro pedaço da caça às pistas lá, em Heathrow.

– Talvez – disse ela.

Mas onde eles estão agora?, pensou Rose, pisando na escada rolante.

Eles compraram sanduíches e os levaram para o apartamento em Camden. Skeggsie tinha ido para a universidade, logo ficaram sozinhos. Joshua estava quieto. Ele foi até a cozinha e colocou os sanduíches em pratos. Em silêncio, preparou bebidas quentes e, juntos, levaram tudo para a sala com a TV. Sentaram-se no sofá, os sanduíches em frente a eles, canecas de chá e café no chão. Joshua tinha ligado no canal de notícias. O som estava baixo e Rose olhava para a tela, sentindo-se chateada.

O estado de espírito tinha mudado.

Para onde sua mãe e Brendan tinham ido? Por quê? Por que não tinham tentado entrar em contato com eles? Para deixar Rose e Joshua saberem que estavam bem?

Essas eram as perguntas que precisavam de resposta há cinco anos, e agora, mesmo depois de descobrirem sobre a pousada e o táxi para Heathrow, eles ainda não sabiam.

O noticiário continuava e Rose olhava de forma desinteressada. Metade do sanduíche de Joshua ainda não tinha sido comido. Ela havia deixado as cascas e a parte do recheio de que não gostara.

– Sabe o que não entendo? – perguntou Joshua de repente.

Rose bebeu um gole de chá. Tinha esfriado muito e ela colocou a caneca de volta no lugar. Notou, então, que Joshua estava sentado longe dela. Havia lugar para pelo menos uma pessoa se sentar entre eles. Isso a fez sentir frio.

– Que isso tudo foi planejado com antecedência! Eles tinham passaportes novos. Devem ter levado muito tempo para conseguir. Eles deviam saber que iam viajar dias antes ou até semanas.

Rose se recostou no assento. Sentia-se cansada e esticou os braços, tentando se animar.

– Vamos dizer que eles só tiveram certeza uns dias antes. Então, durante aqueles últimos dias, quando eu estava indo para a escola, conversando com meu pai sobre futebol ou lhe entregando um pacote de biscoitos, ele sabia o que estavam planejando. Ele me respondeu. Conversou comigo. Ele me deu alguns trocados e, o tempo todo, ele sabia, *eles* sabiam que iriam nos deixar.

Rose olhou fixamente para a frente. Havia um pequeno bolo se formando em sua garganta.

– Como puderam fazer isso?

Joshua cruzou os braços. O café dele estava no chão, bebido pela metade, como de costume. Sem dúvida, uma película se formaria na parte de cima do café mais tarde. Talvez Skeggsie fosse recolher a caneca e lavá-la para ele.

– Quando eles desapareceram, foi ruim. Foi *muito* ruim. Você se lembra daqueles dias?

Rose mordeu o lábio. Ele continuou:

– Mas era sempre como se o que houve estivesse fora do controle deles. Alguma coisa acontecera *a eles.* Mas, agora, parece que *eles* organizaram isso.

Ele se levantou de repente, o assento rangendo quando o deixou.

– Não gosto disso. Não gosto mesmo. No começo achei que eram boas

notícias, mas agora...

– Mas precisávamos saber a verdade. Você disse...

– Não essa verdade.

Rose pegou a mão de Josh e o puxou para baixo, fazendo-o se sentar de novo. Ele continuou falando, as palavras acelerando:

– Então, digamos que havia um plano, talvez instigado pela polícia ou, quem sabe, eles mesmos o elaboraram. Eles se sentaram na cozinha um dia, enquanto estávamos na escola, e planejaram nos abandonar. Pensaram em novos nomes e em um lugar para ir. Eles *tinham a intenção* de nos deixar.

Ela olhou para ele. Joshua estava rígido, o pescoço e os ombros, retesados. Parecia mais alto, maior, inflado pela raiva.

– Não sabemos se eles escolheram fazer isso... – disse Rose.

– Sabemos sim! Sabemos agora que eles saíram para uma refeição e deixaram o carro lá. Pegaram um táxi para Twickenham e mostraram os novos passaportes! Talvez estivessem rindo quando fizeram isso...

– Não, eles não iriam...

– Eles programaram um táxi para a manhã seguinte até Heathrow. Para viajar para algum lugar mesmo sabendo que estaríamos loucos, preocupados, sozinhos. Duas crianças perambulando pela casa na Brewster Road, perguntando-se se eles teriam sofrido um acidente de carro...

– Eles não teriam ido embora sem uma boa razão...

– Como você pode dizer isso? – perguntou Joshua, olhando para ela. Os olhos dele brilhavam. – Eles nos abandonaram.

– Não, não. Isso foi algo que tiveram de fazer... – Rose estava desesperada.

– Todos disseram que eles estavam mortos. A polícia disse isso, meu tio, meus professores. Até você disse isso. Bem, agora espero que estejam mortos. É o que espero – disse Joshua, levantando-se, saindo da sala e batendo a porta.

Rose olhou para os sanduíches pela metade, para o programa de notícias e sentiu o pescoço contraído. Ela lhe falara para não remexer aquela história, mas como podia dizer isso para ele? Como podia falar *Eu não lhe disse?* A dor do desaparecimento tinha amenizado e eles haviam seguido com suas vidas. É claro, nunca mais tinha sido a mesma coisa para nenhum dos dois. Eles tinham perdido um ao outro no processo, mas agora haviam se reencontrado. Por que Joshua não podia ter ficado satisfeito com isso? Por que revirar tudo aquilo de novo?

Ela ouviu um barulho no quarto. Era um som de lamento, e ela se levantou depressa e foi até ele. Abriu ligeiramente a porta de Joshua e o viu deitado de lado na cama, o rosto enterrado no travesseiro.

– Oh, não – disse ela, sentindo os olhos se encherem de lágrimas.

Ela foi até a cama e se sentou ao lado dele. Mesmo sem tocá-lo, pôde sentir como estava quente.

– Sempre achei que eles iriam voltar. Entrar pela porta um dia, dizendo *Você não vai acreditar nisso...*

Ela olhou para ele com tristeza. Sob aquele sofrimento, havia raiva, ela podia ouvir na voz dele. Rose se sentou mais para cima na cama.

– Josh, não fique triste.

– Como posso não ficar? Ele me deixou. Meu pai sempre me disse: *Somos eu e você contra o mundo*, e então ele foi embora.

Ele estava chorando. Ela colocou a mão no peito dele e parecia tenso como uma mola. Lembrou-se então da tatuagem dele, na lateral do corpo. Uma borboleta pronta para voar. Ela deixou os dedos contornarem a figura.

– Somos um time, você e eu – disse ela, levantando a manga para mostrar a Morpho azul.

O rosto dele mal esboçou uma reação e Joshua parecia estar olhando fixamente para algum lugar distante dali. Ela não o estava alcançando, e isso a deixou apreensiva. Esse garoto tinha sido sua rocha nos últimos seis

meses. Desde que recebera seu primeiro e-mail, aquilo a modificara. Superar as coisas horríveis que aconteceram no colégio Mary Linton, as brigas com Anna, sua insistência em mudar de colégio – aquelas coisas só tinham acontecido porque ganhara força ao saber que Joshua estava em sua vida de novo.

Se ele desmoronasse, o que lhe restaria?

Ela começou a chorar, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele olhou para ela e se acalmou. Esticou os braços e puxou o rosto dela em direção ao seu ombro.

– Ah, Rosie – disse ele, abraçando-a.

E daí que eles não tinham sua mãe e Brendan? Tinham um ao outro.

Ela sentiu uma onda de emoção. Nada importava agora, a não ser eles dois. Ela ergueu o rosto e olhou para ele. Os olhos de Joshua estavam fechados e ele parecia tranquilo. Ela sentiu uma vontade grande de beijar o rosto dele, de fazer uma piada de tudo aquilo, de rir despreocupadamente. De voltar ao estado que eles estavam antes do e-mail da garota russa. Mas ele virou a cabeça e ela olhou para os lábios dele.

Sentiu um impulso. Uma vontade enorme de colocar sua boca ali, de leve, mal tocando. Os olhos de Joshua estavam fechados e ele parecia tão tranquilo, e era tudo o que tinha. Ela se aproximou. Sentiu-se atraída para ele.

Então, abruptamente, parou e recuou.

O que estava pensando? Tinha ficado maluca? Ela se levantou e obrigou-se a se afastar. Ele notou imediatamente porque abriu os olhos. Parecia sonolento e lhe lançou um sorriso discreto.

– O que houve? – perguntou ele.

– Preciso ir.

Rose se afastou da cama, olhando em volta como se tivesse esquecido alguma coisa por ali. Os braços dela pendiam, desesperançosos, dos lados do corpo. Em que estivera pensando? O que havia de errado com ela? Joshua era seu irmão adotivo.

– Preciso entregar aquele trabalho – disse ela, a voz esganiçada.

Ela saiu do quarto. Pegou o casaco e a bolsa na sala de estar e percebeu que ele estava atrás dela.

– Rosie – disse ele, as mãos estendidas para detê-la. – Eu a chateei? Não dê atenção às coisas que disse sobre papai e Kathy. Só estava irritado. Não quis...

– Está tudo bem. Foi uma tarde cheia de emoções. Preciso ir agora. Para chegar ao colégio.

Ela falou enquanto passava por ele no corredor e descia a escada. Podia ouvi-lo seguindo-a. Queria que ele não fizesse isso. Só por ora, ela queria ficar sozinha, longe dele.

– Eu só tinha muita raiva reprimida para liberar – disse ele.

– Aconteceu muita coisa – falou ela, evitando contato visual.

Ela estendeu a mão para abrir a porta. No mesmo instante, ele colocou a mão no ombro dela e Rose sentiu seu peso e seu calor. Ela se virou para olhar para Joshua e os dedos dele deslizaram para o braço dela. Rose sentiu a garganta apertar, como se alguém tivesse puxado um cordão.

– Você não está zangada comigo? Por perder a calma?

Ela balançou a cabeça.

– Que bom.

– Eu... entrarei em contato com você no fim de semana – gaguejou ela. – Tenho... tenho algumas coisas para fazer no colégio e amanhã é a cerimônia em memória de Emma, então estarei ocupada. Aí, se eu não der notícias, você já sabe por quê...

– Estou ocupado também. Vou ligar para você no fim de semana.

Ela saiu e ficou parada na Camden High Street. Levou a mão até o braço onde a mão de Joshua estivera e deixou-a ali por alguns instantes. Havia pessoas passando, mas ela mal notava.

Faltavam três dias para o fim de semana.

Três dias para esquecer o quão estúpida quase tinha sido.

Rose, Rose, disse a si mesma, *no que você estava pensando?*



XXIV

Rose passou pela estação do metrô e continuou andando em direção ao colégio. Eram duas paradas de metrô, mas ela precisava caminhar. Era pouco depois das duas horas e sentimentos de vergonha e confusão a invadiram. Andou de cabeça baixa, olhando para a calçada, desviando das pessoas que vinham em sua direção. Ela, que nunca beijara um garoto, que nunca conhecera de verdade um garoto em qualquer sentido real.

O que havia acontecido com ela?

O dia tinha esquentado. O sol de outubro era forte e inesperado, e Rose tirou o casaco. Ela o dobrou com força e a empurrou dentro da mochila. Sua blusa branca tinha mangas curtas e a Morpho azul estava bem visível. A crosta finalmente tinha saído, e a borboleta parecia vibrante e viva contra sua pele pálida e as roupas pretas e brancas.

Em vez de se sentir feliz, no entanto, ver a tatuagem a fez se encolher. Desde o dia em que Joshua lhe mostrara a que ele havia feito, sua borboleta parecia de alguma forma ligada à dele, e agora ela estivera à beira de estragar o relacionamento deles com um impulso inexplicável de beijá-lo.

Ela continuou andando, cabeça baixa, o rosto contraído de irritação.

Não tinha nenhuma aula no colégio, mas podia entregar o trabalho. Era melhor ir até lá do que voltar para a casa de Anna. Não queria encarar a avó. Não tinham se falado desde a briga e não queria estar na companhia dela depois de ter chegado a outro beco sem saída sobre o desaparecimento de sua mãe e Brendan. Nem por um segundo precisava ser lembrada da versão de Anna para os fatos, a acusação horrível que fizera contra Brendan.

Deixou as lojas e cortou algumas ruas secundárias.

Pensou na pousada e lembrou-se dos momentos em que pensara ter descoberto algo importante. Joshua ficara exultante e os dois haviam

conversado sobre aquilo como se tivesse sido uma grande descoberta. *É quase como se estivessem deixando pistas para nós. É como uma caça ao tesouro*, dissera Joshua.

Mas descobrir aquela pontinha de verdade não os havia levado a lugar nenhum. Na verdade, tinha piorado as coisas. Agora, parecia que sua mãe e Brendan tinham *planejado* o próprio desaparecimento, abandonando os filhos. E, no entanto, tinham deixado pistas. O estojo dos óculos, os nomes falsos, a assinatura?

Uma caça ao tesouro.

Rose podia ver o portão do colégio mais à frente. Diminuiu o passo. Sentiu um grande peso de repente, tirou a mochila do ombro e a segurou com uma das mãos. Havia um muro baixo de tijolos ao seu lado e ela se sentou ali, esperando que o dono da casa não aparecesse para expulsá-la.

Sua mãe e Brendan tinham deixado uma trilha de pistas. Tinham mesmo?

De acordo com Valeriya Malashenko, era sua *mãe* que estava chateada no jantar, sua mãe que tinha parado de andar pela calçada do lado de fora. Era o estojo dos óculos da sua mãe que tinha sido deixado para trás e, das assinaturas, era a da sua mãe que estava igual à sua letra normal.

Sua mãe estava deixando a trilha de pistas, não Brendan. Será que ela havia sido atraída para algo do qual não queria fazer parte? Seria essa a explicação? Ou seria algo mais sinistro? Brendan estaria *forçando* sua mãe e as pistas eram seus pedidos de ajuda?

Rose se sentou muito quieta e pensou no que Anna dissera: *Você escolhe ser amiga do filho da pessoa que muito provavelmente matou sua mãe?* Ela agarrou as alças da mochila. Depois se levantou e seguiu para o portão do colégio. Não pensaria naquilo. Não iria. Brendan nunca teria machucado sua mãe. Ele a amava. Não amava?

Por um segundo pensou em Joshua deitado na cama, seu rosto a centímetros do dele. Ela ficaria assim tão perto dele de novo? Ou o relacionamento deles iria estacar por causa da sua falta de jeito com o que

aconteceu? Talvez fossem perder contato de novo e, quando Anna falasse sobre tudo ser culpa de Brendan, Rose não teria forças para discordar.

Não, aquilo não podia acontecer. Tinha de se agarrar a Joshua.

Havia poucos alunos circulando pelos corredores, mas ninguém prestou atenção nela. As aulas da tarde tinham começado e ela seguiu para a sala dos funcionários. Pensou em sua grade de horários do dia seguinte e nos trabalhos que deveria entregar. Depois, na trama do livro que estavam lendo, nos personagens e nos temas. Ela ficou pensando em todas essas coisas como se estivessem escritas em uma lista em um pedaço de papel na sua cabeça.

Qualquer coisa para impedir ideias desagradáveis de invadirem seus pensamentos.

Brendan amava sua mãe. Amava.

E havia a cerimônia em memória de Emma no dia seguinte. Estava prevista para as quatro horas no Salão George Bernard Shaw. Ela iria, com certeza, e estava se preparando para a língua afiada de Sherry Baxter. Pelo que tinha ouvido, a família de Emma deveria estar lá, sua mãe e uma irmã mais nova. Rose se perguntou se Bee Bee e Lewis Proctor iriam. A atmosfera seria tensa.

E ainda assim, pelo que sabia, ninguém tinha sido acusado do assassinato de Emma ou de Ricky Harris.

Ela passou pela biblioteca e seguiu em direção ao coração do prédio, onde ficava a área dos funcionários. Chegou à sala de informática e teve de parar porque o corredor estava bloqueado por um grupo de alunos esperando para entrar em uma aula. Então, as portas de vaivém se abriram e Henry Thompson saiu.

– Oi! – disse ela.

O policial estava usando roupas comuns: calças e jaqueta.

– Oi.

– O que está fazendo aqui? É sobre Emma? Você prendeu alguém? – perguntou ela, tocando o bolso da mochila onde estava o telefone de Emma.

– São três perguntas, Rose. Qual devo responder primeiro?

Rose deu de ombros. Por que ele não estava de uniforme?

– Não estou aqui por causa de Emma. O caso está andando, mas não houve nenhuma prisão. Estou aqui para cuidar de outro assunto da polícia. Alguns computadores e laptops sumiram.

– Por que está vestido assim?

– Quarta pergunta. Porque não estou de verdade em serviço. É minha tarde de folga. Estava a caminho de casa e passei pelo colégio; então, pensei em entrar e conversar com alguns técnicos. Na verdade, é mais fácil entrar em um lugar assim sem estar vestido como policial.

Ela o observou. Ele estava melhor do que ficava de uniforme. Ela se lembrou de que ele havia lhe pedido para ajudá-lo em seu clube. Tinha esquecido o nome do lugar, mas ele pedira *duas* vezes.

– Vi você na hora do almoço. Estava terminando meu turno e você estava saindo do metrô de Camden com um rapaz.

Ela assentiu. Parecia fazer tanto tempo. Ela e Joshua, felizes por descobrir informações na pousada.

– Era seu namorado?

– Não! – disse ela, indignada.

– Só achei...

– Ele não é meu namorado. É meu irmão adotivo.

Talvez fosse óbvio para as outras pessoas o que ela sentia por Joshua. É provável que estivesse escrito em sua testa, que desse para perceber por sua linguagem corporal. Talvez as outras pessoas pudessem ver isso.

– Calma. Eu só presumi...

– Bem, *não* presuma. Ele não é meu namorado.

– Desculpe.

– Quer tomar um café? – perguntou ela de repente.

Ela devia passar algum tempo com outras pessoas além de Joshua. Talvez não devesse ser tão dependente da companhia dele. Olhou para sua

mochila e se lembrou do telefone de Emma no bolso da frente. Apertou a aba como se temesse que ela se abrisse de repente.

– Podemos ir ao refeitório?

Ele parecia surpreso.

– OK. Se você ainda está falando comigo.

– Mais ou menos – disse ela, procurando sorrir.

– Só preciso ver o subdiretor.

– E eu preciso entregar meu trabalho.

– Encontro você no refeitório em vinte minutos?

– Combinado – disse ela, seguindo para a área dos funcionários.

O refeitório estava cheio. Ela comprou um chá de hortelã e encontrou uma mesa em um canto silencioso. Colocou a mochila na cadeira ao lado para que ninguém se aproximasse. Quando Henry chegou, ela acenou para ele. Ele foi ao balcão, pegou uma bebida e se sentou em frente a ela. Estavam perto de uma das janelas que dava para a High Street.

– Está vendo lá? Aquele prédio perto da loja de tapetes? – perguntou ele, apontando. – É onde fica o Sundown Club. Todas as quartas, de seis às oito.

Ela olhou para a frente, preferindo não responder.

– Tatuagem interessante – acabou dizendo ele.

Ela não tinha certeza sobre o que ele queria dizer com *interessante*.

– É uma Morpho azul. Minha borboleta preferida.

– É simbólica?

– Na verdade, não. Só gosto dela.

– Algo bonito que morre jovem? Transformação?

– Não...

– As pessoas costumavam capturar borboletas e mantê-las em potes até morrerem. E, é claro, elas eram colecionadas e exibidas em mostruários de vidro. Pessoalmente, não gosto disso. Criaturas, insetos e animais mantidos em gaiolas.

– Não é nada disso – disse ela incisivamente. – Só gosto de como elas se parecem. É só isso. Não é simbólica ou metafórica ou nada disso. É um lindo tom de azul.

– E, ainda assim, você usa preto e branco?

– Céus. Você está parecendo minha avó agora.

– Entendido.

– Amanhã é a cerimônia em memória de Emma – disse ela, mudando de assunto.

– Sei. Eu tenho mantido contato com a família dela. Eles estão muito ansiosos por isso.

– Muito *ansiosos* por isso? – indagou ela.

– Essas coisas são importantes para pessoas que estão de luto. Isso as mantém próximas das pessoas que perderam. Isso e, então, o funeral. Quando o funeral acaba, geralmente é um período muito ruim para os pais, para o marido ou esposa, o que seja. É claro que, nesse caso, não haverá funeral por enquanto, por causa da investigação.

– O que exatamente está acontecendo?

– Não posso falar sobre isso.

– Não está acontecendo nada, você quer dizer.

– Estamos progredindo muito lentamente.

– Nenhum novo suspeito, então – disse ela.

– Estamos fazendo o melhor possível.

– Aposto que se Emma fosse uma celebridade, ou filha do príncipe Charles, vocês já teriam encontrado o assassino.

– O príncipe Charles não teve filha.

– Você sabe o que quero dizer.

Rose bufou. Skeggsie estava certo sobre a polícia não estar fazendo nenhum esforço.

Ela olhou em volta. Havia mesas vazias de cada lado deles. Uma zona de exclusão. Era como se os alunos *soubessem* que Henry era um policial. Talvez soubessem, mesmo sem o uniforme. A atmosfera estava tensa e

Rose não sabia se devia se importar em puxar mais conversa.

– Achamos a faca – disse Henry finalmente, baixando a voz.

– Sério?

– Estava ao lado da linha férrea. Alguém a jogou ali, da Cuttings Lane.

– A pessoa que estava correndo pela passarela às 6h20 – disse ela, pensando em Bee Bee.

– Talvez.

– Era a faca de Lewis Proctor?

– Não tinha o nome dele nela, se é isso que você quer dizer.

– Mas havia impressões digitais, coisas assim?

– Rose, a única coisa que havia na faca era sangue.

Rose sentiu que perdia as forças. O sangue de Emma grudado na lâmina de uma faca que tinha ficado caída no cascalho ao lado dos trilhos do trem. Ela havia ido e voltado do colégio de trem. Tinha se sentado à janela e olhado para fora e, talvez, passado bem em frente ao ponto exato.

– Está com o laboratório forense agora; então, pode ser que consigam descobrir uma digital. Como você pode ver, estamos chegando a algum lugar.

Rose olhou para o bolso da frente da sua mochila. Se achasse que estavam mesmo levando aquilo a sério, poderia lhes entregar o celular de Emma.

– Entretanto, algo novo surgiu no caso de Ricky Harris. Falei com você que estava aqui hoje por causa de alguns roubos na sala de informática, não foi? Bem, ao que parece, nosso amigo Ricky pode ter tido algo a ver com o sumiço de alguns laptops dessa sala depois do horário de aula. Achamos que alguém de dentro pode tê-lo deixado entrar. Um dos técnicos parou de vir trabalhar nos últimos dias e estamos dando uma olhada em seus antecedentes.

– Mas Ricky foi morto há duas semanas. O que isso tem a ver?

– Vem acontecendo desde o início do período. Acreditamos que ele

devia estar levando os laptops e vendendo na King's Cross. Há uma ação de crime organizado por lá e achamos que Ricky estava tentando marcar alguns pontos, por assim dizer.

– Ele foi morto por causa de um laptop?

– De dez a doze laptops. Talvez ele devesse dinheiro a alguém e, então, uma briga começou. Lembre que eu disse que ele foi morto pela própria faca.

– Então ele não foi morto por amor? – indagou ela, pensando em Lewis Proctor.

– Não descartamos completamente essa ideia. O tal Proctor ainda não tem nenhum álibi, mas...

Ela ficou em silêncio, olhando para sua caneca vazia.

– Bem? – disse ele.

– O quê?

– Você me perguntou sobre os casos e eu lhe contei, embora, na verdade, não devesse falar sobre eles com ninguém. Você nos acusou de não fazermos nenhum progresso, e eu lhe falei sobre duas novas linhas de investigação que estamos seguindo. O que você tem a dizer sobre isso?

Ela não disse nada. O que ele estava esperando? Uma estrela dourada?

– Você é estranha assim com todo mundo, Rose? – indagou ele.

Ela gostava bastante dele, ainda que de maneira relutante. Não como um amigo ou nada disso, mas Henry era um cara legal, e ela parecia estar sempre discutindo com ele. Pensou em Joshua, a mão dele no ombro dela, tocando seu braço, sem saber que ela estivera a um segundo de beijá-lo. Talvez Henry estivesse certo à sua maneira. Ela precisava mesmo de outros amigos. Um ambiente novo, ainda que fosse *legal*.

– Você ainda quer que eu o ajude em seu clube? – perguntou ela. – Seja lá como se chama.

– O Sundown Club. Sim! Mas achei que você tivesse dito...

– Só para distrair a cabeça. Não sou uma das adolescentes que você precisa salvar. Eu só iria ajudar a fazer o chá ou o que quer que fosse.

– Não é um lar para idosos, Rose. Duvido que alguém vá beber chá!

– É exatamente isso que há de errado com os adultos! Vocês fazem uma certa imagem dos jovens! Nem todos nós comemos no McDonald's e bebemos Coca-Cola. Eu gosto de chá. Sem açúcar, com um pouco de leite.

– OK, OK. Venha amanhã. Das seis às oito.

– Estarei aqui na cerimônia em memória de Emma. Posso fazer alguns trabalhos na biblioteca e ir depois. Mas a questão é que não queria chegar sozinha. Posso encontrar você?

– Claro. Chego lá mais cedo, por volta das 5h30. Para arrumar tudo.

– Ligue para mim quando você chegar lá. Aqui, pegue meu celular – disse ela, tirando o telefone do bolso do casaco. – Coloque seu número aqui. Me dê seu número e lhe darei o meu.

Henry lhe entregou o celular dele.

– Meu Deus! Você precisa de um celular novo. Que idade isso tem?

– Entendido.

– Por que você *sempre* diz isso?

– Não sei. Você me deixa nervoso.

Ela pegou o celular de volta com ele.

– Ligue para mim amanhã e irei ao seu Sun Club.

– Sundown Club.

– Quem escolheu o nome, a propósito?

– Fui eu.

– Foi o que pensei.



XXV

Rose estava atrasada para o serviço memorial. Sua última aula tinha se estendido e depois o professor quis falar com ela sobre o trabalho. Com um olho no relógio da sala de aula, ela ouviu as reclamações sobre seu último trabalho, que não era grande o bastante ou detalhado o suficiente. Ela, apressadamente, concordou com os comentários do professor, prometendo fazer melhor no futuro. Quando conseguiu sair, os corredores do colégio estavam lotados de estudantes perambulando depois do final da aula. Teve de costurar o caminho por entre eles e atravessar tudo até o Salão George Bernard Shaw. Quando chegou, o serviço memorial já estava para começar, logo a entrada principal estava fechada. Ela ficou parada no lugar, perplexa. Não tinha sido um bom dia. Um professor apareceu e a orientou para o alto da escada para chegar às portas de trás. Quando entrou, ficou surpresa ao ver o auditório praticamente lotado. Sentou-se em um lugar perto do corredor, na penúltima fileira.

Sentiu calor e tirou a jaqueta. Colocou a mochila no assento ao lado e olhou para o bolso da frente. O celular de Emma ainda estava onde o colocara há algumas noites e ela não sabia o que fazer com ele.

Os assentos eram dispostos em forma de arquibancada, e isso significava que podia ver todo mundo, pelo menos a parte de trás de suas cabeças. Havia cinco ou seis vezes mais pessoas do que no serviço memorial de Ricky Harris. Ela olhou ao longo das fileiras e viu Sara e Maggie. Sara se virou naquele minuto e acenou para ela. Na ponta de uma fileira, da metade para baixo, estava Bee Bee Marshall, e Lewis Proctor se encontrava a alguns assentos de distância dela.

Na primeira fileira estava a família de Emma. Alguns adultos e uma garota pequena. Entre eles estava Sherry Baxter, um lado do cabelo vermelho puxado para trás com um prendedor preto. Estavam conversando entre si e alguns olhavam em volta, acenando para as pessoas

que conheciam que estavam atrás deles. Sherry, no entanto, olhava para a frente, as costas firmes, a cabeça parada. Rose se lembrou de quando a vira chorar alguns dias atrás no jardim de rosas. O som tinha sido sincero.

Rose não se lembrava de ter visto ninguém da família de Ricky Harris no serviço memorial dele. Ele tinha mãe e um irmão mais velho, contara Emma para ele, mas não se dava bem com nenhum dos dois.

A diretora do colégio entrou. Ela ficou no meio do palco enquanto uma música clássica começava a tocar. Depois de algum tempo o salão se aquietou. Rose ouviu o som da orquestra, as cordas dando à composição uma sensação melancólica.

Ela se lembrou das lições das quais tinha desistido, do violino que estava no estojo em seu quarto. Tinha começado a aprender aos oito anos e continuara durante todo o tempo em que estivera no Mary Linton. Agora, já não estudava mais. Tudo em sua vida parecia assim naquele momento. Coisas que ela começava e não terminava. O trabalho de escola não estava bom. Seu relacionamento com Joshua estava confuso. Havia desistido do violino. Tinha se envolvido no assassinato de Emma e tentara achar a faca que a matara; em vez disso, encontrara o celular. A busca por Brendan e sua mãe tinha chegado a um impasse.

Nada estava indo bem.

A música continuava enquanto a diretora se mantinha de pé, com a cabeça abaixada, como se estivesse concentrada em seus pensamentos. Quando a música acabou, ela olhou para a plateia, os olhos correndo pelas pessoas sentadas, aguardando o total silêncio antes de começar a falar.

– Gostaria de lembrar aos alunos que mantenham seus celulares no modo silencioso durante a cerimônia.

Houve certa agitação enquanto os alunos pegavam suas bolsas para checar se os telefones estavam sem som. Rose não precisava conferir o dela. Vinha olhando o seu toda hora durante a manhã para ver se recebera uma mensagem de Joshua. Não tinha recebido nenhuma. Tampouco e-mail. Ele dissera que estaria ocupado, mas ainda assim ela achou que ele

entraria em contato. Isso a deixou ansiosa. Será que ele havia percebido alguma coisa na tarde de terça? Será que a estava evitando? Não, isso era ridículo. Ela estava imaginando uma falta de consideração onde não havia.

Além disso tudo, tinha concordado em ajudar Henry Thompson no Sundown Club. Ela suspirou.

A diretora começou a falar:

– Todos os diretores de estabelecimentos de ensino temem ter de realizar um evento como este durante suas carreiras. Uma cerimônia em memória de um de seus alunos. Na última semana tive a tarefa nada invejável de presidir dois desses eventos. É um período muito triste para o colégio e seus alunos. Hoje, estamos reunidos para lembrar e homenagear Emma Jane Burke, uma aluna deste colégio, uma filha, irmã e uma amiga de muitas pessoas aqui. É com grande pesar que devo...

Rose ouviu durante algum tempo, mas sentiu seus pensamentos a levarem para longe.

Quando visse Henry Thompson de novo, ela lhe entregaria o celular de Emma. Seria difícil explicar por que não poderia lhe contar sobre as fotos do sistema de circuito interno. Teria de dizer que tinha ido ao cemitério naquela manhã e encontrara o celular por acaso. Era uma grande mentira, mas, caso se prendesse a ela, quem poderia dizer se era ou não verdade? A polícia muito provavelmente ficaria tão satisfeita de ter o celular e a arma do crime que não se preocuparia com a forma como o conseguira.

Ou ela podia enviar anonimamente.

Rose suspirou de novo. Por que tinha ficado com o telefone? Tinha pensado em tentar descobrir quem fizera a ligação. Mas aquilo, como todo o resto em sua vida no momento, não tinha sido feito.

O que havia de errado com ela?

Alguém da família de Emma se levantara para falar. Era uma mulher de uns trinta anos vestindo calça escura e jaqueta jeans. Tinha cabelo liso que caía em mechas nos lados de seu rosto. Era tia de Emma, disse ela, e continuou a ler um depoimento da família. Rose a observou. Era uma visão

dolorosa. A mulher estava aos prantos e sua voz falhava em cada frase. Segurava um papel à sua frente e os braços tremiam. Rose sentiu sua respiração ficar difícil, desejando que a mulher conseguisse concluir a leitura e voltasse para seu lugar. Por fim, ela conseguiu, e a pessoa ao seu lado passou o braço pelos ombros dela e a puxou para perto.

Duas alunas se levantaram e tinham depoimentos a ler. A música mudou e uma canção conhecida começou a tocar. Era uma das preferidas de Emma, dissera uma das garotas, e todos se sentaram e ouviram enquanto as meninas esperavam que a música terminasse antes de lerem seus textos.

Bee Bee olhou em volta. Rose captou seu olhar. Nunca tinha falado com Bee Bee cara a cara, e ainda assim parecia que a conhecia. *Eu a vi correr pela passarela*, pensou, olhando fixamente para a garota. Bee Bee se virou para o palco. Lewis Proctor deu uma olhada em volta, mas não fez nenhum sinal de que a tivesse visto.

Será que tinha sido Bee Bee que fizera aquela ligação para Emma?

Uma das garotas começou a ler de um pedaço de papel. Ela lia baixinho e lentamente, portanto era difícil ouvir cada palavra que dizia. Rose parou de tentar, puxou a mochila para o colo e abriu o bolso da frente. Dentro dele, viu o celular rosa, ainda no saco plástico em que Skeggsie o colocara. Ela o pegou e o tirou da bolsa. Abriu a tampa e o ligou, certificando-se de que estava no modo silencioso.

Havia uma maneira de tentar descobrir a identidade daquele que mandou a mensagem.

Fazer uma ligação do telefone de Emma.

Ligar para o número que havia enviado a mensagem.

Quase todo mundo que tinha alguma ligação com Emma se encontrava no auditório naquele momento.

A diretora estava se levantando. Sua voz soou alta e clara depois das garotas abaladas e da tia chorosa:

– Gostaria que todos vocês fizessem um minuto de silêncio.

O silêncio era total. Todos no auditório ficaram muito quietos. Rose olhou para a pequena tela e digitou um texto:

Quem é você?

Ela esperou até o final do minuto de silêncio. A diretora agradeceu a todos e a música clássica voltou a tocar. Um barulho baixo de conversa começou e ela pressionou *Enviar.* Manteve os olhos em Bee Bee e se decepcionou quando não ouviu nenhum barulho. Então, lembrou-se de que todos os aparelhos estavam no modo silencioso. Ela esperou que as pessoas, aos poucos, pegassem seus celulares nas bolsas e bolsos e começassem a olhar para eles. A conversa ficou mais alta e ela teve medo de não ouvir o toque quando a mensagem de texto chegasse. Seus olhos estavam fixos em Bee Bee, que tirou o telefone do bolso e olhou para ele.

Rose se levantou e andou alguns passos em direção ao palco. Agora estava perto o suficiente de Bee Bee para ouvir um toque de celular.

Ela enviou a mensagem uma segunda vez: *Quem é você?*

Esperou.

O telefone de Bee Bee tocou. Bee Bee olhou para a tela e ela a ouviu xingar baixinho. Rose ficou completamente imóvel. Estava *certa*. Tinha visto as botas prateadas e as pulseiras de Bee Bee na passarela e agora tinha prova de que fora o telefone de Bee Bee que fizera a ligação.

Um som veio do outro lado do auditório. Um gemido. Um grito alto. Ela se virou e viu a família de Emma se juntando em volta de Sherry Baxter. Sherry estava soluçando alto e tentando se livrar dos parentes. Rose olhou para ela com pena. Sherry tinha sentido muito a perda. Tinha chorado no serviço memorial de Ricky Harris, depois no jardim de rosas e, agora, ali.

– Me deixem, por favor, me deixem! – gritava Sherry em meio às lágrimas, afastando-se dos parentes em direção às portas do auditório.

Ela saiu e foi seguida por alguns dos adultos. Olhando em volta, Rose viu que Bee Bee ia para a escada em direção à saída. Foi atrás dela, desviando de alunos que estavam ali gastando tempo à toa. A família de Emma tinha

se reunido no foyer, mas Sherry havia saído para um pequeno pátio. Estava com um cigarro aceso em uma das mãos e o celular na outra. Andava de um lado para outro, sua linguagem corporal evitando que pessoas condoídas se aproximassem. O rosto estava manchado e ela ficava limpando o nariz com a mão que segurava o cigarro.

Bee Bee seguia para o banheiro. Rose foi atrás, uma das mãos no bolso segurando o celular de Emma. Havia uma pequena fila do lado de dentro e Bee Bee estava na frente. Rose ficou a duas garotas de distância dela. Queria poder ver o rosto de Bee Bee, para checar se havia algum sinal de preocupação. Ligaria mais uma vez para ter certeza. Esperaria até Bee Bee entrar no reservado e então enviaria a mensagem pela terceira vez.

– Ei, Rose – disse uma voz.

Uma garota de uma de suas aulas estava atrás dela na fila. Rose deu um sorriso discreto. O nome dela era Zoe alguma coisa. Realmente, não podia se envolver em uma conversa com ela agora. Queria manter a concentração na mensagem de texto e em Bee Bee.

– Você viu aquela cena da Sherry? – perguntou Zoe. – Que drama! Chamo isso de hipocrisia.

Rose franziu as sobrancelhas. Ouviu-se o barulho de descarga vindo de um dos reservados e a porta se abriu. Bee Bee entrou. Rose tirou o telefone do bolso. Virando-se de costas para as meninas, acessou a mensagem que havia escrito mais cedo.

– Todas aquelas lágrimas, ela estava passando a perna em Emma. Vaca. Como pôde fazer isso com a meia-irmã?

Rose se virou para encarar Zoe. Estava prestando atenção no reservado e ia apertar o botão de *Enviar* a qualquer segundo.

– Do que você está falando?

– De Sherry e toda a sua choradeira. Eu a vi dando uns amassos em Ricky Harris algumas semanas antes de ele ser esfaqueado. Pelas costas da meia-irmã! Estava agarrada com ele. Em Canary Wharf. Eu não tinha aula,

então fui lá com minha mãe para dar uma olhada nas lojas.

– Sherry e Ricky?

– Na escada rolante. Estávamos subindo. E eles estavam descendo.

O som de uma descarga distraiu Rose. Outra porta de reservado se abriu e a fila andou.

Sherry e Ricky Harris? Juntos? Sem Emma saber?

Instantes depois Bee Bee saiu, deixando a porta bater. Rose se pegou olhando para ela. Ainda não tinha mandado a mensagem. Ficara desconcertada pela imagem mental do cabelo vermelho de Sherry e do rosto de Ricky Harris. Juntos. Ela estava abismada.

– Qual é o seu problema, garota? – perguntou Bee Bee.

Rose não conseguiu dizer nada. Em sua mão estava o celular de Emma. Os olhos de Bee Bee a fuzilavam. Ela olhou para o telefone e apertou o botão de *Enviar*. Bee Bee fez um *tsc, tsc* alto e a empurrou para passar. Saiu do banheiro.

Rose a seguiu. Apertou o botão de *Enviar* e observou Bee Bee voltar para onde estava Lewis Proctor. Esperou que ela pegasse o telefone e recebesse a mensagem pela quarta vez.

Mas ela não pegou o telefone. Não tocou o bolso para senti-lo vibrar. Sorria para Lewis, sem nem se preocupar com o telefone. Rose sentiu os ombros desabarem. Estava errada. Tinha sido apenas uma coincidência. O telefone de Bee Bee tocara ao mesmo tempo que Rose enviara a mensagem.

Alguma outra pessoa havia recebido.

Outro telefone recebera a mensagem *Quem é você?* quatro vezes.

Virou-se e olhou pelo vidro da janela para Sherry Baxter, que estava em pé no meio do pátio, olhando para o celular.

Rose pegou o aparelho rosa. Em vez de enviar uma mensagem, ligou para o número no alto da tela. Esperou, mal conseguindo respirar, e instantes depois Sherry franziu o rosto enquanto olhava para o próprio telefone. Ela apertou um botão e levou o celular ao ouvido.

Rose colocou o telefone de Emma na orelha.

Fez-se silêncio por um tempo, depois uma voz:

– Quem é? Você está ligando para o número errado. Tem de parar de me ligar.

Enquanto ouvia, olhou para Sherry lá fora, cujos lábios estavam sincronizados com as palavras.

– Pare de me ligar – disse ela, e desligou.

Sherry Baxter atirou o cigarro no chão e depois saiu do pátio. Rose esperou alguns instantes, o peito inflado de indignação. A meia-irmã de Emma. Como pôde?

Então a seguiu.



XXVI

Rose manteve distância. Deixou Sherry Baxter andar mais à frente e parou algumas vezes para olhar vitrines de lojas para o caso de ser pega. Sherry passou a estação de trem e seguiu para o ponto do ônibus. A High Street estava cheia de alunos do colégio, mas Sherry continuou andando, sem cumprimentar nenhum deles. Parou quando chegou à cobertura do ponto de ônibus e Rose se virou para uma loja. A vitrine estava cheia de sáris, cores deslumbrantes, tiras de tecido penduradas lado a lado, joias empilhadas na parte de baixo. Rose viu várias pulseiras, centenas delas. Pensou em Bee Bee.

Por que ela estava correndo pela passarela na noite em que Emma fora assassinada?

Rose olhou em volta. Sherry estava na cobertura, esperando um ônibus. Estava com o celular na mão. Rose percebeu, então, que Sherry estava vestida de preto da cabeça aos pés, de luto pela meia-irmã. A cor do cabelo dela parecia contradizer a emoção. Era vivo e brilhante e um lado dele estava preso de forma elegante por um enfeite preto.

Ela e Ricky Harris tinham sido visto juntos.

Como podia ser? Como Sherry pôde enganar a meia-irmã assim?

Um ônibus estava vindo. Avançou lentamente pelo tráfego e Rose viu Sherry se levantar e andar para a frente, com a intenção de pegar o ônibus. Rose andou alguns metros, mantendo-se na parte de dentro da calçada, esperando que Sherry não se virasse de repente e a visse ali. O ônibus parou e Sherry andou mais um pouco. As portas demoraram um pouco para se abrir e, então, Sherry subiu, seguida por alguns outros alunos e dois homens com roupas de operários. Rose se aproximou mais da loja, enquanto Sherry entrava no ônibus. Em seguida, Sherry foi para o andar de cima. Rose correu até o ponto de ônibus e também subiu. Mostrou seu cartão de viagem e depois seguiu para a parte de trás do

ônibus. Sentou-se no canto oposto a uma mulher grande com um bebê. De onde estava, podia ver a base da escada.

Eram mais ou menos seis estações até a Parkway East.

Sherry desceria lá e seguiria pela Cuttings Lane em direção a Chalk Farm Estate.

O ônibus começou a andar e ela se recostou. Ele andou devagar e depois parou, esperando um carro sair de uma vaga.

Por que ela estava fazendo isso? Bastaria dizer à polícia o que havia descoberto. Eles sabiam onde Sherry vivia. Iriam até lá e a interrogariam sobre a ligação para Emma. Mas Rose não se sentia tranquila com isso. Sherry tornara aquilo pessoal ao gritar com Rose no serviço memorial de Ricky Harris. Ela a havia envergonhado na frente de todos os outros alunos dizendo que Rose não chegara ao cemitério a tempo de ajudar Emma, que não tinha se importado, quando o tempo todo ela havia mandado a mensagem que fizera Emma entrar mais cedo do que planejara.

Havia outra razão. Rose vira Sherry responder à chamada e não queria deixá-la longe de vista. Os acontecimentos das últimas semanas tinham sido fragmentados e desfocados. Havia sido impossível conseguir uma imagem clara do que acontecera tanto na estação Parkway East quanto no cemitério St. Michael. Rose havia descoberto alguma coisa agora e não desistiria até entender o que acontecera naquelas duas ocasiões em que esteve perto do corpo de alguém.

Seguiria Sherry.

Enquanto o ônibus parava e voltava a andar, ela se lembrou das lágrimas de Sherry no serviço memorial de Ricky. Na época, ela achara que eram pela meia-irmã dela, mas estivera errada. Sherry estava chorando por Ricky Harris. Talvez ela tivesse sido a única pessoa do colégio a chorar por Ricky. Provavelmente, ela o amara.

Há quanto tempo saía com ele?

Teria sido somente durante o verão, quando Emma terminara com ele? Será que tinha se apaixonado por Ricky e se convencido de que ele sentia o

mesmo? Então, quando Emma terminou com Lewis e voltou para Ricky, isso queria dizer que ela estava fora da história? Ou Ricky continuou vendo Sherry ao mesmo tempo que saía com a meia-irmã dela?

De qualquer jeito, Sherry deve ter se sentido menosprezada.

Rose se lembrou da ligação que Ricky recebera na plataforma na noite em que morreu. *Mudança de planos. Preciso encontrar alguém*, dissera ele. Será que a ligação tinha sido de Sherry? Será que Sherry podia estar de coração tão partido que seguira Ricky até a estação e o observara conversar com Rose do alto da passarela? Será que aquilo a tinha deixado com mais ciúmes ainda? Talvez já fosse ruim o bastante que ele a tivesse deixado e voltado com a ex-namorada, Emma, mas ali parecia que ele estava dando em cima de alguém. Muito provavelmente, Sherry sabia onde Ricky guardava a faca. Ela discutira com ele na passarela. Será que tinha colocado a mão no bolso dele, tirado a faca e o acertado com ela?

Rose pensou nisso com isenção. A morte de Ricky não significava nada para ela. Emma, no entanto, era diferente. Ela não queria pensar naquela noite no cemitério.

O ônibus finalmente estava chegando a Parkway East. Rose se mexeu e deslizou um pouco no banco quando viu os pés de Sherry aparecerem na base da escada. Pegou um jornal que estava no banco ao lado. Segurou-o em frente ao rosto.

O ônibus parou e as portas se abriram. Várias pessoas faziam fila para entrar e sair, e Rose esperou até Sherry descer do ônibus, antes de se levantar, largar o jornal e segui-la.

Esperou por um instante até Sherry avançar mais à frente pela rua em direção a Cuttings Lane. Duas outras adolescentes andavam atrás dela e Rose deixou abrir um espaço entre elas. Depois, esperou Sherry sair de vista porque a Cuttings Lane só levava a um lugar. Quando chegou à passarela, olhou para baixo, para a linha férrea. A faca que havia matado Emma tinha sido encontrada ali embaixo, ao lado dos trilhos. Ela olhou adiante e viu, a distância, o cabelo vermelho de Sherry à frente das outras

meninas.

Atravessou a passarela, desceu a escada e seguiu por um caminho que tinha murais de cada lado. Andou rapidamente, preocupada que Sherry pudesse desaparecer nas ruas e becos sem saída do lugar. Manteve-se no lado da calçada e viu Sherry virar à direita. Caminhou mais depressa, passando as outras duas garotas, e chegou à esquina bem quando uma porta se fechou.

Não sabia que porta era. Parou perplexa e olhou para uma sequência de quatro casas à sua frente. Havia outras casas um pouco depois, mas Sherry não podia ter andado tão rápido.

– Está perdida? – perguntou uma das garotas, andando até ela.

– Estava tentando alcançar Sherry – disse ela.

– Número 22. A última casa. É da escola dela?

Rose assentiu.

– Eu ia para a escola – disse a outra garota.

– Você ia para a creche.

– Não consegui as notas.

– Ah! – disse Rose, afastando-se, com medo de que Sherry olhasse pela janela e a visse lá. – Você devia refazer os testes.

– Não posso, estou suspensa.

– Pensei que quisesse ver Sherry? – indagou a outra garota.

– É que me lembrei que ela tinha me pedido para comprar algumas bebidas e batatas fritas na loja.

– Até mais, então...

As duas gritaram se despedindo e acenaram até ela virar na viela de novo. Ela esperou, desejando que elas fossem logo embora. Contou até vinte e, em seguida, saiu de fininho pela calçada, parando na esquina. Quando deu uma espiada, viu as duas de costas mais à frente, na rua. Em alguns segundos elas dobraram uma esquina e desapareceram.

Rose ficou parada olhando a quarta casa. Não sabia ao certo o que fazer.

Devia ir até a porta? Mostrar o telefone de Emma? Ver o que ela teria a dizer?

Sua confiança desmoronou. Será que estava certa quanto a isso?

Havia outras pessoas na rua. Duas mães empurrando carrinhos de bebê lado a lado, um grupo de rapazes com uma bola de futebol, um homem passando de bicicleta. Ela não sabia o que fazer. Ouviu um bipe de seu próprio celular. Pegou o telefone e viu que tinha recebido uma mensagem de Henry Thompson. Ela abriu.

Estou no portão do colégio. Encontre-me do lado de fora em cinco minutos.

Henry estava esperando por ela. Tinha esquecido completamente o que havia combinado com ele.

Pensou por um instante. O que queria mesmo fazer era ligar para Joshua. Contar a ele o que havia acontecido. Pedir que fosse até ali, a Chalk Farm Estate, imediatamente. Assim, poderiam conversar a respeito e pensar juntos no que fazer. Mas não achava que conseguiria. Não se sentia à vontade para lhe mandar uma mensagem assim do nada.

Por que ela havia estragado as coisas entre eles?

A porta da frente do número vinte e dois se abriu. Assustada, Rose recuou. Sherry apareceu na entrada. Rose dobrou a esquina. Os garotos jogando futebol estavam lá e a bola a atingiu na perna.

– Vocês se importam? – indagou ela num tom contrariado.

Eles todos a imitaram: *Vocês se importam? Vocês se importam? Vocês se importam?*

Ela os ignorou e deu uma espiada além da esquina. Sherry estava carregando uma sacola plástica preta de lixo em uma das mãos. E afastava-se da casa a passos largos.

Rose seguiu Sherry, mantendo distância, parando nas esquinas, ficando perto das cercas vivas. Crianças voltando da escola passavam, mas não pareciam notá-la parando e voltando a andar, tão envolvidas estavam em suas conversas. Davam risadinhas altas e agudas, mas ela as ignorou.

Sherry não parou nem olhou em volta. Estava caminhando de forma rígida, mas determinada, segurando a sacola com uma das mãos. Ela andava rápido, tornando difícil para Rose acompanhá-la sem chegar perto demais. Finalmente, saindo dali em direção a ruas de casas mais velhas, ela virou em uma pequena central de reciclagem. Tinha gigantescas campânulas verdes e marrons no chão para garrafas. Ao lado, havia um recipiente metálico quadrado azul para roupas e sapatos. Rose ficou onde estava, espiando por trás de uma cerca viva alta. Sherry olhou em volta da rua. Seu rosto estava pálido e ela parecia infeliz. Levantou, então, a sacola preta de plástico e tentou forçá-la para dentro da abertura retangular do recipiente azul de roupas. No entanto, não conseguiu, porque ele já estava cheio, e Rose pôde ver que havia várias sacolas plásticas em volta da base que tinham sido jogadas ali pelas pessoas anteriormente. Ela observou Sherry parar de maneira incerta por um segundo. Então, ela se curvou e parecia mover as sacolas. Quando se levantou novamente, suas mãos estavam vazias e ela foi até a ponta da central de reciclagem, pegou um maço de cigarros do bolso e acendeu um. Inalou profundamente e olhou em volta de novo.

Rose recuou até a entrada de uma casa e se agachou perto de uma van.

Sherry saiu em direção à sua casa.

Rose a deixou ir antes de se levantar. Esperou alguns minutos e depois foi até a central de reciclagem e olhou as sacolas plásticas em volta do depósito de roupas. Havia mais ou menos oito. Todas, menos uma, estavam cobertas por gotas de chuva. Ela pegou a sacola preta seca, saiu da central e se sentou numa mureta de jardim, então desfez o nó e olhou dentro. Podia ver roupas, mas havia algo pesado lá também. Tirou uma calça preta de ginástica e a dobrou sobre a mureta. A próxima coisa era um agasalho com capuz, preto. Colocou-o por cima da calça. Então, meteu a mão na sacola e achou sapatos ou botas. Havia ainda outra coisa. Arames, ou anéis ou algo leve e metálico. Pegou um punhado.

Pulseiras prateadas e douradas.

Ela parou, pensou bastante.

Então, virou a sacola e elas se espalharam pelo chão. As botas saíram ao mesmo tempo; da altura dos tornozelos, prateadas.

Sherry tinha jogado aquilo tudo fora.

A roupa que usara para ir ao cemitério na noite em que Emma fora esfaqueada. O que vestia quando correra pela passarela. Skeggsie ampliara as fotos e Rose tinha tido certeza de que era Bee Bee Marshall.

E o tempo todo tinha sido Sherry Baxter.



XXVII

Rose recolheu o agasalho com capuz, a calça de ginástica e os colocou de volta na sacola de plástico preta. As botas foram em seguida, depois se agachou e recolheu as pulseiras da calçada. Contou vinte e sete círculos de metal. Algumas tinham caído juntas, outras estavam separadas e difíceis de pegar. Ela as enfiou no braço para facilitar carregar.

Seu telefone tocou.

Onde você está?

Era uma mensagem de Henry Thompson. Devia responder, mas estava atordoada. Sherry Baxter, a meia-irmã de Emma. Fora ela que tinha se vestido, enviado a mensagem de texto para Emma dizendo para entrar mais cedo no cemitério. Ela *matara* a própria meia-irmã. Rose sentiu o peso de sua descoberta. Não podia lidar com aquilo sozinha. Precisava de ajuda. Olhou para o nome da rua em frente e decidiu responder a mensagem de Henry:

Em uma central de reciclagem em Drummer Road. Venha me buscar. É sobre Emma. Sei quem a matou.

Ela esperou, recostada na mureta, e começou a pensar sobre tudo aquilo. No dia em que fora morta, Emma tinha recebido um bilhete de Lewis dizendo para encontrá-lo no cemitério. Mais tarde ele disse que não havia mandado bilhete algum. No entanto, ele havia recebido um, com a letra de Emma, dissera ele.

Sherry Baxter deve ter escrito os bilhetes. Vivia na mesma casa que a meia-irmã: logo, tinha acesso às coisas de Emma. Muito provavelmente, tinha visto os bilhetes que Emma recebera de Lewis no verão e talvez até visto os que Emma mandava para ele. Será que tinha copiado a letra? E desenhado o rosto sorridente e o coração característicos para que os bilhetes parecessem autênticos?

Por que Sherry tentara colocar Lewis e Emma juntos?

Sherry gostava de Ricky Harris, mas ele tinha voltado com Emma. Será que Sherry havia matado Ricky porque estava irritada por ele ter voltado para Emma? Será que isso a desestabilizara tanto que acabara matando a própria meia-irmã?

Ou Emma tinha descoberto que Sherry estava saindo com Ricky?

Rose descartou essa ideia. Quando Emma a procurou naquela tarde de sábado, parecia em harmonia com a meia-irmã. Dissera que Sherry estava em Brentwood com o pai. Ela não sabia que Sherry estava em Chalk Farm Estate, vestida como Bee Bee, planejando emboscá-la no cemitério.

Um carro dobrou a esquina e parou em frente a ela.

Rose se levantou. Henry saiu e parecia perplexo. Os olhos dele bateram na sacola de plástico preta.

– O que está havendo? – perguntou ele.

Ela andou em direção ao carro.

– Precisamos ir à casa de Emma Burke.

– Tenho de ir abrir o clube. Já tem alguns jovens esperando por lá.

– Tenho provas do assassino de Emma. Eu lhe conto no carro.

O rosto de Henry obscureceu. Ele olhou para ela com desaprovação. Entrou no carro, ela também, e partiram. Ele ficou completamente em silêncio enquanto ela lhe contava sobre o celular de Emma, inventando a parte em que o havia encontrado naquela manhã no cemitério. Então, explicou que viu a última ligação feita para o celular de Emma. Sem dar a Henry a chance de falar, descreveu como tinha mandado mensagens de texto para aquele número misterioso e depois fizera uma última chamada, que Sherry atendeu.

Ela esperava algum comentário dele. Uma pergunta ou alguma reação, mas ele estava mudo. Havia tensão no carro e ela a preenchia falando de maneira nervosa, sentindo que ele não estava nada feliz com o que ela estava dizendo. Ela apontou para a sacola de plástico preta e as roupas e, então, enquanto estacionavam a algumas casas de Emma, mostrou as pulseiras em seu braço e sugeriu que talvez Sherry estivesse jogando

aquilo fora porque podia tê-las usado no cemitério para jogar as suspeitas para cima de Bee Bee. Não mencionou a foto das câmeras de circuito interno.

– Bem? – disse ela finalmente. – O que você acha?

Henry expirou por entre os dentes. E falou baixinho:

– Rose, você não pode sair pelas ruas tentando resolver um crime por conta própria. Assim que descobre qualquer evidência, precisa ligar para a polícia. Você esteve com o telefone de Emma o dia todo?

Ela o tirou do bolso e colocou-o na palma da mão, rosa e fofo. As pulseiras de metal ainda estavam em seu braço, gritantes. Sua camiseta, calça e jaqueta pretas pareciam fúnebres perto delas.

– Rose – disse Henry, a voz dura de raiva. – Essas coisas são *provas*. Há um procedimento para lidar com *provas*. Você as pega com luvas e coloca num saco plástico. São marcadas, arquivadas, documentadas. Então, são examinadas minuciosamente por um cientista forense. Depois disso, qualquer pessoa que entra em contato com elas tem de registrar isso, para que, quando as provas forem levadas a julgamento, sejam admissíveis. Elas provam alguma coisa. Não foram contaminadas por digitais ou fibras de outra pessoa. Ou alguma outra pessoa não acrescentou ao banco de dados e confundiu toda a ordem dos eventos.

– Eu só...

– Você estragou tudo, Rose. Arruinou as chances disso tudo servir de prova.

– Mas eu descobri...

– Qualquer advogado em seu perfeito juízo irá desconsiderá-las no tribunal.

– Mas Sherry matou...

– Se o que você diz é verdade, então ela não será acusada porque você contaminou as coisas que tornariam possível condená-la!

Rose fechou os olhos para se isolar dele. Sentiu a garganta apertar. Tinha feito o que achou que era certo.

– Você tem de deixar essas coisas com a polícia.

A voz de Henry soava como a de um professor, e isso a deixou irritada:

– Mas a polícia não descobriu quem matou Ricky ou Emma. Ricky está morto há duas semanas, Emma, há doze dias. O que aconteceu? Quem foi interrogado? Preso? Como anda a investigação? Vocês não sabem *nada.*

– Achamos a faca. Interrogamos suspeitos, cuidamos das famílias...

– Mas não descobriram quem fez isso e eu *descobri*. Isso não conta para alguma coisa? Você só sabe falar de procedimentos, formulários a preencher, contaminação. Vou lhe dizer o que é contaminação. É Sherry Baxter. Ela matou a meia-irmã e tudo o que você está fazendo é ficar aí sentado, falando sobre sacos plásticos e que eu não devia ter me dado o trabalho. Mas se eu não tivesse me dado o trabalho, ninguém iria saber. Então...

– Então o quê, Rose? A prova está arruinada. O que você vai fazer agora?

– Vou lá dentro antes que ela se livre do celular e farei com que confesse.

– Não, não... – Henry balançou a cabeça.

– Esse é o momento. Ela está preocupada. Já jogou essas coisas fora – disse ela, segurando a ponta da sacola de plástico preta. – Você e eu podemos entrar juntos. Você pode lhe dizer que eu falei que a vi no cemitério e que veio aqui perguntar pessoalmente a ela. Enquanto você estiver conversando com ela, eu envio uma mensagem do celular de Emma e veremos se isso a faz perder o controle.

– Rose, você não entende? Isso é inadmissível.

– Henry, você não entende? Ela está preocupada. Este é *o* momento. Leve-a para a delegacia e, até lá, ela terá se acalmado. Vou entrar. Você pode vir ou ficar aí no carro.

– Ela vai retirar a confissão.

– Ela não poderá fazer isso porque eu terei ouvido. Você terá ouvido.

Podemos ser testemunhas.

Ele balançou a cabeça.

– Você não pode entrar lá com esse telefone.

– Posso sim, e vou entrar.

Rose abriu a porta e saiu. Ela ainda estava usando as pulseiras, então puxou a manga da camiseta para baixo e as cobriu. Seguiu para a casa de Sherry e chegou à porta. Não houve movimento algum no carro, mas ela foi em frente. Tocou a campainha.

Sherry respondeu quase imediatamente. O rosto dela estava rosado como se tivesse estado chorando.

– O que foi? – indagou ela, olhando para Rose.

– Tenho algo a lhe dizer.

– Tipo o quê?

Nessa hora, uma porta de carro bateu e Rose ouviu Henry vir andando atrás dela.

– Olá, Sherry – disse Henry, com sua voz calma. – Espero que não se importe. Só tem uma coisinha que eu gostaria de lhe perguntar. Algo que Rose Smith, aqui, me informou. Sei que é uma hora difícil, com o serviço memorial...

– Entrem – disse Sherry, virando-se e entrando na casa.

Eles a seguiram pela sala de estar. O lugar cheirava a cigarro e purificador de ar e a TV estava muito alta. Perto de uma poltrona havia uma mesa de centro. E, ali, um cinzeiro transbordante estava ao lado de um maço de cigarros e um telefone celular.

– Sentem-se.

Sherry apontou para um sofá e pegou o controle da TV para colocar no mudo. A imagem continuou lá – pessoas olhando casas no campo.

Henry se sentou, mas Rose continuou de pé. No bolso dela estava o celular rosa. Rose esperava com o dedo pronto no botão *Enviar*.

– O que foi? – indagou Sherry.

– Rose disse que achou ter visto você no cemitério na noite em que

Emma foi assassinada. Você tem alguma coisa a dizer?

O rosto de Sherry se contraiu.

– Por que não está de uniforme? – perguntou ela.

– Você esteve lá, Sherry? Quando Emma foi morta? – perguntou ele.

– Não!

Rose apertou o botão *Enviar*. Alguns segundos depois ouviu-se um bipe vindo do celular de Sherry. Ela olhou para ele e depois para a frente. Os lábios de Sherry pareciam tremer e ela levou a mão à cabeça e mexeu no enfeite que prendia um lado de seu cabelo para trás.

– Atenda o telefone, Sherry – disse Rose, então apertou de novo o botão *Enviar*.

Sherry balançou a cabeça. Parecia incapaz de conseguir falar e, quando o telefone tocou uma segunda vez, irrompeu em lágrimas. Pegou o maço de cigarros. A mão dela tremia.

– Este é o celular de Emma – disse Rose, tirando-o do bolso.

O rosto de Sherry ficou pálido contra a cor de seu cabelo, os olhos fixos no celular rosa, olhando para ele como se estivesse vendo um fantasma.

– Eu o desenterrei em um túmulo, Sherry, onde você o enterrou.

– Você o desenterrou de onde? – perguntou Henry.

Sherry continuava a chorar.

– Você a matou – disse Rose. – Ela era sua meia-irmã. Como pôde?

– Eu não queria matá-la.

– Conte-nos o que aconteceu, Sherry – disse Henry, com a voz bem calma.

– Eu queria confrontar Lewis. Sabia que ele havia matado meu Ricky. Fui ao cemitério para acertar as contas com ele. Eu queria que Lewis admitisse o que tinha feito. Não pretendia matar ninguém. Mandei uma mensagem para Emma chegar mais cedo ao cemitério. Queria que ela me apoiasse, mas Emma ficou com raiva de mim. Ela me disse para cuidar da minha própria vida. Que aquilo não tinha nada a ver comigo; então, contei a ela sobre mim e o Ricky.

– E você a esfaqueou?

– Ela me bateu. E continuou me batendo, e acabei perdendo o controle.

– Então foi legítima defesa? – perguntou Henry. – Você precisa ir à delegacia para podermos conversar sobre isso oficialmente. Se foi legítima defesa, então há uma boa chance de você ser tratada de forma mais clemente.

– Não foi legítima defesa! Ela mandou a mensagem para Emma de um telefone misterioso. Tinha uma faca com ela. Quem vai encontrar alguém com uma faca no bolso? – indagou Rose.

Sherry limpou o nariz com as costas da mão.

– É o que gente como você nunca vai entender. Você vem de uma casa elegante e um internato. Não sabe o que é viver aqui sua vida inteira. Eu carrego uma faca. Vários jovens carregam facas. Enquanto você carrega seu violino ou seu laptop, alguns de nós carregam facas.

Rose não sabia o que dizer.

– Vamos à delegacia. Vai ser bom tirar isso do seu peito.

Henry estava se levantando.

– Ela está mentindo – disse Rose, incrédula. – Ela planejou tudo. É por isso que chamou Emma lá mais cedo. Ela a matou e queria que parecesse que Lewis ou Bee Bee tinha feito isso.

Henry levou Rose para fora da sala de estar. Segurava o braço dela com força e ela tentava se soltar.

– Me dê o celular de Emma.

Ela entregou.

– Quero que vá embora agora, Rose. Falo com você mais tarde, ou amanhã. Deixe as pulseiras e vá para casa.

– Ela planejou isso! – disse Rose, tirando as pulseiras do braço e deixando-as na mesa do hall. – Por que ela se vestiria com roupas pretas e um capuz e usaria botas e pulseiras como as de Bee Bee se não tivesse planejado tudo com antecedência? Tentando colocar a culpa em outra

pessoa... – exigiu Rose.

– Nunca saberemos, Rose – disse Henry, empurrando-a pelo hall, a voz dele baixando para um sussurro: – Porque você contaminou as provas.

– Mas e quanto a Ricky? Ela pode ter matado Ricky também!

– Deixe isso com a polícia, Rose.

Rose parou na porta. Henry a abriu e ela saiu. Ele fechou a porta logo depois. Lágrimas chegaram aos seus olhos e ela deixou que rolassem. Naquela semana, tudo parecia ter dado errado.

Até isso.

Mas pelo menos agora a família de Emma saberia a verdade.

Isso faria bem a eles.



XXVIII

Era sábado de manhã e Rose estava sentada sozinha no Dark Brew. À sua frente havia uma xícara de café puro. Estava mais forte do que ela gostava, mas bebia devagar assim mesmo. Joshua devia se encontrar com ela às onze. Tinha colocado o casaco no assento em frente ao seu, para guardá-lo para ele. Mas o café estava cheio e algumas pessoas já tinham perguntado se poderiam usar a cadeira, e ela dissera que estava ocupada.

Ainda estava atordoada pelo seu encontro com o inspetor Schillings na delegacia. Olhava para as outras pessoas à sua frente no café e se lembrava da conversa e do jeito como ele falara com ela:

– *Você está ciente, srta. Rose Smith, de que pode ser acusada de perverter o curso da justiça? No que você estava pensando? Tinha entendido que você era uma garota inteligente. Isso não foi inteligente. Isso sugere a mais completa e absoluta estupidez.*

Sentiu as bochechas queimarem ao pensar naquilo. Quando uma mulher perguntou tranquilamente se o assento em frente a ela estava ocupado, perdeu a calma:

– Sim, meu amigo está no banheiro!

Onde estava Joshua? Ela dissera onze horas e agora já eram 11h10. Tinha praticamente corrido da delegacia até ali para chegar a tempo e não havia nem sinal dele. Não havia falado com ele, de fato, para combinarem. A verdade é que não falava com ele desde a tarde de terça-feira, quando retornaram da pousada.

Esperava que hoje pudessem voltar ao normal.

A conversa com o inspetor Schillings a deixou aborrecida.

Henry Thompson fora vê-la na sexta-feira e lhe informara sobre o compromisso com o inspetor. Depois que a comoção pela prisão de Sherry Baxter tinha abrandado, ele ligara para a casa de sua avó e dissera que ela tinha de ver o inspetor Schillings na delegacia da Parkway às dez da

manhã de sábado. Ele tinha sido frio e distante e falara que havia coisas a serem discutidas e que ela devia ser educada e conciliadora. Não a alertara sobre o puxão de orelha que iria levar. Sem dúvida, tinha sido de propósito. Se ela soubesse, podia não ter ido.

Nem falara de novo para ela ir ao seu clube.

Talvez tivesse cortado relações com ela.

Ao chegar à delegacia, sorriu para o inspetor Schillings um pouco nervosa, ciente de que estava em apuros por causa da contaminação das provas.

Ele a levara para uma pequena sala de interrogatório na delegacia. Não pedira a ela para se sentar. Não lhe oferecera nenhuma bebida. Mal tinha feito contato visual com ela. Sua irritação ficava clara por sua breve inalação antes de explodir com ela:

– *Estamos lidando com a investigação do assassinato de uma garota aqui. Um crime odioso. Isso não é hora de uma detetivezinha metida sair por aí tentando resolver o crime por conta própria. No que você estava pensando, mocinha? Sabe que podemos indiciá-la? Que você pode ter comprometido toda a investigação?*

Sentiu um nó na garganta só de lembrar. *Detetivezinha metida.*

Como ele se atrevia a falar com ela desse modo?

Ela foi até lá esperando a dor da perda, mas, entre todas as coisas, achara que poderia ter recebido um único comentário *parabenizando-a* por descobrir a identidade da pessoa que enviara a mensagem de texto para Emma. Em vez disso, tinha sido humilhada. Quando terminou, o inspetor Schillings se levantou e virou as costas para ela.

– *Você pode sair agora, srta. Smith, e não quero vê-la aqui de novo.*

Ao sair da sala de interrogatório ela quase trombou com Henry. Ele estava em pé, conversando com outro policial, olhando alguns papéis. Mas ela não queria encará-lo, não depois de ter sido humilhada por Schillings. Andou rapidamente pelo corredor de volta pelo caminho por onde tinha entrado, parando em frente à porta fechada para que alguém a abrisse

para ela. Não queria nunca mais ver outro policial. Ao sair para a rua, respirou fundo com os ombros e braços tensos.

Como ele se atrevia a falar como se ela tivesse dez anos de idade?

O café estava enchendo e ficava cada vez mais difícil guardar um lugar para Josh. Ela estava a ponto de tirar o casaco dali quando a porta da rua se abriu e ele entrou, seguido por Skeggsie. Seu estado de espírito piorou ainda mais. Ele não tinha ido sozinho. Nessa hora, as pessoas da mesa ao lado se levantaram para sair e Skeggsie pegou uma das cadeiras e puxou para a mesa de Rose sem notar os olhares irritados que recebeu de outras pessoas no café.

– Café? Skeggsie? Pão? Rose?

Rose olhou direto para Joshua. Procurou em seu rosto para ver se havia alguma mudança, como se, de alguma forma, na terça-feira, mesmo com os olhos fechados, ele soubesse que alguma coisa estranha acontecia entre os dois.

– Rose? Você quer alguma coisa? – perguntou ele.

Ela balançou a cabeça enquanto ele seguia para o balcão. Observou-o em pé na fila. Ele não se virou para olhar para ela. Isso a fez sentir um peso no peito.

Eles tinham se comunicado por e-mail. Na quarta-feira, ela enviara um e-mail para ele (com cópia para Skeggsie) e lhe contara tudo sobre o que tinha acontecido no serviço memorial e como ela havia descoberto o que Sherry Baxter fizera. Uma série de e-mails se seguira, nos quais explicava o que achava que tinha acontecido, deixando de fora os problemas com as provas e a irritação de Henry com ela. Joshua ficara impressionado com ela e até Skeggsie tinha lhe dado os parabéns.

Se qualquer um deles a tivesse visto com o inspetor Schillings, talvez não ficasse tão feliz com o que houve.

Joshua se sentou com as bebidas.

– Bom trabalho, Rose – disse Joshua. – Você persistiu. Manteve-se firme nisso e conseguiu um bom resultado. Isso me fez pensar em papai e Kathy.

Admito que estava chateado na terça-feira...

Rose olhou para a mesa, esfregando com o dedo uma marca na superfície.

– Decidi continuar a investigação. Skeggsie e eu vamos a Twickenham hoje. Vamos nos encontrar com Amanda e a proprietária da pousada. Ela concordou em falar conosco.

Ela olhou para ele com desânimo. Ele ia continuar investigando? Depois do que tinham descoberto? Depois de ele ter ficado tão chateado?

– Seria loucura não continuar – disse ele, como se lesse os pensamentos dela.

Ela assentiu com uma alegria forçada. Joshua e Skeggsie iam a Twickenham. Aquilo nem parecia um convite para que ela fosse junto. Bebeu um pouco de seu café amargo. Estava quase frio, mas ela não ligava. Joshua não a estava incluindo.

O telefone de Rose tocou, e ela viu que tinha recebido uma mensagem de texto de Henry.

– Vou só dar uma olhada nisso – disse ela.

Joshua e Skeggsie continuaram conversando enquanto ela acessava a mensagem:

Onde você está? Estou na High Street, perto da Parkway East.

Henry estava procurando por ela. Do outro lado da mesa, ela viu Joshua e Skeggsie fazendo seus planos para o dia, as cadeiras viradas uma em direção à do outro, excluindo-a.

Outro bipe soou.

Preciso falar com você!

Henry estava preocupado com ela. Isso a comoveu. Rose enviou uma mensagem de volta para ele:

No Dark Brew.

Ele respondeu imediatamente: *Encontre-me do lado de fora.*

– Desculpe – disse ela, interrompendo Joshua e Skeggsie. – Era meu

amigo policial. Ele quer me ver. Só vai levar um minuto.

Ele estava do lado de fora do café. Parecia cansado, mas sorriu para ela. Havia um carro de polícia do outro lado da rua, a janela aberta, outro policial no banco do motorista. Estava estacionado ao lado de um poste de luz alto, em cima do qual havia uma câmera. Ela franziu as sobrancelhas, lembrando-se das fotos das câmeras de circuito interno. Rose havia quase revelado a existência delas para Henry quando contou a Sherry que desenterrara o telefone de Emma. Henry havia lhe perguntado a respeito quando foi à casa de Anna e ela lhe explicara, desesperada, que não tinha exatamente "desenterrado" o telefone, mas que estava falando metaforicamente. Ainda bem que ele tinha acreditado nela e ninguém sabia sobre as imagens. O rosto do inspetor Schillings surgiu em sua mente. Era difícil de imaginar, mas a conversa podia ter sido pior, muito pior.

Havia pessoas passando por ali e Henry pegou o braço dela e a levou para um pequeno beco entre duas lojas.

– O inspetor pegou pesado com você, pelo que ouvi – disse ele.

Ela deu de ombros.

– Tive de contar a ele, Rose. Tudo precisava ser revelado.

– Eu sei.

– Está zangada?

Ela deu de ombros.

– Essas coisas sempre vêm à tona.

– Eu estava tentando ajudar. Ninguém mais parecia estar fazendo nada.

– Não posso ter essa discussão toda de novo com você. Sei que fez o que fez por um bom motivo, mas foi a coisa errada a fazer. Você entende isso, não é?

– Entendo – disse ela, relutantemente.

– Essa é a primeira vez então. Que você concorda comigo.

– Não abuse da sorte.

– Extraoficialmente, achei que você gostaria de saber que Sherry Baxter

foi acusada do homicídio culposo pela morte de Emma Burke. Ela deve ir ao tribunal na segunda-feira de manhã. Diz que vai se declarar culpada e argumentar que a coisa toda foi um acidente, uma briga que acabou mal.

– E as roupas? E os bilhetes que enviou? E a mensagem pedindo a Emma para chegar mais cedo ao cemitério? Todas essas coisas foram acidentes também?

– Não sabemos o que acontecerá no tribunal.

Rose deu um suspiro dramático.

– E quanto a Ricky?

– Sherry não teve nada a ver com a morte de Ricky. Ela estava na casa do pai em Brentwood. Nós checamos. A nova companheira do pai dela confirmou e alguns vizinhos a viram quando estava lá. Contei a você que estávamos seguindo uma nova linha de investigação. Ricky Harris trabalhava com alguém de dentro do colégio, roubando equipamentos e softwares. Temos investigado um dos técnicos de TI há algum tempo. Acontece que ele estava usando um nome falso, documentos falsos, endereço falso.

– Quem era? – indagou Rose.

– Um homem chamado Frank Palmer. Queríamos interrogá-lo, mas ele não tem sido visto há alguns dias.

– Eu o conheço. Ele me ajudou na sala de informática – disse Rose.

Era o técnico que tinha aparecido na cerimônia em memória de Ricky Harris. Ele havia sido vítima dos insultos cruéis de Ricky e uma vez o repreendera por perturbar Rose. Poderia *ele* ter roubado coisas do colégio? Poderia ter alguma ligação com Ricky Harris? É claro que não. Ele parecia legal demais. Tinha falado com Rose no café um dia e ela o vira entrar na casa dele em Twickenham.

– Bem, ele não é o que parecia.

– Achei que todos os funcionários eram checados com relação a antecedentes criminais.

– Ele foi. A checagem foi feita. Os documentos dele foram aprovados.

Parece que alguém cometeu um grande erro.

– Então o nome dele não é Frank Palmer?

Henry balançou a cabeça.

– E ele pode ter esfaqueado Ricky?

– Não sabemos. É algo que estamos investigando. No momento, estamos indo de porta em porta em King’s Cross. Perguntando aos vizinhos sobre ele. É o que estou fazendo hoje; então, devo ficar fora.

– King’s Cross?

Ele assentiu.

– É onde ele morava.

– Mas...

– Eu só queria ter certeza de que estava bem depois que o inspetor falou com você.

Rose desviou o olhar, a testa enrugada. King’s Cross?

– Você está bem? Tem passado por muita coisa.

Ela assentiu de maneira distraída.

– Agora, tenho mesmo de ir embora.

Ela o observou sair. Ele andou rapidamente até o carro de polícia. Deu um meio aceno para ela quando entrou no carro. Frank Palmer morava em King’s Cross? Ela o vira abrir a porta da frente de uma casa em Twickenham, não foi? A viatura partiu e ela seguiu para o café.

Uma detetivezinha metida.

Deixar a polícia fazer sua própria investigação.

Ao entrar no café ela viu que seu lugar tinha sido ocupado e que Joshua e Skeggsie estavam de pé, vestindo os casacos.

– Você demorou – disse Joshua.

– Aconteceu uma coisa – disse ela, parecendo distraída.

– Estamos indo? – indagou Skeggsie, incisivamente, para Joshua.

– Sim.

– Posso ir? – perguntou Rose.

– A Twickenham? Não achei que você se incomodaria de novo.

– E tenho algumas coisas no assento traseiro do meu carro, então não tem mesmo espaço – disse Skeggsie, franzindo as sobrancelhas para ela.

– Por favor? – pediu Rose, com um olhar suplicante.

Ela não queria ficar sozinha de novo, perambulando pela casa, evitando os cômodos onde Anna estivesse, pensando em toda a confusão que havia acontecido naquela semana.

– Não tem mesmo espaço – disse Skeggsie.

– Não ocupo muito espaço.

Joshua parecia intrigado.

– Por que você quer ir?

– Não sei. Só quero ir.

– Vamos, então.

Skeggsie olhou de cara feia para Rose, enquanto ela seguia atrás de Joshua.



XXIX

A viagem para Twickenham foi rápida. Rose estava sentada em menos da metade do banco traseiro com suas pernas achatadas contra a parte de trás do banco de Joshua. Ao lado dela havia a caixa de uma nova impressora. Na lateral estavam escritas as palavras *Laser Jet CP36525dn Colour Laser Printer.* Ela se perguntava onde aquilo se encaixaria em meio ao enorme acervo de equipamentos de TI de Skeggsie.

Ela ouvia sem prestar muita atenção enquanto Joshua explicava o motivo por trás de voltarem à pousada pela terceira vez. Ela assentia e concordava quando, na verdade, não ligava para nada daquilo. Na terça-feira anterior haviam descoberto mais do que jamais tinham achado que conseguiriam. Sua mãe e Brendan tinham planejado o próprio desaparecimento. Qual era o objetivo de voltarem à pousada? O que eles descobririam? Informação que faria simplesmente desaparecer a dor e a tristeza que já sentiam?

E, no fim, de que isso tudo adiantava?

Sua mãe e Brendan ainda estavam mortos.

E daí se os primeiros dias de desaparecimento foram algo que eles mesmos organizaram? Talvez, como o inspetor que foi vê-la dissera, eles tivessem sido alvo de criminosos profissionais que os mataram para impedir que revelassem provas do crime organizado. Talvez isso tivesse acontecido depois que eles viajaram de avião saindo de Heathrow. Não tiveram nenhuma notícia por cinco anos. Agora ela queria, mais do que nada, que Joshua deixasse isso pra lá.

Em Twickenham, as vagas do parquímetro perto da pousada estavam lotadas e Skeggsie teve de procurar lugar mais adiante. Ele estacionou o carro quase em frente ao lugar em que Rose vira o técnico, Frank Palmer, entrando em uma casa na semana anterior. A porta da frente era verde, sem nenhum vidro, e parecia pouco acolhedora. A porta ao lado era

completamente diferente – madeira maciça com vidro fosco, uma aldrava de metal e uma caixa de correio.

– Vou ficar aqui – disse ela.

– Como assim?

Ela deu de ombros. Skeggsie fechou sua porta e saiu.

– Você está bem, Rosie? – perguntou Joshua.

– Só tenho umas coisas que quero pensar.

Ele assentiu e, então, seguiu Skeggsie. Ela observou os dois se aproximarem da pousada, Skeggsie parando e esperando por Joshua. Quando eles entraram, ela relaxou, esticando as pernas ao lado da caixa da impressora.

Olhou para a casa do outro lado da rua novamente. Se pudesse *confirmar* que o técnico, Frank Palmer, vivia mesmo ali, então podia fazer uma ligação anônima para informar a polícia. Não queria que Henry nem qualquer outra pessoa soubesse que ela havia sido a fonte da pista. Ela se lembrou da censura do inspetor Schillings. Nunca mais queria ver aquele homem de novo.

Ali, quem sabe, poderia ver Frank Palmer passando; talvez saindo de sua casa ou voltando para lá depois de fazer compras. Ela o vira no sábado anterior – por que não poderia vê-lo hoje? Depois de alguns instantes, suspirou, apoiando a cabeça contra o canto da caixa da impressora. Era um plano idiota. Frank Palmer podia ficar dentro de casa o dia todo ou ficar fora o dia todo. De um jeito ou de outro, ela podia ficar ali sentada na parte de trás do carro de Skeggsie por horas e não vê-lo. Além disso, não ficariam estacionados ali durante horas. Joshua iria falar com a proprietária da pousada. Quanto tempo levaria para ela dizer que não se lembrava de nada que acontecera cinco anos atrás?

Podia ser que Frank Palmer nem mesmo morasse ali naquela casa. Ela o vira usar uma chave na porta da frente, mas talvez fosse a chave da casa de um *amigo*.

Ela podia sair do carro, atravessar a rua, bater na porta da casa e ver se

ele responderia. Se atendesse, isso provaria que ele morava lá. Se não atendesse, ela poderia perguntar por ele. Quem quer que atendesse a porta saberia quem morava na casa. Mas aquele plano também não era bom. Se Frank Palmer atendesse, então a reconheceria. Se ele estivesse mesmo fugindo da polícia, sua presença iria alertá-lo para o fato de que alguém sabia seu endereço verdadeiro. E então ele iria fugir de novo.

Ela olhou para a casa. Parte da frente estava oculta por uma árvore velha na calçada. Suas folhas estavam ficando amareladas e os galhos pareciam pesados, como se ela estivesse cansada. O prédio tinha dois andares e duas campainhas perto da porta da frente; dois apartamentos. Ela olhou para a grande janela saliente no térreo. A metade inferior da janela estava coberta por uma cortina e pregas pendiam dos lados.

A cortina se moveu e ela viu um rosto ao lado da janela. Só ficou lá um segundo, antes que a cortina caísse de volta no lugar. Era Frank Palmer? Ela não sabia. Só tinha visto de relance.

Ela se recostou em seu minúsculo espaço na parte de trás do Mini.

Por que ligava para quem matou Ricky Harris? Henry disse que ele fora morto com sua própria faca e que, provavelmente, *ele* tinha sido o agressor. Isso combinava com tudo que sabia ou pensava sobre Ricky. Além de ser um valentão, ele tinha enganado a namorada com a meia-irmã dela. Também roubava coisas e estava envolvido com pessoas perigosas.

Por que deveria ligar para aquele garoto detestável?

Ela não ligava. Mas a morte de Ricky tinha iniciado uma cadeia de eventos. Sherry acusara Lewis Proctor da morte de Ricky. Ela estava quase que certamente errada a respeito disso, mas, ainda assim, era isso que pensava quando tinha ido ao cemitério se encontrar com Emma e Lewis para acertar as contas com eles. Será que tinha sido num acesso de fúria ou ela havia planejado de algum jeito se vingar de Lewis? *Você tirou a pessoa que eu amava, por que eu não deveria tirar a que você ama?*

Era complicado, mas Rose não conseguia deixar de achar que se Ricky não tivesse sido assassinado Emma ainda estaria viva. A mistura

Sherry/Ricky/Emma/Lewis/Bee Bee teria se resolvido do jeito como os romances se resolvem. As pessoas seguem em frente, alguns corações se partem, novos casais se formam dos escombros.

Mas Ricky Harris fora esfaqueado.

Se Frank Palmer o matara, então, ele deveria ser preso. Ela ainda estava chateada com o fato de que, alegando homicídio culposo, Sherry Baxter não receberia o castigo que Rose achava que merecia. Se Frank Palmer estivesse envolvido na morte de Ricky, então, de repente, tornara-se importante para ela que ele pagasse o preço disso.

A porta do lado do passageiro se abriu e o rosto de Joshua apareceu. Ele estava sorrindo. A porta do motorista se abriu também e Skeggsie entrou. Joshua começou a falar de modo ofegante enquanto se sentava e as duas portas se fechavam ao mesmo tempo.

– O que houve? – perguntou ela.

– A sra. Harrison tem um sistema no qual guarda todo pedaço de papel que passa por sua pousada!

– E?

– Ela e a empresa de táxi tinham um acordo. A sra. Harrison exibia os cartões deles e, para cada corrida que pegavam saindo da pousada, davam a ela uma porcentagem. Então, a cada três meses, ela recebia um relato deles com as corridas que saíam da pousada e seus destinos.

– Já sabemos o destino – disse Rose, sentindo necessidade de desencorajar o entusiasmo de Joshua. Ela vira na terça-feira anterior como aquilo havia se transformado em desespero.

– Mas, quando o táxi estava agendado para Heathrow, eles sempre perguntavam de antemão qual era o terminal, o voo e a hora do voo. Assim, podiam calcular o tempo que precisavam para chegar lá e assim por diante.

Rose deu uma olhada através da janela para a casa do outro lado da rua. Podia ouvir Joshua falando, mas se recusava a participar do

entusiasmo dele.

– Então, a impressão nos diz que, na manhã de 5 de novembro, Kate e Dan Brewster pegaram um táxi às 7h30 para Heathrow, Terminal Dois, para embarcarem em um voo para Varsóvia, às 11h30. O custo do táxi foi de trinta e duas libras, dos quais a sra. Harrison recebeu três libras e vinte e dois centavos, cinco por cento.

– Varsóvia? – indagou Rose.

– Não acho que isso tenha a ver com crime organizado. Acho que se trata de algo relacionado a segurança. Acredito que estavam trabalhando disfarçados para algo a ver com a segurança nacional.

Rose achou melhor não falar nada. *E daí? E daí? E daí, eles estão mortos, de qualquer jeito. Importa por que ou como?*

– Isso é bom, não é, Rose? Que a gente esteja começando a juntar as peças?

E quanto à outra noite?, ela quis dizer. *Quando você disse "Espero que estejam mortos".*

– Segurança nacional, eu acho. Skeggsie e eu podemos continuar a investigação.

– Mas e quando saíram daquele avião em Varsóvia? A pista não termina aí? – indagou ela.

– Não! – disse Joshua. – Podemos montar sites em polonês. Talvez a gente tenha sorte e descubra alguém que os conheceu, que os viu. Temos fotos que podemos colocar na web. Você se lembra de como tivemos sorte com Valeriya Malashenko?

Skeggsie ligou o carro.

– Espere! – disse Rose, desanimada com os planos de Joshua. – Preciso da sua ajuda para fazer uma coisa antes de irmos embora.

Joshua olhou para ela, confuso. Skeggsie puxou o freio de mão, mas manteve o carro ligado.

– Quero que você vá até aquela casa com a porta verde do outro lado da rua e toque a campainha do apartamento de baixo. Se ninguém responder,

toque a outra campainha. Você pode inventar alguma desculpa, como se estivesse procurando um lugar para alugar ou algo assim.

– Por quê?

– É uma longa história, mas acho que pode ser o técnico do meu colégio. Você lembra que eu disse que o vi por aqui? Ele está desaparecido e Henry, meu amigo policial, acha que ele pode saber alguma coisa sobre o assassinato na Parkway East. Não quero dizer que ele está aqui, a menos que eu tenha certeza absoluta.

– Como vou saber se é ele? Nunca o vi antes.

– Eu vou saber. Vou estar por perto. Vou ficar atrás daquela árvore lá na calçada. Se for ele, não vou me mexer. Se não for, vou me aproximar e perguntar se ele conhece Frank Palmer. Talvez ele seja um amigo ou algo assim.

– Parece um pouco duvidoso – disse Skeggsie, desligando o motor.

– Só vai levar um minuto.

– Por que você não só conta ao policial o que viu?

– Eu não quero. Não posso explicar por quê. É só uma pequena ajuda. Por favor?

Joshua abriu a porta do passageiro. Rose saiu do banco traseiro, seguiu-o até o outro lado da rua e ficou parada perto da árvore. Joshua foi até a porta da frente. Ele olhou para ela uma vez antes de tocar a campainha. Rose recuou. A porta verde continuou fechada.

Josh tocou de novo a campainha. Rose pôde ouvi-la, alta e insistente.

Será que não havia ninguém lá dentro?

A porta se abriu um instante depois e Rose ouviu uma voz de homem. Ela deu uma espiada. Era Frank Palmer. Ela voltou para trás, não querendo ser vista. Pôde ouvir Joshua falando com ele:

– Desculpe-me, eu vi um anúncio. Lá na banca de jornal? Num cartaz? Na vitrine? Dava esse número e dizia que você tinha quartos para alugar?

– Não, colega. Não tenho nenhum quarto para alugar.

– Que estranho, eu devo ter lido errado.

– É, você se confundiu.

– Você sabe de alguma outra casa por aqui que tenha quartos para alugar?

– Sinto muito, colega. Procure no jornal local.

– Vou sim. Desculpe ter incomodado.

A voz de Joshua estava se aproximando de Rose, como se ele estivesse se afastando da porta. Ele passou pela árvore e continuou a andar pelo meio do tráfego até chegar ao carro. Rose estava esperando ouvir a porta se fechar antes de sair dali. Mas ela não ouviu nenhum som de porta se fechando e esperava pacientemente enquanto Joshua voltava para o Mini. Ele abriu a porta do passageiro, puxou o assento para a frente e entrou na parte de trás do carro.

A porta da casa finalmente se fechou. Ela a ouviu bater e rapidamente saiu de trás da árvore e atravessou a rua em direção ao carro. Sentou-se no banco do passageiro e olhou para a casa de novo. Ela estava certa. Frank Palmer morava mesmo ali. Assim que chegassem de volta a Camden ela faria a ligação anônima. Virou-se para trás para agradecer a Joshua.

Mas ele olhava de um jeito engraçado.

– O que foi? – perguntou ela.

– Você está bem? – indagou Skeggsie.

– Qual é o problema? – perguntou ela quando Joshua não respondeu.

– Eu conheço esse cara.

– Quem?

– Aquele cara, na casa.

Ela olhou para Skeggsie como se ele tivesse alguma resposta.

– Você conhece *esse* cara? O técnico do meu colégio?

– Ele era amigo do meu pai. Era um policial que trabalhava com meu pai. O nome dele era Frank. Eu o conheço.

Rose ficou muito quieta, estupefata. Skeggsie captou seu olhar e o sustentou por um instante. Então, ela olhou para a casa e viu a cortina na

janela saliente puxada para trás. Havia um rosto lá os observando, que desta vez não se afastou.

Era Frank Palmer.



XXX

Frank Palmer era amigo de Brendan Johnson.

O carro estava ficando quente e Skeggsie abriu as janelas. O ar frio entrou, mas também o barulho do trânsito.

– Sim – disse Joshua, inclinando-se para a frente, um pouco mais sob controle. – Ele costumava aparecer quando morávamos na Brewster Road. Eu o vi várias vezes e vi papai lá fora com ele também. Sei que era ele. O nome dele era Frank. Não lembro o sobrenome. Acho que nunca ouvi, na verdade.

– Ele era um policial?

Joshua assentiu.

– Por que ele está trabalhando como técnico de TI num colégio?

– Eu não sei.

Rose olhou para a casa. O rosto na janela tinha desaparecido.

– Como pode ele não ter dito nada? Quando você tocou a campainha. Como ele não o reconheceu?

– Já faz cinco anos ou mais. Eu cresci. Mas ele não mudou. Está a mesma coisa.

– Você não acha que isso é importante? – indagou Skeggsie. – Que ele more ali e que seus pais tenham vindo a essa pousada?

– O que isso tem a ver? – indagou Rose de forma agressiva, a menção à pousada, mais uma vez, irritando-a.

– Se eles estavam cuidando do próprio desaparecimento e tinham um amigo que sabia de um lugar seguro onde podiam ficar...

– Ele deve saber alguma coisa sobre papai e Kathy? – indagou Joshua.

– Talvez...

– Shh! Olhe! – pediu Rose, contrariada.

A porta verde se abriu e Frank Palmer saiu da casa. Ele estava de camisa de mangas compridas, segurando algumas chaves em uma das

mãos. Fechou a porta quando saiu e andou em direção a eles.

– Ele está vindo para cá – disse Skeggsie.

Frank Palmer andava rapidamente, olhando para os lados no trânsito enquanto atravessava a rua. Quando chegou ao Mini, ele se abaixou.

– Oi – disse ele, inclinando-se em direção ao carro. – Joshua e Rose. E amigo. Que tal vocês dois virem ao meu apartamento para que possamos conversar sobre algumas coisas?

– Quem é você? – perguntou Joshua.

– Você sabe quem eu sou, Joshua. Você se lembrou de mim.

– Mas você trabalha no meu colégio. Deu um nome falso... – disse Rose.

– Venham até a minha casa. Há muito o que conversar.

Ninguém se mexeu. Frank Palmer se inclinou na janela de novo.

– Seu pai e sua mãe iam querer que falassem comigo.

Ele se virou e saiu. Fez-se um silêncio elétrico.

– *O que* ele disse?

– Ele disse que mamãe e Brendan...

– Ele *sabe* de alguma coisa. Skeggsie está certo. Não é apenas uma coincidência. Você não vê, Rosie? Papai e Kathy vieram aqui, para essa pousada. Em frente à casa de um velho amigo do meu pai. Vou até lá...

– Mas ele pode ter *matado* um garoto do meu colégio!

– Skeggsie, abra a porta. Deixe-me sair. Tenho de falar com esse cara.

Skeggsie abriu a porta e saiu, abaixando seu assento para a frente.

– Vamos. Precisamos descobrir o que ele sabe.

– Ele pode ser um assassino...

– Skeggsie, se não voltarmos em quinze minutos, ligue para a polícia. Invente uma história para fazer com que venham até aqui. Agora, Rosie. Vamos.

Ela saiu do carro.

– Vou esperar quinze minutos – disse Skeggsie.

Joshua pegou a mão de Rosie e a levou até o outro lado da rua.

Foram em direção à porta verde. Frank Palmer estava em pé,

esperando, segurando a porta aberta para eles entrarem. Quando chegaram mais perto, Rose o examinou, os olhos dela percorrendo o rosto dele, o peito, o braço que segurava a porta aberta.

Ficou sem ar quando olhou para o pulso de Frank Palmer. A manga da camisa dele tinha recuado um pouco e ela pôde ver a tatuagem que havia lá tão vívida como se fosse de verdade.

Uma borboleta.

* * *

Os três estavam num cômodo com móveis de cozinha. Havia uma mesa pequena perto da parede com uma única cadeira. Nas costas da cadeira estava a jaqueta de couro de motociclista que Rose já vira Frank Palmer usar. Não havia nada nas bancadas; nenhuma torradeira, chaleira, cesto de pães, pratos ou copos. O cômodo estava frio e não tinha cheiro algum, como se nada nunca tivesse sido cozinhado ali. No chão havia uma pequena mala preta e, na bancada, a bolsa de viagem vermelha que Rose vira Frank Palmer carregando algumas vezes. A bandeira quadriculada preta e branca parecia um pouco gasta olhando de perto, o tecido puindo nas pontas.

Joshua fazia pergunta atrás de pergunta. Frank Palmer não estava dando nenhuma resposta. Rose olhou algumas coisas na bancada. Havia folhetos, documentos e um livro; uma carteira, um estojo de óculos, uma câmera e uma nécessaire de artigos de higiene pessoal. Estavam em pilhas organizadas, como se estivessem esperando para serem embalados em alguma ordem metódica. Rose olhou com curiosidade para o livro. Era um velho livro de capa dura. O título era *Projeto Borboleta*, e na capa havia ilustrações de várias borboletas conhecidas, sobrepondo-se umas às outras.

– Você vai dizer *alguma coisa*? – perguntou Joshua, muito irritado.

– Quem *é* você? – indagou Rose.

– Você sabe onde meu pai está? – continuou Joshua.

Rose olhou incisivamente para ele. *Meu pai?* E quanto à mãe dela?

Frank suspirou.

– Uma coisa de cada vez – falou ele. – Não posso lhes contar muita coisa e não devia estar lhes dizendo isso. Mas seu pai e sua mãe estão bem. Não os tenho visto pessoalmente há algum tempo, mas eu sei, de conversar com outras pessoas, que eles estão bem.

– Eles estão vivos? – perguntou Rose. – Mas por que não entraram em contato com a gente?

– Onde eles estão? – quis saber Joshua.

– Há coisas que não posso lhes contar. Coisas que não sei.

– Onde eles estiveram esses cinco anos? – indagou Rose, a mente dando voltas e mais voltas.

– Não posso dizer.

Joshua andou para a frente.

– Você não pode simplesmente nos contar que nossos pais estão bem e não falar mais nada!

Frank fechou os olhos, como se tentasse com todas as forças se controlar. Joshua olhou fixamente para ele, exaltado. Frank finalmente conseguiu dar um sorriso inseguro.

– Joshua, não fique irritado, rapaz. Só posso lhe dizer que seu pai está bem. E, Rose, sua mãe também. Mas não posso lhes contar mais nada.

– Por que não? O que eles estão fazendo? – Joshua bateu na mesa, frustrado. – Eles estão presos em algum lugar?

– Não, não...

– Eles estão trabalhando disfarçados? É uma coisa da polícia?

– Não...

– Governo? Segurança nacional?

– Não. Não posso falar sobre isso. Vou lhes dizer uma coisa. Eles pensam muito em vocês. Disso eu tenho certeza. Certeza absoluta.

Fez-se silêncio. Joshua enfunava-se, mudando o apoio de um pé para o

outro. Rose estava inclinada sobre a bancada, os dedos tocando o canto da bolsa vermelha.

Eles pensam muito em vocês.

Sua mãe e Brendan estavam vivos; em carne e osso, andando, falando, respirando, rindo, chorando. Rose estava completamente confusa.

– Eles estão neste país? – perguntou Joshua.

Frank balançou a cabeça.

– Na Europa? Varsóvia?

– Eu não sei.

– Não acredito em você! – disse Joshua, furioso àquela altura. – Você está inventando isso. Você não sabe onde papai e Kathy estão... isso é mentira!

– É verdade.

– Você não tem a menor ideia do que aconteceu com eles. Inventou essa história por algum motivo bizarro do seu interesse.

Rose franziu as sobrancelhas.

– Josh disse que você é amigo de Brendan, mas não me lembro de vê-lo por lá. Sei que trabalhava no meu colégio. A polícia acha que você sabe o que aconteceu com Ricky Harris...

– Espere um minuto. Eu me lembrei de uma coisa a seu respeito – disse Joshua, interrompendo-a. – Você não foi expulso da polícia? Eu me lembro de ouvir meu pai falando sobre isso. *Pobre Frank, foi despedido por fazer o trabalho dele. Pobre Frank.* É o que ele dizia.

Frank ficou congelado.

– Perdi mesmo meu emprego.

– Então agora você está trabalhando como técnico de TI em um colégio e roubando coisas de lá. Não tem a *menor* ideia do que aconteceu com eles. Está só vivendo algum tipo de fantasia.

– Não estou roubando nada de lugar algum. Meu trabalho no colégio foi um disfarce – disse Frank.

– Um disfarce? Para quê? E quanto a Ricky Harris? – perguntou Rose. – O que você sabe sobre ele e como ele morreu? Você o matou?

– Não estou autorizado a...

– Você não está negando? Quer dizer que você o *matou mesmo*? – A voz de Rose estava alta. Ela não podia acreditar no que estava ouvindo.

– Rose, não perca seu tempo. Não é sobre isso que devíamos estar falando. Mas sobre papai e Kathy...

– Ele matou alguém, Josh – disse ela, interrompendo-o.

– Também não acredito nisso. Acho que ele está inventando isso tudo – disse Joshua, passando por ele. – Venha, vamos embora daqui.

– Não inventei nada. Eu não estou mentindo. – Frank Palmer bloqueou o caminho de Joshua.

– Você matou Ricky Harris? – perguntou Rose.

– Matei.

Rose se sentiu fraca de repente. A passarela da estação voltou à sua mente; a luz vacilante e o céu escuro; o cheiro de outono, de fogos de artifício e folhas molhadas; o sangue de um garoto no chão.

– Mas ele não pode nos contar nada sobre papai e Kathy. Ele não sabe de nada. Está inventando tudo isso. Não acredite nele, Rose.

– Não estou mentindo! – disse Frank, o rosto tenso, os lábios esticados sobre os dentes.

– Então nos diga alguma coisa. Fale alguma coisa que possa nos fazer acreditar em você! – gritou Joshua.

– Está bem, está bem. Matei o rapaz porque estava protegendo você, Rose. É o que eu faço. Tomo conta de você. Fico de olho no que está acontecendo com você. Não sei onde Kathy e Brendan estão *agora*, mas há cinco anos eles me falaram que era meu trabalho garantir que você ficasse segura.

– Ah, meu Deus... – disse Rose sem forças. – Você matou Ricky Harris por minha causa?

Joshua soltou um ruído desdenhoso e se virou.

– O que aconteceu com aquele garoto, na passarela, foi parte do meu trabalho para proteger você, Rose.

– Como você pode...

– Espere. Você precisa entender o que venho fazendo. Melhor dizer que estive por perto quando mudanças aconteceram em sua vida. Quando foi para a escola em Norfolk, eu estava lá, durante algum tempo, para ter certeza de que estava OK e de que não havia nenhum sinal de ninguém observando você ou prestando atenção em você de forma indevida. Não estou lá todo dia, não estou seguindo você. Mas quando acontecem mudanças na rotina fico lá, durante algum tempo. Então, trabalhei no colégio para vigiar você. Para ter certeza de que não havia mais ninguém vigiando você.

– Mas *quem* estaria *me* vigiando?

Frank balançou a cabeça.

– Não posso dizer mais nada.

Joshua estava em frente à bancada em que as coisas de Frank esperavam para ser embaladas. Rose pôde vê-lo observando os objetos. Ele pegou o livro que ela já tinha visto, *Projeto Borboleta.* Ele franziu as sobrancelhas, virando o livro, olhando a quarta capa.

– Não estou autorizado a explicar. Só quero que saibam que a principal prioridade de sua mãe era garantir que você ficasse segura.

– E quanto a mim? Também não preciso ficar seguro? – indagou Joshua, jogando o livro de capa dura de volta em cima da bancada.

– Isso é com outra pessoa. Minha função era cuidar de Rose e, quando aquele rapaz começou a importuná-la e intimidá-la, tive de me intrometer. Disse a ele no colégio para deixá-la em paz. E fiquei mais alerta. Naquela noite desafortunada eu a segui até a estação e a vi descer até a plataforma. Meu plano era só esperar que ela pegasse o trem, mas então eu o vi, o garoto do colégio, e o vi importuná-la, seguindo-a para cima e para baixo. Eu estava para descer até a plataforma e tomar uma atitude, quando o vi

subir a escada...

– Você o matou porque ele estava me perturbando? Como pôde? Que tipo de pessoa você é? – perguntou Rose, a garganta seca.

– Nunca foi minha intenção matá-lo. Falei com ele. Disse que se ele não mudasse de atitude com relação a você, então eu cuidaria para que ele fosse suspenso do colégio.

Ninguém disse nada.

– Ele puxou uma faca. Eu não esperava. O idiota ia usá-la. Mas ele não sabia com quem estava lidando. Não tive escolha. Foi terrível, mas o matei cumprindo meu trabalho, fazendo o que Kathy queria que eu fizesse.

Rose se sentiu à beira das lágrimas. Ricky Harris tinha sido morto por sua causa. Não por causa de Lewis ou Sherry ou por algum vigarista que queria equipamentos de TI do colégio.

– Ele mesmo foi atrás do que aconteceu, Rose. Faz parte do passado.

Uma campainha tocou. Duas, três vezes. O barulho rasgou o ar e Frank ficou alerta.

– Vocês contaram para alguém que estavam aqui? – perguntou ele.

Ele abriu a porta da cozinha enquanto a campainha continuava a tocar. Saiu no corredor e andou até a sala na frente da casa. Rose achou que, provavelmente, ele devia estar olhando pela janela saliente. Quando ele voltou ao corredor segundos depois parecia diferente, extremamente profissional.

– É a polícia – disse ele. – Quem os chamou? Seu amigo?

Rose e Joshua se entreolharam.

Skeggsie fez o que tinha sido combinado.



XXXI

Frank abriu a porta da frente.

Rose e Joshua ficaram na cozinha. O coração de Rose estava disparado.

– Podíamos dizer à polícia – falou ela. – Eles podiam prendê-lo pelo assassinato de Ricky Harris.

– Não, é muito cedo – sussurrou Joshua. – Precisamos perguntar outras coisas para ele.

Ela podia ouvir uma voz alta e confiante vindo da varanda:

– Bom dia, senhor. Recebemos uma denúncia de perturbação doméstica neste endereço.

– Isso é ridículo. Não há nenhuma perturbação aqui.

– Levamos essas coisas muito a sério, senhor. Posso lhe perguntar seu nome e se é o proprietário deste lugar?

Joshua afastou Rose da porta da cozinha.

– Ele matou alguém, Josh.

– Agora não, Rosie. Se o prenderem agora nunca descobriremos mais nada sobre papai e Kathy.

– Ele merece ir para a prisão.

– Foi legítima defesa... ele estava tomando conta de você...

– Agora você está defendendo Frank?

– Não, estou só dizendo que se você contar à polícia nunca mais o veremos de novo e não descobriremos mais nada sobre Kathy e papai.

Rose estava confusa. Joshua estava certo, mas tinha de pensar na justiça. Frank seja-lá-qual-fosse-seu-sobrenome devia ser acusado, levado a julgamento. Ele disse que a estava protegendo, mas como podia matar alguém assim e parecer não ligar? Ela não tinha achado, quando o vira atravessar de volta a passarela, que ele estava *sorrindo*? Alguma coisa na maneira como sustentava seus ombros, no seu andar? Como se tivesse ficado satisfeito com o que fizera?

Ela ouviu vozes no corredor:

– Foi um trote, policial. Estou aqui com alguns parentes. Eles vieram se despedir de mim porque farei uma pequena viagem de férias, na verdade.

– Muito bem, senhor.

Ele os estava descrevendo como *parentes*. Isso deixou Rose furiosa:

– Para mim já chega. Vou contar a eles – disse ela.

Então Joshua chegou perto de Rose. Passou o braço pelos ombros dela e a puxou em sua direção. Ele estava quente e o braço dele, apertado, segurando-a. Ouviram mais conversa vindo do corredor e parecia que se aproximavam, como se o policial estivesse entrando no apartamento. Joshua baixou a voz até chegar a um sussurro. Ele falou no ouvido de Rose, a respiração dele esquentando em seu rosto:

– Rose, esta é nossa única chance. Não o entregue.

– *Precisamos* fazer isso.

– Não estou dizendo para nunca ir à polícia. Só estou dizendo não agora.

Ela não respondeu.

– Vamos descobrir o máximo que pudermos agora, e depois podemos ir à polícia.

Ela estava apoiada nele, sentindo o corpo todo pesado. O que era o certo a fazer? Por Ricky Harris? Por Emma Burke? Por Joshua e Rose? O barulho no corredor não estava mais se aproximando. Em vez disso, ouviram o som de passos indo em direção à porta da frente. Joshua a afastava da porta. Sem dúvida, ele achava que o silêncio dela significava que tinha concordado em não contar para a polícia. Talvez ele estivesse certo.

– Venha até aqui dar uma olhada nessas coisas.

Ele a levou para o outro lado do cômodo, segurando a mão dela firmemente, seguindo até as coisas na bancada.

– Já vi o livro de borboletas – disse ela, a voz rouca.

– Não, esses cadernos. Dê uma olhada neles.

Havia uma pilha de cadernos. Eram pequenos, como blocos de anotação. Eram seis ao todo e cada um tinha uma etiqueta. Joshua pegou um. Rose

pegou outro, em que estava escrito *Caderno Seis* na frente. Ela o abriu. Dentro havia uma foto de Ricky Harris. Tinha sido tirada de um jornal. Ela virou uma página. Havia um mapa de Camden e uma planta da estação Parkway East.

Ouviram risadas que vinham da entrada. O som de passos em direção à cozinha.

– Ele está vindo – disse Joshua. – Lembre-se, precisamos manter Frank livre. Temos de descobrir o que mais ele sabe.

Rose assentiu. Estava resignada. Não tinha forças para ir contra Joshua. Estava ouvindo passos ao longo do corredor, mas continuou olhando as páginas do caderno à sua frente. Havia uma linguagem cifrada ao lado do mapa. Números escritos em vermelho, e cada número tinha algo escrito do lado, mas ela não conseguiu decifrar o que havia ali porque era apenas um amontoado de letras e números aleatórios.

Ela colocou o caderno de volta no lugar quando a porta da cozinha se abriu e Frank voltou, seguido por um policial.

– Boa tarde – disse ele.

Frank parecia inseguro, como se não soubesse direito o que ia acontecer. Olhou de Rose para Joshua e então de volta de novo.

– Estava dizendo ao sr. Richards – falou o policial – que recebemos uma ligação anônima sobre um possível incidente doméstico neste endereço. Acho que fomos enganados, mas precisamos checar a área. Vocês são?

– Esta é Rose e meu nome é Joshua.

– Minha sobrinha e o namorado dela – disse Frank. – Vieram se despedir de mim. Como pode ver, estou de viagem. Na verdade, estou com um pouco de pressa.

– Está tudo bem, senhor. E acho, pela maneira como está o apartamento, que o senhor está se mudando?

– Estou vendendo. De mudança para o litoral.

– Que ótimo. Sinto muito tê-lo perturbado. Posso perguntar para onde está indo?

– Passar um tempo na Espanha – disse Frank.

– Maravilhoso. Um pouco de sol nesta época do ano é sempre bem-vindo. Agora vou deixá-los à vontade. Tenham um bom dia.

O policial saiu em direção à porta da frente. Frank o seguiu. Rose olhou para Joshua. Ele tinha pegado dois cadernos e os colocara no bolso de dentro de sua roupa. O som da porta se fechando fez com que ele se afastasse e se apoiasse na bancada perto de onde Rose estava.

Frank entrou novamente.

– Obrigado – disse ele, com ar sério.

Atravessou o cômodo, pegou a bolsa vermelha e começou a guardar as coisas. Joshua olhou para Rose. Então começou a falar:

– Entendemos o que houve com o rapaz na passarela. Sabemos que foi legítima defesa.

Frank desviou o olhar das coisas que estava guardando, assentindo e reunindo os documentos e cadernos e colocando-os dentro da bolsa de viagem.

Joshua continuou:

– Desculpe-me se me descontrolei um pouco. Você sabe que já estamos nessa situação há bastante tempo. Não vimos ou ouvimos notícias dos nossos pais há cinco anos e estava cético quanto à sua história.

Frank assentiu.

– Então, se fui rude, desculpe-me.

– Está tudo bem. Preciso ir. Vocês vão ter de sair.

A atmosfera tinha mudado. A visita do policial havia deixado Frank sério e agitado.

– Não há mais nada que possa nos dizer? Apenas alguma coisa que possa nos deixar mais felizes?

– Já falei demais.

Ele fechou a bolsa e começou a arregaçar as mangas da camisa. Rose viu a tatuagem de novo. Ela viu Joshua olhar também e franzir a testa.

– Você não vai mais tomar conta de mim? – perguntou Rose.

– Vou sim. Estarei por perto algumas vezes. Mas você não vai saber.

– Mas, Frank, e se Rose se meter em algum apuro e você não estiver por perto? E aí? E se alguém começar a segui-la e você não souber disso? O que ela faria? Como ela entraria em contato com você?

– Ela não pode entrar em contato comigo. – Frank começou a balançar a cabeça. – Já revelei muita coisa.

– Só um número de telefone para emergências. Por favor.

Frank pegou sua jaqueta. Vestiu-a, olhando para Rose o tempo todo.

– Sinto muito. Preciso ir agora. Vocês vão ter de sair comigo. Preciso pegar um táxi.

Eles seguiram atrás dele. Na porta da frente ele se afastou para o lado para que pudessem passar. Parecia infeliz. Quando estavam fora da casa, parados na calçada, ele fechou a porta e depois jogou um molho de chaves dentro da caixa de correio. Puxou a mala de rodinhas e colocou a bolsa vermelha sobre o ombro.

– Só um número de telefone, Frank. Para ser usado apenas em caso de emergência. Só para Rose ter caso aconteça alguma coisa. Você não detestaria isso, Frank, que algo terrível acontecesse com Rose?

– Não diga isso. É meu trabalho proteger Rose sempre que necessário.

Frank estava parado na calçada, com uma das mãos meio erguida para chamar um táxi. Mas a rua estava vazia, nenhum sinal de táxi preto em qualquer direção. Ele largou a bolsa, tirou um envelope do bolso, depois se abaixou até o zíper da sua mala de rodinhas e pegou uma caneta. Na parte de trás do envelope escreveu alguma coisa e o entregou para Rose. Um táxi se aproximava. Frank fez sinal para ele.

No envelope havia um número de celular.

– Nunca vou atender esse número – disse Frank. – Ninguém vai atender. Mas você pode deixar uma mensagem para mim, e eu vou recebê-la. Agora uma coisa... – Ele parecia aflito, como se nada tivesse acontecido como esperava. – Se contarem a alguém sobre isso, vão colocar Brendan e

Kathy em grande perigo. Contei-lhes coisas demais, mas preciso confiar em vocês. Eles amam vocês e fizeram isso para protegê-los. Confiem em mim. Mas, se contarem a alguém, as coisas podem acabar mal para eles.

O táxi parou e Frank colocou a mala e a bolsa dentro dele e se abaixou na janela. Rose o ouviu dizer *Heathrow*. Ele entrou e não olhou para trás enquanto o táxi saía.

Rose e Josh ficaram vendo o carro se afastar.

Um som de bipe fez com que se virassem. Viram Skeggsie do outro lado da rua, sentado no Mini. Caminharam para ele.



XXXII

Rose estava em pé na passarela da estação Parkway East. Anoitecera. O céu estava limpo, azul-escuro, e a lua, clara e brilhante. Os olhos dela desceram até os trilhos que seguiam para longe – o cemitério St. Michael de um lado, escuro como breu; Chalk Farm Estate do outro, um matiz de luz se infiltrando no céu noturno.

Havia pessoas em cada plataforma esperando por trens. Algumas passaram atrás dela. Devem ter se perguntado o que uma garota de dezessete anos estava fazendo na passarela às 19h30 de uma noite de terça-feira, segurando uma única rosa branca.

Acima dela a lâmpada que uma vez já estivera piscando agora brilhava intensamente.

Fazia três semanas desde a noite em que Ricky Harris havia sido esfaqueado. Naquele momento, Rose não sentira nenhuma compaixão por ele, nem um pesar, nem um único momento de tristeza. Agora era diferente. Ele tinha sido morto por sua causa. Ela nunca quis que isso acontecesse. Frank Palmer não quis que isso acontecesse. Mas havia acontecido.

Ela colocou a rosa branca na borda da passarela.

Muito pouco e tarde demais.

Ela se virou e viu Joshua vindo da bilheteria. Ele sorriu para ela. Rose sentiu uma pequena palpitação no peito. Ele estava usando uma jaqueta que ela ainda não tinha visto, e o cabelo parecia mais curto, como se tivesse sido cortado. Ela não o vira, nem tinha estado em contato com ele, desde o sábado anterior. Depois que Skeggsie os levara para casa voltando de Twickenham, ela precisara de algum tempo sozinha, tempo para pensar. Ele precisara de tempo para pensar. Tinham sido dois dias de andar sem destino, atordoados, tentando absorver todas as coisas que haviam descoberto.

Naquela tarde, ela havia decidido ir à estação prestar uma última homenagem a Ricky Harris. Havia enviado uma mensagem de texto para Joshua para contar o que ia fazer. Ele respondera na mesma hora e dissera que queria estar lá.

Ele foi até ela e parou a alguns passos de distância. Não falou nada durante um minuto. Ela se sentiu estranha, sem saber ao certo como cumprimentá-lo. Mas não importava. Não era tão ruim como tinha sido na semana anterior. Os acontecimentos desde então, as coisas que haviam descoberto sobre sua mãe e Brendan, tinham apagado todo aquele constrangimento. Era irrelevante agora que sabiam sobre Frank Palmer e o que ele tinha feito.

– Foi aqui que aconteceu, Rosie?

Ela assentiu e apontou:

– Ele estava caído ali.

– Que horrível!

– Eu não me importava com ele. Não gostava dele, mas...

– Eu sei – disse ele, estendendo a mão e esfregando o braço dela.

Algumas pessoas passaram por trás deles, meio correndo, meio caminhando, olhando por cima da beirada da passarela para ver se um trem estava vindo.

– Ei, uma rosa de uma Rose – disse Joshua, apontando para a flor branca.

Ela deu um sorriso discreto.

– O que você andou fazendo desde sábado? – perguntou ela.

– Uma coisa e outra – respondeu Josh, aproximando-se dela. – Skeggsie e eu temos tentado decifrar os cadernos que pegamos de Frank Palmer, ou *Richards*, seja lá qual for o sobrenome dele.

– E?

– Nada. Skeggsie diz que não parece haver muita lógica. Tem tentado usar um software, mas não descobrimos nada. Ele acha que os códigos devem vir de um livro. Você sabe, quando duas pessoas têm a mesma

cópia de um livro e o código é o número da página, da linha, da letra.

– *Projeto Borboleta.* Aquele livro antigo que estava com ele. Talvez fosse isso.

– Talvez.

A distância, ela pôde ver um pequeno quadrado de luz. Era um trem que seguia rumo a oeste, dirigindo-se para Hampstead Heath e Finchley. Ela mal podia ouvir o som, ou talvez estivesse apenas imaginando.

Joshua estendeu o braço e levantou a manga da jaqueta dela até ver a tatuagem de borboleta.

– Por que você fez essa tatuagem? – perguntou ele.

– Minha mãe tinha uma. E você?

– Meu pai tinha uma, no tornozelo.

– O que será que é? O que significa? Que estão ligados a algum clube?

– Parece bastante infantil, se for isso.

Ela pensou no significado da borboleta. Henry Thompson lhe perguntara se sua tatuagem era simbólica – tratava-se de algo bonito que morre jovem? Ele também lhe dissera que as pessoas costumavam pegar borboletas e mantê-las em potes até elas morrerem. E que eram exibidas em mostruários de vidro. Ela lhe falara que nenhuma dessas coisas tinha algo a ver com sua tatuagem. *É um lindo tom de azul*, dissera ela.

Até Frank Palmer tinha uma em seu braço.

Deve significar alguma coisa, pensou ela, *deve sim*.

– Não entendo o que Frank Palmer quis dizer quando falou que estava vigiando você. Protegendo você. Do quê? – indagou Joshua.

Ela balançou a cabeça. Não sabia. Não sabia o que fazer com nada do que descobriram.

– Talvez estivéssemos certos sobre meu pai e Kathy estarem envolvidos com a segurança nacional. Terrorismo? Talvez seja por isso que você está em perigo?

– E quanto a você? Por que não há ninguém tomando conta de você?

Joshua deu de ombros.

– Não temos como saber. Não até descobrirmos mais.

Era tudo um grande mistério. Ela sabia mesmo mais coisas agora do que há três semanas? Do que naquela primeira noite em que praticamente descera dançando a escada da estação com o estojo do violino nas costas? Mudara de roupa no banheiro público, colocara maquiagem como uma colegial no primeiro encontro. Estivera tão empolgada, tão animada para ver Joshua de novo. O que aquilo trouxera, a não ser angústia e incerteza?

– Temos os cadernos, Rosie.

Os cadernos que Joshua roubara de Frank Palmer. Eles tinham mapas e figuras, e páginas e mais páginas de escrita codificada.

– O que eu olhei tinha a foto de Ricky. Era como se fosse um tipo de relatório sobre a morte dele.

– Um caderno sobre um assassinato.

– Você acha que os outros são a mesma coisa?

Joshua suspirou.

– É difícil dizer, sem saber *quem* são as pessoas. Talvez possamos descobrir. A informação pode estar lá se conseguirmos descobrir o código.

– Não muito provável.

– *Projeto Borboleta* está esgotado, mas talvez a gente consiga uma cópia na internet ou em um sebo.

– E existe algum motivo para isso? – indagou Rose, frustrada.

– Claro que existe. Você achou que não descobriríamos nada. Olhe o que já conseguimos. A pousada. As assinaturas. Os cadernos, o endereço em Twickenham, Frank Palmer, o número de telefone. Isso tudo são portas que iremos abrir. Skeggsie vai nos ajudar.

O trem rumo a oeste chegou à estação. Ao mesmo tempo, Rose pôde ouvir outro, vindo de trás; um trem no sentido leste, seguindo para Canonbury e Dalston. Ele entrou na estação passando sob a passarela. Ela pôde sentir o movimento do trem desacelerando. Era o trem que ela devia ter embarcado três semanas antes. Tinha ficado parada, meio incerta,

esperando as portas se abrirem. Então, olhara para cima e vira Ricky na passarela, discutindo com alguém. Por fim, deixara o trem ir embora, subira a escada e encontrara um corpo. Tinha acontecido tudo tão de repente! Ouvi-lo discutindo com alguém e depois achá-lo sem vida.

– Mas Frank Palmer está livre. Nunca vai pagar por ter matado Ricky – disse ela.

– Vai sim. Eu lhe disse que o entregaríamos à polícia quando descobríssemos mais sobre meu pai e Kathy.

– Perdemos nossa chance. Nunca mais iremos vê-lo.

– Vamos. Temos o número de telefone dele. Quando chegar a hora certa, vamos achar um jeito de chegar até ele de novo. Ainda não acabou.

Rose se perguntou como iria se sentir ao ver Frank Palmer de novo. O homem era um assassino e ela devia odiá-lo por isso. Ao mesmo tempo, no entanto, ele estava ligado à sua mãe e Brendan. Sua mãe lhe dera a missão de tomar conta dela. Tinha acabado em tragédia, mas, ainda assim, Frank Palmer ou Richards, qualquer que fosse seu sobrenome, havia lhes contado a verdade sobre seus pais. Em sua cabeça ele era, de alguma forma, responsável por trazer sua mãe e o pai de Joshua de volta à vida. E ela tinha de ser grata a ele por isso.

Rose se virou e olhou para Joshua. O que ele sentia por aquele homem? Ela queria lhe perguntar, mas sentia que já havia sido dito o suficiente. Os olhos dele estavam sombrios e o rosto tinha um ar pesado. Ele parecia terrivelmente solitário. Rose se aproximou e se apoiou nele, colocando a cabeça em seu peito. Ele passou o braço em volta dela e a abraçou forte enquanto um dos trens ia embora, sob a passarela, as rodas rangendo nos trilhos.

– O melhor de tudo é que sabemos que eles estão vivos – sussurrou Josh.

Rose pegou a mão dele e a apertou com força, emocionada demais para falar.

Sua mãe e Brendan estavam vivos.

A AUTORA

Anne Cassidy foi professora por vinte anos, antes de se tornar escritora. Seu primeiro livro foi lançado em 1991 e ela já publicou mais de vinte romances para adolescentes e adultos. A autora ganhou o Booktrust Teenage Book e foi indicada para o prêmio Red House Children's Book. Cassidy vive em Essex, na Inglaterra. *Hora Morta* é o primeiro livro da série The Murder Notebooks.